Autora best-seller do New York Times

KATHERINE CENTER



HATERS DO AMOR

JANGADA

HATERS DO AMOR

KATHERINE CENTER

HATERS DO AMOR

Tradução
Marta Rosas de Oliveira



JANGADA

Título do original: *The Love Haters.*
Copyright © 2025 Katherine Center.
Publicado mediante acordo com St. Martin's Press.
Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos pela St. Martin's Press, um selo do St. Martin's Publishing Group.
Copyright da edição brasileira © 2026 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.
1ª edição 2026.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.
A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.
Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação da autora e usados de modo fictício.
Design da capa de Olga Grlic.
Ilustração da capa de Katie Smith

Editor: Adilson Silva Ramachandra
Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz
Preparação de originais: Adriane Gozzo
Gerente de produção editorial: Indiara Faria Kayo
Editoração eletrônica: Cauê Veroneze Rosa
Revisão: Bárbara Parente
Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Center, Katherine
Haters do amor / Katherine Center ; tradução Marta Rosas de Oliveira. — 1. ed. — São Paulo : Editora Jangada, 2026.
Título original: The love haters.
ISBN 978-65-5622-124-3
1. Ficção norte-americana I. Título.
25-307278.0 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição digital 2025
eISBN: 9786556221250

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.
Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP — Fone: (11) 2066-9000
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

Para Gordon Center, atual detentor do
título mundial de Melhor Marido do Planeta.
Obrigada por sempre tornar tudo melhor.

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze

Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Epílogo
Nota da Autora
Agradecimentos
Sobre a Autora

Um

JÁ ERA HORA de encerrar o expediente numa sexta-feira, mas Cole Hutcheson não se importou.

Na realidade, naquele momento, ninguém se importou muito. Porque estávamos todos prestes a ser demitidos.

Ou muitos de nós, de qualquer modo.

Foi quando Cole apareceu na minha estação de trabalho, sentou-se na beirada da minha mesa e perguntou se eu queria passar algumas semanas em Key West gravando um vídeo sobre um nadador de resgate da Guarda Costeira dos Estados Unidos.

Evidentemente, minha resposta foi:

— Claro.

Eu sabia o que era um nadador de resgate? Sabia localizar Key West no mapa? Posso lhe dizer alguma coisa sobre a Guarda Costeira dos Estados Unidos além de ter algo a ver com a *guarda da costa*? Eu gostava mesmo do mar?

Não para todas essas perguntas.

Mas isso não importava.

É assim nesse ramo: o mundo agressivamente competitivo da produção de vídeo de nível pleno.

Também foi assim quando a diretora da empresa — uma senhora alta, com sapatos plataforma, a qual todos nós chamávamos apenas de "Sullivan" — estava planejando demitir um terço do departamento no mês seguinte. Provavelmente, os funcionários mais novos. E eu me incluía entre eles.

E pensar que ela resolveu enviar um e-mail justamente sobre isso. Um e-mail tão cheio de jargões sobre *dimensionamento correto*, *reequilíbrio* e *ajuste aos níveis de demanda* que eu mal consegui fazer ideia do que dizia.

Para ser sincera, dei apenas uma olhada rápida. E voltei ao trabalho. Por alguns minutos.

Até a debandada de pânico de todo pessoal do escritório.

Eu teria dito "sim" ao projeto da Guarda Costeira, de qualquer maneira. Mas acho que o e-mail de Sullivan me fez dizer "sim" *mais rápido*.

Tão logo concordei, Cole, meu superior no trabalho, me deu todos os detalhes. Bem rápido, sem pausas, em nosso escritório agora quase desocupado. Foi bom. Ele estava me fazendo um favor. Esse projeto era o tipo de tarefa que poderia demonstrar meu valor.

De agora em diante, eu precisava me dedicar a ele.

Peguei um caderno para anotar as coisas importantes.

— É uma base aérea da Guarda Costeira em Key West — disse Cole.

— Não deveria ser uma base *marítima*? — perguntei meio de brincadeira.

Cole me ignorou.

— É para gravar um vídeo de recrutamento. Eles querem filmar um nadador de resgate num helicóptero...

— Um nadador num *helicóptero*? — interrompi.

Nesse momento, Cole me encarou apertando os olhos, como se não conseguisse determinar se eu estava ou não falando sério. Então, tomou uma decisão.

— Certo — disse ele, começando a se levantar. — Talvez isso não seja para você.

— Espere! — disse eu, gesticulando com as mãos, como se lhe pedisse que ficasse, até que ele voltou a se sentar.

Mas Cole estava me estudando.

— Você sabe *alguma coisa* sobre a Guarda Costeira? Qualquer coisa?

Os riscos da situação não eram baixos. Se conseguisse ter inventado uma mentira, teria mentido.

— Na verdade, não — foi o que acabei dizendo.

— Você não é a pessoa certa para isso — disse Cole, balançando a cabeça.

— Vou ser *perfeita* para isso — rebati. Blefando, claro. — É o fato de não saber nada sobre os militares que faz de mim a melhor escolha. — Cole ficou esperando, braços cruzados sobre o peito, para se preparar contra qualquer besteira que eu estivesse prestes a lhe dizer. — É um vídeo promocional, certo? — prossegui, pensando rápido. — E isso significa que nosso público-alvo serão pessoas que, *como eu*, não sabem nada. Posso lhes ensinar enquanto for aprendendo! Terei uma nova perspectiva. Vou ver coisas que os outros não vão.

Honestamente, eu ainda nem tinha certeza de qual seria o trabalho. Mas, fosse o que fosse, eu precisava dele. Mais precisamente: precisava *não ser demitida*.

Cole suspirou e, então, pareceu tomar a decisão, em tempo real, de continuar a conversa provisoriamente. Num tom que você usaria com uma criança de dois anos, ele disse:

— A Guarda Costeira voa de helicóptero sobre o oceano para que seus nadadores possam resgatar pessoas em águas perigosas.

Uma nova imagem me veio à mente. Sem dúvida, eu já vira imagens de resgatistas pulando de helicóptero no oceano.

— Essa é a Guarda Costeira? Os caras das nadadeiras? — perguntei.

Cole piscou os olhos tão devagar que pareceu sarcasmo.

— Sim. Mas não as chame de nadadeiras. — Tentei pensar em outra palavra para nadadeiras. — São *pés de pato* — disse Cole. Em seguida, outra negação com a cabeça. — Melhor deixar isso para outra pessoa.

— Não, não! Já peguei esse trabalho — disse eu.

— Se eu ouvir a palavra *nadadeiras* de novo, você está fora. — Então, ele acrescentou: — Quase dei isso a Jaden.

Cole dava a maioria das coisas a Jaden, que havia entrado na empresa dois meses antes de mim.

— E por que não deu?

Cole deu de ombros.

— Ele não sabe nadar.

OK, não contar a ninguém que *eu também não sabia nadar*.

— Não saber nadar é um fator assim tão decisivo? — perguntei.

— Pois é. É, sim — disse Cole. — Metade desse trabalho acontecerá na água.

— Na água?

— Nela, sobre ela, perto dela.

— Mas não *embaixo* dela, não é? Tipo um promocional de mergulho?

Cole pensou por um segundo.

— Não. Esses caras são nadadores, não mergulhadores.

— Então, *sobre* a água, não *na* água.

— A menos que as coisas deem muito errado.

Eu não deveria ter perguntado. Mas perguntei:

— *Muito errado?*

Cole deu de ombros.

— O helicóptero pode cair no mar.

— Isso acontece?

— Isso *pode* acontecer. Já aconteceu. — *Ai, meu Deus!* Respirei fundo. — E, se acontecer, você precisa saber nadar. Porque os helicópteros viram de cabeça para

baixo assim que atingem a superfície.

Talvez ele *devesse* dar isso a outra pessoa.

Mas balancei a cabeça afirmativamente, como se dissesse *Claro*, *sem problemas*. Então, perguntei, em tom de *refresque minha memória*:

— Por que eles viram de cabeça para baixo mesmo?

Cole piscou os olhos. Sem dúvida, achava que todos já sabiam a razão.

— Sabe aquelas grandes lâminas giratórias lá em cima?

Eu o encarei.

— Sim.

— Logo abaixo delas fica o motor. — Balancei a cabeça, tipo *Tá*. — O peso dos helicópteros fica na parte de cima — prosseguiu ele.

— E eles simplesmente viram, assim, de barriga para cima? — perguntei.

— Só se caírem.

— Mas eles não caem, não é?

Cole deu de ombros.

— Às vezes, sim. Quando acontece, acontece. A tripulação tem que treinar para essa eventualidade. É preciso usar cinto de segurança num simulador... e depois praticar a saída. E quem quer que enviarmos para esse projeto também terá que fazer esse treinamento.

Espere aí! O quê?

— Desculpe — disse eu. — Mas quem fizer esse vídeo terá que ser *virado de cabeça para baixo dentro de um helicóptero debaixo d'água*?

— Num simulador. O seguro exige isso.

Fiz cara de paisagem.

— Legal.

Decidi não fazer mais perguntas.

— Enfim — continuou Cole, para se reorientar. — Só para ter certeza de que, para você, tudo bem com água.

— Sim. — Balancei a cabeça com toda a certeza. Isso não era mentira. Quer dizer, para quem não estaria *tudo bem com água*?

— Ótimo. Porque estou tentando ajudá-la aqui.

Ele estava?

— Você está?

— Sim — disse ele, impaciente. — Jaden está fora, mas eu poderia ter ido falar com Dylan. Ou Arjun. Ou Mila.

Outras contratações recentes que agora também estavam na lista de corte.

— Por que eu, então? — perguntei, surpresa por estar em seu radar.

— Porque Sullivan está prestes a demitir cinquenta por cento da empresa.

— Cinquenta? Ouvi dizer que eram trinta e três por cento — disse eu.

— Cinquenta. Vai ser um banho de sangue. Ela está reestruturando tudo. Contratou consultores. Você ouviu falar do divórcio dela, não? — Balancei a cabeça afirmativamente. — Você ouviu dizer que ele a traiu com a instrutora de Pilates? — Xiii... Essa foi difícil. Fiz que não com a cabeça. — E, sorrateiramente, ele armou alguma coisa com os advogados, pois acabou saindo com a maior parte do dinheiro que eles tinham. — Nessa hora, franzi a testa para demonstrar solidariedade por Sullivan. Com quem eu nunca havia falado. — Pois é isso que estou dizendo. Ela tem pela frente uma raiva danada para descontar. E está canalizando cada grama dessa fúria para transformar essa empresa numa máquina de lucro. E isso significa se livrar de gente como você.

— Gente como eu?

— Mas quero que você fique. Porque, se ela demitir todos os talentos daqui, minha vida vai ficar mais difícil. E não preciso que minha vida fique mais difícil.

— Você acha que sou um dos talentos?

— Acho. — Cole deu de ombros.

Isso era novidade para mim.

— Desde quando?

— Desde aquela noite. Quando você me falou dos seus sonhos.

Ai, meu Deus. Eu tinha feito isso?

Tentei me lembrar. Tivéramos um jantar da empresa. Talvez eu tenha bebido um pouco mais. Cole e eu éramos as duas últimas pessoas dividindo um Uber de volta para casa, e, OK, para ser honesta... talvez eu tenha ficado um pouco chorosa por causa da minha longa lista de recentes decepções. E, sim, posso ter falado demais sobre algumas coisas.

Que droga, Katie!, pensei. *Não conte seus sonhos às pessoas!*

— Peço desculpas por isso — disse eu, constrangida.

— Foi estranhamente cativante — disse Cole. — Em geral, não presto muita atenção a funcionários juniores. Há quanto tempo você está aqui? Seis meses?

Eu não era *tão* júnior.

— Doze.

Ele assentiu.

— As lágrimas chamaram minha atenção. Você também me falou sobre ter levado um pé na bunda, e eu mesmo já levei um pé. — Ele estaria se abrindo comigo? Queria que sentisse pena? Estaríamos prestes a criar um laço? Mas aí ele

continuou falando: — Você parecia tão... Qual seria uma palavra mais bonita para *patética*?

— Lamentável? — sugeri.

— Exatamente. Lamentável. Você se lembra de quando assoou o nariz direto na blusa, como se fosse um lenço de papel? — Assim que ele falou, eu me lembrei. — Você também me contou sobre os vídeos que fez para seu projeto "Um dia na vida" — prosseguiu Cole. — E, quando voltei para casa, assisti a um. E, surpreendentemente, era bom.

Essa conversa estava sendo como um jogo de pingue-pongue.

— Era mesmo?

— Sua cinematografia é forte. Seus ângulos na câmera são inesperados. E você extrai dos entrevistados uma emoção fantástica.

Essa *era* uma especialidade minha, para o bem ou para o mal: fazer as pessoas chorarem.

Não percebi quanto esse incentivo seria bom antes que ele estivesse acontecendo. Talvez Cole seja excessivamente confiante e um pouco narcisista, e não exatamente a pessoa de quem mais gosto no escritório. Mas ele era bom em seu trabalho.

E quando alguém que é bom em alguma coisa diz que você também é bom na mesma coisa... é ótimo. Pouco importa quantos problemas Cole Hutcheson estivesse prestes a me causar, tenho que admitir que seu reconhecimento dos meus pontos fortes profissionais foi inspirador.

Porque eu tinha mesmo levado um pé na bunda.

E amava mesmo meu trabalho.

E não queria mesmo ser demitida.

— É por isso que você vai me ajudar? — perguntei.

— Vou ajudar você porque: primeiro, agora já vi seu material, e ele é bom; segundo, se você for demitida, isso vai tornar minha vida mais difícil; terceiro, esse trabalho se encaixa no seu tópico — disse Cole, contando nos dedos.

Meu tópico.

Ai, meu Deus. Eu tinha contado a ele sobre isso também?

Eu trabalhava nessa empresa de vídeos corporativos durante a semana. Você sabe o que são vídeos corporativos, né? São como o bebê de um comercial de TV e um documentário, só que o comercial de TV tem todos os genes dominantes. As principais características desse tipo de vídeo são *branding*, marketing e agradar ao cliente. Além disso, muita música animada e isenta de pagamento de *royalties*.

Até aí, nada errado.

Era um trabalho divertido, num belo prédio, com colegas agradáveis. Eu tinha seguro-saúde e um salário, pelo menos até agora. Sem queixas.

Só que tem uma coisa. O problema de fazer um trabalho criativo contratado é você não estar seguindo exatamente a própria visão. Você está seguindo a visão do que acha que seja a visão de outra pessoa.

O que não é a mesma coisa.

Então, nos fins de semana, eu fazia o que mais queria.

Um projeto pessoal que era minha paixão.

Fiz minidocumentários charmosos de seis minutos para meu incipiente canal no YouTube.

E os minidocumentários eram sobre... heróis.

Esse era meu tópico.

Fiz o perfil de pessoas que haviam tirado crianças de carros em chamas, interceptado roubos ou mergulhado de cabeça em correntezas. Eu as filmava nas próprias casas de manhã, ao meio-dia e à noite e lhes pedia que me contassem a história de seu ato heroico e me dissessem por que, como e se esse ato as havia mudado e o que significava para elas.

"Um dia na vida". Só isso. Um pequeno retrato de uma pessoa comum que um dia resolveu fazer algo extraordinário.

A ideia me ocorreu num momento em que estava me sentindo, digamos assim, *muito decepcionada com a humanidade*. Uma época em que realmente estava precisando ouvir histórias iguais a essas: de bondade, heroísmo e sacrifício. De pessoas que fazem *o bem*.

Funcionava assim: eu passava exatamente vinte e quatro horas com cada participante, filmando todos os aspectos daquele dia, desde tomar café pela manhã, calçar as meias, dar comida ao gato, dirigir para o trabalho. Tudo isso era *B-roll*, que é como os cinegrafistas se referem a imagens de preenchimento, só que eu não o usei como preenchimento, mas, sim, na própria estrutura. Enquanto estava lá, entrevistava os participantes para extrair a história da coisa heroica que fizeram, do início ao fim, com o máximo de detalhe. Isso é uma arte: fazer as perguntas certas. Obter a verdadeira história sobre como, verdadeiramente como, era ser herói.

Eu filmava as entrevistas, mas depois só usava as vozes. Pessoas heroicas contando as próprias histórias durante seis minutos, com montes e montes de *B-roll* picotados se sucedendo na tela para manter o vídeo interessante.

Só vou dizer uma coisa: os vídeos ficaram legais.

Passaram despercebidos, mas eram legais.

Havia uma peculiaridade. Até agora, eu só tinha apresentado mulheres. Não por razões feministas, mas porque passava mesmo vinte e quatro horas de um dia inteiro com elas, e até dormia na casa delas. Elas tiveram que concordar com isso antecipadamente no contrato. Um dia inteiro filmando *tudo*. Assim, você consegue obter imagens absurdamente incríveis: pessoas secando o cabelo em câmera lenta, fazendo abdominais ao nascer do sol, ou uma visão do vapor subindo da primeira xícara de café. Para não falar de garfadas de macarrão chinês, telefonemas para pais doentes, carinhos em animais de estimação. Suspiros, testas franzidas, risos. Lágrimas.

Coisas pessoais. Coisas verdadeiras.

O fato era que eu simplesmente não perguntaria, do nada, a um homem desconhecido se poderia passar uma noite sozinha com ele em sua casa. Mesmo que esse homem fosse um herói.

Talvez eu acrescentasse alguns homens à série quando fosse rica e bem-sucedida e pudesse levar comigo uma equipe. Ou um guarda-costas. Contudo, enquanto esse momento não chegasse, seria só para mulheres.

Mas, em seguida, Cole disse:

— É por isso que estou lhe dando o trabalho. O cara que vamos fazer o perfil para essa promoção é um herói reconhecido. Então, você deverá ir para a Flórida e fazer o vídeo oficial. Mas, enquanto estiver lá, faça por fora "Um Dia na vida" com ele.

Ah. O que foi que acabei de dizer sobre responder "sim" e descobrir depois?

OK. Tá. O fato de esse cara *ser um cara* era problemático. Só que eu já tinha visto oportunidades mais que suficientes irem e virem para guardar essa para depois.

— Que tipo de herói ele é? — perguntei.

— Você certamente viu essa história no noticiário. Estava em toda parte, alguns anos atrás. Ele salvou um golden retriever que caiu de um penhasco.

Endireitei-me na cadeira.

— O cachorro de Jennifer Aniston?

— Isso.

— Conheço esse vídeo — disse eu. — Ele foi mostrado em todos os canais!

— Pois é, eu sei. Ele teria estado em todos os lugares, de qualquer maneira, já que a filmagem era tão dramática...

Era eu quem balançava a cabeça agora.

— Ele foi baixado até a praia naquele cabo e depois subiu todo o caminho de volta até aquela pequena saliência...

— Trinta metros...

— E o cachorro sentia tanta dor que estava mordendo...

— E ele cantarolou a música "Heart and Soul", *de Huey Lewis & The News* um tempão, até o cachorro se sentir seguro.

Balancei a cabeça. No que se refere a heróis, esse era *top* de linha. — Lembra da patinha em que ele pôs uma tala?

Cole concordou com a cabeça.

— E, então, ele colocou o cachorro numa cesta de resgate, entrou nela com ele e fez o içamento.

Acho que Cole também tinha visto o vídeo algumas vezes.

— Como era mesmo o nome dele? — perguntei, com o nome na ponta da língua.

— A mídia o apelidou de Puppy Love.

— Tom alguma coisa — disse eu, pensando alto.

Mas, aí, Cole inclinou a cabeça e olhou para mim.

— Espere aí. Você assistiu ao vídeo todas essas vezes e *nunca percebeu que era a Guarda Costeira*?

Tentei pensar numa resposta mais respeitável que *sim*.

— Eu sabia que ele era algum tipo de resgatista.

Cole discordou, balançando a cabeça.

— É por isso que eles precisam de vídeos promocionais.

Fiz que não com as mãos.

— Olha, eu não estava focada nos *detalhes militares*. Estava focada na reconfortante... reconfortantibilidade.

Para minha surpresa, Cole aceitou isso.

— Foi muito reconfortante — disse ele, num tom que talvez fosse um pouco reconfortante demais.

— Esse vídeo teria sido imenso, independentemente de qualquer coisa — disse eu. — Mas, ainda por cima, adicionar Jennifer Aniston à mistura? Aquele momento em que ele põe o cachorro em seus braços, e *ela está chorando*?

Não era isso que todos nós procurávamos? Algo verdadeiro?

— Isso é ótimo para a TV — admitiu Cole.

Um agradável momento de harmonia.

Então, eu disse:

— E, por acaso, o nadador cujo perfil querem que façamos é ele?

— Não é coincidência. É justamente *porque* é ele. Afinal, é um vídeo de recrutamento.

Fiz uma retrospectiva mental da conversa.

— Mas... O cara não se recusou a dar entrevistas?

— Correto.

— O que o fez mudar de ideia?

Cole inclinou a cabeça para um lado, como se perguntasse *Oi?*

— Foi o *superior* dele que o fez mudar de ideia.

— Acho que me lembro dele dizendo: "Não sou herói. Só estava fazendo meu trabalho".

— Sem dúvida, isso é algo que ele diria — disse Cole. E, então, acrescentou, como se já o conhecesse ou algo assim: — Embora, em geral, ele não seja de falar muito. — Esperei por mais. Porém, Cole prosseguiu: — Então, colocá-lo em sua série do YouTube seria uma grande proeza. Tipo uma proeza de salvar carreiras. Se você filmasse "Um dia na vida" com esse cara, estouraria na internet. Você ficaria bem de vida.

Quer dizer, provavelmente não. Os documentaristas quase nunca ficavam bem de vida. A menos que fossem Ken Burns. O documentarismo era a espécie mais baixa de paixão cinematográfica que se poderia perseguir. Nada do glamour de Hollywood. Sem dinheiro nem fama. Apenas tentar, em silêncio, contar as histórias que você acha que deveriam ser contadas, e, depois, tentar convencer o mundo a ouvi-las.

E tem mais: cobrir tópicos obscuros com os quais ninguém se importava até mesmo *depois de ver o filme*? Nunca é fácil.

Mas Cole tinha razão. Todo mundo já amava esse cara. Estávamos todos desesperadamente curiosos em relação a ele, ou estávamos à época, e nossa curiosidade continuava insatisfeita.

O fato de ele não querer ser famoso havia lhe dado ainda mais fama.

Um documentário de seis minutos sobre ele definitivamente ganharia certo engajamento.

E, por *engajamento*, quero dizer *milhões de visualizações*.

Isso salvaria minha carreira?

Mal não faria.

— Por que mesmo você está me ajudando? — perguntei a Cole.

— Você é que estaria *me* ajudando, porque, na realidade, era eu que deveria fazer esse projeto.

— *Você* deveria fazer esse vídeo promocional?

Cole fez que sim com a cabeça.

— O próprio herói me pediu isso. E exigiu dos superiores que nossa desconhecida empresa de Dallas fosse contratada para o trabalho.

— Então, por que você não vai fazer esse vídeo?

— Não quero.

Por que sua voz soou tão amarga?

— Por que esse cara pediria isso a você? — perguntei. — E por que você não aceitaria essa grande oportunidade? E, já que estamos falando nisso, por que o Puppy Love de Jennifer Aniston deixaria que eu fizesse "Um dia na vida" com ele, se já recusou totalmente tudo a todo mundo?

Agora era Cole quem concordava.

— Boas perguntas. — E, então, bateu o dedo no meu caderno, como se eu devesse anotar alguma coisa, e disse: — E a resposta a todas elas é a mesma. — Peguei minha caneta. Mas Cole me fez esperar uma eternidade, até dizer finalmente: — Porque esse cara... é meu irmão.

Dois

COLE HUTCHESON, EDITOR pleno de produção em uma empresa de vídeo comercial de nível médio, parecia ser irmão de um herói certificável que virou sensação da internet?

Hum, *não*.

Cole não tinha nada que se possa chamar de *magnetismo* ou *carisma*.

Na realidade, ele era uma dessas pessoas que, de fato, não se notam muito. A menos que estivesse disposto a irritar você ativamente: por exemplo, interrompendo-a em uma reunião ou pedindo-lhe que fizesse algo que tecnicamente era trabalho dele, como se você fosse sua secretária — o que você, em definitivo, não era. Ele apenas estava meio que... ali.

A ideia de que Cole era irmão de Puppy Love? Incompreensível. E, no entanto, quem era eu para reclamar?

Se meu colega de trabalho ligeiramente superior quisesse me ajudar a não ser demitida, eu dificilmente estaria em posição de dizer não. Por acaso era culpa minha se ele teve alguma treta com o irmão?

Mas adivinhe qual era a treta? O irmão dele era incrível demais. Por exemplo, o cara tinha o apelido mais legal do mundo: Hutch.

E foi aí que as coisas pioraram.

— Ele é um fodão total — explicou Cole, obrigando-me a escrever tudo. — Moralmente íntegro e fisicamente invencível. Faz duzentas flexões por dia e consegue prender a respiração debaixo d'água por três minutos. Nunca teve uma cárie. É mais uma máquina do que um ser humano. Ele simplesmente sai por aí o dia todo fazendo boas ações.

— Então ele é... muito simpático?

— Ele é o oposto de simpático! É perfeito.

— Não tenho certeza de que *simpático* e *perfeito* são opostos.

— Ele é totalmente sério o tempo todo. E não é de falar muito. Ele nunca fala, nunca se diverte. Seu *hobby* principal é franzir a testa.

— Franzir a testa? Que *hobby* é esse?

— Ele não tem vida interior — prosseguiu Cole. — É todo exterior, só que sem interior.

— Todo mundo tem vida interior — argumentei.

— Mas não Hutch — disse Cole, como se dissesse *Acredite em mim*. — Ele só se exercita, toma água, alimenta-se de forma saudável e resgata pessoas o dia inteiro. Ele nunca bebe. Não toma nem uma cerveja. E não namora ninguém há um ano.

— E daí? Isso pode acontecer.

— Espere só até vê-lo.

— O quê?

Cole levantou os ombros.

— Ele é bonito, tá? Um cara tão bonito não fica solteiro, a menos que odeie o amor.

— Você acha que ele *odeia* o amor?

— Só estou dizendo — disse Cole. — Suas escolhas de vida falam mais alto que palavras.

Hum.

— Não namoro ninguém há um ano. Será que *odeio* o amor?

— Não sei — disse Cole. — E você? Sabe?

Boa pergunta. Talvez.

Um ano. Eu não tinha notado até dizer: já estava solteira havia um ano. Mas não tinha pensado que *odiava o amor*. Pensei que estava apenas me recuperando do amor.

Não seria possível que alguém odiasse o amor, não é? Será que isso era permitido?

Mas, na realidade... O que o amor já havia feito por mim além de me frustrar, me esgotar, me enganar e me decepcionar? Não tinha mesmo sido só perda de tempo e de energia? Talvez eu fosse muito crédula. Assisti a mais filmes da Disney do que deveria. Fui condicionada pelo excesso de comédias românticas da década de 1990.

Talvez eu devesse ter tido um pouco mais de discernimento.

— Acho que não odeio o amor — finalmente disse a Cole. — Mas, na verdade, não seria má ideia.

PESSOALMENTE, UM ANO antes, eu tinha levado um fora do meu noivo, o agora famosíssimo Lucas Banks. Que fora um músico fracassado perfeitamente agradável durante anos... até que um de seus vídeos no TikTok explodiu na mesma noite em que ele me pediu em casamento.

É sério: o anel estava no meu dedo cerca de três segundos antes de o telefone dele começar a zumbir com notificações de que uma música que ele tinha postado naquela manhã havia atingido cem mil visualizações. As pessoas estavam compartilhando. E fazendo duetos com ela, adicionando instrumentos e harmonias. No início, apenas pessoas comuns. Mas, então, de repente, Noah Kahan entrou e, antes que o jantar terminasse, já tinha mais de um milhão. De *visualizações*. Em um dia.

A princípio, fiquei tão animada quanto todo mundo. Lucas e eu ficamos sentados naquele restaurante chique até a hora de fechar, debruçados sobre o telefone, totalmente esquecidos de nosso novo noivado, enquanto observávamos os números subirem em tempo real e testemunhávamos *o sucesso que ele estava fazendo*, olhando um para o outro mil vezes, com espanto, como se nos perguntássemos *Será que isso está mesmo acontecendo?* Em seguida, surgiram consultores de carreira e ofertas de patrocínio de agências de publicidade. E assim toda a vida de Lucas mudou.

Em *semanas*.

Algumas pessoas que fazem sucesso no TikTok têm apenas uma canção ou, melhor dizendo, só dezessete segundos de uma canção. Algumas delas nem sabem cantar; nunca estiveram em um estúdio de gravação. Li um artigo em que uma agente do ramo musical descreve um cara que tinha milhões de fãs, mas não conseguia sequer manter o tempo da canção. Ela voou até Nova Jersey para contratá-lo... e depois saiu de lá de mãos vazias.

Mas com Lucas não foi assim. Ele era um verdadeiro grande negócio: já vinha compondo canções desde o ensino médio, tocava piano, violão e gaita, além de ter montes de canções quase prontas que poderia lançar uma após a outra. Quando sua grande chance chegou, ele a agarrou com ambas as mãos.

Fiquei feliz por ele. Fiquei *mesmo*.

Mas essa não era exatamente uma jornada que eu poderia fazer *com ele*. Naquela época, eu estava trabalhando em tempo integral no departamento de desenvolvimento da Universidade do Norte do Texas, fazendo vídeos para arrecadação de fundos. E não poderia, de repente, abandonar minha semana de trabalho-padrão de quarenta horas, arrumar a mochila e meter o pé na estrada como se fosse uma *roadie*. Eu já era adulta.

Lucas pegou a estrada sozinho, tocando em bares e gravando mais vídeos, até ser convidado para fazer o *show* de abertura da turnê do Jonas Brothers, aquela banda de *pop rock*, e aí ele simplesmente... sumiu. Eu o vi mais no celular que na vida real.

Talvez fosse inevitável que ele me traísse.

Será que todo mundo já previa que isso acabaria acontecendo?

Provavelmente, foi bom nunca termos chegado ao casamento. Depois que o frenesi começou, ele não conseguia mais tempo para conversar com o calendário. Nunca marcamos uma data, e eu não o pressionei. Ficava dizendo a mim mesma que tínhamos uma vida inteira para fazer isso.

Mas aí veio o escândalo da internet, em que Lucas foi fotografado dando uns amassos em Lili Ventura, que estava recém-casada, e as fotos começaram a aparecer em *sites* de fofoca.

Quando digo *aparecer*, quero dizer que *foi uma verdadeira avalanche*.

Sites que, aliás, eu jamais teria notado. Mas as pessoas começaram a me enviar mensagens de texto, com círculos em capturas de tela, que mostravam a mão de Lucas na bunda de Lili Ventura, e comentários como LUCAS ESTÁ TENDO UM CASO??? e COMO ELE TEVE CORAGEM DE FAZER ISSO???

Para ser honesta, o peso do julgamento da internet caiu totalmente sobre Lili Ventura. Lucas, no entanto, conseguiu passar batido.

Só que não por mim.

Fiquei obcecada, ao estilo *Uma mente brilhante*, com as fotos. Como não ia ficar?

Lucas estava com o braço em volta dos ombros de Lili Ventura na fila do tapete vermelho do Grammy? Estava de mãos dadas com ela naquela foto diante da multidão que se acotovelava na entrada? E estava se esfregando por trás dela naquela foto da festa pós-Grammy?

Eu não era analista do FBI, mas... sim a todas essas perguntas.

Na noite em que tudo explodiu, mandei uma mensagem a ele em Los Angeles, sem preâmbulos: Ei! Você está me traindo com Lili Ventura?

Para surpresa de ninguém, exceto a minha, ele não respondeu. No dia seguinte, ligou, com a voz totalmente rouca, e disse:

— Vamos conversar quando eu chegar em casa.

Mas realmente não precisávamos conversar. Eu já sabia pela voz dele. E pelas quinhentas fotos na internet.

— É melhor saber logo — insistira minha prima Beanie, e é provável que tivesse razão.

Aparentemente, isso ocorrera havia um ano; agora eu estava bem envolvida no meu atual projeto de *prosperar de qualquer modo*. Já tinha chutado Lucas, comprado novas roupas de cama e retomado o crochê. Em um desejo compulsivo noturno de autoaperfeiçoamento instantâneo, tinha cortado a franja com uma tesoura de cozinha. E comprado uma *air fryer*, me viciado em audiolivros e mudado de emprego: deixei de fazer vídeos promocionais para uma universidade por... outro emprego numa empresa que fazia vídeos promocionais. Para quem quer que nos contratasse.

Eu estava bem.

Foi um alívio, para ser honesta. Nunca tive vocação para viver perto da fama. E havia vantagens. Terminar significava que eu jamais teria que me sentar e ficar calada, fingindo estar extasiada, enquanto Lucas tocava, de novo, seu violão para mim. Nem escutá-lo analisar por três horas a fio uma conversa com seu agente durante o jantar. Nem, o melhor de tudo, ter de ir a outra premiação.

O pior eram as premiações.

Para mim, em especial. Porque eu era basicamente o oposto de tudo que é valioso em uma premiação. Não era famosa, rica, lindíssima, nem mesmo particularmente talentosa.

Em última análise, tudo que eu tinha era minha conexão com Lucas. O que não foi, nem de longe, suficiente para me proteger.

Aprendi isso do modo mais difícil no meu primeiro Billboard Music Awards do primeiro ano de fama do Lucas. Eu estava tão orgulhosa dele e sentia uma doce euforia diante da perspectiva de fazer algo tão glamouroso. Fui às compras e encontrei um vestido vintage com estampa floral que achei lindo. Tinha ido ao salão arrumar o cabelo e pintar as unhas. E *passado hidratante nas panturrilhas*.

Eu esperava me sentir como a Cinderela no baile.

E sabe que isso aconteceu mesmo? Pena que durou pouco tempo.

Só até começar a receber mensagens dizendo que a internet tinha odiado meu vestido.

Fotos minhas ao lado de Lucas começaram a aparecer por toda parte, *antes mesmo do término do* show, com perguntas como Por que Lucas Banks trouxe a mãe ao Billboard Awards?, Quem é a senhora desleixada com Lucas Banks? e Lucas Banks está namorando a Sra. Doubtfire, de *Uma babá quase perfeita*?

Perdão, mas você notou aquela pergunta em que alguém pensou que eu era a *mãe* do Lucas?

Eu tinha *vinte e seis* anos. E Lucas era quatro anos mais velho!

E, só para constar, na realidade, nenhum desses comentários era verdadeiro. Eu não me parecia, e *não me pareço*, com a Sra. Doubtfire.

Agora você deve estar se perguntando como eu *sou*.

Durante muito tempo, essa foi, para mim, uma pergunta difícil de responder.

Não sei. Apenas pareço alguém... agradável.

Normal, mas simpática. Como sua melhor amiga, alguém que nunca a ameaça. Transparente, sem ambiguidades. Cabelo castanho cortado na altura do pescoço. Braços, pernas, seios normais. A coisa mais marcante em mim são os olhos, de um castanho-esverdeado indefinível, com uma pequena mancha que lembra uma fatia de torta castanho-clara em uma das íris. E nem é tão perceptível. *Eu* nunca mais a percebi. E, até onde sei, Lucas nunca a notou.

O que, no final, provavelmente, foi uma sorte. Só me faltava uma canção dele para mim chamada "Olhos cor de burro quando foge" ou algo do gênero.

A questão é que a coisa mais incomum a meu respeito é algo que você só conseguiria ver se realmente me olhasse com atenção.

E nenhum de nós fez isso. Incluindo eu.

Acho que é mais ou menos como aquelas fotos de antes e depois de mulheres que fizeram cirurgia plástica, que fazem a gente pensar: *Por que ela fez isso consigo mesma? Estava tão bem antes.*

Eu estava esse "tão bem antes".

Ou, pelo menos, pensei que estivesse. Até que a internet inteira discordou.

Naquela noite, chorei até cair de sono? E declarei que nunca mais sairia de casa? E depois acordei no dia seguinte decidida a remediar minha falta de estilo e de bom gosto iniciando o que se pode descrever generosamente como "dieta de inanição"?

É algo de que você não tem noção.

Já ouviu falar dos experimentos de inanição feitos aqui na década de 1940, com objetores conscienciosos à guerra? Aqueles em que os homens comiam tão poucas calorias que ficavam meio fora de si, e um deles por acidente, ou deliberadamente, cortou fora alguns dos próprios dedos?

Foi essa a dieta pela qual me decidi.

Na realidade, assisti a um documentário sobre isso. Deram aos participantes desses estudos pouco mais de mil e quinhentas calorias por dia.

Então, estabeleci meu próprio limite em mil calorias.

Se aqueles caras tinham enlouquecido, *eu enlouqueceria ainda mais*.

Isso me pareceu, naquele momento, um movimento de poder.

Meus objetivos eram duplos: (1) usar tamanho zero ou menos; (2) jamais deixar minhas coxas se tocarem novamente.

Era uma ideia tão esquisita quando penso nisso hoje: achar que me machucar seria a vingança certa para machucar o mundo.

Mas foi o melhor que consegui na época.

Vou fazer a fita avançar e dizer que quase cheguei ao tamanho zero e impedi que minhas coxas se tocassem. E, para isso, bastaram duas coisas: dedicação obsessiva e foco singular, com exclusão de todo o restante.

Também nunca mais usei tecidos estampados. Daquela premiação em diante, passei a usar infalivelmente *jeans* preto e camiseta preta todos os dias.

Preto nas meias e nas roupas íntimas.

E assim foi. Vivi assim por um ano todinho: irritadiça, faminta, obcecada por toda comida que não estava comendo e me escondendo diante de todos.

Eu costumava divagar (com frequência, várias vezes por dia) que enfiava a cara num frango assado e o comia até sair pelas orelhas.

Os diários que escrevi a vida inteira sempre foram cheios de poemas, desenhos e pensamentos sobre os livros que eu lia, além de reminiscências descontraídas de pessoas e lugares que significaram coisas para mim. Mas durante esse ano? Não havia neles nada além de listas de calorias. Uma entrada típica:

2
café preto
10
talo de aipo
80
maçã
284
peito de frango desossado e sem pele
70
½ xícara de iogurte grego desnatado
86
omelete vegetariano de clara de ovo em frigideira antiaderente
0
300 ml de água
34
½ xícara de couve cozida no vapor
182

filé de salmão (selvagem)
94
1 xícara de brócolis cozido no vapor
160
½ abacate fatiado

1.002
TOTAL *(Esforce-se mais!)*

Isso era, literalmente, tudo que eu tinha a dizer sobre meu dia. Essa lista era uma renderização 3-D completa da minha vida interior. E, para constar, a lista apresentada teria sido uma derrota. Qualquer total acima de mil seria *catastrófico*.

Não deveria ter tomado aquele café preto.

Seja como for, acabei acumulando centenas dessas listas. Foi nisso que meus diários se transformaram. Assim como o estudo da fome já havia confirmado nos anos 1940: quando estamos morrendo de fome, é só em comida que pensamos.

Sinceramente, devo ter ficado muito chata.

Às vezes, bem tarde da noite, eu me perguntava se não era por isso, em parte, que Lucas havia me traído (antes de sacudir a mim mesma pelos ombros emocionais e me lembrar, mais uma vez, de algo que eu estava normalmente, em geral, disposta a acreditar: a culpa nunca era do *traído*. Sempre era do traidor).

Talvez eu *tenha* me tornado chata. Mas nada disso obrigaria Lucas a *transar com Lili Ventura*.

Eles agora estavam separados, a propósito.

E o mais importante: adivinhe o que fiz depois que expulsei Lucas do nosso apartamento?

Tomei quase quatro litros de sorvete de *cookies* de chocolate. Não foi meio litro. Foi um *galão*.

Era uma sopa derretida quando terminei, mas cheguei lá.

E, depois, não comi mais nada que não fosse sorvete durante uma semana. E, então... comprei um monte de livros sobre positividade corporal e li todos eles, parei de seguir Lucas e todos os associados a ele, dei permissão às minhas coxas para acariciar amorosamente uma à outra de novo... e declarei uma trégua instável com meu corpo.

Bem ao estilo da jornada de cura. Percorri um longo caminho, avancei muito em um ano. Estava orgulhosa de mim mesma (e das minhas coxas).

Mas ainda era iniciante, para dizer a verdade.

Uma coisa era ser positiva, em teoria, diante do corpo; outra bem diferente era sê-lo na prática.

Eu ainda usava camisetas e *jeans* pretos todos os dias. Ainda me mantinha nas beiradas do mundo, me escondia atrás dos outros em fotos de grupo, evitava espelhos.

Eu tinha mudado meu modo de pensar e meu comportamento, além de me permitir comer tudo que quisesse. Até havia encontrado alguns livros de arte velhos e surrados no carrinho de um dólar de um sebo, comprei todos e os usei para criar um diário de autoaceitação. E essa pode ter sido uma ideia genial, porque se tornou um projeto noturno: recortar fotos de senhoras barrocas rechonchudas e cheias de celulite, que haviam sido pintadas nuas (com admiração, ao que parecia) por velhos mestres como Rubens, Ticiano e Botticelli, e colá-las, com admiração, em um caderno de desenho.

A ideia era prestar atenção às imagens de mulheres que não tinham sido tratadas com Photoshop. Para me libertar dos padrões de beleza dessa nossa era. Para rascunhar um acordo de paz com minhas coxas. Para redefinir o "belo" de forma ampla o bastante para encaixar nessa categoria meu eu atual, sem fome e com coxas que se tocavam. Sentir-me em casa no meu corpo do jeito que ele era (fosse lá o que isso significava).

Tarefa bem difícil.

Mas, de fato, eu estava sendo mais gentil comigo mesma agora. Só ainda não tinha posto esse progresso à prova.

Por mais duro que tenha sido passar fome daquela maneira, havia certo conforto em meu pensamento demasiadamente simplificado. Ele reduziu todo caos do mundo a uma métrica simples que eu, pelo menos em teoria, poderia controlar. Contanto que ficasse abaixo de mil calorias por dia, estaria segura. Nada ruim poderia acontecer comigo.

Ao que Lucas, Lili Ventura e toda a internet disseram: *Desafio aceito*.

Como é que eles chamam aqueles momentos em que seu noivo trai você com uma estrela *pop* na frente de todo mundo? *Oportunidades de crescimento pessoal?*

Eu cresci, caramba. Literal e metaforicamente. De todas as boas, más e aterrorizantes maneiras possíveis.

E foi por isso que, naquela noite, em nosso escritório, após o expediente, depois de me comprometer por completo com um número totalmente não especificado de semanas em Key West, em um trabalho para o qual não me qualificava, com um homem cujo próprio irmão achava *perfeito demais*... quando

Cole Hutcheson levantou a mão para me parabenizar e disse “Não se esqueça de levar o biquíni!”, comecei a chorar.

Três

– VOCÊ NÃO FEZ isso — disse minha prima Beanie na ligação por vídeo, quando lhe contei o que tinha acontecido.

Involuntariamente, estremeci.

— Fiz, sim.

Beanie, que trabalhava como *personal shopper*, tinha se mudado havia um ano do Texas para Nova York, na semana anterior ao estouro do escândalo de Lili Ventura.

E, desde então, fazíamos videochamadas todos os dias.

O tipo de videochamada em que você conversa quando está dirigindo para o trabalho, com o telefone no porta-copos, e, depois, quando volta para casa, com o aparelho no banco do passageiro. Aí, em casa, você o prende ao cesto enquanto lava a roupa, o equilibra em uma penca de bananas na fruteira enquanto prepara o jantar e o coloca na bancada da pia enquanto toma uma ducha. O tipo de videochamada que você faz com pessoas queridas de verdade, na qual ninguém se preocupa em estar bem-arrumado (e o que você está vendo é, sobretudo, o ventilador de teto, o interior de um bolso ou parte de uma narina).

No momento, eu estava arrumando a mala que levaria para Key West, e Beanie, recém-chegada de uma viagem de trabalho supermovimentada a Paris, estava recebendo todas as atualizações. Prendi Beanie no bolso da mala enquanto ia colocando nela as roupas, e ela me pôs para descansar na cômoda enquanto desfazia as dela.

— Ele achou que você era louca? — perguntou Beanie, referindo-se ao meu choro ao ouvir a palavra *biquíni*.

— Eu disse a ele que era por causa de alergias — respondi.

— E ele caiu nessa?

— Não acho que tenha se importado muito, de qualquer modo.

— Talvez realmente tenha sido alguma alergia.

— E a que eu seria alérgica?

— Hum, a *biquínis e maiôs*. Obviamente!

É verdade. Eu não tinha um maiô desde o ensino médio. Senti um familiar aperto de pavor.

— Além disso, não sei nadar.

— Isso não é novidade.

Claro que não era. Beanie sabia mais a meu respeito que eu mesma sabia sobre mim. Crescemos juntas no mesmo quarteirão. Nossos pais eram irmãos, e, depois que minha mãe nos deixou e se mudou, quando eu tinha 11 anos, passei o restante da infância tentando morar com Beanie e convencer a mãe dela a ser também minha mãe.

Beanie era minha prima, minha irmã e minha melhor amiga da vida inteira, tudo em uma só.

Nós tínhamos "saído para nadar" a vida inteira, é claro. No Texas, faz calor demais no verão e, por isso, estávamos constantemente batendo o ponto na piscina do bairro, na praia e nos aspersores de gramado sempre que possível. Só que molhar-se e fazer a água espirrar da mangueira para todos os lados não é a mesma coisa que nadar.

No verão posterior à partida de minha mãe, quando todos os primos estavam escalados para iniciar um curso formal de natação, eu me recusei a participar, em parte porque os meninos ficavam me pirraçando por eu sempre começar a chorar por qualquer coisa.

No verão *seguinte*, meu pai começou a namorar uma senhora chamada Angela, a qual — quero enfatizar — *tinha algumas qualidades agradáveis*. Só que, por outro lado, ela também queria ser minha guia ao longo da puberdade, dizendo-me o tempo todo que precisava murchar a barriga.

Beanie sabia tudo sobre essa história também. E *não jogava* no Time da Angela.

Acho que, à sua maneira, Angela tinha boas intenções.

Não a estou desculpando, mas intenções *não* importam. Ela não estava tentando me machucar; estava tentando me ajudar. Só que sua versão de ajuda, como Beanie sempre dizia, era "o suprassumo da deturpação".

Angela achava que a coisa mais importante que uma mulher poderia ser era *minúscula*.

Seis meses depois de se casar com meu pai, Angela tinha me colocado em uma dieta. Eu tinha 12 anos. Vendo as fotos daqueles anos, sempre fico chocada com quanto eu me parecia exatamente com todas as outras crianças comuns.

Mas acho que Angela queria que eu fosse extraordinária.

Ela estava tentando me ensinar as regras (conforme ela as entendia) de ser uma mulher de sucesso. E nunca lhe ocorreu que as mulheres seriam capazes de escrever essas regras sozinhas.

Não se preocupe: fiz tudo que pude para resistir. Contrabandeava salgadinhos para um esconderijo secreto debaixo da cama. Marcava com Beanie de irmos de bicicleta chupar picolés numa loja de conveniência próxima. Processei tudo com pilhas de publicações de autoajuda.

Mas permanece o fato: abandonei para sempre os maiôs depois que aquela senhora apareceu na minha vida.

Portanto, eu não poderia atribuir *todas* as minhas inseguranças a Lucas Banks. Algumas delas foram cortesia de Angela. Outras vinham do simples fato de ser uma garota em um mundo terrivelmente cruel e mesquinho com as meninas. Alguma de nós escapa ilesa?

Eu realmente estava bem agora. Na maior parte do tempo. Contanto que pudesse continuar vestida.

Beanie tinha transformado em missão pessoal a ideia de me levar de volta à água.

— Você nunca se importou com essas coisas! — disse ela. — Na praia, a gente mergulhava o tempo todo!

— Isso foi antes de eu saber o que era levar um caldo.

Beanie achava que o componente ligado à natação da minha nova tarefa era, nas próprias palavras:

— Uma gloriosa oportunidade de trabalhar o trauma baseado em sua madrasta.

— *Gloriosa* é um tanto forte — disse eu.

— Você pode confrontar os demônios da imagem corporal e aprender uma nova habilidade ao mesmo tempo — disse Beanie, muito animada com a ideia. — Você não disse a seu chefe que não sabia nadar, não é?

— Ele não é meu chefe. É apenas meu superior no trabalho.

— Mas você contou a ele?

— Não. Menti para conseguir o trabalho.

— Você *omitiu a verdade*, o que não é a mesma coisa.

— Seja como for, estou prestes a passar várias semanas "na água ou perto dela".

— Qual parte disso está incomodando você?

— Todas. Eles vão me obrigar a fazer treinamento de segurança. Na água!

— Isso me parece uma obrigação razoável — disse Beanie.

— Mas você não acha que eles vão me obrigar a usar um maiô?

— Claro que não — disse Beanie. Mas, então, como nós duas precisávamos de mais convencimento, ela acrescentou: — Provavelmente, vão colocá-la num traje de voo. Ou algo semelhante.

— Depois, há o problema do afogamento.

Beanie negou isso balançando a cabeça.

— Você estará com *nadadores de resgate* — disse ela. — Não poderia se afogar nem se tentasse.

— Olhe para mim. — Beanie inclinou-se para o telefone, para dar uma olhada em mim. — Vou voar de helicóptero com eles — disse eu por fim, com a verdade da minha falta de qualificação se avolumando na mente. — Sobre o mar. Durante *semanas*. — Então, percebendo que não havia como contornar isso, suspirei. — Eu deveria ligar para Cole e confessar.

Beanie ficou horrorizada.

— De jeito nenhum. Você acabou de dizer que esses nadadores de resgate se exercitam noventa minutos por dia, *por exigência do próprio trabalho*. Se há alguém na terra que precisa de um mês inteiro de diversão com militares *cientificamente* gostosos (com base apenas na matemática, acho que todos podemos concordar com isso), esse alguém é você.

Balancei a cabeça em sinal de *Nada disso*.

— *Diversão*, não. Só trabalho — disse eu.

— Se você diz isso...

Eu acrescentei:

— Além disso, o nadador que vou perfilar odeia o amor.

Beanie fez uma pausa.

— *Odeia* o amor?

Concordei, balançando afirmativamente a cabeça.

— Ele é um *hater* do amor.

— O que quer dizer com isso?

— Que ele é todo regras e nenhum coração! Que é todo ação e nenhuma reação! Que é todo corpo e nenhuma alma.

Beanie me encarou no telefone.

— Quem se importa?

— Ele nem é humano! Não namora ninguém há um ano.

— *Você* também não namora ninguém há um ano.

— Estou em recuperação!

— Parece que ele precisa de *companhia* — disse Beanie, como se *companhia* significasse dez coisas diferentes ao mesmo tempo.

— Não a minha. Isso ele não terá!

Mas agora ela balançava a cabeça como se tivesse tido uma ideia.

— Você deveria dormir com esse *hater* do amor.

— Ai, meu Deus!

Mas Beanie redobrou os esforços.

— Sim. Essa é a cura para tudo.

— Ele *odeia o amor*!

— Você provavelmente está sujeita a odiar um pouco o amor.

— Mas o que você está dizendo?

— Estou dizendo que talvez uma aventura só de corpo, sem alma, com um robô herói, possa ajudá-la a ficar um pouco mais resiliente.

— Não preciso ficar mais resiliente.

— Ah, precisa, sim.

— Não vou *dormir* com meu entrevistado, Beanie. Estamos falando do meu *trabalho*.

— A questão é que você precisa de uma aventura. Não se sabote!

— A questão é que isso não é uma aventura. É uma tentativa de não ser demitida — rebati.

— Por que não podem ser as duas coisas?

Mas agora eu estava balançando a cabeça.

— O que estava pensando? Por que menti sobre a natação?

— Você prefere entregar esse trabalho àquela bajuladora da Mila?

— Pelo menos, ela sabe nadar.

— Nadar não é tão difícil — disse Beanie. — Basta fazer algumas aulas.

— Aulas? — perguntei, como se nunca tivesse ouvido a palavra antes.

— Você tem o fim de semana em Key West para se acomodar antes do início do trabalho — disse Beanie. — Faça uma aula de imersão total.

Então, ela inclinou a cabeça como se não quisesse ter feito aquela piada, só que a piada saiu.

— Muito engraçado.

— Você não precisa ganhar uma medalha de ouro nas Olimpíadas — disse Beanie. — Só precisa dominar o nado cachorrinho.

Foi, na realidade, um bom argumento.

Com efeito, Beanie tinha muitos argumentos que eram bons.

Era a coisa mais irritante (e, cá entre nós, útil) que havia nela. Era a rainha dos livros de autoajuda. Escolha qualquer livraria, vá até a seção de autoajuda e... posso jurar que Beanie leu todos os livros que estão lá. Já os leu e os marcou,

catalogando todas as citações em fichas. Ela havia memorizado toda a obra de Brené Brown. Podia recitar as palavras de sabedoria de Maya Angelou como se fossem de Shakespeare. E, depois que Lucas ficou famoso, ela me obrigou a ler seu livro favorito de John e Julie Gottman, gurus do amor, cuja obra transbordava de conselhos de ouro sobre relacionamento.

Nenhum dos quais eu conseguia me lembrar agora. Exceto por este: relacionamentos fortes tinham que criar uma *cultura de apreciação*.

Um livro inteiro, e isso era tudo que eu havia guardado: pessoas que têm bons relacionamentos tinham que apreciar umas às outras (agradecer, elogiar, perceber o que o parceiro estava entendendo e fazendo bem) de maneiras que criavam uma espécie de redoma de calor e gentileza que facilitava todo o restante.

Brilhante, certo? Superútil! Ou, pelo menos, teria sido se Lucas tivesse lido o livro. Ou mesmo se *não estivesse verificando suas DMs no TikTok* enquanto eu lhe falava a respeito do livro.

Acho que, mesmo assim, já havíamos passado do ponto em que a autoajuda poderia ser útil.

Mas a realidade era que, por mais que eu zombasse de Beanie... ela havia acertado mais que algumas coisinhas.

— E nem contei a você a pior parte — disse eu, sem ter certeza de que queria mesmo dizer isso em voz alta.

Beanie pegou o telefone para fazer contato visual.

— Qual é a pior parte?

— Quando estava analisando a lista de equipamentos, Cole me disse que enviaria a câmera mais leve para Key West.

Beanie franziu a testa.

— A câmera *mais leve*?

Concordei com a cabeça.

— Porque cada coisa que entra em um helicóptero tem que ser pesada.

Beanie inclinou a cabeça.

— Por quê?

— Porque, se tiverem que carregar peso demais, os helicópteros cairão.

— Então, eles têm que... o quê? Contar o peso de tudo a bordo?

— Exatamente — disse eu. — Equipamento. Combustível. Vítimas resgatadas.

Mas Beanie não estava entendendo.

— E por que essa é a pior parte?

— Porque — comecei a falar lentamente, sabendo que seria para valer depois que eu o dissesse em voz alta — *eu* sou uma das coisas que estarão a bordo.

Os olhos de Beanie se arregalaram quando a declaração terminou.

— Você tem que se pesar?

Assenti com a cabeça e fechei os olhos.

— E, então, tenho que informar meu peso ao piloto. Na frente de toda a tripulação. Para que ele possa adicioná-lo ao total.

— Isso não pode estar certo! — protestou Beanie em meu nome. — Não estamos vivendo um pesadelo!

— Aparentemente, estou.

— Tem que haver uma maneira de contornar isso.

— Estou lhe dizendo, pesquisei no Google. É assim que se faz. Eles fazem uma verificação prévia antes de cada missão e qualquer peso que não tiver sido especificado deverá ser... especificado.

Beanie fez uma careta. Depois disse:

— Tudo bem. — Então, aparentemente incapaz de pensar em mais nada, ela disse o que sempre dizia quando um problema era insolúvel: — O que não mata, fortalece!

Fechei os olhos.

— Acho que isso realmente pode me matar.

Beanie suspirou em solidariedade.

— Mas talvez essa exigência tenha sido para melhor.

BEANIE TINHA SIDO a pessoa que, a princípio, havia me convencido a parar de me pesar.

Após o fim do meu noivado com Lucas, ela tirou alguns dias de folga para me fazer uma visita, quando eu ainda não conseguia sair da cama. Eu ficava deitada no sofá, enrolada num cobertor que ela me dera de aniversário, e a vi limpar todo meu apartamento, embalagem para viagem por embalagem para viagem.

— Isso é muito reconfortante — disse eu, enquanto ela passava por mim com outra sacola cheinha.

— Não é só reconfortante — disse Beanie. — É *purificante*. É um renascimento. Quando eu voltar para Nova York, você será uma pessoa totalmente nova.

Naquele fim de semana, ela pegou minha balança digital (também conhecida como minha amiga mais próxima) e a embrulhou em uma das camisetas

esquecidas de Lucas, encharcou-a com fluido para isqueiro e queimou tudo na rua.

— Essa coisa está arruinando sua vida — disse Beanie, enquanto observávamos as chamas. — Liberte-se.

Ela também esfregou meu apartamento de cima a baixo, do banheiro à cozinha, e vice-versa. Passou o aspirador, tirou todo o pó e desentulhou tudo com tanto empenho que levou seis sacolas de supermercado para doação. Depois, concentrou-se em mim: me fez tomar banho, cortar o cabelo, fazer as unhas e usar fio dental.

Porém, mesmo depois de todas essas transformações positivas, Beanie não estava satisfeita. Parou na minha sala de estar e olhou em volta.

— É terrivelmente bege aqui — disse ela.

— Não é bege. O nome da cor é Ostra.

— É tão sem graça...

— Não é sem graça. É sofisticado.

— Você precisa de alguns toques de cor.

Balancei a cabeça em discordância:

— *Odeio* toques de cor.

— Que pena.

Beanie me arrastou para fazer compras, e, antes que desse por mim, já havia quatro novas almofadas laranja. Depois que ela foi embora, pensei em doá-las também. Mas, por culpa, acabei empilhando-as em um armário.

Após o fracasso do meu noivado, Beanie me disse que eu fazia jus a um renascimento.

— Você voltará à vida de maneiras que jamais poderia imaginar — jurou ela.

Eu não tinha certeza de que as almofadas laranja eram a chave para esse renascimento. Mas também não tinha certeza de que *não eram*.

Às vezes, Beanie estava certa.

O renascimento prometido provou ser ilusório nos meses que vieram depois do dia em que ela queimou minha balança. Mas Beanie nunca o perdeu de vista. E agora, ao telefone, estava avaliando esse trabalho em Key West com um conjunto de objetivos diferente do meu. Eu estava fazendo perguntas como: *Posso aceitar esse emprego e ainda sobreviver fisicamente?*

Beanie, por sua vez, se perguntava se essa jornada me ajudaria a *prosperar*. E foi assim que nossa conversa oscilou, como sempre acontecia, entre Beanie me pressionando a ir e me dizendo para não ir. Era assim que processávamos as coisas: por completo. Mudando de lado até cobrirmos todos os ângulos.

— O que ainda não entendo é — dizia Beanie no vídeo, mudando de *Você merece isso!* para *Será que isso é mesmo uma boa ideia?* — por que esse seu colega de trabalho não está indo sozinho.

— Ele e o irmão não se dão bem.

— Ele nem vai estar lá, mas providenciou sua hospedagem?

— A empresa fez isso. É uma propriedade da tia dele. Ela é magnata do setor imobiliário.

— Não me diga.

Agora eu era a única a favor da minha ida.

— Estou lhe dizendo, espiei o local no Vrbo. É uma quadra com bangalôs de um antigo motel para hóspedes motorizados que ela mesma restaurou. Um charme! Está tudo no site. Eles poderiam estar em uma revista. E, segundo Cole, ela vai me deixar ficar lá com um grande desconto. O único problema é que não posso dizer a ela por que estou lá. Num primeiro momento.

— Você tem que mentir sobre a razão de por que está lá?

— Tenho que ser estratégica com meu tempo.

— E quem se importa com o desconto? A empresa não está pagando por sua hospedagem?

— Sim, mas isso estica o orçamento. Se minha ida custar menos, posso ficar lá por mais tempo. O que significa que posso (assim espero) fazer "Um dia na vida" com o *hater* do amor.

Beanie concordou com a cabeça.

— Mas você disse que ele não dava entrevistas.

— Cole diz que consegue convencê-lo a fazer isso.

— Como, exatamente?

— Não sei, mas também não importa.

— Hum, não sei... Para mim, meio que importa. E é estranho que ele não queira que você diga à tia dele por que está lá.

— Num *primeiro momento* — disse eu, como se isso fosse normal. — Só até o trabalho começar.

— Não estou muito certa sobre esse colega de trabalho.

— Ele não quer que eu minta; só quer que eu...

— Omita a verdade? — sugeriu Beanie.

Dei uma olhada em Beanie.

— Não. Que eu evite falar a história toda. Durante um ou dois dias.

— Isso está meio estranho.

— É temporário. — E acrescentei: — Três minutos atrás, você estava me mandando para a cama com o *hater* do amor!

— OK — disse Beanie. — Você tem meu apoio. — Então, acidentalmente, Beanie deixou cair o telefone na pilha de roupas. Depois que o pescou, disse: — Você está se saindo melhor que o Lucas, de qualquer maneira.

Puxei o telefone para poder vê-la mais de perto. Em geral, ela se recusava a dizer o nome dele.

— O quê? — perguntei. — Estou mesmo?

— Ele foi entrevistado no *Tonight Show*. Você não viu?

— Não sigo mais ele.

— Claro que não. Melhor para você. E não assista à entrevista. É uma deprê só.

— Ele fala de Lili Ventura?

— Não, fala de você. Do quanto foi burro em deixá-la.

Ah.

— Bem, ele *foi* burro — disse eu, respirando fundo.

— Querendo ensinar o pai-nosso ao vigário, senhora.

— Devo sentir pena dele agora?

— Não! E não pesquise nada sobre ele no Google! Eis o que precisa saber: ele sente sua falta, nunca deveria ter traído você, você era a única coisa verdadeira na vida dele e ele se odeia.

— Ele se odiava antes. Isso é tipo... tudo que ele faz.

— Ele deveria ter lido aquele livro dos Gottman — disse Beanie, como se tivéssemos tentado entregar a ele todas as respostas da vida em uma bandeja de prata. — Deveria ter aplicado a cultura da autoapreciação! — Beanie estava só conversando; só julgando, de maneira agradável e fofoqueira, alguém que me machucou. Mas, quando ela disse isso, engasguei. — O quê? — perguntou Beanie.

— Beanie! Isso é genial!

Ela franziu a testa.

— Que parte?

— A coisa da cultura da autoapreciação. Direcionar o casal Gottman para você mesma — disse eu. Beanie fez uma pausa para pensar sobre isso. — Eles falam sobre relacionamentos, mas você não tem relacionamentos só com outras pessoas. Também tem consigo mesma. — Beanie esperou. — Sem dúvida, tenho um relacionamento comigo mesma. É crítico e tóxico, mas tenho. — Beanie fez uma careta para indicar que não tolerava toxicidade. — Quero dizer, um relacionamento abusivo consigo mesma ainda é um relacionamento, certo?

Beanie franziu a testa.

— Acho que sim. Tecnicamente?

— Se eu criasse uma cultura da *autoapreciação*, talvez conseguisse melhorar o relacionamento. E talvez pudesse criar aquela redoma de calor e gentileza de que eles falam. E, então, talvez coisas como ter que *informar meu peso a uma sala cheia de superatletas militares que se exercitam noventa minutos por dia* ficassem um pouco mais fáceis.

Beanie tentou transmitir um pouco de esperança por meio do semblante.

— Claro! Sempre vale a pena tentar, não é?

E essa era apenas a pequena migalha de esperança de que eu precisava.

— Só que não tenho muito tempo. Deveria ter pensado nisso um ano atrás.

Beanie apontou para mim pelo telefone.

— Nada de conversa interna negativa! Você não pode apressar percepções que mudam a vida!

Em seguida, foi até a estante e puxou um livro dos Gottman repleto de páginas com os cantos dobrados. Ela o folheou até a página certa e começou a reler: "A estratégia principal é apenas perceber em que seu parceiro está acertando". Ela me olhou pensativamente e disse:

— Talvez você possa trabalhar somente para perceber em que *seu corpo* está acertando. Coisas das quais você gosta nele. Você *tem* algumas dessas coisas, certo?

Coisas das quais eu gostava em meu corpo? Que pensamento estranho.

— Tenho algumas, acho — respondi.

Beanie parecia duvidar.

— E quais são?

Respirei fundo.

— Ah, gosto dos lóbulos das minhas orelhas — declarei. Beanie abriu as narinas.

— Os lóbulos das orelhas não contam.

Mas me ofendi.

— Contam, sim! — Aproximei o telefone da orelha e puxei o lóbulo para a frente, para mostrar a ela. — Veja só que belezinha! Observe como ele é tenro, macio e aveludado! A forma é perfeita: rechonchuda e parecida com um travesseiro. — Aí, puxei a câmera para trás. — Os lóbulos das minhas orelhas são tudo que todos os outros lóbulos gostariam de ser.

Beanie ficou impressionada.

— Então, tá bom. Já é um começo. Amo essa energia de fã. — Em seguida, como se estivesse iniciando uma lista: — Lóbulos das orelhas, confere. O que mais? — Contudo, chegar a uma segunda coisa foi mais difícil. Franzi a testa. — Essa é toda a sua lista? *Lóbulos das orelhas?*

— E qual é a *sua* lista? — perguntei em tom de desafio.

— É particular — disse Beanie, com um pouco mais de assertividade. — Mas é muito melhor que *lóbulos das orelhas*.

— Me conta qual é a sua lista! — exigi.

— Não.

— Isso é maldade! Fala!

Mas Beanie decidiu usar a curiosidade como motivador.

— Faça sua lista de beleza primeiro — desafiou ela. — Quando tiver dez coisas nela, então digo as minhas.

— Você nem tem uma lista — disse eu, no mesmo tom que usaria se dissesse *Mentirosa!*

No entanto, Beanie não mordeu a isca.

— Chegue a dez coisas e descubra — disse ela.

Quatro

POR ACASO MINHA EMPRESA reservou para mim algum voo sem escalas de Dallas para Miami?

Não, nada disso. Na realidade, preferiram enviar *meu equipamento* em um voo direto.

Quanto a mim, passei o dia todo voando, com uma parada aleatória em Newark e uma conexão. Houve turbulência em ambos os voos? Fiquei na poltrona do meio nas duas vezes, sem acesso a *nenhum* apoio de braço? E o cara que ficou no corredor na segunda parte da viagem passou o tempo todo tossindo, expectorando um pulmão após o outro, a cada sessenta segundos?

Prefiro não dizer nada.

Então, assim que finalmente desembarquei em Miami, uma senhora, que corria para o portão de embarque levando na mão um copo de café transbordando, trombou comigo e me deu um banho tão completo que o café com leite e canela encharcou tudo, exceto minhas meias.

Em seguida, após caminhar até a esteira de bagagem cheirando a café e afastando do peito o tecido molhado — e agora muito frio — da minha camiseta, com os dedos em forma de pinça, fiquei esperando por minha mala.

E esperei.

E esperei mais ainda.

Até que, finalmente, quando a última mala não retirada do carrossel (de estampa floral rosa-choque) não era a minha (preta com etiqueta de bagagem também preta), fui ao balcão de atendimento e ouvi o seguinte comentário astuto:

— Provavelmente, foi extraviada.

E não vamos nem começar a falar da espera de mil horas no balcão de aluguel de carros.

Para resumir: o trajeto até *lá* foi terrível.

Mas a *chegada*? A chegada foi completamente diferente.

Em primeiro lugar, era uma manhã de outubro de 15 °C em Dallas, Texas, quando saí, e era uma tarde de outubro de 30 °C em Key West, Flórida, quando cheguei.

Isso só para começar.

Já fiz um monte de viagens a trabalho. A hospedagem sempre é em um quarto minúsculo de algum hotel anônimo. E os lugares a que você vai são todos exata e assustadoramente iguais. Sempre os mesmos *shoppings*, as mesmas redes de restaurante, o mesmo tipo de quadros de hotel.

Não estou reclamando. Há certo conforto em toda essa mesmice.

Mas só preciso ressaltar que tudo a respeito da minha ida a Key West foi... diferente.

Até mesmo o trajeto de carro para chegar lá foi diferente. A Estrada do Mar é, como o próprio nome diz, uma *rodovia expressa sobre os mares*. Pesquisei no Google: 42 pontes incríveis conectam as ilhas do arquipélago de Florida Keys sobre a água por cento e oitenta quilômetros, uma das quais tem pouco mais de onze quilômetros de comprimento.

Ah, é uma coisa indescritível!

Eu nunca tinha visto nem feito nada parecido, fosse a viagem a trabalho ou não. Correr sobre a água daquela maneira, cercada do oceano azul e das nuvens, de janelas abertas, com a brisa do mar batendo no carro alugado. Quando começava a sentir falta de terra, as pontes me levavam a outra ilhota, e eu passava por palmeiras, píeres, guarda-sóis e restaurantes de praia com placas azul-turquesa que anunciavam torta de limão-galego e bolinhos de concha-rainha fritos.

Nada disso se parecia com qualquer trabalho que eu tivesse feito anteriormente.

E isso foi antes mesmo de eu chegar à ilhota final (Key West) e ver os edifícios vitorianos com cores de ovos de Páscoa e telhados de metal. As varandas no andar de cima, cercas com estacas e ruas pavimentadas com tijolos de barro. Manguezais e coqueiros. Tudo era dimensionado para caminhadas. Lojas e restaurantes punham música para tocar. Pedestres passeavam por toda parte, para não falar dos galos selvagens, que se pavoneavam como se fossem os donos do lugar, com cristas vermelhas e caudas de plumas negras.

A cidade inteira parecia um festival sem fim.

Então, sim: não seria uma gravação de vídeo corporativo comum.

A tia de Cole Hutcheson, Rue (de quem, até uma semana antes, eu nunca tinha ouvido falar), estava *esperando por mim* quando entrei no estacionamento de

conchas esmagadas do Starlite Cottages. Ela veio direto até o carro e *me deu um abraço*.

A propósito, esta era a condição exata em que eu estava quando a vi pela primeira vez: amarrotada, privada de sono, ainda molhada e fedendo ao café com leite e canela de outra pessoa.

Rue, por sua vez, era o oposto de tudo isso. Usava um cafetã com flores de hibisco rosa-choque e branco estampadas por toda parte, sandálias de ráfia e longo colar que dava várias voltas. O cabelo grisalho e reluzente era curto, e ela ostentava imensos óculos vermelho-sinalização, com a armação mais grossa que eu já tinha visto, e brincos de borlas vermelhas combinando.

— Oh, *querida* — disse ela, olhando para mim. — Você passou por uma provação. — Só pela simpatia na voz, parecia que ela já conhecia toda a história. — Onde estão suas malas? — perguntou ela, olhando em volta.

— Extraviadas — respondi.

Ela olhou para minha camisa.

— Isso é...?

Assenti com a cabeça.

— Uma senhora no aeroporto tomando um café com leite completo.

Ela franziu a testa, como se estivesse formulando um plano.

— Bem, primeiro as coisas mais importantes. Sou Rue. — Ela deu um passo atrás e estendeu-me a mão, para um aperto pós-abraço. Eu a apertei.

— Sou Katie.

— Seu bangalô está prontinho — disse ela, então. — Mas acho que, primeiro, você precisa de algumas roupas. E de comida. Embora eu não esteja certa de qual seria a melhor ordem. — Eu também não tinha certeza. — Roupas primeiro, acho eu — decidiu ela. — Por minha conta. Em seguida, um almoço atrasado. Também por minha conta.

Eu a amei instantaneamente. Como não a amaria? Além disso, ela disse que me deixaria devolver o carro alugado para alugar seu Mini Cooper por um preço muito simbólico. Tudo porque Cole havia pedido a ela.

— Mas você não vai precisar dele? — perguntei.

— Não, não — disse Rue, balançando a cabeça. — Tenho uma bicicleta holandesa. É ela que sempre uso, a menos que precise pegar a estrada.

Ela apontou para uma elegante bicicleta preta atrás de si, que tinha uma cesta enfeitada com flores na frente do guidom.

O que posso dizer? Acreditei nela. Se ela preferia a bicicleta, preferia a bicicleta. Quanto menos dinheiro eu gastasse, mais tempo poderia ficar, e, quanto mais

solitária pudesse ficar, mais filmagens poderia obter, e, quanto mais filmagens pudesse obter, melhores seriam *os dois* vídeos, e, quanto melhores fossem esses vídeos... menores as chances de eu ser demitida.

Quando Rue me levou a uma butique próxima, eu a segui.

A loja se chamava Vitamin Sea, e era como entrar em um caleidoscópio. Havia principalmente roupas: vestidos, túnicas, saias e cangas, tudo nos mais vivos tons de laranja e rosa, vermelho e amarelo. E azuis e roxos também. Tanta cor que meus olhos tiveram que se ajustar, como ocorre quando você acende as luzes num quarto escuro.

O sistema de alto-falantes começou a tocar Bob Marley, e, enquanto seguia Rue pela loja, meus passos entraram no ritmo da música e, então, me peguei pensando em como isso era muito diferente de, digamos, chegar a Omaha para iniciar um projeto para a Unity Home Mortgage.

Eu disse que era como um caleidoscópio? Talvez fosse mais como um recife de coral.

Enquanto víamos as coisas, Rue me contou tudo sobre a compra do Starlite Cottages como uma propriedade para investimento quando se aposentou. Só que depois amou tanto a vibe do lugar que acabou se mudando para um dos bangalôs. Aí, quando Ginger, sua melhor amiga de infância, perdeu o marido, Rue a convenceu a se mudar para o bangalô ao lado. Ela os restaurou para aluguel de temporada e os estilizou suntuosamente com um visual "tropical vintage", com estampa de folha de bananeira no papel de parede e móveis de vime, e substituiu as quitinetes antigas por novas.

Quatro dos dez bangalôs agora tinham residentes permanentes.

— Tecnicamente, não é um lar de idosos, mas não somos exatamente adolescentes — disse Rue.

Ela também comprou o último prédio remanescente nesse mesmo quarteirão da cidade (que dava para a Duval Street), por isso era a dona do prédio em que estávamos. Entre os inquilinos, incluíam-se o restaurante italiano ao lado, uma galeria de arte, um bar com parede inteira de máquinas de *pinball* e, no andar de cima, um dentista, uma agência de viagens e um concierge médico.

— É muita matemática, mas me mantém longe de problemas — disse Rue.

Alegre e ensolarada, a butique tinha (como posso dizer?) um astral cativante que relaxava.

Como a jornada havia sido muito longa e eu ainda não tinha recobrado por completo o senso de orientação, demorei mais do que deveria para juntar as peças. Na realidade, estava balbuciando baixinho as palavras da canção "One

love" e totalmente despreparada quando, com um longo cafetã rosa e laranja na mão, Rue se virou e, estendendo-o à frente, disse:

— Este aqui.

Parei de andar.

— Perdão, pode repetir?

— É este. Sinto que é este — disse Rue, agora se aproximando para segurar essa roupa superlativamente chamativa que me parecia ter sido feita com o *rolo inteiro do tecido*.

Eu já estava balançando negativamente a cabeça antes que ela me tocasse.

— Não, não, não.

— Estou pensando: sim, sim, sim — disse Rue. — Essas cores são perfeitas.

— Não sou uma... — comecei, com a cabeça ainda balançando. — Na verdade, eu não... — Olhei em volta. — Não há nada simples?

— Simples? — perguntou Rue, incapaz de imaginar o que eu queria dizer.

Dei um giro de trezentos e sessenta graus, examinando visualmente as estampas tropicais. É claro que, obviamente, eu sabia que não havia chance de encontrar uma camiseta preta e uma seção de *jeans* em uma butique de roupas tropicais. Mas tinha que haver, ao menos, uma ou duas peças que não tivessem sido desenhadas por alguém sob o efeito de drogas psicodélicas.

Estiquei o pescoço para ter uma visão melhor, esforçando-me para vislumbrar, talvez, algo que fosse azul-marinho.

— Na realidade, não sou mesmo uma pessoa de cores vivas.

No entanto, Rue me olhou de cima a baixo.

— Querida, a vida é curta. Vamos dar um jeito nisso. — O pânico estava se instalando em mim. Onde estava a porcaria da minha mala? Em vão, olhei pela janela da frente, como se alguém do aeroporto pudesse chegar aqui agora, dar um grito e jogá-la na calçada. — Certo, certo — disse Rue, lendo meu rosto e cedendo. — Você não gosta de cores.

— Gostar de cores, eu *gosto*. Apenas não *as uso*. Em mim mesma. E, além disso — acrescentei, agora balbuciando rápida e incoerentemente —, são *montes* de cores. Certo? É como se Lilly Pulitzer tivesse vomitado aqui. Depois de comer uns limões-galegos passados. E tomado ácido. Em férias tropicais.

Rue não estava disposta a aceitar nada disso.

— Basta pensar que essa roupa é como um roupão. Você já usou um roupão antes. E tem algum em casa, não tem? — Concordei, balançando a cabeça, só que muito solenemente. — Não me diga — disse Rue, lendo meu rosto. — O roupão que você usa em casa é preto.

— Cinza-carvão. — E balancei a cabeça, com uma onda de saudade.

Estariam meus olhos se enchendo de lágrimas?

— OK — disse Rue, aceitando que não conseguiria me deixar empolgada tão cedo com cores assim tão vibrantes. Ela ergueu o cafetã de novo. — Só por um tempo. Apenas temporário. É melhor que ficar nua, não?

Finalmente, algum acordo.

— É melhor que ficar nua — admiti.

Rue nos manteve focadas, conduzindo-me até os provadores.

— Basta vesti-lo enquanto lavamos e secamos seu — uma pequena pausa aqui — modelito. Então, logo, logo, você estará de volta ao seu antigo eu.

Ela me deu um tapinha no ombro conforme eu desaparecia por trás da cortina do provador.

Temporário, pensei, *tudo bem*. Então: *melhor que nua*.

O provador parecia estranhamente menor que o normal, até que descobri o porquê.

— Não há espelhos aqui? — perguntei a Rue por trás da cortina enquanto desabotoava meu *jeans*, notando que minha calcinha (preta) manchada de café ainda estava molhada.

Será que devo tirar isso também?, eu me perguntei, pensando que talvez não devesse manchar a mercadoria com café. Por fim, acabei enrolando cuidadosamente sutiã e calcinha na camiseta e coloquei a pilha em um banquinho, com meus tênis por cima; então, sentindo-me mais nua do que jamais me sentira em toda a vida, levantei o cafetã sobre meu corpo desprovido de roupas íntimas, deixei-o cair sobre a cabeça e o vi ondular como um paraquedas de seda.

— A dona da loja não acredita em espelhos — respondeu Rue. Em seguida, prosseguiu com informação não relacionada: — Peguei uns chinelos para você.

— A dona não *acredita* em *espelhos*? — perguntei, ajustando-me ao frescor úmido da seda.

— Ela acha que a moda deve ser mais sobre como você *se sente* do que sobre como você *aparenta*.

Que ideia chocante.

Em tom de *Podemos ser mais espertos que essa lunática*, perguntei:

— Você tem espelho de bolsa?

— Acontece que concordo com ela — disse Rue. E, naquele instante, foi que percebi: Rue... era a dona da loja.

Enfiei a cabeça para fora da cortina.

— Rue — disse eu, apertando os olhos para ouvir sua inevitável resposta —, *você* é a dona?

— Claro que sim, querida — respondeu ela. — Agora, saia daí. — Com relutância, saí vestida em um longo cafetã drapeado que ia dos ombros aos tornozelos, com mangas boca de sino, em seda laranja e branca, *estampado-de-forma-tão-agressiva-que-era-quase-violento*. Senti como se meu corpo tivesse sido sequestrado. — Impressionante! — proclamou Rue, apreciando o que via. — Como você se sente? — A *única* palavra que me veio à mente foi "surreal?". — Não pense — disse Rue, dando a entender que eu estava fazendo algo errado. — Apenas *vivencie*.

Parei por um segundo. Então disse:

— Minha vivência me parece surreal.

— Experimente girar — disse Rue, como se isso pudesse ajudar.

— Em círculos?

— Sim — disse ela, virando-me pelos ombros para me fazer rodar. Fiz isso, só que pesada e desajeitadamente. — Mais rápido — disse Rue.

Obediente, girei mais rápido. Afinal, ela era minha nova senhoria. Então, aconteceu uma coisa divertida: o tecido começou a deslizar no ar e a flutuar para cima, em torno das minhas panturrilhas, como um cata-vento. Por um momento, até ficar tonta e parar, senti várias coisas para lá de esquisitas: o piso de madeira lisa sob os pés descalços, o vento girando em torno das minhas pernas, a sensação muito bizarra (mas não totalmente desagradável, para ser honesta) de *não estar de calcinha*... e, enquanto olhava o tecido brilhoso esvoaçando abaixo, uma centelha daquele prazer que você só pode ter ao vislumbrar algo belo.

Prazer autêntico, apenas durante meio segundo.

Estava ali e, depois, mais nada. Como um vaga-lume.

Enquanto eu parava e observava todo o tecido assentar-se ao meu redor, Rue segurava um grampo de cabelo com uma flor de hibisco rosa-choque colada a quente.

— Quero pentear seu cabelo para cima — disse ela, e nem me ocorreu protestar.

Então, enquanto ela torcia meu cabelo, eu disse:

— Rue, desculpe-me o comentário sobre Lilly Pulitzer. De antes.

Rue me deu um tapinha no ombro, como se isso não a tivesse incomodado em nada.

— Nem pense nisso — disse ela. — É muita coisa para uma cromófoba.

— Para uma... o *quê*? — Rue apenas balançou a cabeça. — Que tipo de fobia? — perguntei outra vez.

Então, gentilmente, Rue explicou, como se estivesse dando a notícia do meu diagnóstico:

— Cromofobia é o medo de cores.

— Não tenho cromofobia!

Mas Rue me deu um minuto para considerar o que havia dito.

Pensei em todas as cores neutras do meu apartamento. Minha sala de estar cinza-ancoradouro, minhas cortinas cor de abalone e meus armários cor de café com leite. Para não falar de minhas roupas íntimas pretas. Então, pensei nas almofadas laranja de Beanie, que ainda estavam (para sempre) empilhadas em meu armário.

— Não tenho *medo* de cores. Apenas não as uso. Não as aprecio nem as uso em minha casa. Não gostar de cores não é a mesma coisa que ter medo de cores.

Rue assentiu como se fosse mais do tipo amorosa do que do tipo combatente.

— Talvez devêssemos comer alguma coisa — disse ela. Em seguida, cortou as etiquetas do cafetã e deixou cair aos meus pés um par de chinelos de *strass*.

— Tenho meus tênis — comecei a protestar, mas Rue já os estava juntando, com todo o restante, nos braços.

— Vou jogar *tudo* na máquina de lavar — disse ela, desaparecendo em direção a uma sala nos fundos e me deixando sozinha na loja.

Sozinha, com Bob Marley ainda tocando *reggae* nos alto-falantes.

E isso sem sutiã e sem calcinha, com um hibisco de seda no cabelo.

Não estávamos mais em Dallas, por assim dizer.

Enquanto esperava Rue voltar, deixei-me flutuar em torno da peça, tocando preguiçosamente os tecidos conforme meu cafetã de seda fazia cócegas na pele das minhas panturrilhas, sem mais nada a fazer senão experimentar meu corpo de maneira totalmente nova. Beanie ouviria muito a respeito disso mais tarde, se eu sobrevivesse para contar a história.

Pelo menos, graças a Deus, não havia mais ninguém na loja.

Então, como se eu tivesse dado uma deixa, a porta do estabelecimento se abriu, com um tilintar dos sinos da maçaneta.

E entrou um homem.

Um homem que eu poderia chamar (antes mesmo de vê-lo por completo) de muito... alto.

Hum, um metro e noventa, decidi na hora. Apostaria dinheiro nisso. Ele tem um metro e noventa, muita energia militar e é... viril.

Eu já havia usado a palavra *viril* para descrever alguém antes? As pessoas ainda usavam essa palavra? E, no entanto, ela estava bem ali. Eu a senti do jeito que sentiria o calor de um incêndio.

Quanto exatamente de altura (e de *virilidade*) esse cara tinha que ter para eu sentir tudo isso *sem nem mesmo olhar direto para ele*?

Desastre, sem dúvida! Quer dizer, poderia ter entrado alguém pior nesse momento? Eu o teria trocado, com alegria, por qualquer outro tipo de intruso. Uma avó cega funcionaria muito bem! Uma mãe distraída no celular! Uma criança míope com lentes grossíssimas!

Qualquer pessoa, menos esse cara!

Ai, meu Deus! E eu estava sem calcinha!

Fiquei bem imóvel. Talvez as cores vivas possam funcionar como camuflagem?

Ou, talvez, se tivesse muita sorte, ele pensaria que eu era um manequim.

E, sabe, essa não era a pior ideia do mundo. Mantive os olhos no chão e enrijeci as articulações. Eu estava bem ao lado do caixa, perto do balcão de bijuterias. Um lugar perfeito para um manequim. As pessoas não prestam atenção em lojas, de qualquer modo, disse eu a mim mesma. Esse homem viril certamente tinha as próprias compras urgentes de roupas de praia para fazer.

Tentei não respirar. *Seja o manequim*.

O que esse cara estava fazendo aqui?

Não importa, não importa! *Basta ficar parada*.

Então, quando eu estava ousando torcer para dar tudo certo, ele deu um passo mais próximo de mim, me olhou e disse:

— Olá.

Sua voz tinha apenas uma pitada de aspereza. Meio que de lixa de madeira.

Como se bastasse ouvi-la o suficiente para se acalmar.

De uma maneira muito boa mesmo.

Isso resolveu tudo. Eu teria que começar a mover os membros. Mas marquei o limite no contato visual.

— Olá — disse eu ao piso.

— Estou procurando Rue — disse ele. — Ela está por aqui?

— Está na parte de trás — consegui gritar. Minha garganta estava se fechando? Será que *não estar vestindo roupas íntimas* em um momento como esse poderia me fazer sufocar?

— Obrigado — disse ele, batendo duas vezes a palma da mão no balcão de bijuterias, antes de seguir nessa direção. Acho que, na realidade, estava

prendendo a respiração quando ele se virou para trás, ainda andando, e disse: — Grande hibisco, a propósito.

Hibisco? Levantei os olhos.

E lá estava ele.

Meu olhar se prendeu ao dele como ímã. Então, todas as questões de altura, virilidade ou qualquer outra coisa desapareceram. Tudo que pude ver, a princípio, foi seu rosto, dominado por olhos grandes, escuros e sérios. É claro que os olhos não são uma característica incomum nas pessoas. Porém, nunca tinha visto um par que fosse tão castanho-amanteigado nem uma mistura entre simpático, intrigado e... de alguma forma, melancólico.

Seria pelo formato deles? Ou pelo leve franzido entre as sobrancelhas?

É possível sorrir e franzir a testa ao mesmo tempo?

Aparentemente, sim.

Outras características apareceram depois disso. Pele bronzeada, com boca vermelho-ameixa e mandíbula definida que puxaram meu olhar até um pomo de adão verdadeiramente hipnotizante.

Eu já havia sido hipnotizada por um pomo de adão antes?

Ou mesmo notado algum?

Tenho certeza de que esse contato cara a cara durou apenas um segundo. Mas foi como o efeito de tempo suspenso ao estilo *Matrix*, como se eu estivesse observando o ângulo das sobrancelhas, a inclinação do nariz e a profunda intensidade daqueles olhos, quadro a quadro, em câmera ultralenta.

Não foi amor à primeira vista. Ninguém se apaixona por uma pessoa que nem conhece.

Mas foi... alguma coisa.

Desejo à primeira vista, talvez? *Ânsia?*

Tesão?

Aquele rosto dele era *lindo*.

Eu me senti totalmente arrebatada pela visão daquele rosto.

Queria comprá-lo, possuí-lo e levá-lo para casa.

Então, com o que só poderia ser descrito como o sorriso mais charmoso, sincero e quase imperceptível de toda a história, o cara tocou a parte de trás da própria cabeça (e, sim, era um corte militar mais longo na parte mais alta da cabeça) para indicar o grampo de cabelo de hibisco. *Grande hibisco*.

Ah.

— Obrigada. — E, como uma perfeccionista incorrigível, acrescentei mais algumas sílabas: — Rue o escolheu.

— Sem dúvida — disse o cara, como se Rue enchesse de flores todas as pessoas que conhecia.

Por que tudo estava acontecendo em câmera lenta?

Por que aqueles olhos melancólicos eram as coisas mais sonhadoras que eu já tinha visto?

E, quando ele me deu um pequeno aceno de despedida e saiu para procurá-la, por que (apesar de tudo) senti um lampejo momentâneo de desejo que ele ficasse?

Perguntas para reflexão.

Em especial quando percebi algo mais sobre aquele rosto.

Eu já o tinha visto antes.

Aquele rosto lindo, aqueles olhos sérios, aquela aura hipnotizante... pertenciam a Tom Hutcheson. Também conhecido como Puppy Love. Também conhecido como Hutch.

Hutch: irmão de Cole. Sobrinho de Rue. Resgatista do cachorro de Jennifer Aniston.

Hutch. O carrancudo. O *hater do amor*. O cara cujo perfil eu estava aqui para fazer.

Pus a cabeça no tampo de vidro do balcão de bijuterias e tentei continuar respirando, imaginando se meu novo entrevistado era o ser humano cientificamente mais bonito que eu já vira na natureza... e esperei que Rue aparecesse. E isso ela fez, mil horas depois, e me encontrou *ainda lá*, caída sobre o balcão, só para dizer:

— Oh, querida. Você deve estar *morrendo de fome*.

Cinco

O CAFETÃ ERA um desastre total.

Na realidade, senti isso desde o início. *Isso não vai acabar bem*.

Corte brusco para mim: na manhã seguinte, acordei com o cabelo de quem acaba de sair da cama, de pé, no meu adorável bangalô de motel vintage de trinta metros quadrados, em uma camiseta folgada com a inscrição LIFE'S A BEACH (também da Vitamin Sea), com a qual dormi, concentrada no que só pode ser descrito como um impasse ao estilo *spaghetti Western*, com...

Um maiô novinho em folha.

Pendurado de maneira muito agressiva em um cabide preso a um gancho perto do espelho.

Conversei com Beanie por vídeo, antes do trabalho, para uma consulta de emergência.

— Então — dizia Beanie enquanto extraía detalhes essenciais do discurso verborrágico de cinco minutos com o qual eu acabara de acordá-la — você perguntou a essa senhora sobre aulas de natação, e agora ela está forçando você a fazer uma aula de natação? *Hoje, agora de manhã?*

— Mais ou menos.

Uma descrição mais precisa poderia ser: ela me convidou enfaticamente a acompanhá-la. Mas forçar também captou um pouco da vibração.

— E ela comprou um maiô para você?

— *Ela me deu* um maiô — corrigi. — Como se fosse um presente. Da butique dela de roupas tropicais.

— Isso foi gentil da parte dela.

— Gentil demais — concordei.

Beanie baixou a voz.

— Ah, entendi. Você o odiou.

— Eu não o odeio. Apenas odeio o jeito que ele está olhando para mim.

— Como é esse — e aqui ela fez aquele gesto que indica uma citação entre aspas — "olhando para você"?

— Como se ele fosse o predador, e eu, a presa.

— Isso parece melodramático — disse Beanie.

— A questão agora é que tenho que *vesti-lo*.

— Então, tá — disse ela, preparando-se para o impacto. — Mostre- -me o maiô. — Toda profissional, girei o telefone até que a peça ameaçadora estivesse enquadrada. Se estava esperando validação, me dei mal: — Mas do que você está falando? — perguntou Beanie, perplexa. — Ele é uma gracinha!

O maiô tinha visual vintage de *pin-up*: era uma peça única vermelha, de bolinhas, frente única, decote meia-taça e saia plissada curtinha na parte inferior.

Se é que algo que mal cobre as partes íntimas realmente pode ser chamado de saia.

— Só se for uma gracinha *em teoria*.

— Vista-o — ordenou Beanie.

— Não quero. Essa é a verdade. Não quero, de jeito nenhum. E a aula está prestes a começar.

— Faça isso de uma vez por todas — insistiu Beanie.

— A questão é que estou olhando para ele há quinze minutos e não consigo.

— Por que não? — perguntou Beanie.

— Uma sensação esquisita no meu peito parece me deixar paralisada.

— Que sensação é essa?

— Acho que é medo.

— Você está *com medo de um maiô*?

Tornei a virar o telefone para poder fazer contato visual e disse:

— Quer dizer, não acho que ele vá ganhar vida e me estrangular, ou algo assim. Só... não quero usá-lo. — Beanie me lançou um olhar furioso. Mas me defendi. — Não aja como se isso fosse ridículo.

Suavemente, esperando não ferir meus sentimentos, Beanie disse:

— *É* ridículo.

— Ei, alto lá! — disse eu. — Não preciso do seu julgamento.

— Acho que só não entendo o problema. É vermelho. É divertido. Tem aquele decote bonitinho. — Nada disso resolvia nada. Beanie continuou: — As pessoas usam trajes de banho o tempo todo. E está tudo bem.

— Não para mim.

— Mas por que não?

— Porque... — Eu nunca tentara articular isso antes. — Porque é como estar nua.

— Mas você *não* está nua de maiô — protestou Beanie. — Está de maiô. Todas as coisas importantes estão cobertas.

— Não para mim.

— O que mais você quer cobrir?

— Você sabe — respondi, fazendo um gesto largo com a mão. — Só... tudo.

Beanie pensou sobre isso.

— Então aí há uma vergonha relacionada com sua madrasta — disse ela.

— Com certeza.

— E alguma autocrítica.

— Sem dúvida.

— Você não acha que está sendo um pouco dura consigo mesma agora?

— Não sou a única mulher no mundo com problemas de autoimagem — respondi.

— Mas talvez seja a única que está num impasse com um maiô.

— Você não está ajudando.

— Não seja uma daquelas mulheres que insistem em pensar que são feias — disse ela.

— Não acho que sou feia. — Então, em tom muito mais baixo e talvez esperando nem ser ouvida, acrescentei: — Mas outras pessoas poderiam achar.

Beanie não acreditou.

— O quê?!

Eu seria reprovada em seu esforço pela causa feminista.

— Desculpe! — disse eu, percebendo o que ela queria dizer. — Prefiro apenas desfilar com confiança pela cidade, sem dar a mínima para o que vão pensar. (E isso eu *faço*! Quase sempre! Quando estou de *jeans*! Mas de *maiô*... É como ser um cavaleiro sem armadura. Um *quarterback* sem capacete. Um caranguejo-eremita sem casca!) — Nesse instante, vi uma maneira de mudar de assunto: — Você viu aquele artigo, não viu? Como os caranguejos-eremitas estão começando a *preferir* o lixo às conchas de verdade? Estão usando tampas de garrafa e detritos de PVC. E, aparentemente, esse plástico todo não é saudável para eles!

— Não mude de assunto. Aquele maiô maravilhoso não é lixo. E, a propósito, você não é nenhum caranguejo-eremita.

— Mas ele é tão *vulnerável* — disse eu.

Mas será que *vulnerável* era mesmo uma palavra suficientemente vulnerável?

— Eu não sabia que você era tão dura consigo mesma — disse Beanie, como se estivesse revisando tudo o que pensava a meu respeito.

— Não sou! Em geral. Em noventa e nove por cento do tempo, estou superbem, à vontade e até feliz sendo eu. *Contanto que possa continuar vestida*.

Isso era razoável, não?

Só que agora Beanie estava me avaliando.

— O nível do que você está sentindo no momento não parece meio... *intenso*? — Eu não tinha certeza. *Era mesmo*? — Talvez seja mais do que apenas *problemas*. — Beanie agora estava balançando a cabeça. Ai, meu Deus! Pela cara dela, em seguida viria um diagnóstico. E, então, ela disse, animada: — Talvez seja fobia!

— Olha, normalmente, estou bem. Não chego perto de maiôs e fico bem.

— Uma vida passada evitando trajes de banho? Isso, de fato, soa como fobia, não?

Aquilo soou um pouco forte.

— Não é *fobia* — disse eu. — É uma reação feminina normal ao fato de ter um corpo comum e imperfeito, num mundo invadido pelo Photoshop e pela IA.

— Normal para *você*, talvez.

Porém, eu me defendi.

— A questão é que estou aqui a trabalho. Estou aqui para fazer um vídeo promocional incrível e salvar meu emprego. Não estou aqui para uma competição de maiô! Nem para me inscrever em algum tipo de desfile da *Sports Illustrated*! Nem para libertar minhas coxas na natureza!

Mas agora Beanie pesquisava no Google.

— Pergunta: você sabe que é loucura ter medo de um maiô?

— Claro que sim!

— Bem, pelo menos não é psicose — disse Beanie.

— Beanie! — implorei, de olho na hora. — Isso é sério.

— Estou falando sério. O que você está descrevendo realmente soa como fobia. — Ela se calou por um segundo. — E estou apenas verificando de novo, mas tenho certeza de que a cura para as fobias é... Sim. A cura para uma fobia é fazer aquilo de que você tem medo.

— *Fazer* o que me dá medo?

— Sim. O fato de você ter medo de vestir o maiô significa que você tem que vestir o maiô. — Meus ombros desabaram. Isso era Beanie no auge de um de seus clássicos. — Chama-se terapia de exposição — prosseguiu ela. — Você tem que fazer a coisa assustadora várias vezes, até parar de ter medo dela.

— Mas... — disse eu, tentando fazer minha voz soar equilibrada: — eu não quero.

Olhei para o maiô, e ele olhou para mim.

— Olhe — continuou Beanie —, antes você estava apenas com medo. Mas agora tem um diagnóstico da internet. E um propósito maior. Agora — disse ela, como se isso mudasse tudo — é a jornada do herói. Você vai acabar com seus medos de longa data. — Beanie esperou o máximo que pôde para que eu embarcasse nesse novo conceito. Por fim, disse: — Você não acabou de dizer que essa aula de natação estava cheia de senhoras de 80 anos?

Certamente mencionei isso em algum lugar no meu monólogo de abertura.

— Hum-hum.

— Problema resolvido! Lá, suas coxas serão as mais bonitas — disse Beanie.

DOIS MINUTOS DEPOIS, eu estava enfiando uma perna longa, nua e imperfeita, e, depois, a outra, naquele maiô esquecido por Deus… enquanto tentava me animar.

Eu podia fazer isso! Não era tão impossível! Posso não ser boa em *trajes de banho*. Mas era *muito boa* em fazer o que precisava ser feito! Era boa em atingir metas. Talvez um propósito maior fosse exatamente do que eu precisava o tempo todo.

Puxei o maiô para cima, ajeitei as alças nos ombros. Em seguida, enrolei uma toalha de praia na cintura, como um sarongue. Então, com inspiração profunda de autoencorajamento, peguei o grampo de hibisco que Rue me dera e o prendi no cabelo, logo acima da orelha. Depois, pus um chinelo de strass na frente do outro e saí pela porta do meu bangalô, cruzei a pequena varanda, desci a escada, segui pelo caminho e passei pelas palmeiras do jardim (torcendo por mim o tempo todo), até chegar a um deque de madeira perto da piscina, onde as senhoras estavam reunidas antes da aula enquanto esperavam pelo salva-vidas, que também era o instrutor de natação.

Lembrava um pouco uma experiência fora do corpo, mas continuei mesmo assim.

Terapia de exposição. Seria boa para mim.

E, só para constar, o grupo de senhorinhas era o mais fofo que eu já tinha visto na vida (e não estou exagerando). Um grupo que eu viria a conhecer como As Meninas.

Eu estava com tanto medo de passar por lá. Esperava uma cova de leões e, em vez disso, me vi cercada de cordeirinhos: mulheres de olhar bondoso, com *vibe* de vovós, que arrulhavam saudações de boas-vindas enquanto Rue me dava um abraço.

Elas eram todas sorrisos e cores, enfeitadas da cabeça aos pés em roupas tropicais vibrantes, vestidas como um bando de beija-flores. Beija-flores que acreditavam que a cor era a resposta para tudo, e que possivelmente tinham desconto para amigos e familiares na Vitamin Sea. Todas elas eram viúvas (com exceção de Ginger, que era amiga de Rue desde a infância) e haviam se conhecido quando Rue dava um curso de escrita para diários chamado "Alegrias do Luto".

Isso foi há sete anos. De lá para cá, as quatro se tornaram um grupo unido (viajavam, faziam compras, iam a matinês), e, uma a uma, todas acabaram se mudando para os bangalôs de Rue. Os delas ficavam lado a lado. Elas preparavam jantares em grupo, muitas vezes churrascos ao ar livre, quando o tempo estava bom, e sempre conversavam com outros hóspedes da Starlite à beira da piscina.

"Metade lar de repouso, metade resort." Foi assim que Rue descreveu a propriedade ontem. Um pequeno milagre de viver sua melhor vida.

Rue liderou as apresentações com detalhes básicos para começarmos: a amiga de infância, Ginger, com o cabelo ruivo desbotando para loiro em um corte *bob* sensato, era promotora aposentada. Benita, que imigrara da Argentina para o arquipélago de Florida Keys com o marido, administrou um restaurante durante trinta anos, antes de passá-lo para os filhos. Nadine, emigrante da Jamaica, era uma bibliotecária que lia cem romances por ano e escolhia todos os livros para o clube do livro da Starlite. Sem mencionar a própria Rue, em um maiô rosa-choque que combinava com os óculos de hoje, envolta em uma saída floral transparente que esvoaçava ao vento.

Uma escalação da pesada.

Aqui estavam elas: prontas para nadar.

Foi um alívio e tanto. Achei que não conseguiria. Mas aqui estava eu. E não foi tão ruim. Talvez eu me chocasse muito se acabasse amando fazer natação, pensei.

Até que vi Rue esticar a mão para acenar para alguém.

Segui seu sorriso e então vi, destravando o portão da cerca…

Hutch.

O mesmo Hutch de ontem.

O próprio *hater* do amor. E o cara com os olhos mais tristonhos que eu já vira.

Estava parecendo muito que ele seria… nosso instrutor de natação.

Olhei em volta, em pânico. Porque Hutch, o nadador de resgate, era *a única pessoa* em Key West com quem eu não podia fazer aulas de natação.

Além do constrangimento de estar perto de *alguém tão belo* quando você se sente exatamente o oposto, e além da estranheza de estar quase nua diante de uma pessoa com quem você está prestes a trabalhar profissionalmente…

Hutch não podia saber que eu não sabia nadar.

Porque eu tinha *omitido* isso para conseguir o trabalho que ele nem sabia ainda que era meu.

Era complicado em muitos níveis. Mas, em especial: depois que soubesse que eu iria fazer o vídeo promocional, Hutch provavelmente poderia causar minha demissão. Por ter mentido, na falta de outra razão.

Dado todo sigilo em torno de eu assumir o lugar de Cole, não foi difícil intuir que Hutch poderia não ficar muito animado ao descobrir que eu era sua nova cinegrafista.

Haveria alguma maneira de escapar?

Porque, quanto menos ele soubesse sobre mim, melhor.

— Bom dia, senhoras — disse Hutch.

Hoje dei uma boa olhada nele. Sim, sua altura era perfeita. E vestia *shorts* e chinelos... e mais nada. Além disso (e não estou exagerando), era *um espécime da perfeição humana*.

Só que de uma forma normal, se é que isso é possível.

Como alguém que, por acaso, realmente faz muito bom uso do próprio corpo.

Os músculos eram sólidos. Os músculos da panturrilha eram — não sei — como algo saído de um livro de anatomia? Eu juraria que ele havia sido esculpido em mármore por algum grego antigo muito atencioso se seu tom de pele não fosse tão... amanteigado? Como se tivesse sido assado ao forno com perfeição de dar água na boca?

Sacudi a cabeça para reiniciar. Esse cara era meu trabalho. *Concentre-se!*

Mas eu nem tinha me ajustado ao visual do próprio Hutch quando levei outro choque.

Depois que abriu o portão, Hutch foi seguido pelo maior dos cachorros que eu já tinha visto; era do porte de um cavalo.

— Hutch! — todas as senhorinhas começaram a chamá-lo. — Venha conhecer sua nova aluna!

Quais eram as opções mesmo? Lutar, fugir ou congelar?

Fugir teria sido uma ótima opção. Lutar também poderia ter funcionado um pouquinho. Mas, em alguma vida anterior, devo ter sido um animal de rebanho, porque, mais uma vez, congelei.

E congelei completamente.

Hoje não seria necessário nenhum método de representação. Eu *era* um manequim.

O que estava acontecendo? Eu me senti como se tivesse sido enganada. Jamais teria me inscrito em nenhuma aula, num raio de cento e cinquenta quilômetros daqui, se soubesse que *Puppy Love* era o instrutor!

E, no entanto, aqui estávamos.

Mentalmente, preparei-me para o impacto.

Em algum momento, esse mar de senhorinhas iria se separar, e ele me veria (e aqui farei uma pausa para chorar um pouco) *de maiô*.

Soprei um beijo mental na minha toalha de praia por ser a última coisa que havia entre mim e o desespero total.

Na realidade, não sei como dizer em palavras do que eu sentia medo naquele instante. De fato, não pensei que esse homem fosse fazer qualquer coisa estranha quando me visse. Ele não ia tapar os olhos com as mãos, como se tivesse acabado de ver um ciclope, se curvar e começar a vomitar, nem dar meia-volta e sair berrando da piscina.

Ele era nadador de resgate! Profissional! E também, aparentemente, instrutor de natação para pessoas de 80 anos. Já conhecia a forma humana em muitas (*muitas*) variações.

Do que eu realmente tinha medo?

Se eu realmente for honesta… se realmente pensar nisso… Acho que foi só a ideia de que ele (ou, para dizer a verdade, qualquer pessoa) pudesse me ver do mesmo jeito que minha madrasta me via. Que pudesse me encontrar ao ar livre, tão exposta, deixando tão pouco à imaginação… e me achasse… repulsiva. Ou qualquer outro antônimo de atraente. Insuportável. Irrecuperável. Desagradável. Inaceitável. Abominável.

Era isso. Essa era a fobia.

Ficar exposta, em plena luz do dia, sem ter onde me esconder, e então ser… rejeitada. Por qualquer um. Até mesmo por um estranho.

Neste caso, um belo estranho (mas ainda assim).

Eu não tinha medo de *maiôs*. Tinha medo de *ser vista*.

Passei a vida toda evitando momentos iguais a esse. E, por ironia, estava acontecendo logo aqui.

Pensei que poderia morrer. Então, fiquei decepcionada quando não morri. Porque houve uma reviravolta, e as coisas não saíram conforme a expectativa.

O mar de senhorinhas *se dispersou*, e *fiquei abandonada*, sozinha, totalmente indefesa, vestida em trajes sumários, com as clavículas, os ombros e os braços expostos ao mundo. No entanto, antes que Hutch pudesse levantar o olhar para me ver...

Seu cachorro, do tamanho de um cavalo de raça, me viu primeiro. E partiu em galope. Direto para mim. Bem na minha direção. Para passar por cima de mim.

Gosto de cachorros. Sou "cachorreira".

Mas, se estava achando que apenas ficar parada de maiô era assustador, eu precisava de alguns lembretes urgentes sobre o medo. Essa fera *se lançou* (com os lábios flácidos batendo, as orelhas ondulando, os dentes à mostra, as patas gigantescas e desajeitadas) e atravessou o deque de madeira direto para o alvo.

Eu.

Não dava tempo de correr nem mesmo de me abaixar. Aconteceu tão rápido que todos nós só ficamos parados, olhando. O cachorro se arremessou em minha direção, e só dei por mim quando ambos já derrapávamos pelo deque de madeira e deslizávamos até a parada final, em cima de alguma espécie de monte.

O que deixou minha amada toalha de praia largada, sem vida, muitos metros atrás de mim.

Para não falar do meu grampo de hibisco.

O cachorro, imperturbável, já estava de pé, lambendo meu rosto, enquanto eu tentava me adaptar ao arranhão na parte de trás da minha perna. Ou talvez fosse meu quadril. Ou minha bunda. Provavelmente, tudo isso. Existe um termo para esse lugar na parte externa traseira dessa área da coxa-quadril-bunda?

A única palavra que me veio à mente foi *traseiro*.

Seres humanos *tinham* traseiros?

Uma coisa era certa. Era uma parte real do corpo, e agora estava repleta de farpas da madeira do deque.

Hutch estava lá em segundos e me ajudou a me sentar e a me levantar.

— Sinto muito — disse ele, surpreso, olhando para o meu rosto com aqueles olhos escuros e melancólicos e uma franzida de testa inegavelmente preocupada.

Atordoada, pensei em Cole dizendo que franzir a testa era o *hobby* favorito de Hutch.

Tão característico dele.

Mas Hutch ainda estava se desculpando.

— Ele nunca corre para ninguém além de mim.

— Será que ele achou que eu ia pegá-lo? — perguntei, agora eu franzindo a testa.

— Ele é um dogue alemão, mas acha que é um chihuahua.

Ao ouvir todas as mulheres repreendendo o cachorro, percebi que seu nome era George ou Bailey. Ou ambos.

— Onde dói? — perguntou Hutch.

— Está tudo bem — insisti, embora todo meu quadrante traseiro estivesse ardendo como fogo. — Está tudo bem.

Mas foi em vão. Hutch agora estava acompanhando a mim e ao meu maiô até uma área com poltronas, para poder (e fico tão horrorizada ao dizer isso quanto você deve ficar ao ouvi-lo) *examinar meu ferimento*.

— Ah, não. Não há necessidade disso — disse eu, enquanto Hutch me fez me inclinar para a frente, sobre uma mesa, com a bunda para trás.

— Vamos precisar de uma pinça — eu o ouvi dizer a alguém.

— Estou muito bem — protestei de novo, assim que Ginger apareceu com a almofada de uma das cadeiras da piscina sobre a qual me inclinar.

— Deixe-o ajudá-la, querida — disse Benita. — Ele sabe o que está fazendo.

Hutch puxou um banquinho para se sentar e poder se aproximar, para dar uma boa olhada no que (OK, vamos chamar traseiro de traseiro) só poderia ser classificado como *grande parte da minha bunda*.

Em seguida, Rue apareceu com uma pinça e um *kit* de primeiros socorros para Hutch (e uma taça de champanhe para mim).

— Pela dor — disse ela, em tom conspiratório, enquanto me dava um tapinha no ombro.

Virei a taça de uma vez como um soldado das antigas bebendo uísque antes de uma amputação após a batalha.

A multidão suspirou e deu gritinhos de pena quando se aproximou para olhar.

— Está muito ruim? — finalmente perguntei.

— Você está parecendo um cacto — disse Benita.

— Quer que alguém tire uma foto e envie a você? — perguntou Ginger.

— Ai, meu Deus, por favor, *ninguém* vai fazer isso — implorei.

— São apenas algumas farpas de madeira — disse Hutch.

— Quantas? — exigi.

— Quarenta? Cinquenta?

Essa não era a definição de *algumas*, mas tudo bem.

Então, ouvi sua voz mudar quando ele se dirigiu à turma.

— Senhoras, por que não começam sem mim? Vamos ficar aqui por algum tempo.

— Você não precisa fazer isso! — protestei da minha posição sobre a almofada. — Posso fazer sozinha.

— A menos que seja contorcionista, realmente não acho que você possa — disse Hutch.

— Rue pode fazer isso! — insisti. — Não é, Rue?

Mas Rue já estava na piscina.

— Eu adoraria, querida — disse ela —, mas ver esse tipo de coisa me deixa muito nervosa.

Derrotada, desmaiei sobre a almofada.

— Não se preocupe! Ele pode não ser de falar muito, mas é ótimo quando se trata de primeiros socorros! — disse Nadine.

Lá embaixo, debaixo da mesa, a fera que havia feito isso comigo estava se acomodando numa pose de leão, como se nada tivesse acontecido.

Durante um milissegundo, achei que esse cachorro havia me salvado. Se tivesse parado um pouco antes, eu poderia me esconder totalmente atrás de seu torso gigantesco, até a hora de escorregar para a piscina. Ele poderia ter sido minha salvação.

Mas agora, é claro, enquanto minha preciosa toalha de praia estava esquecida no deque como uma água-viva morta, e enquanto Hutch se inclinava tão perto para espiar meu traseiro, *a ponto de eu poder sentir sua respiração na minha pele*, ficou claro que esse cachorro era o oposto. Ele me atirou para fora da frigideira e para dentro do fogo do inferno da mais profunda humilhação.

Todo aquele pavor que senti ao pensar em como esta manhã iria se desenrolar?

Eu deveria ter dobrado.

Espere aí. *Triplicado*.

As senhoras começaram a mergulhar na piscina, e Hutch começou a trabalhar nas farpas, encostando-se na parte inferior das minhas costas para se apoiar.

Uma fala de um dos meus filmes favoritos passou-me pela cabeça: *Estou tentada a me casar com ele para poder contar às pessoas como nos conhecemos*.

Senti os leves beliscões da pinça e o roçar quase constante de seus dedos enquanto ele apalpava as bordas. Juro por Deus: o rosto de Hutch ficou a quinze centímetros da minha bunda o tempo todo.

Se é que não foi ainda menos que isso.

— Você estava na loja ontem — disse Hutch, iniciando uma conversa daquele jeito Vamos-fingir-que-nada-disso-é-estranho que a ginecologista adota quando pega as pinças de salada.

— Pois é — disse eu, para cooperar.

— Você estava usando uma das roupas... de Rue.

Bem, isso foi sagaz. Uma oportunidade para eu dizer:

— Minhas roupas habituais estavam na máquina de lavar.

— Você estava parecendo um Orange Crush.

Estaria ele me provocando?

— Isso é um elogio?

— Acho que depende.

— De quê?

— De você gostar de Orange Crush.

Então, esse era Hutch. Agora que estávamos nos conhecendo (se é que se pode chamar de *conhecido* um homem com quem eu mal trocara duas palavras enquanto ele retirava farpas das minhas partes baixas), eu me peguei revisando as informações prévias de Cole sobre o irmão. Segundo Cole, Hutch era sério, jamais brincava e quase nunca falava. Era ex-escoteiro, ex-representante de classe do ensino médio, epítome do adulto responsável e alfa total.

Cole me avisou que nada em Hutch era, de jeito nenhum, divertido. No entanto, aqui estava ele me provocando um pouco.

Talvez tenha sentido meu pânico. Ou talvez tivesse alguns próprios.

— Realmente sinto muito por tudo isso — disse ele em seguida. — Para ser sincero, nunca vi meu cachorro fazer algo assim. E olha que estou com ele há mais de um ano.

Olhei para o cachorro embaixo da mesa, agora descansando a cabeça nas patas.

— O nome dele é George? — perguntei, estudando-o. — Ou Bailey?

— Ambos — disse Hutch. — É George Bailey.

— Como naquele filme... *A felicidade não se compra*?

— Exatamente — disse Hutch, como se nem todo mundo soubesse dessa referência. E acrescentou: — Ele foi resgatado.

— Você o resgatou e o batizou em homenagem a James Stewart?

Hutch mudou de posição para obter um ângulo melhor.

— Ele estava em um canil clandestino e, no início, nem tinha nome. Esse canil sofreu uma fiscalização, e foram retirados de lá 67 cães. Ele tinha dois anos e nunca havia saído de dentro da casa. Tinha passado a vida inteira em uma gaiola.

— Oh, pobrezinho — disse eu, com o coração apertado.

— Ninguém o queria — prosseguiu Hutch —, porque ele era muito grande e tinha uma doença de pele que parecia hanseníase. Além disso, nunca foi socializado e tinha medo das pessoas. Em um cachorro tão grande, isso nunca é boa coisa.

— Mas agora ele está ótimo. Poderia ser um cão de exposição!

— Queriam sacrificá-lo, pensando que não teria cura.

— Mas você não deixou.

— Apenas achei que ele se salvaria — disse Hutch. — E costumo acertar com cães.

— Sabe, mesmo quando ele estava correndo na minha direção, mesmo tão grande como é, nunca me pareceu assustador. O *momento* foi assustador, mas o cachorro... parecia feliz.

— Acho que ele está feliz agora — disse Hutch. — Todas as patas estão curadas do arame do piso da gaiola, embora ainda haja algumas cicatrizes. A pelagem dele cresceu toda. A dirofilariose não era tão grave e agora está tratada. E, na verdade, não foi tão difícil socializá-lo. Realmente acho que, o tempo todo, ele só estava esperando alguém para amar.

Mais uma vez, vou ressaltar que Hutch era surpreendentemente tagarela para alguém que "não gostava muito de falar".

Será que eu estava com o cara certo? E *Cole*? Estava?

Em tempo real, senti essa conversa mudar minha perspectiva sobre meu próprio sofrimento atual. O lindo cachorro de orelhas de veludo que descansava embaixo da mesa passara *dois anos* sozinho em uma gaiola. Sem nunca ter saído. Ou ter sido acariciado. Ou ter comido um petisco. Ou ter podido brincar.

Comparada a isso, a humilhação da minha manhã pessoal não parecia tão ruim.

— Quando o tirei do abrigo de resgate — disse Hutch —, ele nunca tinha visto grama. Tinha medo de grama. Ele a tocava com uma pata e depois voltava para a calçada.

— Ele ainda tem medo?

— Não. Agora vive rolando nela. Só levou certo tempo. E alguma terapia de exposição.

Terapia de exposição. Bem a cara do tema de hoje.

Vi George Bailey coçar a orelha com uma das patas.

— Então ele está vivendo uma boa vida agora — disse eu.

— Sim. Essa é a ideia. Ele brinca no parque, se aquece ao sol e come como um rei. E, não sei como, acabei deixando-o dormir na minha cama. Ou, talvez, o mais correto seja dizer que ele me deixa dormir na cama dele.

— Esse é o final feliz mais feliz de que já ouvi falar.

— A única coisa que não consegui resolver é o medo que ele tem de trovoada.

George Bailey se mexeu para deitar-se de lado.

— Ele tem medo de trovoada? — perguntei.

— Chama-se brontofobia — disse Hutch. — É comum em cães.

Como uma recém-diagnosticada com algumas fobias, entendi.

— Tadinho — disse eu.

— Sim — disse Hutch. — Ele gosta da *chuva*. O problema dele é só a trovoada; tem algo a ver com o estrondo. Ele começa a tremer, a ofegar e aí precisa ficar em cima de mim.

— Isso ajuda?

— Hum... não muito.

— Existe algum medicamento para isso?

— Sim, tem o Xanax para cachorros. Mas ele não pode tomar.

— Não pode? Ou não quer?

— As duas coisas, na verdade. A primeira vez que tomou, vomitou na casa toda. E, desde então, toda vez que insisti, para testar se tinha sido um acaso, ele se recusa.

— É mesmo?

— Se tento esconder um comprimido num petisco, ele cospe a drágea. E, se eu o enterrar em um monte de ração, encontro o prato inteiro lambido com o comprimido intacto, imaculado, bem no meio. Existem dispensadores de comprimidos para cães, mas ele não me deixa chegar perto se eu estiver com um desses na mão.

— Uau.

— Pois é. É muito difícil obrigar um dogue alemão a fazer qualquer coisa que ele não queira.

— Então ele entra em pânico até que a trovoada pare? Você não pode fazer nada por ele?

— Faço muitas coisas por ele. Elas não ajudam, mas faço mesmo assim. Eu cantarolo. Eu o acaricio. Tenho um colete reconfortante para ele que, supostamente, deveria relaxá-lo. Na maioria das vezes, passo horas tentando

explicar que a trovoada não pode nos machucar. Mas ele nunca acredita em mim.

— Ele tem sorte de ter você — disse eu.

— Tenho sorte de *tê-lo* — disse Hutch.

— Talvez vocês dois possam dizer que estão quites.

CINCO MILHÕES DE horas depois, quando Hutch terminou de extrair a última farpa e passava antisséptico por todos os arranhões, As Meninas terminaram de nadar e vieram provocá-lo, reunindo-se em semicírculo em volta da minha bunda virada para cima, como se estivessem contemplando uma obra de arte.

— Isso, sim, é um primeiro encontro — disse Nadine.

— Não é um encontro — corrigiu Benita. — É uma emergência médica.

— Eles não são adoráveis juntos? — perguntou Ginger às Meninas.

Suspiros e murmúrios por toda parte.

— Desde que conheço Hutch, esta é a primeira vez que o vi conversar tanto — disse Benita.

— Sobre o que vocês dois estavam conversando? — Nadine queria saber.

Virei-me para olhar para Hutch e percebi que ele havia terminado. Já estava focado em guardar o material de primeiros socorros.

Senti que precisava defendê-lo.

— Ele estava se desculpando por George Bailey — disse eu, assim que Rue apareceu por perto, dessa vez com uma saída pós-natação e um chapéu de palha de abas largas.

— Ela vai sobreviver? — perguntou Rue.

Indecisão.

— Provavelmente — respondeu Hutch.

— Muito bom — disse Rue. — Porque ela ainda precisa da aula de natação.

Merda. Sujou.

— Ela estava... aqui para a aula de natação? — perguntou Hutch.

Eu queria dizer *Não*, mas é claro que a resposta foi "sim". E Rue sabia disso.

Esse é o problema de mentir, eu acho.

— Ela não sabe nadar — disse Rue a Hutch. — Você consegue imaginar? De férias nessas ilhotas e não tem um maiô desde o ensino médio.

Ai, meu Deus. Eu tinha falado demais.

Foi quando Benita pegou minha toalha e o pequeno grampo de cabelo de hibisco e veio até mim. Ela colocou o grampo na mesa, e a toalha, em torno dos

meus ombros. Era maior do que eu me lembrava, e, com gratidão, afundei nela justamente quando Rue, com indiscrição, disse a Hutch:

— Ela precisa aprender a nadar antes de segunda-feira. Você poderia dar-lhe umas aulas particulares? — E, assim, entregou alegremente todos os meus segredos.

Como ela conseguiu fazer as palavras *aulas particulares* soarem tão provocativas?

— Estou bem ocupado — respondeu Hutch, olhando em minha direção.

Enquanto dizia isso, George Bailey surgiu ao meu lado e depois se encostou em mim, como se estivesse atracando num cais. Acariciei sua cabeça.

Talvez toda essa situação das farpas no traseiro tenha sido uma espé- cie de bênção. Talvez me ajudasse com minha fobia de maiôs. Porque, depois dela, quanta dificuldade poderia eu ter de trabalhar com esse cara a partir de agora? Ele já tinha visto mais de mim do que eu mesma até hoje.

— Você precisa aprender a nadar antes de *segunda-feira*? — perguntou Hutch.

Era sexta-feira.

— Só preciso de um curso de atualização — disse, mentindo deslavadamente. — Estou um pouco enferrujada. — Hutch franziu a testa com seriedade. — Não preciso ganhar nenhuma medalha de ouro — prossegui, citando Beanie. — Só preciso reforçar meu nado cachorrinho.

— Não tenho certeza de que é tempo suficiente — disse Hutch —, mesmo para o nado cachorrinho.

— Aceito qualquer coisa — disse eu. Qualquer coisa era melhor que nada, não era? — O que puder aprender antes de segunda-feira, aceito.

Mas ele estava balançando a cabeça.

— Estou ocupado neste fim de semana.

Porém, enquanto pensava sobre isso, nem precisaria ser tão cedo. Começo na estação aérea na segunda-feira, mas os primeiros dias sempre são só para conhecer o terreno.

— Na realidade, poderia funcionar mesmo alguns dias após a segunda-feira.

A expressão de Hutch continuava séria.

— Acho que podemos conseguir alguma coisa.

— Obrigada — disse eu. E acrescentei: — E obrigada por tirar todas aquelas farpas da minha bunda.

Hutch abafou um sorriso e disse:

— Sempre às ordens.

Seis

BEANIE NÃO PODIA *acreditar* que até agora eu não tivesse me apresentado a Hutch como sua futura cinegrafista. Ela ficou chocada:

— Esse homem estava com as mãos no seu traseiro todo esse tempo, e você não conseguiu encontrar nem um momento para mencionar isso?

— Prefiro o termo *quadril*.

— Você já deveria ter contado a ele — disse Beanie, implacável.

— Hum... Na hora, eu me senti meio desmoralizada com toda aquela humilhação esmagadora — disse eu. — E de ser pega mentindo.

— Ele não sabe que você mentiu que sabia nadar.

— Ainda não. Mas vai saber.

Beanie assentiu.

— Vai ser *indescritivelmente* estranho quando você o reencontrar na base aérea.

— Eu não poderia ter dito a ele, de qualquer modo — continuei, ainda me defendendo. — Cole me pediu que não dissesse nada de nada antes que o trabalho começasse.

— Que não dissesse nada à tia dele — ressaltou Beanie. — Esse cara não é uma senhora.

Não. Sem dúvida, ele não era.

— Ela estava por perto. E certamente teria me ouvido.

— Só estou dizendo que a manhã de segunda-feira vai ser estranha pra caramba.

Fiquei sem argumento.

Eu sabia que Cole deveria estar fazendo esse projeto. Mas Cole não viria. Por acaso a culpa era minha? Isso tinha ficado entre ele e a Guarda Costeira.

Sim, minha aparição na base aérea seria estranha para Hutch.

Mas não seria nem mesmo uma pequena fração da estranheza que seria para mim.

Sem dúvida, esta era a primeira vez na minha carreira que começaria um projeto sabendo que o participante já tinha (lentamente, por um bom tempo) tocado as mãos numa parte do meu corpo que havia ficado, digamos, *privada de cavalheiros pretendentes* por muito tempo.

Ou seja: se havia alguém digno de pena nessa situação... era eu.

PASSEI O FIM de semana estancando o fluxo de pavor com excesso de preparação.

Meu equipamento chegou no sábado, assim como minha bagagem extraviada.

Aparentemente, tudo de que precisava para restaurar meu equilíbrio eram minha câmera Sony FX6, minha surrada câmera de ombro e o tripé mais resistente da sala de equipamentos lá do escritório.

Fora minha calcinha preta de confiança.

Desembalei tudo como se estivesse reunindo pedaços perdidos de mim mesma.

Uma produção de orçamento mais alto teria um diretor de fotografia e um editor de produção, mas agora eu faria a maioria das coisas sozinha. Para dizer a verdade, gostava de fazer as duas coisas. Para mim, fazia parte do processo narrativo: capturar os momentos e, mais tarde, voltar atrás para procurar os melhores clipes para contar a história.

Só que esse projeto promocional era diferente de outros em que já trabalhei.

A maioria dos projetos que eu recebia eram os habituais: um CEO de terno sentado à mesa, com semblante calmo, importante e responsável, falando sobre o produto ou o serviço que a empresa dele pagou à nossa para destacar. Fotos estáticas em tripés, roteiro simples e um porta-voz lutando para fazer o vídeo soar natural — e, depois, inserir canções vagamente edificantes, muito diretas e isentas de *royalties*, com títulos como "Feliz e confiável" como música de fundo.

Mas a Guarda Costeira dos Estados Unidos era diferente.

Eles queriam o *in*comum: um vídeo que se destacasse, chamasse a atenção e cativasse.

— Este é um vídeo de *recrutamento* — explicara Cole — para um trabalho extenuante, exaustivo e que desafia a morte.

— Isso é bem difícil de vender.

— Exatamente — disse Cole. — É aí que você entra. Explique o inexplicável. Descreva o indescritível. Mostre-lhes o que eles não conseguem ver.

Isso era uma conversa para me deixar empolgada?

Escrevi: *Fazer parecer emocionante*.

Mas Cole se inclinou sobre o caderno e depois cutucou o papel com o dedo.

— Não. Você não precisa "fazer parecer emocionante". *É* emocionante. Seu trabalho é capturar essa emoção.

— Entendi.

— É um trabalho impressionante — concluiu Cole. — E precisa de um vídeo impressionante.

Então... meu trabalho para essa tarefa era filmar *tudo* e encontrar os momentos que capturariam a história. É por isso que eu ficaria tanto tempo. Um mergulho profundo de imersão total no trabalho de um nadador de resgate, na esperança de poder emergir dele com um autêntico tesouro.

SEGUNDA-FEIRA DE MANHÃ, enquanto me vestia com meu preto sobre preto para meu primeiro dia na base aérea, senti várias coisas, incluindo (1) animação para começar, (2) tensão no corpo inteiro, que agora apelidei de *medo moderado de helicópteros*, e (3) pavor.

Temia o momento em que Hutch perceberia tudo. Mas não era apenas Hutch que eu temia. Também fiquei intimidada pelos... militares. Estava tentando estudar todos os nomes e todas as patentes, mas não conseguia memorizar nada na ordem certa. Parecia muito provável que eu diria, ou faria, uma coisa errada atrás da outra. Não conseguia nem me lembrar das regras escritas que conhecia, quanto mais das não escritas que desconhecia. Eu esqueceria as saudações? Me sentaria quando deveria ficar de pé? Faria contato visual com a patente errada?

A humilhação antecipatória existe?

Riscar essa pergunta.

Sim. Meu maiô poderia atestar.

Peguei o Mini Cooper vermelho e branco de Rue para a viagem de vinte minutos até a base aérea de Stock Island. Mas, como não tinha autorização para entrar nas instalações, tive que parar no estacionamento para visitantes, do lado de fora da guarita, e esperar que meu contato, o primeiro-tenente Carlos Alonso, viesse ao meu encontro, atestasse minha idoneidade e me fizesse passar pelos guardas.

— Lamento muito pela espera — disse o tenente, após um grande e amigável aperto de mão, depois que passamos pelos portões e caminhamos em direção à própria base aérea. — Enviamos um formulário de liberação para preenchimento, mas nunca o recebemos.

Ótimo. *Obrigada, Cole*.

— Como devo chamá-lo? — perguntei. — Tenente Alonso?

— Carlos está bem.

Franzi a testa, pois isso não me parecia certo.

— Devo saudá-lo com uma continência ou algo assim?

Carlos, tão jovem e alegre quanto um cachorrinho, me deu um sorriso como se *eu* fosse o cachorrinho.

— Somos bem informais aqui.

— Então, devo só... agir normalmente?

— Claro — disse Carlos. — Você não é militar. Ninguém aqui espera que você conheça as regras.

Carlos era simpático, mas isso era apenas o começo. Quando entramos no prédio industrial sem frescuras da base aérea, Carlos me apresentou a vários *coasties* (que é como os membros da Guarda Costeira se referem informalmente aos colegas), todos sorridentes, estendendo as mãos para um aperto. Foi um desfile de simpatia. Simpatia em trajes de voo. Na realidade, tanta simpatia que, quando chegamos ao longo corredor até a sala de reuniões, eu havia relaxado um pouco (apesar de mim mesma).

Foi um erro.

Porque a única pessoa que, de fato, eu deveria estar temendo era justamente aquela que eu tinha ido lá para ver.

Embora essa pessoa não tenha me reconhecido.

Não de cara.

Entramos, e Hutch (com cara de oficial em um macacão de voo verde-oliva com zíper e reforços nos joelhos e nos cotovelos) levantou-se para nos cumprimentar. E tudo que ele parecia ver... é que eu não era Cole.

— O que está acontecendo? — perguntou ele a Carlos. — Pensei que hoje fosse o dia do vídeo.

— E é — disse Carlos. Então, começando a apresentação: — Técnico de Sobrevivência em Aviação de Primeira Classe, Tom Hutcheson, por favor, esta é...

Mas o olhar melancólico de Hutch transformou-se em desconfiado.

— Onde está o cara do vídeo?

Carlos ergueu o braço e apontou para mim.

— Esta é o cara do vídeo.

— Onde está *Cole*, o cara do vídeo?

— Quem?

— O cara que vai filmar o vídeo. Cole.

— Hum — disse Carlos, agora franzindo a testa para mim. — Acho que a empresa enviou esta moça no lugar dele.

— Cole não está disponível — disse eu, recitando o que Cole me instruíra a dizer. E, em seguida, como se tudo estivesse resolvido e pudéssemos seguir em frente, prossegui: — Sou Katie. Nós nos conhecemos...

Mas nem consegui terminar com "na casa de Rue" antes de Hutch baixar a cabeça, empurrar quem estava em seu caminho e sair da sala pisando duro.

Sete

– ACHO QUE ELE tinha outra coisa (urgente) para fazer — disse Carlos, enquanto olhávamos para o caminho desimpedido até a porta.

Mas, então, pela saída do ar-condicionado central, ouvimos a voz de Hutch ao lado, gravando uma mensagem irritada, falando diretamente para o correio de voz. Suas palavras soaram tão altas e claras como se ele nem tivesse saído da sala.

— Mal entrei para começar a filmar — começou Hutch, com voz tensa — e descobri que você mandou outra pessoa. Você tem alguma ideia de quantos obstáculos tive que vencer para que isso acontecesse? A papelada? As requisições? A logística? Quase me matei! E aí trabalhei no momento certo para que você pudesse estar aqui no dia 4 de outubro, para que ficássemos todos juntos pela primeira vez em mais de um ano, em consideração a Rue, se não for por outra coisa. E tudo que você precisava fazer era aparecer... E isso é demais para você? Até isso? Me ocorreu que isso poderia acontecer. Que você podia mesmo guardar esse rancor para sempre. Se isso realmente é quem você quer ser, então acho que não posso impedi-lo. Mas e quanto a Rue? E tudo de que ela desistiu por você? Há apenas uma coisa que ela sempre nos pediu, e foi estarmos juntos em um dia específico. Você vai faltar, de novo? — Carlos e eu olhamos um para o outro e continuamos encarando a saída do ar-condicionado. Hutch prosseguiu com a mensagem. — Recuperei um corpo ontem. Um cara de 20 anos que foi pego em uma corrente de retorno. A família inteira esperou na praia enquanto procurávamos por ele. — Outro suspiro. — Você tem alguma ideia de como a vida é curta? Mesmo vidas *longas* são muito curtas. Por que você está perdendo tempo? Continuo tentando, mas de você não vem nada. Você não sabe o quanto quero dizer agora que desisto. Mas não posso fazer isso, Cole! Porque, por mais que você odeie isso, e por mais que agora eu também odeie, você é o único irmão que tenho.

A saída do ar-condicionado emudeceu.

Uau! Para um cara que não gostava de falar... acho que ele tinha algumas coisas a dizer.

Então Hutch surgiu no corredor, carrancudo, praticando o que parecia ser uma respiração controlada. Deu vários passos deliberados, até se juntar a nós novamente.

Carlos procedeu como se nada tivesse acontecido.

— TSA um Tom Hutcheson, permita-me apresentar-lhe a documentarista Katie Vaughn.

Na realidade, eu era mais uma funcionária de nível pleno com potencial. Mas documentarista também funcionava.

— Olá — disse eu, estendendo a mão.

Hutch a pegou, olhou para cima e finalmente me reconheceu.

Reação retardada.

Eu: não mais inclinada sobre uma mesa de pátio, com a bunda para cima e um maiô de bolinhas, mas, sim, com roupas normais e todo meu equipamento — minha dignidade pessoal um pouco instável, mas presente e reconhecida.

— Você é... — começou ele.

Senti uma fisgada no traseiro com esse reconhecimento.

— Katie — disse eu. — Vou ficar com Rue. Em um de seus bangalôs. Foi Cole quem providenciou isso.

— Entendo — disse Hutch, assentindo. — Cole arranjou tudo quando decidiu mandar você em vez de vir ele mesmo.

Pois é, sim. Dei de ombros.

— Rue sabe? Que você está aqui para trabalhar no lugar dele?

Fiz que não com a cabeça.

— Ele me pediu sigilo.

Hutch soltou um suspiro.

— Até quando?

— Até que fosse tarde demais para ela fazê-lo mudar de plano?

— Então você já sabia? — perguntou ele, como se Cole e eu tivéssemos um conchavo.

Sabia? Sabia o quê? Que essa era uma oferta que eu não podia recusar? Eu teria que estar totalmente inconsciente para *não* saber disso.

— Eu sabia — comecei, endireitando as costas — que Cole não estava disponível para este projeto e precisava de um substituto. E que sua tia Rue poderia não gostar disso.

Hutch assentiu, como se dissesse *Anotado*.

Esperei que terminasse a pausa que se seguiu.

Em seguida, Hutch esticou-se para dar uma olhada na minha coxa.

— Como está a sua...

— Está tudo bem — interrompi, em tom de *Terminamos esse assunto para sempre*.

Hutch olhou de novo para meu rosto de profissional séria. Então, em tom de pergunta final, disse:

— E você não se apresentou, não falou quem era naquele dia na piscina, por quê?

Pensei em tentar encontrar alguma explicação complicada para ele. Mas a única coisa que me veio foi a verdade. Então, não lutei contra ela.

— Estava ocupada demais me afogando em humilhação.

É JUSTO DIZER que eu realmente não conhecia esse Hutch muito bem, de modo que minha capacidade de ler seu estado emocional pode não ter sido perfeita. Mas, enquanto ele me conduzia ao *tour* programado à base aérea, não havia muita dúvida sobre a *vibe* dele.

Acho que o termo técnico é *irritado*.

O tipo de irritado que está *tão* irritado que até parece estranhamente calmo.

Irritado como o *olho de um furacão*.

Mesmo que Hutch estivesse evidentemente se esforçando para ser profissional, e mesmo que fosse educado o tempo todo, eu podia jurar: estava claro pela cara de paisagem, pelas respostas monossilábicas, pelo alargamento das narinas e pela maneira como ele andava (não, *marchava*) um metro à minha frente o tempo todo.

Esse, sim, era o Hutch pouco falante que eu esperava.

Mas havia um trabalho a fazer, então eu apenas o fiz: fiz perguntas, fiz anotações e tirei fotos. Mas esse cara definitivamente não me queria lá.

Não ser *bem-vinda* é uma sensação estranha. Tentei compensar com entusiasmo, fazendo (em pânico) comentários ridículos do tipo "Como são berrantes aqueles helicópteros pintados de laranja!".

Acho que a Guarda Costeira dos Estados Unidos não sofria de cromofobia. Nem preciso dizer que minha alegria boba não ajudou.

Hutch manteve um ritmo robótico ao me mostrar os escritórios restantes, a sala de apresentações, a sala de descanso, a sala de reuniões pré-voo e o hangar (local do meu infame comentário "laranja berrante", sim, mas também de várias

outras declarações idiotas como “Veja como eles são reluzentes!”, “O piso é tão limpo!” e “Esses rotores são *enormes*!”).

Sim. Muito ruim.

Mas posso dizer algo sobre todas essas besteiras que falei? Elas eram *verdadeiras*.

Os helicópteros realmente reluziam e eram muito maiores que quando os vemos a distância, cruzando o céu. O hangar realmente estava impecavelmente limpo. E os rotores realmente eram enormes, quase pré-históricos em escala. Tive um sentimento real e honesto de admiração ao vê-los naquele hangar.

Foi inesperadamente comovente.

Como se fosse um santuário para todas as melhores partes da humanidade.

O que era algo que eu teria dito a Hutch, se ele tivesse sido receptivo. Poderia até lhe ter agradecido.

Em vez disso, fiquei empacada. Balbuciando bobagens sobre decoração por causa da ansiedade.

Por fim, para o *grand finale*, ele me levou para fora, parando para colocar um par de óculos de aviador, onde havia um helicóptero prestes a decolar para uma missão de treinamento. A tripulação já estava a bordo, e as pás giravam no alto (e não há como explicar quanto era alto o ruído que faziam. Pela primeira vez, entendi por que em inglês também se usa o termo *choppers* para designar *helicópteros*. Essas lâminas cortam o ar de fato, e você pode sentir as vibrações de um lado a outro do corpo.

— Esse *chopper* faz muito barulho! — gritei para Hutch assim que o alcancei, dando continuidade à minha série de comentários fúteis.

Hutch me encarou.

— Só são chamados de *choppers* em filmes de Hollywood.

— Vocês não os chamam de *choppers*?

— Nós os chamamos de *birds*, ou seja, *pássaros*.

Pássaros. Hum.

— Por que este pássaro ainda não decolou? — gritei em seguida, para experimentar.

Hutch olhou para mim por tempo suficiente para eu decidir que ele era, pelo menos, dez por cento mais legal e mais intimidante com aqueles óculos de aviador.

Então, ele respondeu:

— Procedimentos e verificações.

Eu o observei, achando que o veria subir a qualquer minuto. Mas acho que esses procedimentos e essas verificações eram bem rigorosos. O tempo passou pesadamente, e muitos minutos depois, ainda parados ali, lado a lado, cercados pelo ar vibrante, apertei os olhos em direção a Hutch, exposto à luz do sol, e me ouvi gritar:

— Você sabia que a palavra *helicóptero* vem do grego? — Hutch me deu uma olhadela. — As pessoas imaginam que ela se divide em *heli* e *cóptero* — prossegui —, mas isso é um equívoco. Na realidade, é *helico* e *pteron*.

Nenhuma reação.

Fala sério! Essa foi a coisa mais interessante que eu tinha aprendido durante todo o fim de semana!

— *Helico* — continuei, ainda no volume máximo — significa "girar", e *pteron*, "asa". Você sabe: *pteron* como em "pterodáctilo". E, claro, *dáctilo* se refere a "dedos". Portanto, *pterodáctilo* significa "asa com dedos". O que é verdade, se você olhar as asas deles. Elas têm apenas dedos e pele esticada entre eles.

Será que eu tinha perdido o controle para dizer *asa com dedos*? Possivelmente.

Mas essa informação *era* fascinante.

Esperei que Hutch ficasse fascinado.

Mas ele se recusou.

Então, fui em frente e perguntei:

— Você está zangado agora ou algo assim?

Ele inclinou a cabeça, como se aquela fosse a pergunta mais ridícula de todas.

— Não.

— Você parece meio irritadiço.

— Não.

Pus uma das mãos no quadril.

— Você estava muito melhor no outro dia.

— No outro dia, você não tinha pegado o trabalho do meu irmão.

Por fim, aconteceu. Pelo menos agora poderíamos falar sobre isso.

— Não peguei! Ele *me deu*!

— Isso tudo — Hutch fez um gesto em torno para abarcar tudo que estávamos fazendo — deveria estar acontecendo com ele.

— Isso não é culpa minha.

— Você poderia ter dito não.

— Por que eu faria isso?

— Porque você não sabe nem nadar!

— Psiu! — disse eu olhando em volta, como se o barulho do helicóptero não estivesse engolindo todos os sons que emitíamos. — Você poderia causar minha demissão.

— Talvez eu *devesse* causar sua demissão. Você mentiu para conseguir esse trabalho.

— Não *menti*. Apenas *não me prontifiquei a dizer a verdade*.

— Algo também conhecido como mentir.

— Olha, é assim que meu setor funciona: você aceita e depois vai descobrir o que é preciso fazer — gritei ainda mais alto que o barulho do helicóptero.

— A menos que se afogue primeiro.

A conversa estava degringolando rápido.

— Não vou me afogar.

— Não?

— Não! Porque você vai me ensinar a nadar.

— Talvez eu devesse simplesmente denunciá-la.

— Me denunciar não vai trazer o Cole. Ele enviará todos os subordinados que encontrar antes de vir para cá. E o próximo você não poderá chantagear. — Hutch desviou o olhar.

— Olha, sei que você não queria fazer isso — continuei. — Pesquisei você no Google. Você recusou todos os pedidos de entrevista ao Puppy Love! Recusou o *60 minutes*! E a NPR! E Jimmy Fallon! Você não está procurando fama barata. Só quer fazer seu trabalho em paz. — Hutch soltou um lento suspiro. — E vou ser honesta — prossegui. — Ouvi tudo que você disse naquela mensagem de voz para Cole. Ela veio direto pela saída do ar-condicionado como se fosse por um alto-falante. Então, sei que isso só está acontecendo agora porque seus superiores quiseram assim. E sei que está tentando fazer o melhor que pode — e foi por isso que nossa empresa de vídeo amadora da área metropolitana de Dallas-Fort Worth conseguiu esse trabalho. E sei que está tentando resolver alguma divergência profunda com seu irmão. E você está bravo porque eu estou aqui, e ele, não. Mas, sinceramente... — fiz uma pausa para criar efeito dramático — ... acho que você deveria superar isso.

Hutch baixou os ombros.

— Ah, tá. Você acha, né?

— Acho. Porque posso não ser o que você queria, mas não tenho dúvida de que sou a segunda melhor opção. Sou boa no meu trabalho. Também sou uma pessoa legal. E realmente respeito quem você é e o que faz. E... adivinha? Podemos ajudar um ao outro. — Hutch abriu as narinas, como se perguntasse:

Como? — Se você — apontei para ele — não exigir minha demissão, então eu — toquei minha clavícula — vou ajudá-lo a fazer as pazes com seu irmão.

— Como exatamente você faria isso?

Inventei na hora:

— Bem, ele é meu produtor, então estamos em contato bastante frequente. Notei, já há algum tempo, que ele não está muito interessado em atender às suas ligações. — Hutch desviou o olhar. — Quem sabe se ele vai ou não ouvir aquela mensagem de voz? — prossegui. — Ele pode simplesmente excluí-la. Ou nunca perceber que está lá. *Falo* com ele. Posso falar bem de você. — Isso não parecia forte o bastante. — Posso falar *muito bem* de você! Ajudá-lo a mudar de opinião. A transmitir sua mensagem. — Eu estava fazendo apenas um *brainstorming* nesse momento. Contudo, Hutch o estava levando em consideração. Continuei: — Posso advogar em seu favor. De qualquer maneira que você precisar. Podemos ser criativos.

Quando Hutch levantou o olhar, sua linguagem corporal havia mudado. O sol também havia mudado e começou a lançar seus famosos raios dourados de fim de tarde. Iluminava as pontas de seu cabelo como se fossem penugem de dente-de-leão e realçava igualmente seu macacão de voo.

Que, de repente, percebi que era uma roupa estranhamente *sexy*. Talvez fosse a sugestão do que aquele verde-oliva monótono estaria camuflando. Ou talvez tenha sido o atrevimento dos reforços nos cotovelos. Ou a confiabilidade daqueles coturnos pretos. Ou as letras douradas oficiais na sua identificação, onde se lia: **TOM HUTCHESON – TSA GCEUA**.

Ou talvez fosse o fato de que o helicóptero absurdamente barulhento ao lado do qual estivéramos o tempo todo havia decolado enquanto estávamos gritando, e eu nem tinha notado. Agora, ele era apenas um zumbido distante no horizonte. Agora eu podia ouvir o vento zunir em torno de nós — e ver os longos tufos de grama ondulando nas bordas da pista, o que tornava esse momento cheio de luz, de vida e de possibilidades.

— Você faria isso? — perguntou Hutch.

Mas agora eu já tinha perdido a linha de raciocínio. *Muito obrigada, uniforme militar*.

— Fazer o quê? — perguntei.

Hutch transferiu o peso para a outra perna.

— Advogar em meu favor. Com Cole.

— Claro. Podemos formar uma fidelidade.

— Aliança — corrigiu Hutch.

Dei de ombros, como se tivesse dito a mesma coisa.

— Você me ajuda. Eu vou ajudá-lo. Todo mundo ganha. Isso não parece tão ruim, não é? Todo mundo sair ganhando?

— Não — concordou Hutch. — Isso não parece tão ruim.

— Então, somos aliados? — perguntei para confirmar.

Hutch me olhou.

— Acho que sim. Em caráter experimental.

— Ótimo — disse eu. Então, acrescentei: — Já que Cole nunca preencheu a autorização para o carro de Rue poder entrar na base, você se importa se fizermos carona solidária para o trabalho?

ASSIM, COM isso... entramos para fazer nossa primeira entrevista oficial.

O *timing* não poderia ter sido mais desastroso. Se não houver nenhum velho ditado que afirme "Nunca entreviste um participante no primeiro dia", deveria haver.

Quando voltamos ao hangar, o cara da iluminação e do som de Miami estava lá. Fora escoltado por Carlos e já havia terminado de se preparar. Tinha um rabinho de cavalo bem ralo e usava uma camiseta onde se via uma câmera de vídeo *clip-art* e as palavras **PONHO MINHA MIRA NAS PESSOAS... PARA VIVER**.

Ele havia posto uma cadeira na frente de um daqueles grandes e reluzentes pássaros cor de laranja que eu estivera admirando antes, usando a própria câmera no próprio tripé. E, quando verifiquei o enquadramento, vi que estava perfeito: um ângulo aberto com profundidade de campo precisamente definida para desfocar e suavizar um pouco o fundo, mantendo-o reluzente, imponente e impressionante.

Observei esse arranjo por um minuto e, então, disse:

— Melhor tirarmos essa cadeira.

— Você não quer que ele fique sentado?

A maioria dos entrevistados se sentava: era mais informal.

Mas neguei, balançando a cabeça.

— Quero que ele fique em pé.

Em pé como um alfa. Com os pés afastados na distância dos ombros e o capacete debaixo do braço. Filmado de um ângulo inferior, para fazê-lo parecer ainda mais alto e enfatizar o heroísmo.

Mas o cara da iluminação não precisava de todos esses detalhes. Tirou a cadeira de lá.

Posicionei Hutch numa postura à vontade, em uma marca fixada no chão com fita em uma divisão de dois terços do quadro. Então, verifiquei tudo no monitor.

Perfeito. Exceto por algo que estava faltando: Hutch havia tirado os óculos de aviador quando entramos.

Voltei-me para ele.

— Me dê os óculos de sol — disse eu.

— O quê? Por quê?

— Quero ver como fica uma coisa.

Hutch tirou o estojo de um bolso com zíper e me entregou.

Tirei os óculos, abri as hastes e me aproximei para colocá-los em seu rosto. Uau! Será que todos os militares irradiavam esse tipo de eletricidade vibrante? Ou só Hutch?

Isso me distraiu um pouco. Por um segundo, mantive as mãos em ambos os lados de seu rosto, tentando me concentrar e decidir se os óculos eram *sim* ou *não*.

— O que está fazendo? — perguntou Hutch.

Dei um passo para trás.

— Vendo se você fica mais legal com esses óculos.

— Não fico, não — disse Hutch.

Franzi o nariz.

— Acho que todas as mulheres do país vão discordar de você.

— Estamos *dentro* do hangar — disse Hutch. — Não há sol aqui.

— Detalhes — disse eu, descartando a observação dele.

— Ninguém usa óculos escuros dentro de um hangar.

— Ninguém sabe disso.

— *Eu* sei disso.

— Eles o fazem parecer legal — disse eu, em tom de *Por que você está teimando comigo?*

— Não preciso *parecer* legal — disse Hutch, implicando que era, mas sem chegar a dizer: *sou legal*.

— A vida real e o vídeo não são a mesma coisa — disse eu.

— Contudo — argumentou Hutch —, se você usar óculos escuros quando *não houver sol*, será apenas para se exibir. E isso equivale a tentar parecer legal. E, não sei se sabe disso, mas se tem que tentar parecer legal é porque você não é. Por definição.

Felizmente, para o vídeo, ele parecia legal de qualquer maneira.

Dilatei as narinas, tornei a me aproximar, sentindo o mesmo campo elétrico de força de seu corpo, e estendi a mão para tirá-los. Mas, assim que meus dedos tocaram suas têmporas, Hutch disse:

— Você sabia que tem uma fatia de torta marrom em um de seus olhos?

Fiquei parada.

— Sim.

— Na realidade, não é exatamente uma fatia de torta, pois as bordas estão borradas, como se tivesse sido retocada. — Eu nunca tinha pensado nisso dessa maneira. — Isso tem um nome? — perguntou Hutch.

— O que tem um nome?

— Quando parte da íris tem uma cor diferente assim?

— Não sei — respondi. — Provavelmente, deve ter. — Hutch continuou encarando diretamente meus olhos. As pontas dos meus dedos ainda tocavam as laterais de seus óculos.

— Bem — disse Hutch, como se estivesse resumindo tudo —, é legal.

— Legal? — perguntei.

— Sua fatia de torta — disse ele. — É legal.

— E eu nem precisei tentar — disse eu.

Eu deveria estar tirando os óculos dele. Então, os tirei.

— Exatamente — disse Hutch. — Você aprende rápido. — Em seguida, antes que eu me virasse, Hutch fez outra pergunta. Ele levantou os óculos escuros e disse: — Por que não me pediu que eu mesmo os colocasse?

Hum. Pensei por um segundo. Por que *não fiz* isso?

— Acho que é porque estou acostumada a lidar com os adereços.

— Mas isso não é um adereço. Estes são meus óculos de verdade.

Um ponto excessivamente purista.

— Agora que você está num vídeo, eles são meio que as duas coisas — disse eu.

HORA DE COMEÇAR. Verifiquei o enquadramento de novo e fiz aos céus uma oração silenciosa de agradecimento por Hutch parecer ainda melhor na câmera que na vida real. Há pessoas neste mundo que você não pode deixar de olhar, e Hutch era, definitivamente, uma delas. Mesmo franzindo a testa.

Melhor para ele.

Mas também bom para minha carreira.

Além disso, ele acabou se revelando atraente. Como pessoa. Pilotos e mecânicos de voo continuavam passando, mexiam com ele e o provocavam com

coisas do tipo "Faça acontecer, bebê!", e ele baixava a cabeça da maneira mais irresistível e sorria para aquele piso de concreto imaculado. Claramente, não gostava de ser o centro das atenções, mas também sabia aceitar isso com tranquilidade.

Sem mencionar o momento em que — juro que isso nunca, jamais, aconteceu antes — tropecei num dos cabos de iluminação e derrubei um dos *spots* grandes, e a mim mesma. O cara da iluminação pegou o tripé bem a tempo, e Hutch, do nada, *me pegou*.

— Peguei você — disse ele. Antes mesmo de eu registrar que estava *em seus braços*, Hutch me pôs de pé, pegou seu capacete e voltou para sua marca.

Como se resgatar pessoas não fosse grande coisa: simples como respirar.

O que acho que talvez fosse — para ele.

— Obrigada! — gritei, afastando-me e já acrescentando: — A propósito, isso nunca acontece.

Certo? Eu sabia como me orientar num *set*. Simplesmente não andava de trabalho em trabalho, tropeçando em cabos de iluminação como uma maluca.

Culpei a estranheza desse dia estranho. E Hutch. E seus óculos de aviador.

Voltei ao trabalho e verifiquei o monitor mais uma vez, observando que o verde-oliva e o laranja da Guarda Costeira eram cores complementares.

Às vezes, você apenas sabe quando tem um projeto na manga. Hutch era tão fotogênico na tela que eu teria assistido à entrevista com o som desligado. Esse vídeo ia arrasar, pensei. Eu não tinha opção a não ser arrebentar. Esse cara *nasceu* para ser entrevistado.

Até que a entrevista começou, de fato.

Digamos apenas que Hutch acabou sendo... não exatamente natural.

A versão pouco falante de Hutch apareceu justamente quando eu precisava de sua versão oposta.

A câmera (mesmo depois de eu ter brincado, bagunçado e feito palhaçadas durante vinte minutos) não desaparecia de sua mente. Ele permanecia consciente dela o tempo todo, da mesma maneira que você poderia ficar consciente de um lobo faminto fora do raio de luz de sua fogueira.

Parecer natural quando a lente de uma câmera está apontada para você exige de qualquer um certa dose de fingimento: fingir que ela não está lá, que você não se importa ou não se incomoda. Mas Hutch se revelou um mau fingidor.

Com *mau*, quero dizer *péssimo*.

Provavelmente, uma coisa boa na vida real. Mas no vídeo? Um *desastre*.

Tentei tudo em que pude pensar para ajudá-lo a relaxar. Piadas, flertes, barulhos malucos, rir alto demais de tudo que ele dizia. Eu era como uma fotógrafa de cães com um brinquedo barulhento, juro.

Mas Hutch permaneceu penosamente monossilábico.

Não vou entediar você com detalhes da primeira hora ou mais. Basicamente, eu estava apenas fazendo perguntas como: "Você poderia se apresentar?". E Hutch dizendo roboticamente:

— Meu nome é Tom Hutcheson. Sou técnico de sobrevivência em aviação, ou seja, um TSA, da Guarda Costeira dos Estados Unidos, comumente chamado nadador de resgate. Tenho oito anos de serviço.

Tom de voz? Linguagem corporal? *Vibe*? Tudo completamente inutilizável.

Mais tarde, teríamos que gravar apresentações outra vez.

— Conte-me como é estar na Guarda Costeira.

— Não há muito o que contar.

OK, isso era claramente falso.

— Alguma coisa — incitei. — Qualquer coisa.

Então, Hutch respondeu:

— Há vinte e seis bases aéreas da Guarda Costeira nos Estados Unidos, incluindo Alasca, Havaí e Porto Rico, espalhadas por cerca de 480 quilômetros de distância ao longo da costa.

Ai, meu Deus. Estávamos condenados.

Ele era lindo, mas inútil.

Francamente. Onde estava o cara que zombou de mim por usar a palavra *chopper*? Onde estava o cara que tinha acabado de me explicar *como era ser legal*?

Eu queria entrevistar *aquele* cara.

— Conte-nos sobre aquele *chopper* atrás de você — eu o pirracei, na esperança de provocá-lo.

Mas Hutch respondeu apenas:

— Algumas estações aéreas operam o MH-65 Dolphin; outras, o MH-60 Jayhawk. Também implantamos aeronaves de asa fixa.

— Qual é a coisa mais interessante que você faz em seu trabalho? — perguntei, esperando que ele pudesse contar a história de um resgate em que desafiou a morte, dissesse com muito entusiasmo como é divertido voar em helicópteros ou até mesmo explicar o que eu tinha acabado de aprender na internet: que todos os nadadores eram especialistas em costura e consertavam os próprios equipamentos.

Mas Hutch só deu de ombros e disse:

— Salvar vidas.

A maioria das entrevistas dura entre duas e cinco horas. Após *uma hora e meia*, e uma pausa para o lanche, ele finalmente se soltou (um pouco). Eu não queria desperdiçar nenhuma das minhas boas perguntas com ele logo no início, quando ele ainda estava tão artificial, pois sabia que nada disso poderia ser utilizado mais tarde. Com aquela linguagem corporal, ele poderia anunciar um óvni, curar o câncer ou declarar que tinha visto uma sereia, e nada disso importaria, porque o *modo como ele diria essas coisas* seria muito (mas muito!) monótono mesmo.

Só depois que fiquei sem perguntas iniciais foi que as coisas mudaram.

Talvez ele não fosse de falar pouco. Talvez apenas não fosse de conversa fiada. Talvez não fosse o tipo de cara que gostasse de perguntas iniciais.

Ou talvez a novidade tenha passado, ou ele tenha se acostumado com a câmera, ou eu estivesse finalmente perguntando a ele algo real... mas depois de cem minutos, finalmente comecei a vislumbrar o verdadeiro Hutch.

— Assisti a um filme sobre a Guarda Costeira... — comecei.

Hutch levantou uma sobrancelha.

— Conheço esse filme.

A sobrancelha arqueada era encorajadora. Então continuei:

— ... nesse filme, um nadador de resgate grita com um homem por entrar em pânico na água. Isso é algo comum no dia a dia da Guarda Costeira? Você grita com as pessoas que resgata?

Hutch me deu uma olhada.

Essa foi a pior de todas as perguntas? Talvez.

Mas, com certeza, o fez falar.

— Não — disse Hutch —, isso não é comum. E, não, não gritamos com as pessoas que resgatamos. Elas entram em pânico na água o tempo todo. O desespero as induz a fazer as coisas mais loucas. Elas tentam lutar com você, ou subir em você, mesmo quando você é a única esperança que elas têm. Sem mencionar que a hipotermia pode fazer as pessoas enlouquecerem. Elas podem sentir tanto frio que tiram a roupa.

— Elas podem sentir tanto frio que *tiram a roupa*?

Hutch assentiu.

— É o chamado despir paradoxal. Os músculos que mantêm o sangue próximo ao seu núcleo ficam exaustos, e, em seguida, tudo corre para as extremidades, o que provoca nas pessoas a sensação de estar queimando.

De repente, a hipotermia parecia assustadora de uma nova maneira.

— Mas não é provável que ocorra muita hipotermia em climas mais quentes, certo?

— É possível ficar hipotérmico em qualquer água cuja temperatura seja inferior à temperatura do próprio corpo — disse Hutch. — Só leva mais tempo.

Agora estávamos chegando a algum lugar.

— Quais são os maiores perigos que os nadadores de resgate têm que enfrentar na água?

— Vida selvagem e condutores de embarcação a motor e a vela — respondeu Hutch, sem nem mesmo parar para pensar.

— Vida selvagem, como...?

— Águas-vivas, crocodilos e tubarões.

— Há tubarões aqui?

— Há tubarões em todos os lugares.

— Em todos os lugares?

— Uma vez, em Porto Rico, fui içado no último segundo, na hora em que uma barbatana dorsal vinha direto na minha direção.

Agora eu me sentia apavorada.

— Então você vai trabalhar todos os dias sabendo que pode ser comido por um tubarão?

— Tento não pensar nisso. — Olhando para Hutch, sacudi a cabeça, tipo: *Que loucura é essa*? Mas Hutch tinha prosseguido: — Na realidade, os tubarões não pensam nos seres humanos como presas. As chances de ser morto por um tubarão são uma em quase quatro milhões.

— Diz o homem que quase foi devorado.

Hutch deu de ombros.

— Não se pode ter medo de tudo.

— Claro que sim.

— É mais provável ser morto por fogos de artifício a esmo que por um tubarão.

Deixei isso ficar sem alterações. Então disse:

— Conte-me sobre a escola de TSA.

Hutch olhou para mim.

— O que quer saber?

— Li que somente quinze por cento das pessoas que começam a cursar a escola de TSA realmente conseguem passar. Em um ano, dos mil que iniciaram o processo... apenas três se formaram.

— Isso parece certo. Há algumas fotos da turma de formandos *apenas com instrutores*. Nenhum aluno.

— Então, por que isso?

E me preparei para uma lista de técnicas. Mas, em vez disso, Hutch ergueu o rosto bonito, simétrico e digno de longa-metragem, e pude ver em seus olhos que agora, afinal, ele havia esquecido a câmera.

Por fim, estava simplesmente falando comigo.

Então, ele disse, com voz que, de repente, parecia tão verdadeira e humana quanto eu a tinha ouvido o dia todo:

— É estar lá pelas pessoas, no pior dia da vida delas.

Senti a verdade disso como uma fisgada no peito.

— A escola de TSA é puxada — prosseguiu Hutch. — Competitiva. Perigosa. Extremamente cansativa. Isso causa pressão além do limite e mais um pouco. Isso é feito de propósito. É para forçá-lo a descobrir, por si mesmo, exatamente quanto você pode aguentar... e depois ir além desse limite. Porque, quando você sai em missão de busca e salvamento, e quando se lança no oceano, *deixar de ir* não é uma opção. Então, é só você, sozinho lá fora. Você, sua resistência e sua determinação num ambiente que quer matá-lo. É você contra *tudo*, e você tem que vencer. Porque você é a última coisa entre o mar e a vítima. — Hutch olhou para baixo por um segundo, como se essas palavras não fossem para ele simples palavras, então olhou de novo para cima. — Portanto, isso é tudo que existe. A escola de nadadores nos ensinou uma, e apenas uma, coisa: sobrevivência.

Oito

BEANIE LIGOU NA manhã seguinte e me acordou cinco minutos antes do meu alarme.

— Está na hora de fazer outra — disse ela, disposta a não aceitar protestos.

— *Outra* o quê?

— Eu te dei um tempo, porque você está se adaptando, mas agora vou pegar no seu pé. Realmente vamos fazer isso.

— O que vamos fazer mesmo?

— Sua lista de beleza.

— Ai, meu Deus — disse eu, virando-me na cama. — Parece que você registrou a patente disso.

— Foi ideia sua.

— Foi?

— Sim. Como sempre, você é sua pior inimiga.

— Posso pedir uma prorrogação?

— Não. Basta escolher alguma coisa.

— Eu ainda estou dormindo!

— Isso é claramente falso.

— Talvez eu esteja sonhando.

— Pare de protelar.

— Tudo bem — disse eu, rolando para me sentar e examinar meu corpo, a fim de escolher alguma coisa aleatoriamente.

— E não escolha algo aleatoriamente — avisou Beanie.

— Eu não ia fazer isso!

— Você precisa *ser sincera*.

Esfreguei os olhos.

— Qual é a tarefa mesmo?

— Você vai fazer uma lista de coisas que realmente ama em seu corpo. Coisas que acha que são lindas. Não coisas que acha que *outras pessoas* veriam como

bonitas. *Você*.

— Certo — disse eu, ainda pesquisando algo aleatório.

— Não pense demais — ordenou Beanie.

— Tá bom. Eu poderia ter guardado isso para o *grand finale*, mas evidentemente você me encurralou, então vou escolher "tornozelos".

— Tornozelos! — protestou Beanie. Então, fez som de buzina para marcar a resposta como *Errada*! — Você não pode escolher *tornozelos*.

— Tornozelos — disse eu, dobrando a aposta.

— Você ainda tem tornozelos? — perguntou Beanie.

— Que diabo de pergunta é essa?

— Não me lembro de nada sobre seus tornozelos. Eles são completamente normais. Vou marcar como mentira.

— Meus tornozelos — declarei, agora suficientemente desperta para me sentir protegida — são excepcionais!

— Prove isso.

— Vou provar, calma — disse eu. E antes que alguém pudesse me impedir, inclinei-me para trás na cama, como uma *pin-up*, e tirei fotos glamourosas, uma atrás da outra, dos meus pés no ar, de todos os ângulos que consegui. Depois mandei todas elas numa mensagem para Beanie.

— Você acabou de me enviar — ela fez uma pausa para contar — dezessete fotos? Dos seus tornozelos?

— Veja-os e morra de inveja.

Mas Beanie não o fez. Em vez disso, ela me instigou mentalmente a defendê-los ainda mais, dizendo:

— Não sei, mas eles me parecem tornozelos bem comuns...

— Comuns? *Tornozelos comuns* são tão hipnotizantes? Tão elegantes? Tão *sofisticados*? — perguntei. Antes que ela respondesse, eu a interrompi. — Esses tornozelos — prossegui — poderiam viver em Paris! E usar boinas! E beber champanhe no café da manhã todos os dias!

— OK. O que é mesmo que você está dizendo agora?

— *Olhe* aquele estreitamento gradual perto do arco! E a curva acima do tendão de aquiles! Sem mencionar o... — Eu não tinha revisado a anatomia do meu tornozelo, então tive que pesquisar um segundo no Google. — Espere aí. Sem mencionar o...

— Por favor, diga-me que você não está pesquisando partes do tornozelo no Google — disse Beanie.

— O maléolo lateral — disse eu em triunfo — e sua simetria em relação ao maléolo medial. Isso você não vê todos os dias!

— Acho que não.

— Estou te dizendo, esses tornozelos são letais. Poderiam trabalhar para a CIA. Você conseguiria arrancar olhos por aí com essas belezuras. Conseguiria até *cortar vidro*!

— Uau! — disse Beanie. Mas eu estava totalmente desperta agora. Foi ela quem começou isso, e eu o encerraria.

— Você consegue cortar vidro com *seus* tornozelos?

— Acho que não — disse Beanie, como se estivesse feliz por ter sido derrotada.

— Então, pronto! Caso encerrado! Você pode adicionar "tornozelos da morte" ao meu currículo.

— Tor-no-ze-los — disse Beanie lentamente, como se estivesse escrevendo. Adicionar isso a *lóbulos das orelhas* dá um total geral de duas coisas que você ama em seu corpo.

— Duas já estão no papo, e virão muitas outras pela frente — concordei.

— Chegaremos lá — disse Beanie. — Você está mesmo pegando o jeito.

MAS SERÁ QUE estava mesmo?

Depois que desligamos, admirei alegremente meus tornozelos por mais três segundos, antes de me lembrar, com horror, que hoje era dia de aula de natação. Hutch (verifiquei a hora) chegaria aqui em menos de uma hora, e eu não tinha, de forma nenhuma, me preparado emocionalmente. Muito menos escovado os dentes, tomado o café da manhã nem uma ducha.

Espere! Você *toma uma ducha* antes de entrar na piscina?

Uma rápida pesquisa revelou um *sim* e um *não* indefinidos. Depende do que você pensa de banhos. E de piscinas.

Você talvez ache que a perspectiva de ficar de maiô com Hutch pode me parecer menos terrível agora que eu o conheço melhor. Ou agora que formamos uma frágil aliança na base aérea e concordamos em fazer carona solidária. Ou, possivelmente, agora que atingi uma espécie de franquia de humilhação com aquela situação da remoção das farpas de madeira.

Você pode estar pensando nisso, mas está errado.

Ver Hutch agora não era *menos* mortificante. Era *mais*. Além disso, estávamos nos encontrando no mesmo lugar: a piscina da Starlite. Estávamos revisitando a

cena do crime. Não estaríamos *nos afastando* da lembrança do que ele fora obrigado a fazer comigo; nós a estaríamos *revivendo*.

Acrescente a isso: agora ele era meu entrevistado. Oficialmente. Passei um dia inteiro com ele: eu o segui, discuti com ele, o psicanalisei, o estudei, o filmei e notei seu hábito surpreendentemente charmoso de cantarolar "Heart and Soul" para si mesmo, o tempo todo.

Agora eu estava cem vezes mais consciente dos seus ombros, da extensão da sua passada, quando ele ficava alguns metros à frente, e do ponto exato em seu nariz onde descansavam os óculos de aviador. Agora que tinha notado a covinha (mais um sulco que um ponto) em seu queixo, eu não conseguia mais deixar de notá-la. Agora eu sabia quanto todos pareciam admirá-lo, como ele mordia o lábio inferior quando pensava e como, mesmo quando estava sorrindo, aquela sombra de seriedade nos olhos nunca se dissipava por completo.

Agora eu gostava mais dele, acho.

O que me fez querer, *menos ainda*, desfilar de maiô na frente dele.

Embora, a essa altura, o que eu queria ou não meio que deixou de ter importância.

Porque o primeiro-tenente Carlos Alonso tinha acabado de me enviar um e-mail ontem com a data programada para o SWET, treinamento de emergência em águas rasas, exigido pelo seguro da minha empresa.

Então, é claro, pesquisei no Google o treinamento SWET e percebi que era aquele em que o helicóptero afunda de cabeça para baixo; aquele para escapar do inferno que Cole mencionara inicialmente. Treinamento que eu esperava que ele tivesse inventado para me assustar. Mas não. Era verdade. SWET significava Shallow Water Egress Training, também conhecido como prender pessoas com cinto de segurança no assento de um helicóptero de mentira, soldado numa estrutura de metal, e, em seguida, *virar essa estrutura de cabeça para baixo debaixo d'água*.

Oh, não. Não, não, não!

Eles certamente não poderiam me obrigar a fazer isso.

Vasculhei minha pasta de arquivos sobre Hutch, achei o número dele e criei um novo contato para poder lhe enviar o texto: Treinamento SWET??????????????

Ao que ele respondeu: Você vai ficar bem

Ao que repliquei: Ou MORRER EM UMA SEPULTURA AQUÁTICA

E foi aí que o telefone tocou. Era Hutch.

E eu nem disse olá. Apenas respondi:

— Não me obrigue a fazer isso.

— *Não estou* obrigando você a fazer nada. É a sua empresa que exige esse treinamento.

Balancei a cabeça.

— Estou morta. É o fim.

— Vamos dar um jeito — disse Hutch.

— Como exatamente? — exigi. — Nem sei *nadar cachorrinho*! Você quer me virar de cabeça para baixo, como Houdini?

— Vamos trabalhar alguns truques.

— OK. Olha, eu não queria — confessei, então, com a voz começando a tremer —, mas, depois que pesquisei no Google o treinamento SWET, acidentalmente acabei assistindo a alguns vídeos que mostram, de maneira exata, como ele funciona... e não acho... — Respirei fundo. — Realmente não sei se consigo fazer isso. Suspeito de que vou ter um ataque de pânico completo. E aí vou chorar e confessar tudo, então serei demitida por ser uma mentirosa totalmente desqualificada (e com razão, *pois é isso que sou*), e aí isso vai ficar gravado para o resto da minha vida: vou ser uma pária amarga e desempregada que nunca atingiu seu potencial porque não sabia nadar.

— Acho que esse é um resultado possível — disse Hutch.

— Estou meio que brincando. Mas também não, não mesmo, sabe?

Quando Hutch tornou a falar, sua voz estava mais suave.

— Você não é tão desqualificada. Não é como seria se você estivesse fazendo um vídeo de mergulho. — OK, isso foi estranhamente útil. Hutch prosseguiu. — Você consegue fazer isso. Vou te ajudar. Amanhã é meu dia de folga.

Mas sua bondade só serviu para trazer à tona as lágrimas que eu estava reprimindo.

— O que eu estava *pensando* quando aceitei esse trabalho? — perguntei, dando tapinhas nos olhos. — Vou me afogar cem por cento.

Então, Hutch disse:

— Você não vai se afogar.

— Você não pode saber isso.

— Sim, posso — disse Hutch. Então, involuntariamente, acabou citando Beanie: — É uma piscina cheia de nadadores de resgate. Você não poderia se afogar nem se tentasse.

TUDO PARA DIZER: agora eu realmente tinha que aprender a nadar.

Não haveria possibilidade de evitar essa aula de natação nem qualquer coisa que viesse depois.

Enquanto tomava banho e me preparava — *secando o cabelo*, imagine —, formulei um plano. Usaria meu cafetã fluorescente com estampa de orquídea na esperança de cegar Hutch temporariamente; aí, quando chegasse a hora de sair da minha nova, volumosa e longa saída de praia para entrar na piscina, eu criaria uma distração — talvez, por acidente, derrubar de propósito uma espreguiçadeira? — e escorregaria sorrateiramente para a água, enquanto Hutch estivesse lidando com isso.

Isso poderia funcionar, não?

Mas, afinal, nenhum móvel precisou ser danificado.

A cena real se desenrolou de maneira muito diferente da que eu tinha imaginado.

Imaginei Hutch e eu chegando à piscina sozinhos, nos enfrentando como pistoleiros num duelo. Mas não ficamos sozinhos. Rue e As Meninas já estavam lá, tomando café, usando sandálias de ráfia, todas sentadas em um dos lados de uma mesa, como uma bancada de juízes, dizendo que achavam que seria divertido assistir.

Também *não ficamos sozinhos* porque Hutch trouxe com ele George Bailey.

George Bailey, que mais uma vez disparou a galopar assim que me viu, na esperança de se catapultar em meus braços — e acabou me empurrando de costas na piscina e, em seguida, caindo por cima de mim na água.

Lembra-se de que, dez minutos antes, eu estava *secando o cabelo*? Pois então.

Felizmente, foi na parte rasa. Em pânico, só tive que jogar água para todos os lados por alguns segundos, até sentir o chão áspero da piscina sob os pés agora descalços, e só então perceber que George Bailey estava parado ao meu lado, sorridente e ofegante, cabeça e ombros confortavelmente acima da linha d'água, enquanto meus chinelos boiavam de cabeça para baixo, balançando ao nosso lado.

Levantei-me, a água escorrendo de mim num dilúvio, e afastei dos olhos a franja encharcada.

— Ah, querida — disse Rue.

Então Hutch, olhando para mim da borda, perguntou, como se eu soubesse a resposta:

— Por que ele continua fazendo isso?

Demorei tanto para tentar formular uma resposta que Hutch desistiu de esperar e tirou a camiseta, puxando-a pela cabeça.

Tenho certeza de que, na vida real, aconteceu num instante. Mas, na minha memória, isso se desenrolou em câmera lenta: Hutch se abaixando para agarrar a bainha da camiseta e, em seguida, esticando todos os músculos do ombro, como uma naja, antes de jogá-la sobre uma cadeira próxima e ficar esplendorosamente sem camisa diante de mim e de todas as amigas de Rue.

Devo esclarecer: em geral, não sou de ficar olhando ninguém com segundas intenções.

Já entrevistei muitos, muitos homens, para muitos, muitos vídeos, e nunca tive nenhum problema desse tipo com nenhum deles. Eu não tinha sido nada além de profissional com o gerente de qualidade da Altman Foods, com o vice-presidente da Câmara de Comércio de Dallas e com o gerente ambiental regional da Hanson Homes. Eu era totalmente profissional.

Mas isso era diferente. Era uma espécie de tempestade perfeita de requisitos de trabalho, proximidade física, remoção de roupas e... Hutch.

Que era, como havia previsto Beanie, cientificamente... *matematicamente*... Muito bonito.

Embora eu deva salientar que ele não era nenhum He-Man, nem fisiculturista inveterado, nem puxador de ferro bombado. Era apenas um nadador-padrão e incrivelmente em forma, que agora estava, de repente, seminu — e vestindo um calção de banho que acho que todas nós descreveríamos, com aprovação, como *bastante confortável.*

Quero dizer, As Meninas e eu mal tivemos escolha. Quem *não* estaria esticando o pescoço numa situação dessas?

Na realidade, éramos todas vítimas infelizes.

Rue notou que todas nós o observávamos, então disse:

— Faça uma gracinha para As Meninas, Hutch.

Hutch parecia já ter ouvido outros pedidos iguais a esse antes. Ele deu de ombros para as senhoras.

— Parada de mão? — Todas o aplaudiram, e Ginger assoviou. — OK — concordou Hutch. — Uma parada de mão, depois tenho que ensinar esta aqui a nadar — disse ele, virando o polegar em minha direção.

— Vou só desenferrujar meu... — comecei a corrigi-lo.

Mas então perdi totalmente a linha de raciocínio quando Hutch caminhou com aquele torso nu até a parte funda da piscina, colocou as mãos sobre a beirada da borda, levantou e esticou todo o corpo em uma parada de mão ereta e, em seguida, lançou-se num mergulho totalmente de costas, com os pés entrando primeiro na água.

O grupo todo o acompanhou, fascinado.

Todas as senhoras aplaudiram quando ele desapareceu sob a superfície, deslizou rapidamente bem rente ao longo do fundo da piscina, como um mamífero marinho, e aí emergiu bem na minha frente. Como será que é viver no próprio corpo de modo tão cômodo e curti-lo tanto assim?

— Oi — disse ele, sacudindo o corte de cabelo.

— Olá — disse eu, ainda pingando.

— Você quer se livrar disso? — perguntou ele, apontando para minha saída de praia encharcada.

Olhei para baixo, intrigada, como se tivesse esquecido que meu corpo estava lá. Então comecei a tentar me desvencilhar do tecido molhado. Mas todos os metros de algodão esvoaçante que pareciam tão flutuantes e libertadores no ar eram algo diferente na água. A saída se enrolou e se emaranhou em torno de mim como gaze molhada.

Eu não estava exatamente imobilizada, mas lutava o suficiente para que Hutch decidisse ajudar. As senhorinhas assistiram a tudo de camarote, e eu também, para dizer a verdade, enquanto Hutch passava as mãos por todo meu corpo, puxando, descascando e desembrulhando. A certa altura, ele puxou uma faixa de tecido para cima, num certo ângulo, e me desenrolou de uma só vez. Então, para criar um *grand finale*, levantou o algodão mole e molhado e o tirou por cima da minha cabeça, inequivocamente me despindo em plena luz do dia.

Isto é, o maiô, ele deixou no lugar. Mas mesmo assim...

Quando ele finalmente jogou a pilha de tecido amassado para a lateral da piscina, as senhoras aplaudiram. George Bailey, por sua vez, subiu os degraus, sacudiu a água do pelo e decidiu tomar sol no pátio.

— Realmente sinto muito — disse Hutch, observando-me observar o cachorro. — Estou perplexo sobre o motivo pelo qual ele continua fazendo isso. Você exerce esse efeito em outros cães?

— Nunca — disse eu, agora tentando arrumar o cabelo, colocando-o atrás das orelhas.

Hutch começou a caminhar em direção à parte mais funda da piscina, olhou para mim e inclinou a cabeça, para que eu o seguisse.

Quando a superfície da piscina estava logo acima da cintura, paramos.

— Está nervosa? — perguntou Hutch.

Não havia como fingir nesse momento. Minhas mãos estavam frias. Minha respiração, apertada. Ele sabia que eu estava excessivamente envolvida numa

situação difícil. De fato, não havia como voltar atrás. Eu o olhei nos olhos e assenti.

— Você já fez um pouco de natação antes? — perguntou ele.

Agora estávamos no modo diagnóstico. Dei a ele todas as informações em que pude pensar, como se estivesse visitando o médico.

— Minha mãe costumava me levar para a piscina o tempo todo, quando eu era criança. Mas, na verdade, não era para nadar; era só para brincar de fazer a água espirrar para me molhar e me refrescar. Na maioria das vezes, eu ficava nos degraus, na parte rasa. Íamos à praia também, só que, como sempre, era principalmente para brincar com a água e fazer castelos de areia molhada. Eu deveria começar a ter aulas adequadas no verão, após o quinto ano, mas meus pais se divorciaram, e todo o plano desmoronou.

Hutch concordou, como se estivesse somando tudo isso.

— Você tem alguma lembrança feliz de estar na água?

Que pergunta engraçada. Tentei relembrar.

— Lembro-me da minha mãe me carregando enganchada em seu quadril na água. Ela gostava de entrar para se refrescar enquanto conversava com as outras mães, e eu ia junto. Lembro-me de me aconchegar no colo dela como um bebê coala.

Hutch conteve a reação por um segundo, como se essa não fosse a resposta que esperava.

— Então — perguntou ele, em seguida —, nenhuma instrução formal?

Balancei a cabeça.

— Mas tenho certeza de que teria esquecido tudo, de qualquer modo.

Agora foi Hutch quem balançou a cabeça.

— A gente não esquece a memória muscular. Ela permanece implícita. Qualquer coisa que conseguisse fazer naquela época, ainda consegue fazer agora. Só precisamos refrescar a memória do seu corpo.

— Não sei quanto há para lembrar.

Hutch fez sinal com a cabeça para indicar *Anotado*.

— Não se preocupe. Mesmo que seja a primeira vez, tudo que estamos prestes a fazer, você já sabe fazer. Só que agora vai fazer isso na água.

Primeiro, ele queria que eu andasse pela piscina, só para me acostumar à sensação de estar submersa, da resistência e do arrasto, de como a água rodopiava e circulava.

Tudo fácil.

Então, ele me conduziu até a borda, onde as senhorinhas assistiam a tudo. Elas levantaram suas xícaras de café e seus *croissants* em um brinde, gritando coisas como:

— Você consegue!

Ele segurou a borda da piscina com as duas mãos e agachou-se para submergir a cabeça, soltando bolhas enquanto descia. Quando apareceu e esperou que eu o imitasse, eu disse:

— Lamento.

Hutch franziu a testa.

— Por quê?

— Isso está terrivelmente abaixo do seu nível.

Mas Hutch balançou a cabeça, como se eu estivesse louca.

— Todo mundo tem que começar de algum lugar.

— Você *salta de helicópteros* para viver. E, agora, aqui estamos nós, soltando bolhas.

— Adoro soltar bolhas — disse Hutch, e lá estava novamente aquele sorriso carrancudo.

No fim da aula, eu havia dominado as artes de balançar, relaxar e flutuar na água. Todas elas são mais difíceis do que parecem. Também passamos uma quantidade chocante de tempo fazendo exercícios que forçaram Hutch a colocar as mãos em todo meu corpo.

Flutuar, em particular, exigia que ele desse aulas de pós-graduação sobre flutuabilidade, hidráulica, temperatura da água e massa muscular, tudo isso enquanto sustentava a estrutura rígida de uma aluna que ele simplesmente não conseguia convencer a relaxar.

— Relaxar é *difícil* — dizia eu o tempo todo. — Não sei o que fazer.

— Esse é o ponto — continuou explicando Hutch. — Relaxar significa *não fazer nada*.

— Não fazer nada não é meu estilo.

— Seja uma água-viva — sugeriu Hutch.

— É mais fácil falar do que fazer.

O ponto de Hutch era: depois que eu conseguisse flutuar e *soubesse* que poderia fazê-lo, tudo mudaria.

— Os pulmões são basicamente balões de ar — disse ele. — E o que balões de ar fazem na água?

— Flutuam? — aventurei-me, imaginando se a pergunta não seria uma pegadinha.

— Exatamente. Seu corpo não vai afundar como pedra porque não é pedra. É uma coisa viva, porosa e cheia de ar. Ele *quer* flutuar. — Então ele me pediu que inspirasse fundo, segurasse o ar e me inclinasse para trás, para descansar na água. E foi o que fiz. E funcionou: minha cabeça e meus ombros ficaram na superfície. — Agora, chute os pés delicadamente — disse ele, e, ao fazer isso, minhas pernas também se ergueram em direção à superfície.

E lá estava eu, flutuando.

O que foi incrível durante um segundo, antes que eu expirasse a pergunta "E se eu precisar respirar?" e começasse a afundar.

Mas num piscar de olhos as mãos de Hutch estavam lá para me segurar: uma sob os ombros, e a outra, sob a parte de trás das coxas, mantendo-me firme.

— Expire rápido e torne a inspirar rápido também — disse Hutch. — Você terá tempo. A água perdoa. — Inspirei, chutei novamente os pés para a superfície, aí Hutch tirou as mãos. — Viu como é fácil? Além disso, o fato de você ser mulher ajuda.

Meu bom Deus. Acho que ele percebeu.

— Por quê? — perguntei, tentando não deixar sair mais ar do que deveria.

— As mulheres têm mais gordura corporal que os homens.

— Para onde estamos indo com isso?

— E gordura flutua mais que músculos. Arnold Schwarzenegger afundaria no mar como uma âncora.

— Jura? — perguntei.

— É verdade. É por isso que as mulheres são estatisticamente menos propensas a se afogar.

— Por causa da gordura?

Confirmando com a cabeça, Hutch deu um tapinha na própria barriga.

— É por isso que guardo alguns pneuzinhos extras de reserva.

Ele estava falando sério?

— Acho que você não sabe o que são pneuzinhos.

— Sinta — disse Hutch, dando tapinhas em si mesmo novamente, como um convite.

Isso acabou com minha flutuação.

— Não, obrigada — disse eu, ficando na posição vertical e tocando os pés no fundo.

— Vamos lá, faça isso! — gritou Ginger do banco de reservas.

— A vida é curta! — secundou Benita.

— Sinta como é bom e macio — pediu Hutch, demonstrando novamente.

— *Vou* fazer isso! — ofereceu-se Nadine.

Mas continuei balançando a cabeça de um lado para o outro, como se dissesse *De jeito nenhum*.

Hutch balançou a sua de cima para baixo, como se dissesse *Você consegue*.

— Para fins educacionais.

Olhei para as senhorinhas. Elas aprovaram em uníssono. Então, estendi a palma da mão em direção a ele, e, quando ela estava próxima, Hutch puxou-a para si e a pressionou contra a carne em torno do próprio umbigo. Juro que, assim que ele tocou minha mão, tudo mudou para câmera lenta. Vi sua mão enorme cobrir a minha enquanto a puxava em sua direção, então antecipei a sensação da pele dele deslizando sob a palma da minha mão por vários segundos de suspense, antes que isso, de fato, acontecesse.

— Sente essa esponjosidade? — perguntou Hutch, pressionando minha mão e a dele contra o torso, como se estivéssemos pulando num colchão. — Essa pequena camada de gordura é minha melhor amiga no mar.

Camada de gordura? Estávamos apenas inventando os significados das palavras agora?

— Isso dificilmente é uma *camada de gordura* — protestei, com os olhos fixos na minha mão e no que ela estava fazendo.

— Me ajuda a flutuar, me protege da hipotermia... — Ele soltou minha mão. — E também me torna muito bom quando se trata de aconchego.

Espere! Espere um instante.

Eu estava detectando uma nota de flerte? O *hater* do amor estava *flertando* comigo?

Ele deveria ser só músculos, não coração.

Só que, creio eu, o coração *é* um músculo.

Mesmo assim. Não poderia ser um flerte. Eu teria que pesquisar mais tarde. Fazia tanto tempo que eu acho que não o reconheceria na natureza. Mas que tipo de pergunta eu faria na pesquisa? Qual é a diferença entre flertar e não flertar? O que significa quando os homens falam sobre aconchego? Você deve tocar nos pneuzinhos extras de um homem?

Em seguida, sem minha permissão, minha mão chegou à minha própria barriga, pressionando minha esponjosidade flutuante, isolante e salvadora de vidas, com nova apreciação.

E aí aconteceu a coisa mais engraçada.

Quando nossa aula terminou, Rue e as senhoras se dispersaram de seus camarotes. E quando Hutch começou a fazer nado livre em direção à beira da

piscina, com os ombros agitando a água, senti algo mudar em minha psique.

Durante todo o dia, eu estava temendo pedir a esse cara que fizesse um vídeo de "Um dia na vida" comigo, uma ideia que eu tinha noventa por cento de certeza de que ele odiaria. Estava tentando me forçar a fazer isso do jeito que você se obriga a fazer a lição de casa: sabia que *precisava*. Mas não *queria*.

Agora, de repente, eu queria.

De repente, fiquei verdadeira e profundamente curiosa sobre um dia na vida dele.

Hutch ergueu-se num movimento viril e virou-se para se sentar na beirada da piscina. Então me chamou para questionar:

— Alguma dúvida até agora?

— Sim — respondi ao me aproximar dele.

Hutch esperou. Então, quando cheguei perto, fiquei lá, meio submersa, e perguntei:

— Por acaso você estaria disposto a fazer um minidocumentário extra comigo para o YouTube, além do que já estamos fazendo?

Com a pergunta, Hutch baixou a cabeça daquele jeito encabulado dele e depois a levantou novamente, para franzir a testa em minha direção.

— Por que eu iria querer fazer isso? — perguntou ele.

Isso já era um não? Mas eu não tinha terminado.

— É só uma série que faço, fora do trabalho, sobre... heróis.

— Você não respondeu à minha pergunta.

Ah. Certo.

— Porque pode ser impactante e inspirador? — Hutch não reagiu. Então acrescentei: — E profundo. E lindo. E poderia capturar... verdades profundas sobre sua vida.

— E se eu não quiser capturar verdades profundas sobre minha vida?

Como responder a isso?

— Então você não precisa assistir a ele.

— Mas outras pessoas vão fazer isso.

— Sim. Isso é o que se chama ser famoso.

— Não quero ser famoso.

— Tarde demais.

Hutch pensou sobre isso. E ponderou:

— Talvez. Mas não tenho que piorar as coisas.

Não precisávamos continuar. Não havia nenhum sinal de esperança nessa conversa.

— Em resumo, isso é um não? — perguntei.
Então, com toda a amabilidade, Hutch respondeu:
— Isso não é só um não. É um *de jeito nenhum, nem morto*.

Nove

DE JEITO NENHUM, NEM MORTO.

É... Com essa declaração, não havia muita margem de manobra.

Para ser honesta, eu não tinha sido cem por cento sincera com Hutch durante nossas negociações de aliança, quando disse a ele que estava em contato com Cole, *com frequência*.

Na realidade, eu estava em contato com Cole *de vez em quando*.

Mas esta noite, apenas horas depois da recusa absoluta de Hutch diante do meu minidocumentário, foi um desses momentos.

Nem reconheci o número de Cole quando a ligação chegou, se isso diz alguma coisa. Na maioria das vezes, só enviamos textos com detalhes práticos básicos.

Esse telefonema também não se baseou em gentilezas. Sem tagarelice nem conversa fiada... Apenas Cole se lançando com entusiasmo à sua única pergunta:

— Hutch concordou com aquele seu lance de "Um dia na vida"?

— Hum — disse eu, como se tivesse que pensar no que tinha acontecido. — Não. Ele não topou.

— Ele disse não?

— Tecnicamente, ele disse *de jeito nenhum, nem morto*, mas... sim. A ideia é a mesma.

— Isso não é bom — disse Cole.

— Concordo.

— Não, quero dizer, isso *realmente* não é bom.

— Por quê? O que aconteceu?

— Sullivan — respondeu ele.

— O que tem ela?

— Sullivan demitiu as duas primeiras pessoas hoje.

Ai, meu Deus.

— Quem?

— Sabe aquela nova garota, Janine? A que tem o *piercing* na língua e a franja roxa?

— Adoro ela!

— É, bem, que pena. Ela está ferrada.

— Quem mais?

— Jaden.

— Jaden? Jaden, seu protegido?

— Sim. Ele vai ter que voltar a morar com a mãe.

— Uau.

— E Sullivan me procurou hoje para perguntar sobre *você*.

Franzi a testa.

— Perguntar o quê?

— Se você era boa. Se valia a pena manter. Esse tipo de coisa.

— O que você disse?

— Eu disse que você *era* boa e valia a pena mantê-la. E que eu achava que você realmente estava fadada a ter sucesso. O que, a propósito, é verdade.

— Obrigada.

— Mas ela não parecia convencida. Então, tive que ser criativo.

— Você teve que *ser criativo*?

— Eu disse a ela que você já estava filmando um vídeo de "Um dia na vida" com Hutch.

— O quê?!

— E também que estava quase pronto. Que eu tinha visto alguns clipes e estava incrível. E que você seria a próxima grande tendência na área de documentários. Mas enfatizei, ainda, as muitas, muitas filmagens de Hutch sem camisa. E então mencionei, de forma não relacionada, que Hutch é solteiro.

— Implicando... o que, exatamente?

— Implicando que, se ela não a demitir, você poderá arrumar um encontro entre os dois.

— Cole! Não acredito que fez isso!

— Talvez eu também tenha mostrado a ela algumas fotos antigas de Hutch na praia, sem camisa e parecendo bonito.

Pus a mão na cabeça.

— Por queeee você faria isso?

— Olha, precisamos usar tudo que temos em nosso arsenal. Estão dizendo que Sullivan entrou no modo loba.

— Mas o que isso quer dizer?

— Que ela está com uma *vibe* um tanto sedenta de homens.

— Achei que você tinha dito que ela era só trabalho o tempo todo!

— Bem — disse Cole —, ela teve um ano difícil. E um minidocumentário de seis minutos sobre Hutch realmente poderia atraí-la. Em nível profundo. Você entende o que quero dizer? Ele poderia fazer tudo isso mudar. Principalmente se você conseguir fazê-lo pular corda sem camisa.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que, quando acaba de fazer uma refeição de dar água na boca, você não se vira e demite o *chef*.

— Mas você não percebe como acabou piorando as coisas?

— Você deveria estar me agradecendo. Sua cabeça estava na guilhotina. E adivinha o que mais? Ela se interessou muito por isso! Quer ver esse "Um dia na vida". Ficou tão animada que até falou sobre todas as férias que nunca tirou e como pode até vir a Key West.

— Não a deixe vir para Key West!

— Se você se apressar e fizer logo esse vídeo, ela não precisará.

— Isso não faz sentido. Não *há* vídeo nenhum de "Um dia na vida" com Hutch. Não está quase pronto. E, desde ontem, nunca vai começar!

— Você vai ter que dar um jeito nisso.

— Como exatamente?

— Pergunte a ele de novo. De modo mais agradável.

— Ele já disse não.

— Diga-lhe a verdade. Diga a ele que seu trabalho está em jogo. Ele tem complexo de salvador. Use-o contra ele.

Por que isso soou tão sinistro?

— Tenho um ás na manga — disse Cole em seguida. — Mas prefiro não usar.

— Por que está me ajudando? — perguntei a ele, então.

Não sei o que esperava de sua resposta, mas Cole apenas disse:

— Se você receber o cartão vermelho, terei que assumir o projeto da Guarda Costeira. E, portanto, terei que fazer um vídeo sobre o herói que meu irmão mais velho é. E, se tem uma coisa que não quero mesmo fazer, é isso. — Resolvi não dizer nada enquanto não assimilasse toda essa conversa. — Então, estamos juntos nessa — continuou Cole. — Você está fazendo por mim algo que realmente não quero fazer, e estou salvando você de ser demitida e chorar no elevador como Jaden.

Eu queria chorar no elevador como Jaden?

Não queria mesmo.

Suspirei e disse:

— Tá bom. OK. Vou perguntar de novo. De modo mais agradável.

EU ESTAVA PRESTES a ligar para Beanie, para processar tudo isso... quando o telefone na minha mão começou a tocar — e era Beanie.

— Eu já estava com o telefone na mão para ligar para você — disse eu, a título de saudação.

— Como está se sentindo? Aguentando bem? — perguntou ela.

Por um instante, pensei que ela estivesse falando sobre as demissões. Mas ela não poderia saber sobre isso.

— Como estou me sentindo a respeito de quê? — perguntei.

— Sobre Lucas!

— Lucas? Por que eu estaria sentindo alguma coisa em relação a Lucas?

— Ah, você ainda não ouviu — disse Beanie.

— Ouviu o quê?

— Lucas acabou de lançar uma nova canção. E é sobre você.

Fiquei parada. Em seguida, perguntei:

— Como você sabe?

— Porque é toda sobre ele ter largado você.

— Não sou a única pessoa que ele já largou, certo? Por esse critério, que eu saiba, haveria pelo menos três outras candidatas.

— Sim — disse Beanie. — Mas o título da música é *Katie*. — Ah. Então, tá. Beanie continuou: — Está no TikTok. No YouTube. E em tudo que é lugar. O vídeo é só ele vagando por um gramado, desamparado, usando aquele chapeuzinho de tricô que você fez para ele depois que ele descobriu que era alérgico a lã.

— *Isso* está dominando a internet? Lucas com um gorro de tricô? — perguntei.

— É sobre quanto ele foi burro em deixar você.

— Nesse caso, não tem nem argumento.

— E aí termina com uma letra tão épica que uma garota que sigo já fez até uma tatuagem dela.

— Qual é a letra?

— O amor é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos.

— Isso é John Lennon! Ele plagiou John Lennon!

— Não. Vi um tópico sobre isso. A versão de John Lennon diz "vida", não "amor". "*A vida* é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos." Além disso, algumas pessoas estão dizendo que foi Henry David Thoreau. Ou Beyoncé.

— Ainda assim, é plágio.

— Não de acordo com um bando de estranhos aleatórios na internet.

— Ele não pode mudar *uma* palavra e fingir que não roubou!

— Quem se importa?

Mas agora eu estava nervosa.

— Não é sequer um bom argumento! O amor *não* acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos! Não é assim que o amor funciona. Quando você está apaixonado, não quer fazer *outros planos*. Só quer fazer planos com a pessoa por quem está apaixonado. É disso que se trata!

— Por que você se importa?

— Porque ele não sabe o que é amor.

— Isso nem é mais problema seu.

— Mas agora é problema de todos! Alguém péssimo no amor resolveu definilo ao restante de nós e agora está virando *tatuagens*.

— Sim, bem. Todo mundo está adorando essa letra.

— Exceto o espírito de John Lennon.

— A questão é que é um sucesso. Você deveria ouvi-la.

— Nunca vou ouvi-la.

— Nunca é muito tempo.

— OK. Vou ouvi-la no meu nonagésimo aniversário. Vou beber uma garrafa inteira de champanhe, ouvir essa música e depois me jogar de um penhasco.

— Não se jogue de um penhasco. Jogue *Lucas* desse penhasco.

— Ótima sugestão.

— De qualquer maneira, a canção está no topo das paradas. Acho que você deveria receber um *royalty* ou algo assim.

— *John Lennon* deveria receber um *royalty*.

Lucas e seu *timing*. Eu finalmente (finalmente!) encontrara algo em que estava mais interessada que me sentir péssima por causa dele... e agora aqui estava ele outra vez, exigindo minha atenção.

— O que vai fazer se ele ligar para você? — perguntou Beanie.

— Não vou atender.

— Bom. Perfeito. Fique forte.

— Não preciso de força. Tenho indiferença.

— Isso porque você ainda não ouviu a canção.

SE OUVI a canção?

É claro. No mesmo instante em que terminei de falar com Beanie. E era boa?

OK. Afirmativo. Era boa. Irritantemente boa.

O tipo de canção que você põe para repetir e acaba entrando num clima poeticamente agridoce que o faz refletir sobre a vida e o amor, e sobre o que tudo isso significa, de modo que dói na medida certa.

Eu nunca disse que ele não era um bom compositor. Plágio à parte.

Mas a canção me fez vacilar? Me fez desejar poder voltar no tempo e estar com Lucas de novo?

Honestamente? Não mesmo.

Ao contrário, deixou bem claro que eu estava em outra. Graças à minha intensa dedicação a um diário, a alguns conselhos mandões de Beanie sobre vida e à estabilidade que vem de depender de mim mesma por um tempo.

E também vou acrescentar: depois que um homem trai você, ele meio que acaba perdendo o brilho.

Além disso, para ser honesta, a lembrança ensolarada do mergulho com parada de mão que Hutch dera na piscina continuava iluminando os cantos da minha consciência.

Não que eu precisasse daquela imagem de Hutch para ficar bem. Eu estava muito bem sozinha, obrigada.

Mas se essa imagem estivesse disponível a quem quisesse desfrutar dela... eu iria em frente e a aceitaria.

Dez

PASSEI A SEMANA seguinte tentando fazer o "Um dia na vida" acontecer.

Hutch tinha dito *de jeito nenhum, nem morto*? Isso era algo que ainda teríamos que ver.

Decidi que, se não conseguisse fazê-lo dizer "sim", confessaria tudo e diria a ele que meu emprego estava em jogo.

Mas não queria recorrer a isso. Não queria abusar de seu senso de compaixão.

Queria convencê-lo a fazer isso de maneira direta, justa e legítima.

Eu o encurralei com listas de razões pelas quais contar sua história inspiraria o mundo, mas nenhuma delas funcionou. Tentei argumentar que Rue ficaria orgulhosa dele, mas ele disse que ela já estava orgulhosa o suficiente. Fiz uma argumentação apaixonada de que o mundo estava tomado por irreflexão egocêntrica, que todos precisávamos combater.

Mas o seu *não* se manteve firme.

Também tentei pegá-lo em diferentes momentos do dia: enquanto nadava, praticava corrida de velocidade ou fazia flexões. Tentei perguntar enquanto íamos de carona solidária para a base aérea. Pratiquei argumentos no espelho — desde detalhar como sair de nossa zona de conforto poderia nos ajudar a crescer emocionalmente até explicar patriotismo a *alguém das Forças Armadas*.

Porém, mesmo assim, nada.

O único argumento que tinha alguma promessa era também aquele que parecia moralmente errado: dizer a ele que eu precisava ser resgatada.

Tracei o limite a partir daí, no início. Mas, com o passar do tempo e suas recusas se acumulando, comecei a me questionar.

Eu precisava mesmo ser resgatada, afinal.

Não ia chantageá-lo. Nem o forçar. Apenas daria a ele o panorama completo da situação. Ele ficaria livre para fazer a escolha que quisesse. Decidi que poderia até argumentar que o verdadeiro comportamento moralmente suspeito era reter dele informações sobre as quais ele poderia ter interesse.

A verdade é que é bem difícil pedir algo a uma pessoa que você sabe que não quer lhe dar o que está pedindo.

Seja durona!, disse eu a mim mesma para me motivar. *Trata-se da sua carreira*.

Mas o que eu iria fazer? Interrompê-lo em uma reunião pré-voo? Exigir sua ajuda com o ruído da máquina de costura enquanto ele consertava o próprio equipamento? Parar um treinamento de segurança enquanto ele explicava aos tripulantes quais eram os itens escondidos nos bolsos de seus coletes de voo? Será que salvar meu emprego era mesmo mais importante que Hutch ensinar a essas pessoas sobre facas, rações, tanques de oxigênio, espelhos de sinalização e botes salva-vidas que um dia poderiam lhes salvar a vida?

Era *esse* o tipo de coisa que Hutch fazia o dia todo. Você consegue imaginar?

Imagine: Hutch descrevendo, digamos, a técnica para aplicar um torniquete em uma vítima, incluindo detalhes sérios como "Se você não conseguir parar o sangramento, adicione um segundo torniquete", e, em tom de brincadeira: "Basta torcê-lo até que ela grite e depois dê mais uma torção". E então eu, logo em seguida, me metendo no meio para dizer "Sinto muitíssimo por interromper. Pergunta rápida: estou sob o risco de ser demitida. Posso dormir em sua casa e filmar você pulando corda sem camisa?".

Não. Simplesmente, não.

Meus problemas, minhas preocupações, *toda minha vida*, em resumo, pareciam claramente bobagens quando comparados aos dele.

Por exemplo, essa dica de segurança de Hutch na mesma reunião da qual participei: se algum dia você sofrer um acidente de barco e sentir cheiro de combustível na água, não lance os sinalizadores.

Quer dizer, o cara estava em outro nível. Não precisava de alguém que mal conhecia para lhe fazer mais exigências.

Eu poderia ter abandonado o assunto por completo, não fosse pelo ritmo constante das mensagens de Cole.

Você já perguntou de novo?
Melhor se apressar.
Aquele cara da Califórnia acaba de levar um pé.

Além disso, eu estava ocupada. Esse trabalho tinha uma curva de aprendizado íngreme para uma pessoa que não sabia nada sobre militares. Entre os termos da Guarda Costeira que aprendi só na primeira semana, incluíam-se: *rollers* para vagalhões; *sortie* para uma viagem de helicóptero; *ensembles* para os diferentes equipamentos de natação que os TSA usavam para condições climáticas diversas;

sol noturno para os holofotes externos sobre as ondas no escuro. Além disso, SAR para "**s**earch **a**nd **r**escue" (busca e salvamento), PIW para "**p**erson **i**n the **w**ater" (pessoa na água) e NVGs para "**n**ight-**v**ision **g**oggles" (óculos de visão noturna).

Ah, e este parecia importante: *bingo*. Como na expressão *acertar no bingo*. No helicóptero, isso significava chegar ao ponto em que, se você não desse meia-volta e RTB (retornasse à base) *imediatamente*, não teria combustível suficiente para voltar à costa.

Muita terminologia nova. Nada era trivial.

Eu tinha um caderno e anotava tudo, voltava e destacava o texto, mas tive que fazer infinitas perguntas a Hutch como: "Desculpe, o que é um gráfico VFR?".

Além disso, posso só acrescentar uma coisa? Mesmo quando eu não estava correndo para me atualizar nos termos militares, conversar com Hutch também era simplesmente... divertido. Ele era um cara interessante. Vê-lo passar o dia na base aérea gerava perguntas intermináveis em minha cabeça.

E não se esqueça: eu estava fazendo um vídeo sobre ele.

Durante todo o dia, eu o seguia com uma câmera e, depois que voltava para a Starlite, examinava a filmagem. Hutch basicamente ocupava noventa por cento das minhas horas de vigília. Quando não estava falando com ele, eu o estava filmando, e, quando não o estava filmando, estava vasculhando as filmagens em busca dos melhores momentos.

E quer saber o que vi?

Hutch segurando a porta para as pessoas. Hutch varrendo o hangar da base aérea enquanto cantarolava "Heart and Soul". Hutch parando para recolher lixo no estacionamento. Hutch rindo às gargalhadas das piadas dos outros. Hutch pegando tacos para o café da manhã da tripulação. Hutch oferecendo a outras pessoas seu guarda-chuva e insistindo que não se importava em se molhar. E uma situação que vi repetidamente na filmagem e não entendi muito bem: Hutch pegando moedas sempre que as via no chão, conferindo-as e depois jogando-as de volta, para que outra pessoa tivesse boa sorte.

— Qual é o problema com os centavos? — perguntei uma vez, em nosso trajeto para casa.

— Os centavos?

— Você sempre olha para centavos.

— É mesmo?

— Você os confere quando recebe o troco. E vasculha o pote de moedas do salão. E sempre os pega se os vir no chão.

— Todo mundo faz isso. É para dar sorte.

— Só se você ficar com eles. Mas você não faz isso.

— Já tenho bastante sorte do jeito que está.

— É como se estivesse procurando alguma coisa. O que você está procurando? — perguntei.

Hutch olhou para mim. E então disse:

— Depois que minha mãe morreu, quando eu era criança, tive a ideia de que, se pudesse encontrar um centavo do ano em que ela nasceu, saberia que ela estava bem. Aí comecei a procurar. E agora eu os coleciono.

— Você coleciona moedas?

— Não. Coleciono centavos de 1965. Apenas centavos. Apenas 1965. O ano em que minha mãe nasceu.

— Eles são valiosos?

— Para mim, são.

— Quantos você tem?

Hutch deu de ombros.

— Um pote ou algo assim. Não conto há algum tempo. Para mim, basta encontrá-los, sabe? É como se minha mãe estivesse dizendo "oi".

— Hum — disse eu. — Pensei que você realmente amava centavos.

— Não — disse Hutch. — Eu realmente amava minha mãe.

UMA COISA ERA certa: Cole Hutcheson não poderia estar mais errado sobre o irmão mais velho. Ele não odiava o amor. Nem era uma máquina vazia. Ou um tipo forte e caladão. Não era vazio de pensamentos nem desprovido de sentimentos.

E também não era um cara difícil de conversar.

Era quase fácil demais.

Tão fácil que tive que estabelecer uma regra para mim mesma: nunca perguntar a ele sobre nadadores de resgate, coisas militares ou coisas de *trabalho* nas horas de folga, para não desperdiçar material que deveria ir para o vídeo.

Por isso, conversávamos em nosso trajeto sobre músicas favoritas, filmes favoritos e comidas favoritas. Conversávamos sobre velhos amigos e lugares em que já moramos. Conversávamos sobre listas de desejos, erros cometidos e coisas que ainda esperávamos acertar.

Acontece que Hutch era fanático por programas sobre a natureza, embora os chamasse de *podcasts da vida selvagem*, para torná-los mais emocionantes. Era fonte de curiosidades sobre o mundo natural, explicando, com alegria, que o

órgão do paladar da maioria dos insetos são as patas; que os cães têm dois compartimentos no nariz: um para respirar e outro para armazenar cheiros; e que a visão dos patos é tão abrangente que eles veem todo o céu, sem precisar virar a cabeça.

Se alguma vez tivéssemos um momento de silêncio em nosso trajeto, bastaria que eu lhe dissesse: "Fale-me sobre morcegos", e ele começava a falar.

Mas não era só Hutch quem falava nessas ocasiões.

Bons ouvintes fazem com que seja fácil se abrir demais, e Hutch era um ouvinte chocantemente bom. Sem que percebesse, me ouvi dizendo todos os tipos de coisas que importavam. As palavras simplesmente borbulhavam e *aconteciam*. Contei a ele a história de como minha mãe nos deixou quando eu era criança e fugiu com o dentista (o *dela*). Contei a ele sobre a obsessão de Beanie por autoajuda. E também sobre a fama de Lucas e de como as coisas degringolaram. Até contei a ele sobre a maneira como eu havia pedido Lucas em casamento, quase um mês antes de *ele* me pedir em casamento.

— Você o pediu em casamento primeiro? E então ele o propôs a você mais tarde?

Assenti com a cabeça.

— Havia quatro viadutos que passavam por cima de um trecho da rodovia perto da nossa casa, e eles tinham cercas contra ciclones. Você conhece aquelas com arames trançados?

— Sim.

— As pessoas costumavam enfiar copos de isopor entre os arames, para escrever nomes de times e outras coisas. Tipo: "Vá ao baile comigo, Stella!".

— Saquei.

— E um dia comecei a pensar em fazer uma proposta de casamento ao estilo Burma-Shave nesses viadutos.

— Burma-Shave? O que é isso?

— É um creme de barbear das antigas. E, quando as rodovias expressas estavam se tornando uma coqueluche, o anunciante do produto costumava colocar placas rimadas ao lado da estrada. Então, você já ouviu esta rima: "Não estique o braço longe demais. Talvez ele volte para casa no carro que vem atrás"?

— Sim. Dizíamos isso quando crianças.

— Isso é propaganda do Burma-Shave! Cada frase ficava em uma placa diferente, e, enquanto dirigia, você ia passando por elas em tempo real.

— Hum.

— Havia um monte dessas placas; as frases eram brilhantes. Como: "Um cavalheiro de bigode que arranha sua senhora merece ser castigado levando um velho e bom fora". Ou "Para rapazes de penugem, sabão até pode servir, mas, para senhores de certa idade, isso não pode convir". Ou "Se seu docinho de coco está fora de alcance, é melhor você se cuidar, ou vamos pegá-lo no lance". Essa era a minha favorita.

— As frases são ótimas.

— Eu estava fazendo um *freelance* para um documentário sobre a empresa, então ficava com essas rimas na cabeça o tempo todo. Então, um dia me veio à cabeça uma em que propunha casamento a ele e decidi escrevê-la usando copos naqueles quatro viadutos, e depois dirigir por baixo deles com Lucas.

— Qual era a rima?

— "Fazer você feliz? Sim, isso eu digo! Lucas, você quer se casar comigo?"

Hutch balançou a cabeça, impressionado.

— Genial.

— Não é? Só que não funcionou.

Hutch franziu a testa e olhou para cima.

— Tive que passar de carro com ele três vezes por baixo dos viadutos, para que ele percebesse. Então, quando finalmente viu, ele se recusou a me dar uma resposta.

— Ele o quê?

— Ele disse que eram os caras que deveriam propor casamento às garotas, não o contrário. — Um novo tipo de careta de Hutch. Uma do tipo *Mas que loucura é essa?* — Então, ele nunca respondeu. Mas aí, um mês depois, ele me levou a um restaurante chique e fez do jeito "certo". Com flores e velas.

— Seu jeito era melhor.

— Né? Obrigada.

— Se alguém me pedisse em casamento dessa maneira, eu teria dito "sim" antes do último viaduto.

— Exatamente! Isso me faz me sentir melhor.

— Você estava se sentindo mal?

— Não. É só que... Ele é cantor e acabou de lançar uma nova canção que fala sobre mim. E isso tem sido um pouco estranho.

— Espere — disse Hutch. — Seu ex-noivo Lucas, não é…?

— Lucas Banks. Sim.

— Então sua nova canção, *Katie*, é...?

— Sobre mim. Sim.

Hutch continuou dirigindo, tentando assimilar a informação.

— Tá de brincadeira comigo?

— Não.

— Você era noiva de Lucas Banks?

— Ele não era famoso quando nos conhecemos. Era só um cara que tocava violão em cafeterias, de graça.

Após um momento, Hutch perguntou:

— Mas você tem certeza de que essa canção é mesmo sobre você?

— Sim — disse eu. — O nome meio que denuncia.

— Sim, mas fala de uma garota com olhos cor de avelã.

— E daí?

— Seus olhos não são dessa cor.

— Não?

Hutch balançou a cabeça.

— A cor das avelãs é mais como um verde-acastanhado, mas seus olhos são cinza-azulados.

Abaixei o espelho do visor para verificar.

— São mesmo?

— Você não sabe de que cor são seus próprios olhos?

— Sempre achei que eram cor de avelã.

— Talvez a fatia de torta tenha despistado você.

— Talvez.

— E você achava que ele mencionaria também a fatia de torta, a propósito.

— Só que ele nunca a percebeu. Então, não poderia ter falado disso na canção.

— Como ele pôde deixar de notá-la? Eu a vi no primeiro dia.

— No primeiro dia? — perguntei. — Quando estava... — hesitei — ... fazendo a remoção das farpas?

Mas Hutch balançou a cabeça.

— O primeiro dia, na loja de Rue. Quando você estava com aquele hibisco no cabelo.

Assenti com a cabeça e fiquei pensando nisso.

— A propósito, pesquisei sua fatia de torta. Chama-se *heterocromia setorial*.

Por um instante, considerei a expressão.

— Bem, isso é que é um nome de encher a boca.

— Heterocromia é ter olhos com cores distintas. Por exemplo, algumas pessoas têm um olho azul e um olho castanho. Mas na heterocromia setorial só parte do olho é diferente.

Balancei a cabeça como se estivesse fascinada pela terminologia científica. Mas estava realmente mais fascinada pelo fato de Lucas, um homem com quem namorei por tanto tempo, ter notado tão pouco a meu respeito. E, por falar nisso, como eu poderia ter notado tão pouco sobre mim mesma.

Depois de um tempo, Hutch disse:

— Bem, é uma ótima canção.

— Acho que é — suspirei.

— Ele deve tê-la amado para escrever uma música como essa.

— Sim, provavelmente — disse eu, olhando pela janela. — Ele só não me amava... *bem o bastante*.

PARA RESUMIR, HUTCH e eu acabamos passando muito tempo juntos. Eu o seguia o dia inteiro no trabalho. Compartilhávamos o trajeto de ida e volta. Tínhamos um regime urgente de aulas de natação para seguir.

O prazo que eu me impusera para obter dele aquele "sim" para "Um dia na vida", antes do dia do treinamento SWET, parecia tão razoável no início. Mas, depois, o treinamento foi adiado algumas vezes. O que me permitiu adiar a pergunta e nos deu tempo de fazer aulas extras de natação.

Some isso ao fato de Rue e As Meninas grelharem o jantar à beira da piscina quase todas as noites, bebendo sangria e assistindo ao pôr do sol em cafetãs esvoaçantes, e de Hutch me deixar ali, ir para casa pegar George Bailey e voltar para nadar, ficando para jantar quase todas as noites também.

Se isso tivesse sido com outra pessoa, poderia facilmente ter sido *excessivo*.

No entanto, de algum modo, com Hutch, simplesmente não foi. Quanto mais tempo passávamos juntos, mais fácil ficava para nós passarmos tempo juntos. Era como se houvesse uma camada extra de energia sempre que estávamos perto um do outro que parecia amplificar o que estava acontecendo. Algo que seria sério com outra pessoa parecia monumental com ele. E qualquer coisa mais ou menos engraçada tornava-se hilária. Ele ria demais para alguém cujo *maior hobby era franzir a testa*.

Nós simplesmente nos dávamos bem.

Até nadar era divertido, por mais impossível que pareça.

Acho que a terapia de exposição realmente funciona. Quanto mais você faz uma coisa, menos estranha ela começa a ficar. Além disso, Hutch se sentia tão à vontade na água. Era um bom líder. E também essa não era uma situação de férias de primavera; não tinha nada a ver com se arrumar e caprichar na

aparência. Era trabalho. Trabalho que envolvia soprar muitas bolhas e dar muitas "bombas" na piscina.

Sabe como sair de férias pode, às vezes, transformá-lo numa pessoa diferente? Foi mais ou menos assim. Nada ao meu redor era o mesmo, então eu também não precisava ser a mesma.

Esse não era meu velho eu comum e habitual. Essa era *eu em Key West.*

Eu brincava e fazia barulho com Hutch na piscina, depois tornava a vestir aquela saída de praia esvoaçante e passava o restante da noite comendo avidamente às mesas do pátio com ele e As Meninas, enquanto George Bailey ficava deitado por ali, na grama.

Talvez fosse a brisa da ilha. Ou a sangria. Ou o calor do sol. Ou a maravilhosa sensação de estar cercada da conversa descontraída de amigos. Mas havia algo especial acontecendo que eu não podia ignorar. Parecia uma maneira diferente de viver que tinha algo bom para me ensinar... e deveria ter acontecido bem antes.

Onze

NOTÍCIAS EMOCIONANTES.

Encontrei a cura definitiva para a fobia de maiô: puro terror de outra coisa.

Na manhã em que o treinamento SWET finalmente aconteceria, descobri que meu habitual problema de medo diante da ideia de vestir um maiô não ocorreu. Eu estava ocupada demais temendo a *morte*. Tanto que, quando Beanie me chamou no vídeo e exigiu alguma coisa para minha lista de beleza, tentei sugerir minhas *unhas como opção*.

— Inaceitável — declarou Beanie. — Escolha alguma coisa real.

Eu estava cansada demais para lutar com ela. Soltei um longo suspiro enquanto pensava nisso. Então, minha segunda tentativa acidentalmente a encantou.

— OK, então. E a minha heterocromia setorial? — perguntei.

— Sua o quê?

— É aquela pequena fatia de torta marrom no meu olho.

— Você tem uma fatia de torta marrom no olho? Como ninguém nunca notou isso?

Ninguém, exceto Hutch.

Segurei o telefone perto do olho.

— Está vendo essa mancha marrom? É muito rara. — Então, disse com orgulho: — É uma *anomalia genética*. Não se pode comprar olhos azul-acinzentados com uma fatia de torta marrom igual a essa em qualquer esquina.

Beanie apertou os olhos.

— Pensei que seus olhos fossem castanho-esverdeados.

— Por que pensou isso?

— Porque você sempre disse isso. E é isso também que diz a canção.

— Bem, a canção está errada. E eu também estava.

— Não está escrito *castanho-esverdeado* na sua carteira de motorista?

— Pois é — disse eu. — Todos nós sempre estivemos errados sobre a cor dos meus olhos. Até eu. Mas agora aceitamos a correção.

— Quem nos corrigiu?

— O quê?

— Quem nos inspirou, de repente, a notar a cor dos seus olhos de uma nova maneira?

Por que isso parecia uma armadilha? Eu me endireitei um pouco.

— Hutch fez uma pesquisa.

— Eu sabia!

— Sabia o quê? — perguntei, com aquele sentimento de esperança reprimida que você tem quando alguém pode pensar o que *você também continua querendo pensar*.

— O *Hater* do Amor gosta de você! — berrou Beanie.

Engasguei.

— Nada disso! — disse eu, com voz de total repreensão. Mas tive que virar a câmera do telefone enquanto apertava os olhos com um sorriso espontâneo no rosto.

— Ele notou sua fatia de torta e *redefiniu a cor dos seus olhos* — disse Beanie. — Não acho que isso esteja em debate.

— Não tenho tempo para debater, de qualquer modo. Estou atrasada para me afogar numa simulação de acidente de helicóptero.

— Isso é hoje? — perguntou Beanie.

— É hoje.

— Sem dúvida, você deveria *quase* se afogar — disse Beanie. — Mas não totalmente. Apenas o suficiente para que ele tenha que te dar RCP.

— Desligando agora — disse eu.

— Faça-o colocar a boca em você! — ordenou Beanie, enquanto eu tocava o *X* vermelho.

Para ser sincera, não pensei logicamente que me afogaria durante o treinamento SWET. Compreendi a impossibilidade quase matemática de me afogar numa piscina enquanto estava cercada de nadadores de resgate altamente treinados e em sua melhor forma.

Isso realmente não aconteceria.

Só dava a sensação de que iria.

Na realidade, meus sentimentos não pareciam entender matemática. Porque, se você lhes perguntasse, diriam que certamente eu me afogaria. Por completo.

Uma coisa sobre esta manhã era certa: eu tinha desperdiçado uma semana inteira zanzando com Hutch e ainda não havia conseguido aquele *sim* para o meu "Um dia na vida".

Esta noite. Após o treinamento SWET. Perguntaria a ele novamente esta noite. E diria a verdade sobre o porquê.

Caso eu sobrevivesse.

EU ESPERAVA QUE me deixassem usar roupas para o treinamento SWET, mas Hutch me disse que eu deveria levar um maiô.

Eu já tinha acumulado cinco maiôs desde que fixara residência na casa de Rue (cem por cento deles), pois Rue continuava comprando-os para mim. Ela aparecia na minha porta com uma sacola de presente da Vitamin Sea, e meus ombros caíam.

— Experimente-o — ordenava ela, e eu nunca soube dizer não.

— Rue — perguntei recentemente —, por que continua comprando esses maiôs para mim?

Rue apenas apertou minha mão e disse:

— Porque gosto de você.

Eu sentia que ela estava sendo sincera e deixei o cálido conforto disso tomar conta de mim por um segundo, antes de prosseguir:

— Mas você compra roupas tropicais a todas as pessoas de quem gosta?

Rue se manteve toda formal e profissional, despachando-me com as mãos para experimentar o maiô, enquanto se sentava na sua habitual cadeira de vime com estofamento de folha de palmeira.

— Apenas aquelas que me lembram um pouco de mim mesma.

Com isso, fiz uma pausa.

— Eu a faço se lembrar de si mesma?

Rue concordou com a cabeça.

— Eu mesma há quarenta anos.

— Você era — baixei a voz para um sussurro teatral — cromófoba?

Rue sacudiu a cabeça, como se perguntasse *Você consegue acreditar?*

— Imagine tudo isso — disse ela, apontando grandiosamente para si mesma — vestido de bege.

Bege? Francamente, não tinha certeza de que conseguiria. Lá estava ela sentada, vestindo seu cafetã vermelho e laranja com detalhes azul-petróleo que combinava com seus enormes óculos Iris Apfel, parecendo que já havia *nascido assim*. Uma setentona destemida, desde o início.

E eu disse isso a ela.

— Ninguém nasce destemido — disse Rue. — Você tem que merecer. — Então ela acrescentou, gesticulando para o maiô pendurado na minha mão: — Toda vez que você tem que ser corajosa, precisa ser um pouco mais corajosa da próxima vez. É para isso que serve a vida.

— Acho que não quero ser corajosa — disse eu.

— Eu sei. — Seu rosto era pura empatia. — É por isso que você continua se escondendo. — O que posso dizer? Ela me cativava. — Mas vou lhe contar um segredo — disse ela. — Não importa o que ninguém pense se você estiver se divertindo. E toda diversão está nas cores. —Experimentei o tamanho dessa ideia. — Meu desejo para você — prosseguiu Rue — é uma vida vibrante, alegre e gloriosa. É por isso que continuo lhe trazendo esses maiôs vibrantes, alegres e gloriosos.

— Então sou seu projeto favorito ou algo assim? — perguntei.

— Isso é tão terrível?

— Não. É legal, na verdade.

— Ótimo — disse Rue. — Agora vá se trocar.

Quando me dei conta, estávamos contemplando meu reflexo no espelho, enquanto eu me adaptava à exposição, à mudança de temperatura e à sensação das tábuas nuas sob os pés.

Toda vez que você tem que ser corajosa, precisa ser um pouco mais corajosa da próxima vez.

Os trajes de banho, sem dúvida, eram fabulosos. Qualquer cromofobia que Rue pudesse ter tido no passado fora totalmente vencida. Ela me trouxe maiôs de listras vibrantes e decotes profundos, duas peças repletas de flores tropicais e um biquíni rosa-choque com babados em forma de pétala.

Entendi. Eu poderia gostar deles.

Mas nenhum desses trajes era, de maneira nenhuma, apropriado para o treinamento SWET.

Daí a manhã de pânico.

Finalmente desisti e saí de casa vestindo meu *jeans* preto habitual. Quando apareci no carro, Hutch gritou pela janela:

— Você se lembrou de pegar um maiô?

— Um maiô? — perguntei, como se não tivesse entendido sua mensagem. Hutch franziu a testa.

— Sim. Um maiô.

Claro que sim.

— Mas não é para simular um acidente?

— Sim — respondeu Hutch, com cautela.

— Bem — disse eu, olhando para minhas roupas —, isso é o que estaria vestindo se houvesse um acidente.

— Não vamos simular tanto assim.

Percebi que estava criando um bom argumento. Olhei para minha roupa outra vez.

Hutch não esperou por outro protesto.

— Você precisa de um maiô. Vá se trocar. — Eu o fuzilei com o olhar de uma adolescente mal-humorada, mas depois dei meia-volta e fui para minha casa. — E não um daqueles floridos! — gritou Hutch. — Isso não é o iate clube! Seja profissional!

— Só tenho floridos! — berrei, virando-me para onde ele estava.

Mas isso não era de todo verdade. Alguns dias antes, Rue me presenteou com uma peça toda preta, que ela encomendara especialmente.

— Fabuloso! — declarou ela depois que eu o vesti. Então, ela assentiu com a cabeça, em aprovação. — Caiu-lhe infinitamente bem. Mesmo que pareça um maiô para um funeral.

— Fazem trajes de banho para funerais?

Apertei os olhos no espelho enquanto nós duas apreciávamos as imagens, mas me surpreendi concordando silenciosamente com ela. Quaisquer que fossem as ilusões matemáticas, geométricas ou de óptica... eu as aprovei.

Foi um grande marco na minha vida. Ver-me de maiô no espelho e não me acanhar totalmente não tinha precedentes. Mas não havia como negar: esse maiô me favorecia muito mesmo.

Era lisonjeiro, mas atrevido.

Era um modelo frente única que se conectava ao corpo do maiô como duas cortinas que me caíam dos ombros. E digamos apenas que tudo que estava acontecendo na área do meu peito estava aninhado naquelas cortinas, e algo no modo como o tecido se moldava era, de alguma forma, perfeitamente recatado e descontroladamente lascivo ao mesmo tempo. Sabe aqueles anúncios da *Vogue* nos quais as roupas das modelos são totalmente legítimas e classudas, e, ainda assim, ao mesmo tempo alucinantemente lascivas?

Bem desse jeito.

No fundo, de algum modo, esse maiô preto que ganhei da *tia idosa* de Hutch era tão visível quanto uma enorme mancha de óleo num oceano de safadeza. Era *pior* que os florais, porque, pelo menos, esses tinham flores que poderiam servir como camuflagem.

Quando voltei ao carro de Hutch, estava vestindo minha camiseta e meu *jeans* pretos sobre a peça preta.

— Acho que deveria trocá-lo por um dos florais — disse eu a Hutch quando entrava no carro.

— Sem flores — disse ele, como *se tivéssemos conversado sobre isso.*

— Não tenho certeza de que este é apropriado.

— Biquíni ou maiô? — perguntou Hutch.

— Maiô.

— De que cor?

— Preto.

— Então, pronto. É esse mesmo.

— Mas...

— Já estamos atrasados. Vamos.

E foi assim que acabei me apresentando para o treinamento militar com um maiô tão provocante que poderia até causar minha expulsão de uma praia de nudismo.

Para ser justa, a culpa foi de Hutch por ser tão mandão e não me dar todas as informações visuais.

Mas não se preocupe. Ele estava prestes a entender isso.

Como estávamos fazendo aulas de natação tão religiosamente, em termos de habilidades eu já havia percorrido um longo caminho, sem dúvida: aprendi a prender a respiração debaixo d'água, a soprar bolhas, a transformar as mãos em pequenas barbatanas e usar as pernas para propulsão. Poderia empurrar e nadar em estilo livre de um lado para o outro. E poderia, ainda, mergulhar e pegar um brinquedo no piso da piscina.

Mas isso não significava que eu era *boa*.

Estava bem para uma iniciante total, mas ainda era uma iniciante total. E agora tinha que sobreviver a um acidente de helicóptero.

Eu estava meio tonta. Sempre me esquecia de respirar.

Certa vez, li que a mente só pode se concentrar, de fato, em uma coisa de cada vez. E não há dúvida de que, dada a escolha entre (1) ser olhada e julgada desfavoravelmente e (2) me afogar de cabeça para baixo numa piscina comunitária, minha mente teve o bom senso de saber que morrer era um pouco pior.

O que pareceu até um progresso.

Mas, quando tirei o *jeans* e depois a camiseta para o teste, Hutch correu e disse:

— Epa! Epa! O que está vestindo?

Fiquei perturbada não só pela pergunta em si, mas pelo fato de que Hutch estava pondo os braços ao meu redor enquanto fazia a pergunta, como se estivesse tentando me esconder. Quer dizer, quanta feiura tem que haver em você para fazer um homem correr ao longo de uma área de piscina para cobri-la? Esse foi meu primeiro pensamento.

— Estou vestindo *o que você me pediu que usasse* — respondi, sentindo uma pontada de humilhação.

Mas agora ele estava me envolvendo numa toalha de praia.

— *Isso* é o seu maiô preto?

Balancei a cabeça, olhando para ele.

— Rue o comprou para mim.

— Foi ela, claro.

— O que isso quer dizer?

— É totalmente...

E não sei o que esperava que ele dissesse, ou o que presumi que seria sua objeção, mas garanto que nunca me ocorreu que sua reclamação, ou a de qualquer outra pessoa, pudesse ser que minha aparência estava *boa demais*.

Parecer bem demais não era, em geral, um problema para mim. Mas foi aí que Hutch terminou com "sexy".

— O quê? — perguntei.

— Esse maiô — disse Hutch, em tom de *mantenha o foco* — é *sexy*.

Nunca na vida fui repreendida por ser *sexy* demais.

Olhei para cima, com espanto, para ver seu rosto. Essa era mesmo a reclamação dele?

Com certeza. Lá estavam aquelas rugas franzidas acima do nariz. E aqueles olhos escuros e preocupados. E uma expressão muito séria.

Se queria me provocar, ele era o pior provocador do mundo.

— Foi você quem *me pediu* que usasse isso! — disse eu. — Você me fez trocar de roupa!

— Você disse que era um maiô.

— Mas *é* um maiô.

— Um maiô que ficou preso num cortador de grama, talvez.

— Olha...

— Vista outro.

— Não tenho outro.

— Você só trouxe esse?

— Eu queria usar *jeans*, lembra?

Mas Hutch agora estava em modo ação. Ele aparentemente decidiu resolver todos os nossos problemas de uma vez, puxando minha toalha com um floreio de mágico e, em seguida, me tomando nos braços, correndo em direção à piscina e me jogando na água.

OK. Não pressenti que nada disso aconteceria.

Então, Hutch pulou na piscina, e ele e Carlos agarraram cada um uma extremidade da estrutura de alumínio do simulador, para baixá-la, com assento e tudo, na água. Depois, Hutch me chamou.

Olhei para a estrutura e hesitei o suficiente para que Hutch se aproximasse de mim, pegasse minha mão e me puxasse em direção à engenhoca. E eu permiti. Se quisesse manter meu emprego, teria que fazer esse vídeo. E, se quisesse fazer esse vídeo, teria que subir num helicóptero. E, se quisesse subir num helicóptero, teria que passar nesse treinamento SWET.

Portanto, na realidade, não havia mais decisões a tomar. O que foi útil, de certa maneira.

A irritabilidade repentina de Hutch também foi estranhamente útil. Isso me deu outra coisa em que pensar.

Hutch soltou minha mão, e toquei o alumínio da estrutura quase como se estivesse verificando se era de verdade. Então, ele sugeriu que eu nadasse por baixo e subisse à tona no meio dela. Eu o fiz e subi no assento, metade submerso na água. Depois apertei o cinto. Hutch estava segurando a frente da estrutura, então eu estava cara a cara com ele, e Carlos segurava a parte de trás.

— Veja como funciona — disse Hutch. — Você tem que fazer isso três vezes para passar. — Balancei a cabeça. — Pode empurrar contra a estrutura para sair — continuou Hutch —, então pense menos na natação que na orientação quando estiver de cabeça para baixo. Você já esteve de cabeça para baixo antes? — Lancei-lhe um olhar ligeiramente insultado. Hutch deu de ombros enquanto dizia: — Use esse olhar que você está me dando como ponto de partida. Diga a si mesma que já esteve de cabeça para baixo antes. Próximo passo: desafivelar. Mas este não é um cinto de segurança de carro. É um cinto de segurança com cinco pontos.

Balancei a cabeça. Cinco pontos pareciam muitos pontos.

De algum modo, nos segundos que transcorreram a seguir, meu coração começou a bater forte no peito.

— É simples — disse Hutch, lendo meu rosto. — Basta girar a trava, e caem todos os cinco pontos. Fácil.

Praticamos umas duas vezes. Foi (tecnicamente) fácil.

Mas minha garganta estava fria. Isso era mesmo uma coisa? *A fria garganta do medo?* Estaria eu inventando novas maneiras de ficar apavorada?

— OK — disse Hutch, quando me ensinou tudo que deveria me ensinar até ali. — Você está pronta? — Eu não estava. — Aqui vamos nós — disse Hutch. — Respire fundo.

Juntos, Hutch e Carlos viraram manualmente a estrutura. E foi assim que fiquei de cabeça para baixo debaixo d'água e tão desorientada quanto Hutch havia prometido. Então, obedientemente, como uma banda tocando um tributo a Hutch Hutcheson, ouvi minha mente dizer: "Já estive de cabeça para baixo antes".

E ele estava certo. O pensamento *era* reconfortante. Foi um bom ponto de partida.

A partir daí, dei o primeiro passo e liberei o cinto.

E o danado estava certo. Foi fácil.

Sem o cinto de segurança, senti o corpo se afastar do assento, o que me levou ao passo seguinte: hora de me mexer. Agarrei a estrutura de metal ao lado e me impulsionei para fora, mas acho que, talvez pela força excessiva do impulso, a lateral da minha bunda se ralou na armação enquanto eu passava, não o suficiente para machucar, mas o suficiente para que algo, um parafuso, talvez, pegasse no elástico da perna do maiô amaldiçoado, e, por um segundo, fiquei presa.

Na realidade, apenas um breve segundo, mas foi o bastante para que eu entrasse em pânico e me debatesse na água como um peixe numa linha de pesca, até me libertar.

Então emergi, respirando com dificuldade, mas triunfante.

E vi, mais uma vez, aquele rosto preocupado de Hutch, e ele só perguntou:

— Por que demorou tanto?

— Meu maiô ficou preso num parafuso ou algo do gênero — respondi, ainda sem fôlego e ainda orgulhosa. — Mas consegui me libertar.

— Como assim, preso num parafuso? — perguntou Hutch, como se isso nunca tivesse acontecido antes.

— Pois é — disse eu. — Só por um minuto. Mas estou bem agora.

Mas será que estava mesmo?

Senti algo fazer cócegas no meu traseiro. Espichei uma das mãos para investigar e foi aí que senti um tecido solto, flutuando livremente.

Meu sorriso sumiu.

— Hutch.

— O que foi? — perguntou ele, olhando para baixo.

— Não olhe! — disse eu, empurrando uma mão contra a bunda. E, para minha surpresa, sentindo não apenas tecido solto, mas também um pouco de... *pele*. Eu sabia que isso era verdade, mesmo quando disse: — Acho que rasguei meu maiô.

A carranca de Hutch se aprofundou.

— Onde?

— Na parte de trás.

— Nas costas? Nos ombros?

Balancei a cabeça negativamente.

— Mais abaixo.

— Na cintura?

Outra balançada de cabeça.

Os olhos de Hutch se arregalaram.

— Na *parte de trás*?

— Também arregalei os olhos para confirmar.

— Quanto rasgou?

Dei uma apalpada na região e estremeci depois da avaliação.

— Acho que a maior parte, pelo que consegui tocar...

Hutch baixou a voz.

— Você está dizendo que sua bunda está de fora desse maiô que não existe mais? — Olhando para ele, assenti com a cabeça. Hutch jogou a cabeça para trás, para o céu, por um segundo, como se aquilo tivesse sido demais. Então, ele me olhou nos olhos e disse: — Vamos encerrar isso por hoje.

Mas agarrei o braço dele.

— Não! Mal comecei a pegar o jeito.

— Você não pode nadar nessa piscina com a bunda de fora.

Agarrei seu ombro.

— Se sairmos agora, nunca mais voltarei. Não posso. Não vou. Aí vou ter que perder este trabalho, e toda minha carreira, e tudo que sempre quis.

— Caramba — disse Hutch.

— Não estou brincando.

Hutch perscrutou minha expressão e, por fim, concordou.

— OK, tive uma ideia — disse ele. Agradeci e observei quando se abaixou, agarrou a bainha da própria *rash guard* preta e a tirou pela cabeça. Ele a embolou, me entregou o tecido molhado e disse:

— Aqui.

— *Aqui* o quê?

— Aqui, vista-a.

Mas eu me recusei. Isso não resolveria meu problema.

— A *rash guard* vai acabar flutuando.

— Não como camisa. Vista-a como se fosse uma fralda.

Franzi a testa.

— Como se fosse uma *fralda*?

— Ponha as pernas nas mangas e depois daremos um nó na cintura.

— OK. Há muitas outras palavras que você poderia ter usado além de *fralda*.

— Vamos — disse ele. — As pessoas estão esperando.

Olhei em volta. As pessoas *estavam* esperando.

— Tudo bem — concordei, mas aí fiquei parada, olhando para aquela pilha de náilon amassado, até que Hutch a tomou da minha mão.

Ele encontrou uma manga e a esticou; depois a abaixou sob a superfície, perto de um dos meus pés, e disse:

— Enfie o pé.

O que mais eu poderia fazer? Enfiei o pé. Em seguida, fiz o mesmo do outro lado.

E aí fiquei ali, ainda como um manequim de loja de departamentos, enquanto Hutch puxava a *rash guard* de cabeça para baixo, para a parte de cima das minhas pernas, apertava a bainha dela em volta da minha cintura e a torcia em um nó. Por fim, ele empurrou e puxou o tecido (e, por extensão, a mim também) por um minuto, antes de declarar:

— Assim, vai aguentar.

— Isso é loucura — disse eu.

— Sua bunda ainda está descoberta? — perguntou Hutch.

— Não — respondi.

— Então vamos terminar esse treinamento SWET.

Doze

NO FIM, PASSEI no treinamento.

Como estava com medo de ficar presa novamente, Hutch ficou debaixo d'água nas duas vezes, para me observar, mas acabei me saindo bem. Quando chegou a hora de sair da piscina, ele me ergueu pelas axilas e enrolou a toalha em volta de mim antes que alguém (espero) pudesse ver minha metade inferior improvisada.

Hutch achou tudo absurdamente engraçado.

Infinitamente, hilariantemente engraçado. Riu às gargalhadas, até curvar-se de tanto rir.

Depois disso, eu nem sequer pude ir para casa e me esconder. Tive que voltar para a base com todo mundo e andar por aí fingindo que minha dignidade humana não havia sido reduzida a cacos.

Adoraria tentar esquecer isso. Só que não podia.

Porque Hutch não conseguia parar de rir.

Quando voltávamos para casa, eu já estava louca de raiva por causa disso.

— Você poderia, por favor, parar de rir? — perguntei, abaixando a janela.

— Não estou rindo de você — disse Hutch. — Estou rindo por sua causa.

— Você riu de mim o dia inteiro.

— É, mas apesar disso, salvei você primeiro.

Porém, havia uma vantagem: não haveria aulas de natação esta noite.

Depois que Hutch me deixou em casa, tomei um longo banho e tinha acabado de vestir meu uniforme de sempre, só que recém-lavado, quando Rue apareceu na porta com mais uma sacola de presentes.

— Rue, você não pode continuar comprando roupas para mim — disse eu.

— Claro que posso.

— Vi as etiquetas de preço em sua butique.

— Com quem mais vou gastar minha fortuna?

— Isso tudo é porque a faço se lembrar do seu antigo eu?

— Isso tudo porque resolvi que posso ajudá-la. E preciso de um projeto.

Tirei da sacola uma blusa de algodão preta e branca bordada.

— Ah, vista essa — insistiu ela. — É perfeita para você.

Sim, ela continuava a me vestir como se eu fosse uma boneca de papel. Mas seu coração estava em um lugar tão bom. Afinal, era apenas uma blusa. Eu poderia encontrá-la a meio caminho. Contanto que pudesse manter minha bunda em segurança, escondida na minha calça *jeans*.

Eu meio que esperava que Hutch não voltasse à Starlite para jantar naquela noite. Em parte porque sabia que ele contaria toda história do maiô para As Meninas; em parte porque já era hora de lhe dizer a verdade, de contar a razão por que eu precisava que ele fizesse "Um dia na vida". Estávamos no prazo.

Mas Hutch voltou. E se sentou ao meu lado e ao lado das Meninas enquanto bebíamos nossas sangrias antes do jantar. Então, como previsto, ele regalou todo grupo com a história do meu momento improvisado de fraldas, não sem saborear cada detalhe.

Quando Rue nos mandou buscar mais gelo, na caminhada de volta pelo gramado, percebi que aquela era a melhor hora para fazer meu pedido. Talvez ele se sentisse culpado por todas as risadas que dera à minha custa e se rendesse. De qualquer maneira, eu teria de arriscar.

Eu estava prestes a dizer isso. Estava mesmo. Tinha acabado de abrir a boca para dizer *Preciso pedir a você que salve meu emprego...* Mas foi aí que Ginger foi ao nosso encontro com meu telefone na mão.

— Aqui está — disse ela. — Seu celular começou a vibrar lá na mesa.

Eu o peguei e, quando Ginger e Hutch saíram para levar o gelo a Rue, fiquei para trás, para verificar a tela. Havia vinte mensagens (com novas ainda chegando e soando como loucas), todas pura indignação: *Oh, meu Deus*, exclamações e emojis de grito.

Todas as perguntas que eu faria a Hutch foram esquecidas. Procurei encontrar minha melhor fonte de clareza: Beanie. A mensagem dela só dizia: Ligue para mim antes de clicar neste *link*.

Mas veio outra mensagem por cima, de um ex-colega que eu não via havia um ano, com o mesmo *link*. Bem ali. Tão clicável. E o impulso de descobrir que diabos estava acontecendo era tão forte que, contra o conselho muito claro de Beanie, cliquei nele.

Assim que vi a manchete, instintivamente pus o telefone no peito, para garantir que ninguém mais pudesse vê-la.

E ali de novo. Será que eu tinha visto o que acabara de ver? Um milissegundo confirmou.

Sim.

Era um artigo de um *site* de fofocas. Em negrito, a manchete dizia:

EXPOSTA A "KATIE" DA CANÇÃO NA VIDA REAL!
EX-NOIVA DE LUCAS BANKS REALMENTE SE DEIXOU LEVAR

Abaixo dela havia uma foto minha. Como prova.

Prova de que minha aparência era... terrível.

Mas não era uma daquelas fotos sorrateiras de *paparazzi*. Não era uma foto granulada nem tirada à minha revelia. Não era nem mesmo uma foto recente.

A foto usada no artigo era de *cinco anos antes*. Antes de Lucas ficar famoso, antes de ficarmos noivos e antes de eu ter sido ridicularizada *on-line*. Eu mesma havia postado aquela foto. Era apenas uma captura de tela das minhas redes sociais, quando eu fazia esse tipo de coisa. Era o tipo de foto fofa e ingênua que você postaria se pensasse que seria só para os amigos. Eu estava sorrindo e usando um vestido floral diferente, mas parecido, daquele que a internet tanto odiara no Billboard Awards.

Na realidade, sempre gostei dessa foto.

Uma que sempre achei que estava meio... bonitinha.

Li o artigo: tudo sobre a "verdadeira história" por trás da canção. E descrevia uma versão da minha vida, conseguindo, de alguma forma, acertar a essência básica de tudo e errar totalmente setenta e cinco por cento dos detalhes, com a repórter concluindo, com toda certeza, que, depois que Lucas me traiu, eu me tornei suicida e ganhei vinte e dois quilos. Ou quarenta e cinco. Dependendo da fonte.

A confiança do tom usado era espantosamente desestabilizadora. A autora desse artigo, uma pessoa que atendia pelo simples apelido de Lissi G, estava tão certa de tudo que me fez parar por um segundo.

Será que *me tornei* suicida?

Houve alguns dias bem soturnos depois.

Será que *engordei* vinte e dois quilos?

Uma vez que Beanie tinha queimado minha balança, talvez nunca saibamos.

Mas uma coisa era certa. *Essa* garota *nessa* foto não tinha feito nenhuma dessas coisas. Porque suas futuras mágoas de amor ainda não tinham acontecido. Encarei de novo o telefone na mão, e, quando meu cérebro percebeu o que meu corpo estava prestes a fazer, uma advertência começou a dar voltas em minha mente: *Não verifique os comentários. NÃO verifique os comentários!*

E assim mesmo verifiquei os comentários. Pois é. O que eu estava esperando?

Não faço ideia. Já sabia que seria má escolha. Sabia que a internet não se levantaria em uníssono inspirador para me defender. Eu não iria (e *sabia disso*) ver comentários como: "Chega! Deixem essa garota em paz! Ela é adorável, está bem, parece ser uma pessoa legal, e é *exatamente essa toxicidade* que vai acabar com a civilização humana".

O máximo que qualquer verificação poderia fazer seria tornar as coisas *muitíssimo piores*.

Mas, mesmo assim, minha mão se moveu por vontade própria, meus dedos acariciaram a tela, e meus olhos acompanharam o texto abaixo.

Então, lá estavam eles. Os comentários:

Medonha.
Não tem jeito mesmo.
Pesadelo.
Isso só fez arruinar a música pra mim.
Nunca poderei esquecer essa visão.
Ela devia se matar.

Eu já sabia que "Ela devia se matar" era como o "Tenha um bom dia" da internet... mas, para mim, ainda era mais que chocante.

Por fim, tarde demais, esfreguei os olhos e reuni toda força de vontade para desligar o telefone. Senti uma dor profunda, bem dentro de mim, como se tivesse levado um soco no estômago. Então, levantei o braço e, com todas as minhas forças, arremessei o telefone pelo quintal, observando-o quicar algumas vezes na grama antes de aterrissar fora de vista.

Quando me virei, Hutch estava vindo em minha direção, para ver se estava tudo bem comigo. Ele viu meu rosto e, então, olhou de mim para o pedaço do gramado onde estava o telefone, e de novo para mim.

— Não vá atrás dele — disse eu, ouvindo minha voz soar como se estivesse longe. — Nem toque nele. — Em seguida, para ter certeza de que ele realmente havia entendido: — Se chegar perto desse telefone, juro por Deus, vou atear fogo em mim mesma.

Hutch demonstrou concordância com uma expressão alarmada que dizia: *Mensagem recebida*.

E então comecei a andar.

Não havia nada a fazer nesse momento. Eu não ia mostrar a ele o artigo; não ia falar sobre isso. Com toda certeza, não iria simplesmente *retomar minha noite agradável*.

Nenhum plano, nenhum pensamento, apenas instinto.

Hora de me mexer.

— Hutch, aonde ela está indo? — chamou Rue, enquanto eu passava. — O jantar está pronto.

Jantar, pensei. *Que ridículo*.

Deixei os bangalôs para trás (sem bolsa, sem telefone, sem sapatos) e simplesmente saí caminhando pelas ruas da cidade. Não estava indo a lugar nenhum. Não tinha plano nenhum. Eu era apenas alguém que *ardia nas chamas da humilhação*, condenada a correr mais que essas chamas.

Não faço ideia da rota que tomei, nem das ruas por onde andei, nem do tempo que transcorreu.

Por fim, acabei atravessando as ruas de paralelepípedos do Centro Histórico e diminuindo a velocidade na Praça Mallory, local onde Rue me dissera que as pessoas se reuniam todas as noites para celebrar o pôr do sol.

O sol se punha agora, e o parque estava cheio. O clima do lugar não combinava, de maneira nenhuma, com minha vibe de campo de guerra. O vento estava ficando mais forte. Barcos de festa venciam as ondas. As pessoas que estavam nas docas vazias dos navios de cruzeiro se abraçavam para apreciar o céu e o mar. Muitas outras andavam a esmo, observando um sujeito que tocava violão acústico, uma malabarista que fazia uns números impressionantes com arcos e um cara num monociclo que tocava acordeão. Até os vendedores de comida eram adoráveis: Fred dos bolinhos de concha-rainha; Rita do Abacaxi, uma senhora que vendia tortinhas de limão de comer em duas mordidas.

Por que o fato de todo mundo *estar bem* só me deixava pior?

Vi uma balaustrada de metal perto da água e me encostei nela, segurando a barra fria e lisa com as palmas das mãos.

Não sabia o que fazer comigo mesma. Eu me sentia em pânico. Presa. Enjaulada no meu corpo. E tudo que queria, tudo que conseguia pensar em querer, era sair.

Mas não havia saída.

Esse é o problema de ter um corpo: você só tem um, mas está presa nele do início ao fim.

O que Beanie diria agora? Não tive nem que pensar muito nessa.

Primeiro, ela me faria nomear alguma nova parte do corpo que eu amava: o nó de um dedo, uma narina ou um redemoinho numa parte do cabelo. Depois, ela me diria que eu precisava me defender.

E minha voz tremeria quando eu dissesse a ela: “Não sei como”.

Então, ela insistiria, com toda delicadeza, em me dizer que eu *não estava* presa no meu corpo. Não era uma prisão em que minha alma estava enjaulada. As duas coisas eram (e sempre foram) uma coisa só. Eu era ela, e ela era eu. Éramos iguais.

Era uma verdade simples: eu não podia me abandonar.

E, por mais que fosse uma maldição, isso também era uma bênção.

Entendi. Sabia o que ela queria dizer. Eu tinha uma escolha que, por mais complicada que fosse, também era muito simples. Poderia concordar com todos aqueles vampiros na internet... ou poderia optar por discordar deles. Quando essa percepção se estabeleceu, eu a vi em minha cabeça como se estivesse acontecendo. Como se uma multidão me cercasse e zombasse de mim nesse mesmo cais: o *eu* daquela foto, no vestido floral, de joelhos. Eu poderia me aproximar para me juntar à multidão e zombar com ela... ou poderia me ajoelhar ao meu lado, colocar o braço em volta daquela garota e ajudá-la a se levantar. Poderia dar-lhe um abraço apertado e dizer em seu ouvido, mais perto e mais alto que todos os demais: "Eu a vejo. Eles estão errados. Você é linda!".

O que aconteceria se eu fizesse isso? Eles poderiam zombar de nós duas, eu acho.

Apesar de que... se *ela era eu,* e *eu, ela*, a multidão já estaria fazendo isso, de qualquer modo.

Lembrei-me de um artigo sobre *bullying* que dizia que os espectadores, muitas vezes, não defendiam crianças vítimas de *bullying* por medo de se tornar, eles próprios, os alvos. Mas a pesquisa mostrou que quase nunca foi assim que aconteceu. Até mesmo se outra criança defendesse a vítima, o resultado poderia ser diferente.

Eu poderia escolher ser essa outra criança. Para mim mesma.

Poderia ficar com ela e ajudá-la a se levantar, e poderíamos nos virar para assistir ao pôr do sol, lado a lado. Poderia abraçá-la, veríamos o céu escurecer até que o luar se refletisse nas ondas, ouviríamos a água bater e, juntas, ficaríamos bem.

Que tal se eu interviesse assim todas as vezes?

Essa mesma multidão, uma espécie de amálgama de todas as pessoas que já me constrangeram, me espreitava na imaginação havia anos. Cada madrasta que já me mandara "murchar a barriga", cada mulher photoshopada em cada revista, cada usuário médio malvado na internet.

Se você não rejeitar as crueldades que as pessoas lhe dizem, então acho que, em algum momento, isso implica que você as aceita.

Aquela multidão era minha imaginação, afinal.

Os comentários haviam sido reais. Talvez, acho eu. Se é que alguma coisa que está na internet é real.

Mas... e todo mundo que me seguiu depois que joguei meu telefone na grama?

Essas pessoas todas eram eu mesma. Meus medos. Minhas preocupações. Minhas convicções incontestáveis.

Talvez enfrentá-los não fosse tão difícil, afinal. Eu não precisava lutar contra eles. Não tinha que ser mais esperta que eles, discutir com eles, nem os vencer. Tudo que tinha que fazer era me voltar para mim mesma.

Isso era uma estratégia? Funcionaria?

Tive uma estranha sensação de que poderia funcionar.

O que, a essa altura, eu tinha a perder?

FOI QUANDO SENTI, mais que vi, alguém surgir ao meu lado na balaustrada.

Eu me virei. E era Hutch, que tinha vindo na bicicleta de Rue. Ele tinha me seguido.

Hutch sorriu, semicerrando os olhos sob a cálida luz laranja.

— Você me seguiu? — perguntei.

— Rue me mandou fazer isso — respondeu ele. Todos nós sabíamos que era melhor não desobedecer a Rue. — Mas, de qualquer maneira, eu teria feito isso. — Balancei a cabeça e olhei para a bicicleta. — Pensei que você precisaria de uma carona para casa — disse Hutch. Um veleiro passou deslizando na água. — Você sabe que está descalça? — perguntou Hutch.

Olhei para baixo. Com certeza, estava mesmo.

Hutch tirou os próprios tênis e os deixou ao lado dos meus pés.

Não os calcei; simplesmente voltei a atenção para a água.

— Essa é uma oferta gentil — disse eu.

— O que está acontecendo? — Hutch perguntou, por fim.

Meia hora atrás, eu teria dito: *Nada.*

Porém, se fosse tentar me defender, seria mais fácil se houvesse um interlocutor. Mas seria um risco. Era possível que Hutch decidisse ficar com a multidão. Avaliei o perfil seguro e destemido dele. Não havia como ele já ter vivenciado algo parecido com o que eu estava sentindo agora.

No entanto, isso não implicava que ele não pudesse ficar do meu lado.

Respirei fundo e decidi apostar nele.

— Quando estava noiva de Lucas Banks, ele ficou famoso naquele primeiro ano... Então, fui com ele a uma premiação. Escolhi um vestido floral *vintage* e descolado, e a internet decretou que eu estava horrorosa. E depois *pirou* escrevendo comentários odiosos sobre mim. — Olhei para Hutch. — Milhares. Não vou repeti-los — disse eu. Ele concordou com a cabeça, tipo *OK*. — Com isso, eu me tornei uma pessoa muito dura comigo mesma. E meio que parei de comer. Durante um ano ou mais. E me esforcei muito para ser (*como dizer?*) "magra o suficiente para ficar invisível". — Mas talvez isso não estivesse certo. Sacudi a cabeça. — Magra o suficiente para ficar a salvo de críticas.

Hutch apertou os olhos como se estivesse processando o que ouvira e disse:

— *Hum*.

— E eu poderia ter vivido assim para sempre, mas então Lucas me traiu, depois me deixou, aí eu desmoronei. Foi então que minha prima, Beanie, encenou uma intervenção e tacou fogo na minha balança. —Hutch assentiu com a cabeça, com ar de *Nada disso é esquisito*. — Após isso tudo, aos poucos, fui melhorando. Tenho trabalhado muito nisso. Quero encontrar uma maneira de ficar bem. Queimar aquela balança ajudou muito. E ficar longe de Lucas. E escrever um diário. E... vir aqui. — Fiz um gesto com as mãos. — Coisas. Você sabe. Crescimento pessoal. Terapia de exposição. Rue torna difícil ser invisível. — Hutch aproximou-se um pouco. Respirei fundo. — Mas então, hoje... — Minha voz se desintegrou. Gostaria que a epifania que acabara de ter tirasse todo sofrimento que há nisso, mas não foi assim. Olhei para o céu e tentei de novo. — Hoje publicaram um artigo em um *site* de fofocas com uma foto minha que dizia... — Senti uma pontada de preocupação em evitar dar detalhes. *E se Hutch concordasse com eles?* Mas, mesmo assim, continuei: — Dizia... que eu era feia.

Nossa, essa palavra me deixou um gosto ruim na boca.

Mas nunca poderei recompensar Hutch o bastante pelo choque total e absoluto que se estampou em seu rosto quando eu disse isso.

— O quê?! — exclamou ele.

— Pois é. Dizia que eu era tão feia que deveria me matar.

Então Hutch fez uma coisa engraçada: ele riu.

Uma risada rápida. E aí balançou a cabeça.

Isso me chamou a atenção.

— Você está rindo? — perguntei, franzindo a testa.

Hutch deu de ombros.

— É porque... é engraçado.

— É mesmo?

— É muito maldoso, mas também é engraçado.

O que aquilo significava, exatamente, para ele ter achado que era engraçado? *Nada* relacionado a isso era engraçado. Será que ele era tão bobo a ponto de não conseguir ver isso? Tão insensível que gostava de rir do sofrimento alheio? Ou teria um senso de humor tão terrível que não sabia distinguir *engraçado* de *cruel* e *traumático a ponto de destruir meu bem-estar*? Ele era tão implacavelmente belo que não era capaz de sentir empatia nem para imaginar como seria ser chamado de feio?

Engoli em seco, depois me preparei emocionalmente e, por fim, o olhei nos olhos.

— O que, exatamente, há de engraçado nisso?

Hutch estranhou a pergunta, fez cara de *Óbvio, né?* e disse:

— Como eles são invejosos.

— O quê?

— As pessoas que deixam esses comentários. São tão invejosas.

— De... quê?

Então, da maneira mais direta e desinibida, em tom de quem pergunta: *De quem mais poderíamos estar falando?*, Hutch disse:

— De você. — Quando não esbocei nenhuma reação, Hutch acrescentou: — De como você é bonita. — Adendo importante: eu não era uma dessas garotas bonitas que não sabem que são bonitas. Adendo extra igualmente importante: pelo visto, Hutch pensava que eu era. Apenas o encarei. — Concorda? — prosseguiu ele, lendo meu rosto e intuindo que eu poderia ter chegado a uma interpretação diferente, mas incapaz de sondar qual poderia ser. — Essa gente está na internet e vê uma foto da ex-noiva de um cantor famoso. A ex! E você é tão bonita que eles precisam persegui-la.

— Você não viu a foto, não é?

— Não tenho que ver a foto. — Ele apontou para mim. — Você está bem aqui.

Bizarro. E eu que me preocupei que, se lhe contasse, ele pudesse mudar o modo como me via. Mas nunca me ocorreu que isso pudesse mudar a forma como eu me via.

Hutch inclinou a cabeça e franziu a testa.

— Espere — disse ele. — Você não... *acreditou neles*, não é? — Eu não sabia ao certo como responder a essa pergunta. — Katie, me diga que não é por isso que está chorando. — Só que eu não podia. Porque já estava sentindo que começaria a chorar de novo. — Oh, meu Deus! — disse Hutch, afastando-se e andando de um lado para o outro, ao que tudo indicava, *com raiva*, antes de dar meia-volta.

Calma. Agora ele estava *bravo comigo*? O que estava acontecendo?

Mas aí, já um pouco distante, Hutch gritou:

— Esses imbecis! — Então não era *comigo*. — Não consigo pensar que você acreditou neles! — Ou talvez fosse só um pouco. Hutch prosseguiu: — Um cantor famoso escreveu uma canção de amor sobre você que está no topo das paradas, então eles têm que derrubá-la. Você tem algo que eles não têm. *Muitas* coisas que eles não têm. Você tem aquele cara que sente sua falta. Tem uma balada que canta seus louvores por todas as ondas de rádio. Seu nome está na boca de todos. E você é assim! — Hutch abriu os braços para representar toda minha *vibe* e, depois, deu mais alguns passos para perto. — Você tem essa... boca. E esses... lábios. E você tem, não sei, um brilho que irradia. E esse efeito nas pessoas. — Hutch estava mais perto agora. — Não consigo entender o que é, mas é alguma coisa na sua maneira de rir, ou talvez a curva do seu pescoço, ou... — Ele fez uma pausa, a poucos centímetros de distância agora, e me olhou longamente. — É simplesmente um fato. É simplesmente a realidade. Você é simplesmente... Você é como um *sundae* humano com calda de chocolate quente ou algo parecido.

No passado, eu lidava com a maldade apenas me fechando, como um pequeno inseto que se enrola todo como uma bola. Mas dessa vez era diferente. Hutch não me dava a chance de me fechar, ou talvez estivesse apenas me propondo uma opção melhor. Porque, se fizesse isso, eu estaria perdendo esse requintado monólogo sobre como eu era ótima.

De jeito nenhum eu perderia isso.

— Você acha que sou... um *sundae humano com calda de chocolate quente*? — perguntei, imaginando se essa era a coisa mais legal que eu poderia ouvir.

No instante em que fiz essa pergunta, Hutch estava perto o bastante para estender os braços em ambos os lados e segurar a barra da balaustrada atrás, me prendendo ali. Então ele ergueu o rosto para o meu, a poucos centímetros de distância. Depois, deliberada e lentamente, para que eu não pudesse errar na interpretação da resposta, balançou a cabeça para cima e para baixo.

Hum. Dar um abraço imaginário em mim mesma foi a melhor ideia em que pude pensar dez minutos antes?

Porque isso *também seria muito eficaz*.

— Mas — protestei eu. — Mas você riu de mim o dia todo.

E lá estava aquela famosa testa franzida novamente.

— Esse não é o mesmo tipo de riso — estranhou ele.

— Ah, não?

— Não — disse Hutch, com convicção.

— Mas você... — Eu não sabia muito bem como dizer isso. — Hoje, quando você me cobriu com a toalha... foi como se não aguentasse.

— Isso mesmo — disse Hutch. — Não aguentei. — Minha respiração ficou irregular. Mas aí ele disse: — No *bom* sentido.

— O que quer dizer com isso?

— Você achou que fiz isso porque não gostei de vê-la? — perguntou Hutch.

Fiquei imóvel.

— Katie, foi o oposto.

— O que isso significa? O *oposto*?

— Significa que gostei muito de vê-la. — Continuei franzindo a testa, em estranhamento. — O tipo de risada que dei hoje — disse Hutch — não era do mesmo tipo que se dá para machucar alguém. Por Deus, espero que já saiba disso.

— Na verdade, eu não tinha certeza do tipo de risada que era.

— Era o tipo de risada que você dá quando vai testar a prontidão de uma mulher em caso de acidente, durante um dia de trabalho, por exigência de seu emprego, e ela se despe até ficar de maiô bem diante dos seus olhos, e a visão dessa mulher simplesmente faz seu cérebro parar de funcionar.

— Seu cérebro parou de funcionar?

— Parou, sim — confirmou Hutch.

— Por quê?

— Porque toda vez que estou perto de você, e hoje foi o pior dia de todos, quero... — Ele balançou a cabeça. — Só quero... *tudo*.

Olhei para baixo. Não sei por que meus olhos se encheram de lágrimas novamente, mas foi o que aconteceu.

Hutch abaixou-se mais uma vez para interceptar meu olhar e me trazer de volta. Então, olhou nos meus olhos.

— Entende o que estou dizendo?

Eu não tinha certeza.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que, quando não estou com você, estou pensando em você. E esperando vê-la de novo. E passamos o dia todo juntos, todos os dias, há semanas, e já parece que nunca será o suficiente.

Ele me encarava tão abertamente que fiquei fascinada, como em um encantamento. Então, pensei: *Ele vai me beijar*.

Hutch era tão sério e misterioso. Tão intenso. Tão relutante em desviar o olhar. Era a intensidade que acontece com a proximidade, aquela atração própria dos ímãs quando se aproximam o suficiente. Era a maneira como ele parecia querer tão desesperadamente dizer coisas que não conseguia encaixar em palavras.

Sabe aquela sensação quando alguém está prestes a te beijar? Essa tensão? Essa antecipação palpável? Como tudo desacelera e parece *importar* de maneira totalmente nova?

Foi essa a sensação que tive. E ela afastou todas as outras.

Não havia internet naquele momento. Não havia Lucas. Não havia luta contra os ventos uivantes do ódio a si mesmo. Havia apenas Hutch, seu semblante concentrado e eu. Todo o restante se desvaneceu.

Seria assim que esse dia absurdo terminaria?

Não comigo chorando às margens do oceano, mas, sim, com um beijo?

Eu podia sentir minha respiração entrando e saindo dos pulmões como ondas. Podia ouvir o oceano ao nosso lado. Podia sentir a brisa marítima sussurrar ao passar por nós. Eu me sentia perdida em algo maior que eu: tempo, ou espaço, ou talvez apenas o olhar de Hutch. Nunca, em toda minha vida, eu tinha olhado nos olhos de outra pessoa durante tanto tempo. Mas não conseguia desviar o olhar.

E não queria.

E aí Hutch aproximou-se um pouco mais.

— Você não pode acreditar neles — disse ele, a voz soando hipnótica, baixando o olhar para minha boca. — Como você pôde acreditar neles?

E com isso ele inclinou mais a cabeça. E a verdade — que ele, sem dúvida, definitivamente, com um milhão por cento de certeza, iria me beijar — parecia totalmente impossível e completamente inevitável ao mesmo tempo. Eu me perguntei se esse seria o tipo de beijo que eclipsaria todos os outros beijos.

Parecia-me que seria algo *capaz de mudar minha vida*.

Então, aquela mesma mão que havia checado todos aqueles comentários sem permissão decidiu seguir em outra direção. Dessa vez, em busca de alguma coisa boa.

Eu a levei até a nuca de Hutch e acariciei a textura aveludada do seu cabelo. E aí lhe dei um leve puxão do tipo *me beije*.

E essa foi toda a permissão de que Hutch precisava. Ele mergulhou e pressionou a boca na minha.

Treze

FOI O MELHOR beijo da história da humanidade?

Hum... sim.

Acho que todos os livros de história concordarão.

Hutch fechou os braços em volta de mim, de modo que parecia um resgate. Então me beijou tão bem, e tão intensamente, e tão implacavelmente, e tão derretidamente, que esqueci todo o resto. Os *haters* virtuais desapareceram, assim como os festeiros da vida real à nossa volta, assim como o pôr do sol e o oceano — até que não restou nada além da sua boca na minha, o aperto dos seus braços e toda ternura do mundo.

E o desejo, é claro. Como brasas que finalmente foram alimentadas com alguns gravetos e se transformaram em chamas de alegria.

Não vou dizer que um beijo reparou tudo que havia se quebrado em minha vida. Mas vou dizer: ter alguém que defende você e depois a beija até fazê-la perder os sentidos à beira d'água ao pôr do sol é uma coisa incrível. Algo mudo, esquecido e negligenciado em minha alma recebeu uma inegável dose de cura.

Também não vou declarar que beijos são mágicos.

Embora talvez os certos, na hora certa e com as pessoas certas beijos sejam mágicos. Quem sabe?

Mas a alegria é uma espécie de magia, com certeza. E, se beijar Hutch à beira d'água, na Praça Mallory, não se qualifica como alegria, então não há nada sobre a terra que o faça.

Por mim, eu ficaria lá a noite inteira. Na realidade, poderia ter ficado. Não fosse o fato de que, pouco depois de termos feito aquele aquecimento, tivemos que parar, porque foi quando Rue ligou para o celular de Hutch.

Na verdade, todas As Meninas. No viva-voz.

— Você a encontrou? — perguntou Rue, preocupada. — Ela saiu sem sapatos.

— Eu a encontrei — disse Hutch, apoiando a testa na minha, a voz soando um pouco áspera.

— Bem, traga-a para casa — disse Rue, em tom de *Rápido*. — Ela nem comeu.

E ENTÃO, PORQUE todos nós sabíamos que era melhor não desobedecer a Rue, Hutch me levantou e me posicionou de lado na garupa, sobre a roda traseira da bicicleta de Rue.

— Essa garupa me aguenta?

— Se for a de uma bicicleta holandesa, sim — disse Hutch.

A corrente tinha proteção robusta na qual eu poderia descansar os pés descalços, e, depois que abracei a cintura de Hutch, partimos.

Só que fomos devagar. Delicadamente. Sem pressa.

Com isso, fui relaxando. O vento bagunçava meu cabelo, e colei nas costas de Hutch e envolvi os braços em torno de sua cintura. Para aumentar a estabilidade. Principalmente.

Por um tempo, não falamos. Por fim, me acostumei ao movimento e à sensação de equilíbrio. Muito havia sido dito. E feito. Então Hutch disse:

— Estou dividido entre querer levá-la de volta a Rue e roubar a bicicleta dela e guardar você para mim.

Pensei em Rue: ela era uma força da natureza.

— Ela tem sorte de ter você — disse eu. — Nunca vi um sobrinho tão dedicado.

Hutch concordou com a cabeça.

— Ela nos criou, então lhe devo muito. Além disso, gosto dela.

— Eu também.

— Ela se aposentou e veio para Key West quando comprou a Starlite. Na época, eu estava sediado em Kodiak, no Alasca. Me inscrevi para servir aqui no período seguinte, pensando que, provavelmente, não conseguiria, mas — demos um solavanco ao passar por cima de algo na rua — consegui.

— Isso é que é sorte!

— Realmente é — disse Hutch. — Estou aqui há um ano. Mas, como os períodos de serviço geralmente são quatro, ainda tenho algum tempo antes de seguir para outro local. Estou tentando aproveitar ao máximo.

Hutch era bom ciclista. Apesar de estar sem capacete, sem sapatos e sem um assento, eu me senti à vontade. As ruas laterais estavam silenciosas. Dava para ouvir o som dos pneus vencendo a rua. Era fácil conversar.

Em seguida, perguntei:

— Foi Rue quem criou você depois que sua mãe morreu?

— Pais — corrigiu Hutch. — Depois que meus pais morreram.

— Ah — disse eu. — Meu Deus. Sinto muito.

— Foi um acidente. Eu tinha doze anos e Cole, oito, e, de fato, não havia ninguém que pudesse nos adotar depois que isso aconteceu.

— Ninguém, exceto sua tia Rue — disse eu.

— Tia *honorária* — explicou Hutch. — Seríamos encaminhados para acolhimento familiar provisório quando Rue interveio. Ela nunca quis filhos. Mas não conseguiu *deixar* de ajudar.

Minha admiração por Rue aumentou ainda mais.

— Ela era amiga da sua mãe?

— Não... — disse Hutch.

— Uma colega de trabalho ou algo assim?

— Nunca falo sobre isso — disse Hutch. — É tão estranho falar sobre isso.

Fiquei apreensiva. Será que estava fazendo perguntas delicadas?

— Não precisamos falar sobre nada.

— Não, tudo bem — disse Hutch. — Você me contou algumas coisas suas esta noite.

— Mais que algumas — concordei.

Hutch se deteve por um segundo, então disse:

— O acidente em que meus pais morreram... foi meu pai quem causou. — Com isso, mudei de posição: de encostada nele, sonhadora, com a cabeça apoiada em seu ombro, para sentada, em alerta, observando sua linguagem corporal por trás. — Ele tinha acabado de receber uma promoção — prosseguiu Hutch — e nos levou para jantar fora. E eu me lembro claramente de que ele tomou pelo menos um drinque, porque perguntei se poderia pôr meu refrigerante no mesmo tipo de copo. Mas realmente não sei quantos drinques ele tomou, nem se poderia ter perdido um pouco... — Hutch hesitou por meio segundo, antes de decidir — os reflexos. — Esperei, observando por cima do ombro dele. — No caminho de volta para casa — disse Hutch —, ele passou direto por uma placa de pare no sopé de uma colina e acabou batendo em outro carro. — Hutch hesitou e acrescentou: — O carro de Rue.

— Ah — disse eu, enquanto Hutch continuava pedalando.

Hutch balançou a cabeça, e observei que os músculos de seu pescoço se flexionaram com o movimento.

— Não parecia que ele estivesse bêbado. Ele não era um grande beberrão. Mas Robert, o marido de Rue, morreu instantaneamente.

Hutch havia diminuído a velocidade, e eu me perguntei se ele queria parar, descer e se sentar em algum banco para conversar cara a cara.

Mas ele não o fez.

Talvez fosse mais fácil fazer esse relato assim.

Hutch prosseguiu:

— Rue diz que havia uma árvore cujos galhos estavam bloqueando a visão da placa de pare. Essa é a explicação dela: simples e objetiva. Que meu pai não sabia que era preciso parar ou até mesmo desacelerar. Nunca falei daquele drinque do bar para ela. Mas é claro que ela saberia, de uma forma ou de outra, pela autópsia.

— Então, seja o que for que tenham dito a ela, ela não disse nada a você?

Hutch balançou a cabeça negativamente.

— Não, e eu não perguntei. Após o impacto, Rue conseguiu sair de seu banco, mas, quando se aproximou para tentar abrir a porta de Robert, viu que ele estava preso às ferragens. Ele certamente já estava morto. Só que Rue ainda não sabia disso. Alguém, um homem, uma pessoa que estava ali perto, a puxou para trás e para longe. A colisão deve ter rompido um tanque de gasolina. O cheiro estava tão forte que todos podíamos sentir. Toda a frente do nosso carro havia sido amassada como um acordeão, e tanto meu pai quanto minha mãe ainda estavam lá dentro. Consegui sair, puxei Cole e o levei do carro. Segundos depois, toda cena explodiu. Os dois carros e tudo neles. Ainda me lembro do calor que senti no rosto. — Hutch ficou em silêncio. Eu também. — É engraçado — disse Hutch em seguida. — Não há muitas coisas daquela noite de que eu consiga me lembrar. Do fogo, eu me lembro. Da força com que Cole agarrou minha mão. Mas ainda posso ver tão claramente, quase como em uma tela de cinema, a luta de Rue contra o homem que a havia arrastado para um local seguro.

Vi Hutch levantar as costas da mão para limpar o rosto. Nesse momento, apertei os braços em torno dele e me apoiei em seu corpo, num abraço legítimo.

— Nossa! — disse ele. — Nunca contei essa história antes. A ninguém.

— Todos vocês já passaram por muita coisa — disse eu.

— Acho que vou continuar — disse Hutch, então — e acrescentar que toda nossa cidade sabia o que tinha acontecido e de quem foi a culpa. Uns idiotas lá da escola começaram a chamar meu pai de assassino, o que eu não conseguia sequer contestar, tecnicamente. Cole ainda estava na escola primária e, de alguma forma, teve sorte e escapou do pior. Sempre acho que quem teve mais dificuldade foi Rue. Ela fez uma coisa boa quando nos acolheu, e agora ela nos ama, mas não foi fácil. Ela e Robert começaram a namorar no ensino médio. Eram felizes. Dois

meninos estranhos não poderiam substituir a vida que ela perdeu. Então, de repente, ela estava organizando caronas solidárias para a escola, assinando documentos de autorização e amarrada de maneiras que nunca desejou. Mas ela nos resgatou. Ela nos salvou. Nunca vou me esquecer e sou grato por isso todos os dias.

— É por isso que você está sempre tão atento a ela — disse eu.

— Não é apenas por dever. Rue é muito divertida.

— Ah, isso ela é mesmo.

— É por ela que não quero ser famoso. Toda vez que aparece algo sobre mim no noticiário, volta tudo à tona de novo. Então, Rue faz o que faz desde que eu era criança: me diz que está bem, faz cara de corajosa e depois sai para chorar.

— É por isso que você não queria dar nenhuma entrevista? Não foi só por... — tentei encontrar um termo melhor, não consegui e finalmente decidi usar — ... falsa modéstia?

— Não era modéstia de nenhum tipo — disse Hutch, sem se ofender. — Foi só por saber, por experiência própria, que, quando as pessoas falam sobre você, a maior parte do que dizem está errada.

— Lamento que isso tenha acontecido com você. Com todos vocês.

— Eu também — disse Hutch.

— Agora me pergunto se deveríamos estar fazendo esse vídeo da Guarda Costeira — disse eu.

— Eu não teria me oferecido para isso — disse Hutch. — Mas há uma vantagem se conseguir incentivar o recrutamento.

— Ao contrário de ser apenas Puppy Love, famoso, sem motivo.

— Exatamente — disse Hutch. Em seguida, acrescentou: — Então é melhor você fazer um bom trabalho.

— Sempre faço um bom trabalho.

— Seja como for, não depende de mim. Nem de você, aliás. — Então, ele acrescentou: — Mas pensei que, se esse vídeo pudesse ao menos trazer Cole aqui, isso poderia alegrar tia Rue.

— Desculpe — disse eu, perguntando-me se não havia piorado as coisas.

— Não é culpa sua.

— Eu não fazia a mínima ideia — disse eu.

— Agora estamos bem. Basicamente. Mais ou menos. Já faz muito tempo.

— Sua história faz meus valentões da internet parecerem quase uma fofura.

— Não há nada de fofo nesses idiotas.

Eu o abracei. De algum modo, tudo isso parecia levantar mais perguntas que respostas sobre Hutch. Era por isso que ele não bebia? Era por isso que tinha se dedicado a uma vida de resgate de pessoas em situação de emergência? Era essa a razão para qualquer que fosse a desavença que Cole tinha com ele?

Eu queria perguntar, mas não perguntei.

Nós dois já tínhamos compartilhado muito em um só dia.

Porém, uma coisa estava bem clara: eu não perguntaria a Hutch se poderia usar sua fama para fazer um vídeo de "Um dia na vida" para salvar meu emprego. Agora que sabia o motivo pelo qual ele não queria, eu também não queria. Fazer um vídeo para recrutar nadadores de resgate era uma coisa. Proteger-me contra Sullivan era outra.

A primeira coisa a fazer quando voltei para a Starlite foi procurar meu telefone na grama. Em seguida, enviar uma resposta por mensagem de texto à pergunta de Cole: ele vai fazer o vídeo?

Não. Absolutamente, não. Caso encerrado, escrevi na mensagem que lhe enviei.

Catorze

NÃO PASSEI o restante daquela noite lendo mais comentários.

Aquele beijo de Hutch acabou sendo o incentivo exato de que eu precisava para permanecer no mundo real. O engraçado na internet é que ela é basicamente uma alucinação coletiva. Se você não participar, ela não existe. Quer dizer, *sim*... porém, em outro modo muito real, não.

Agora que já havia sido aprovada no treinamento SWET, eu tinha coisas do mundo real para fazer. Como voar em um helicóptero de resgate da Guarda Costeira.

Engula *essa*, internet.

Na manhã do voo, escolhi um dedo mindinho para minha lista de beleza, para total desaprovação de Beanie.

— É como se você nem estivesse tentando — disse Beanie.

Mas arrisquei e mandei uma mensagem a ela com uma foto.

Vou dizer uma coisa: minha admiração por aquele mindinho era sincera. As proporções eram ótimas. O formato da unha era elegante. Os nós dos dedos eram... fofos. Tudo naquele dedinho, depois que comecei a prestar atenção, ganhou minha aprovação. E, agora que estava defendendo minha escolha para Beanie, não pude deixar de notar que *também* admirava meu dedo anelar e meu indicador.

— Isso é um três em um — declarei. — Pare de reclamar.

— E seu dedo médio? — Beanie me desafiou, como se meu dedo médio estivesse sendo desprezado. E continuou: — E seu *polegar*?

Eu não sabia por que meu dedo médio não tinha atendido aos requisitos, mas o polegar era fácil.

— Meu polegar é meio atarracado.

— Essa é a sua lição de casa — disse Beanie, então.

— Lição de casa? — rebati, como se perguntasse *O que é isso? Uma escola?*

— Encontre alguma coisa para admirar nesse polegar — disse Beanie — e adicione-o à lista.

Então foi isso que fiz enquanto esperava, no estacionamento da Starlite, que Hutch viesse me buscar. Eu me senti estranhamente nervosa ao vê-lo outra vez depois de toda nossa conversa, do ciclismo noturno... dos nossos beijos... por isso, fixei-me por completo nesse polegar.

Essa lição de casa foi difícil. O que há para admirar em um polegar?

Era um pouco atarracado. Isso era só um fato. O que eu deveria fazer? Mentir para mim mesma?

No entanto, também concordei com Beanie. Eu não podia deixar essa negatividade permanecer.

O casal Gottman disse que a proporção mágica era cinco para um: para cada interação negativa entre os parceiros, eram necessárias cinco interações positivas para cancelá-la. Então me obriguei a listar cinco coisas que admirava no meu polegar.

Obviamente, a unha era a atração principal. Uma mistura bem proporcionada de arredondada e quadrada. Apreciei a pequena meia-lua da base da unha, agora que pensei nisso. Gostei da maneira como o dedo se afunilava entre o nó e a base da minha mão. Quantas qualidades positivas já citei? Faltam mais duas. O que mais? As listras das rugas dos nós dos meus dedos? Bem arqueadas? OK, agora eu estava forçando a barra. Mas contava. Virei o polegar para ver a almofada dele. Homogênea e macia.

Feito.

Mandei uma mensagem para Beanie com minha lista de cinco coisas e um GIF de um polegar de desenho animado. Então, com grande seriedade, beijei o nó e disse *ao meu polegar*: "Eu nunca deveria tê-lo chamado de *atarracado*. Você *é* atarracado, mas também é muitas outras coisas bonitas", assim que Hutch estava parando em sua caminhonete.

Lidaríamos com o dedo médio mais tarde.

Hutch me viu beijar meu polegar?

Nunca saberemos.

Porque, mesmo antes de abrir a porta, pude ver que seu semblante habitual estava diferente hoje.

Não era o semblante sério, preocupado e adorável a que eu estava acostumada. Ele estava... mais concentrado? Mais sombrio? Mais duro?

Eu não sabia como lê-lo. Será que estava irritado? aborrecido? Enfurecido com alguma coisa?

Depois daquele beijo que mudou minha vida na noite anterior, presumi que as coisas seriam um pouco diferentes... só que *no bom sentido*. Não sei se esperava outro *beijo*, mas um sorriso caloroso, pelo menos.

Mas, em vez disso... quando entrei, não recebi nada além daquela carranca.

Sem calor. Sem camaradagem. Sem intimidade tácita.

Sem contato visual, com certeza.

Lá estava ele em sua camiseta e *short* azul-marinho da Guarda Costeira, com as mãos no volante, os olhos fixos no que estava diretamente à frente e um balão de história em quadrinhos de angústia acima da cabeça.

Então, não: não o brindei com uma historinha engraçada sobre beijar meu próprio polegar.

Em vez disso, fiquei na minha.

— Olá — disse eu, colocando o cinto. — Bom dia. — Hutch mal reconheceu minha presença: baixou a cabeça para retribuir meu cumprimento e arrancou. — Primeiro voo hoje — disse eu, sondando as águas da conversa. Outro aceno de cabeça. — Muito obrigada novamente por toda sua... bondade ontem — disse eu, então.

— É claro — disse Hutch, de modo estranhamente formal, mais sussurrando que falando.

— Não tenho certeza do que teria feito sem você.

Mais um aceno de cabeça. Em seguida, um pouco de respiração.

Esquecido o polegar, rodamos alguns minutos em silêncio. Mais minutos — *muitos* mais — de silêncio do que jamais havíamos deixado acontecer antes. De repente, lembrei-me de Cole dizendo que Hutch não era de falar muito.

Finalmente, perguntei:

— Está tudo bem?

— Está tudo bem — respondeu Hutch.

Nem tudo *parecia* bem. Mas quem era eu para dizer?

Alguma coisa estava acontecendo. Ele se arrependeu do beijo? Ele se arrependeu de me contar sobre os pais? Ou — Deus me livre! — entrou na internet depois que chegou em casa, leu todas aquelas postagens, decidiu que, afinal, todos aqueles idiotas malvados estavam certos a meu respeito e mudou de lado?

Não era impossível.

A internet parecia ter talento especial para a persuasão.

O que quer que estivesse acontecendo, não era bom.

Passei o restante da viagem tentando fazê-lo falar sobre *qualquer coisa*, mas sem conseguir passar de respostas de duas palavras. Ou fazer qualquer contato visual. E, quando chegamos à base aérea, ele sumiu bem rápido. Então, resolvi gravar B-rolls do hangar. Não o vi novamente até a reunião para verificação pré-voo, quando ele entrou, evitou meu olhar e sentou-se do outro lado da sala. Tipo, no ponto matematicamente mais distante de onde eu estava.

Talvez fosse assim que ele ficava durante as missões? Eu nunca tinha voado com ele antes. Talvez estivesse apenas vendo o Hutch profissional?

Em uma de nossas entrevistas, Hutch me explicou o conceito de bolha de *voo*: mentalidade que os membros da tripulação adotavam antes de qualquer *sortie*, conforme a qual o voo em si tinha toda atenção.

Talvez seja para onde ele tenha ido mentalmente? Para dentro de sua bolha de voo?

Eu teria que trabalhar na minha.

Porque esse voo não teve exatamente minha atenção plena.

A reunião começou com uma discussão sobre se a neblina da manhã estava afetando demais a visibilidade para voar. A conclusão foi "não"; estava dentro de uma faixa segura. Em seguida, houve perguntas de *check-in* com cada membro da tripulação sobre sua prontidão. Eu tinha lido que tudo na aviação começa e termina com uma lista de verificação — e isso era, sem dúvida, uma verdade agora.

À medida que a reunião avançava, minhas preocupações com Hutch deram lugar a outras preocupações. Especificamente para uma preocupação particular, muito mais primitiva. Porque essa reunião não teria outra opção a não ser terminar no momento que eu temia desde o início. O momento em que teria que me levantar e *anunciar meu peso* para a sala.

Não há como escapar disso agora.

Você tinha esquecido que eu teria que fazer isso antes desse voo? Porque eu, com certeza, não havia esquecido.

A viagem silenciosa com Hutch tinha me distraído desse tema por um minuto. Porém, depois que entramos na sala de reuniões, não havia mais saída.

À medida que a reunião avançava, meu pavor crescia. No fim, tive uma sensação perceptível de estar amarrada aos trilhos de uma ferrovia.

Mas aqui está algo que você pode não saber sobre a Guarda Costeira dos Estados Unidos. Não é a mesma tripulação que voa em todas as *sorties*. As tripulações mudam conforme os dias e os horários. Os procedimentos são

padronizados para que todos possam trabalhar com todos, e isso facilita a reunião em emergências e o trabalho com pessoas diferentes.

Hoje, tivemos uma piloto chamada Mira, um copiloto chamado Noah, uma mecânica de voo chamada Vanessa e Hutch.

E eu. E minha câmera.

Durante a reunião, decidi anunciar meu peso junto com o da câmera, pensando que poderia sugerir que a câmera era excepcionalmente pesada. Gostei da ofuscação desse plano. Da negação plausível. Tudo era possível nesse cenário! Eu poderia passar por uma Olívia Palito tanto quanto eles saberiam. Uma Olívia Palito que carregava uma câmera que pesava como um caminhão.

Isso teria que servir.

Talvez eu não estivesse com medo do helicóptero. Talvez estivesse apenas com medo da *reunião sobre o helicóptero*.

Mas acho que tive sorte.

Acontece que nem todos tivemos que anunciar nossos pesos em voz alta naquela reunião. Todos esses números aconteceriam mais tarde, na sala de equipamentos. Então, esse cenário de pesadelo, que eu temia havia semanas, de precisar me levantar em uma sala cheia de pessoas legais e anunciar algum número que definiria aleatoriamente *meu valor como pessoa*... simplesmente não aconteceu.

Não é sempre assim?

A coisa que você teme nunca é a coisa da qual você deveria ter medo.

Em vez disso, na sala de equipamentos, quando pegamos nossos capacetes de voo (azuis e brilhosos como bolas de boliche), a piloto, Mira, me levou silenciosamente para uma balança no canto. Apenas uma balança comum. E só nós duas, sozinhas.

— Só preciso pegar seu peso — disse ela, levantando uma prancheta.

— Ah — disse eu. — Então, é isso?

Mira assentiu.

— É isso.

O alívio floresceu em meu peito.

— Não vou olhar, se estiver tudo bem.

— Tudo bem — disse Mira, de mulher para mulher. — Pisei, ela olhou para baixo, escreveu um número qualquer na prancheta e... só. Todo meu tormento de suspense e expectativa foi em vão. Em seguida, perguntou: — E a câmera tem...?

— Dez quilos — respondi. Dessa vez, honestamente. Ela anotou isso também. — Você não precisa pesar a câmera?

— Na verdade, não.

— Isso é porque as pessoas só mentem sobre o peso corporal?

Mira assentiu.

— Pois é. Quando as pessoas relatam seu peso nos pedidos de socorro, sempre adicionamos mais dez por cento.

— Eu teria sido sincera — disse eu. — Ou, pelo menos, tão sincera quanto uma pessoa que estivesse *chutando totalmente* poderia ser.

— É, senti isso em você — disse Mira.

— Obrigada. — Então, acrescentei: — Agora você é a única pessoa na terra que sabe qual é esse número. Isso inclui a mim.

— É mesmo? — perguntou Mira. — Nossa! Até já esqueci qual era.

E porque ela era piloto das Forças Armadas dos Estados Unidos, e porque eu não sabia se era permitido... Eu não a abracei ali mesmo.

Embora quisesse fazer isso.

HELICÓPTEROS SÃO tão barulhentos que os pilotos precisam se comunicar por meio de fones de ouvido e microfones. Se você já viu um filme com pessoas em um helicóptero *conversando umas com as outras normalmente*, vá em frente e grite: mentira!

Você *pode* falar em um helicóptero, mas só se for aos gritos.

Na realidade, helicópteros são tão barulhentos que, além de usar capacetes de voo com fones de ouvido equipados com cancelamento de ruído, as tripulações também colocam protetores de espuma nas orelhas. O barulho é tanto que chega *a esse ponto*.

Isso gera grande problema aos pilotos: perda auditiva. E dor nas costas, decorrente das vibrações e de todo tempo que passam sentados. E, ainda, problemas no pescoço, decorrentes dos capacetes pesados e dos óculos de visão noturna.

Tudo tem um preço.

Mas o impacto pessoal que me coube nesse voo acabou sendo menor do que eu temia.

Eles me deixaram usar minhas roupas civis, por exemplo, o que foi um alívio. Eu só usava meu confiável uniforme de sempre: *jeans*, camiseta e tênis pretos, com um colete laranja de segurança.

Não é o pior visual do mundo.

O helicóptero já estava esperando do lado de fora do hangar quando saí com meu equipamento e olhei ao redor para ver Hutch sair do vestiário masculino em seu *ensemble* de natação — em essência, uma roupa de mergulho preta com calçados de neoprene pretos.

O que o fazia parecer distintamente um super-herói.

Ele também carregava uma mochila com outros equipamentos, um capacete de natação amarelo-vivo com *snorkel* e óculos de proteção acoplados e um par de longos pés de pato pretos e luvas de segurança verdes.

Parei de andar ao vê-lo. Congelei por um segundo, totalmente deslumbrada. Ele, de fato, era um nadador de resgate. Esse era o equipamento que ele usava *para saltar de helicópteros. Em mar aberto. Para salvar a vida das pessoas*.

Este homem, bem aqui, que me beijou à beira-mar, ao pôr do sol, *ontem*.

Fui tomada por essa lembrança por um rápido segundo, antes que a realidade se impusesse mais uma vez.

Eu estava bem entre Hutch e o helicóptero para o qual ele estava caminhando, então não seria loucura pensar que ele poderia se juntar a mim para caminharmos juntos. Ou acenar um olá. Ou reconhecer minha existência.

Mas ele não fez nada disso.

Eu o vi passar por mim como se eu nem estivesse lá.

Fala sério! O que estava acontecendo?

Mas acho que essa pergunta ficaria para depois do trabalho.

Agora, enquanto o restante da tripulação caminhava em direção ao helicóptero, Mira, a piloto, começou a andar no mesmo ritmo que eu e me disse:

— Se sentir náuseas no ar, avise-nos.

Seu isolamento para o voo não a impediu de reconhecer minha existência.

— Nauseada? — perguntei.

— Você provavelmente vai ficar bem. Mas a sensação é diferente da que está acostumada a ter nos aviões. Portanto, mantenha os olhos no horizonte. E, se começar a se sentir mal, diga alguma coisa. Há coisas que podemos fazer para ajudar quando o problema é esse. Mas, se vomitar, a tripulação terá muita limpeza a fazer.

Não vomitar.

— Entendi.

— Você tomou café da manhã hoje, não? — Mira perguntou.

— Tomei, sim — menti.

— Você vai ficar bem.

Quando chegamos ao helicóptero, ainda tão majestoso e cor de laranja como sempre, Mira e o restante da tripulação começaram a verificar visualmente o equipamento, e Hutch apareceu ao meu lado.

— Você tomou café da manhã hoje? — perguntou ele, olhando para a frente, como se fôssemos espiões intercambiando informações sigilosas.

Neguei com a cabeça.

— Eu estava nervosa demais para comer.

Sem dizer nada, Hutch balançou a sua em concordância, como se dissesse *Foi o que pensei*, então puxou uma barra de cereais de uma bolsa com zíper em seu colete de voo.

— Pegue isso.

— Obrigada — disse eu.

— Tem mais lanches no mesmo lugar de onde esse saiu — disse ele, dando tapinhas no colete e ainda soando tão profissional quanto alguém falando de lanches consegue soar.

Hum.

ESSA MISSÃO, SUPOSTAMENTE, seria apenas de treinamento. As tripulações voam em missões de treinamento em todos os turnos da noite, para manter suas horas de voo e continuar praticando. Porém, não muito tempo depois de decolarmos, quando eu tentava decidir se estava ou não nauseada, veio um chamado do Setor para um barco pesqueiro em perigo com uma alma a bordo.

Eu me perguntei se havia algum outro ramo das Forças Armadas que se referisse às pessoas como almas. Teria que pesquisar isso no Google mais tarde.

A missão de treinamento transformou-se muito rapidamente em um resgate.

Os dois pilotos ficavam na frente, e o mecânico de voo ficava em um assento atrás deles, que era preso a um trilho e deslizava de um lado para o outro, para que Mira pudesse trabalhar em qualquer das portas da aeronave, e eu estava na parte de trás — presa pelo cinto no assento habitual de Hutch. Hutch, por sua vez, sentou-se no chão de metal pintado de cinza, ao lado da cesta de resgate, dobrada e arrumada na parte de trás.

Acho que tínhamos espaço para mais uma pessoa. Mas ficaria confortável.

Não é o *voo* do helicóptero que desorienta os passageiros; é seu movimento de *pairar*. Você realmente precisa se fixar na linha do horizonte para manter o senso de orientação. Hutch continuou olhando para mim, preocupado que eu pudesse

vomitar, sem dúvida. Mas não haveria vômito. Não hoje. Como questão de amor-próprio.

Eu *implodiria* antes de deixar isso acontecer.

Em vez disso, assim que consegui recuperar o equilíbrio, concentrei-me em filmar. Filmei o interior da cabine, a água abaixo, a tripulação e o equipamento.

Como os pilotos estavam na frente, pilotando, e como aparentemente Hutch não queria falar comigo, o trabalho de explicar o que estava acontecendo recaiu sobre a mecânica de voo, Vanessa.

— Quando chegarmos ao local — disse ela, falando pelo microfone e pelos fones de ouvido do capacete —, desceremos a quatro metros e meio acima da crista mais alta, e, em seguida, Hutch se lançará na água. Assim que ele sair e tivermos baixado todo o equipamento de que ele precisa, ou seja, a cesta ou o *sling*, poderemos prendê-la ao cinto de atirador, para que você possa se inclinar e fazer uns bons vídeos.

— Inclinar-me para fora do helicóptero? — perguntei para esclarecer.

— Claro — disse Vanessa. — Você pode até fazer a cena do *Titanic*. — Ela estendeu os braços como Kate Winslet na proa.

— Legal. — Olhei para o oceano, para mascarar o terror abjeto em meus olhos. Então perguntei: — E, quando diz que Hutch vai *se lançar*, você quer dizer *saltar*?

— Mais ou menos — disse Vanessa, agora vindo em minha direção para me ajudar a desafivelar o cinto de segurança de cinco pontos e apertar o de atirador (preso a um cabo) em volta da minha cintura. Então, ela me posicionou em um local onde eu não atrapalharia o caminho de ninguém e poderia filmar o momento em que Hutch cairia na água.

Eu não estava pensando no dia de hoje como particularmente ventoso, mas, quando chegamos ao local, fiquei chocada ao ver o tamanho da elevação das ondas. De repente, o céu parecia mais cinzento e mais tempestuoso. Quando preparei minha câmera, senti uma sombra de preocupação.

Fazer Hutch saltar no oceano neste momento era uma boa ideia?

O lançamento na água é mais perigoso do que parece. O helicóptero só pode baixar (com segurança) sobre a água até quatro metros e meio acima da crista mais alta. Esse é o limite. Essa é a altura ideal para um salto, mas é claro que há uma razão pela qual chamam essas ondas de *vagalhões*: elas se deslocam, ondulam muito e podem mudar em segundos. Um nadador pode se lançar no que deveria ser uma queda de quatro metros e meio até o topo da elevação das

ondas, e a água pode mudar tão rápido que, antes de atingir a superfície, já são doze metros, ou até mais.

— Isso vai tirar seu fôlego — explicou Hutch durante uma de nossas entrevistas.

— Doze metros podem matá-lo?

— Bem — disse Hutch. — Que vai doer, vai. Isso é certo. E você, provavelmente, terá uma venda de garagem.

— Uma o quê?

— É quando a água bate em você com tanta força que o faz perder todo o equipamento: o *snorkel*, os óculos e os pés de pato.

— Acho que não deve ser bom perder os pés de pato.

— Correto. É péssimo.

— Péssimo quanto?

Hutch pensou sobre isso.

— Os pés de pato são seu poder e seu controle. Então, você não quer perdê-los. Em especial, em um oceano tempestuoso.

O oceano abaixo de nós estava revolto?

Sem dúvida, parecia meio agitado, por alguma razão.

Foi espantoso ver como todos permaneceram calmos. Eu podia ouvir a tripulação conversando pelos fones e microfones. Os pilotos discutiam serenamente os procedimentos e o posicionamento. A mecânica de voo estava ajustando o equipamento na parte de trás. E Hutch estava esperando, em posição, pelo momento em que se lançaria ao oceano.

Para mim, isso era totalmente surreal.

Para eles, era apenas mais um dia no escritório.

Abaixo de nós, havia um pequeno barco de pesca flutuando deitado sobre um dos lados. Ele havia sido derrubado por uma dessas ondas enormes. Um sobrevivente balançou na água com um colete salva-vidas laranja.

Os pilotos nos posicionaram sobre ele, e o vento do nosso rotor rasgou a água, fazendo-a espirrar. Hutch trocou o capacete de voo pelo capacete de natação amarelo e colocou os pés de pato sobre os calçados de natação. Enquanto pairávamos em posição, Vanessa abriu a porta e a fez deslizar para trás, e Hutch foi em direção à abertura e sentou-se, deixando os pés caírem para fora.

— É assustador? — perguntei a ele, na mesma entrevista. — Saltar de helicópteros?

— Que nada — disse Hutch com uma luz nos olhos que confirmava suas palavras. — É divertido.

— Mas há tantas maneiras de morrer — disse eu.

— Se eu pensasse assim — disse Hutch —, não estaria aqui. Nunca teria conseguido passar pela escola de natação.

Estava bem claro antes, e possivelmente *ultraclaro* agora, que eu jamais teria conseguido passar pela escola de natação. Até mesmo só de ver Hutch sentado ali me deu uma desconfortável sensação de medo.

E, então, ele fez exatamente o que eu receava.

Ele se aproximou da porta por onde sairia e saltou.

Consegui um vídeo muito legal, com o espirro do seu mergulho e tudo.

Assim que caiu na água, Hutch começou a nadar em direção ao sobrevivente usando os braços e os ombros com força, em um tipo de natação que ele chamava de *sprinting*. Aumentei o *zoom* da câmera e o observei abrir caminho em meio à água espumante. Ele alcançou a alma, como o chamavam, e em poucos minutos, Hutch estava dando sinal para uma cesta. Vanessa a baixou, e filmei isso também. À medida que a cesta ia descendo, Hutch prendia o sobrevivente atravessado em seu peito, para manobrar até mais perto da cesta e agarrá-la.

A cesta alcançou a superfície e desapareceu sob a água. Hutch agarrou o cabo preso a ela e ajudou o sobrevivente a se posicionar dentro dela. Quando deu o sinal, Vanessa levantou a cesta com o sobrevivente dentro. O guincho para o cabo de içamento estava em um braço de metal articulado, e, quando o sobrevivente atingiu a altura certa, Vanessa girou esse braço para trazer a cesta para dentro da cabine. Hutch veio em seguida. Ela baixou um mosquetão para ele, que o prendeu a seu arnês, e o içou.

O sobrevivente era um cara de cinquenta e poucos anos, de camisa havaiana, que parecia muito ser alguém que nem de longe havia previsto que seu dia poderia acabar assim. Embora aparentemente não tivesse nenhum ferimento visível, sem dúvida ele estava com os olhos arregalados, como se seu cérebro ainda estivesse tentando alcançar o que estava acontecendo. Hutch o acomodou, os pilotos nos levaram de volta à base, e guardei minha câmera.

Para um feito tão extraordinário, eles realmente fizeram parecer fácil: apenas mais uma missão de salvamento, creio eu.

Mas talvez não para todos. Olhei sorrateiramente para o sobrevivente pouco antes de pousarmos e vi que ele estava chorando.

DE VOLTA AO hangar, antes de Hutch ir ao vestiário tomar banho e trocar de roupa, eu o interrompi para perguntar:

— Eles costumam chorar sempre?

Hutch se virou e me olhou nos olhos pela primeira vez durante todo o dia, com aquele semblante tristonho de volta com força total.

— As pessoas fazem muitas coisas estranhas.

Achei que isso supostamente deveria significar alguma coisa.

Já bastava.

— Fiz algo errado?

Hutch pensou em como responder à minha pergunta antes de suspirar e dizer:

— Não. Sou eu o único que estava errado.

— Errado sobre o quê? — perguntei-lhe, com um tom de frustração na voz.

Hutch olhou para baixo e depois para cima.

— Falei com Cole por telefone ontem à noite. Pela primeira vez em um ano.

— OK — disse eu.

— Queria falar com ele há tanto tempo. Mas não foi exatamente como eu esperava. Um ano inteiro sem contato, e agora o único assunto dele era você.

— Eu? — perguntei.

Hutch assentiu com a cabeça.

— Ele me contou tudo sobre você.

Do jeito que ele falou, aquilo não me soou bem.

Mas o que Cole poderia ter dito? Ele mal me conhecia.

Hutch prosseguiu:

— Ele me pediu que fizesse um vídeo para seu projeto "Um dia na vida" e me disse o porquê.

Cole havia contado a ele sobre Sullivan? Foi por isso que Hutch ficou tão zangado o dia todo? Porque Cole estava se aproveitando de sua bondade e, então, o fizera me ajudar contra a própria vontade? Cole disse que Hutch era a única pessoa que poderia salvar meu emprego? Hutch achou que eu também estava envolvida?

— Não, não — protestei. — Você não precisa...

— Eu disse "sim" — disse Hutch, demonstrando indiferença com um levantar de ombros. — Claro que eu disse "sim".

— Mas você realmente tem uma boa razão para não...

— Tudo bem. Não importa.

— Isso *importa*, sim — rebati.

Então Hutch disse:

— Aquele telefonema mudou minha perspectiva.

— Não preciso que faça isso por mim — disse eu.

— Mas Cole, sim — disse Hutch. Soltei um lento suspiro. — E se ele precisa desse vídeo, então vou fazer esse vídeo. É só isso.

— Mas...

— Portanto, vamos fazer isso logo — disse Hutch. — Amanhã estou de folga.

— *Amanhã?*

— Por que não? Quanto antes, melhor.

Eu estava pronta para fazer isso no dia seguinte? E queria isso?

— Realmente não acho...

Porém, Hutch me interrompeu.

— Não depende de você.

Balancei a cabeça.

— Tudo que diz respeito a isso parece estar errado.

Hutch soltou uma meia risada amarga.

— Por isso não discutiremos.

— Você sabe como é o projeto, certo? — Estaria eu tentando convencê-lo a desistir? — Fico na sua casa por vinte e quatro horas e filmo tudo que você faz.

Hutch me deu uma olhada.

— Tudo?

— Tudo que é filmável. Não vou, tipo, seguir você até o banheiro.

Hutch deu de ombros.

— Não é tão diferente do que você já está fazendo aqui.

— Só que *aqui* é profissional, e *lá*, pessoal. É você escovando os dentes e comendo cereais. Vestindo seu pijama. Lavando pratos. Atendendo ao telefone. É íntimo.

Diante dessas palavras, Hutch deixou transparecer certa infelicidade.

— Mais um motivo para acabarmos logo com isso.

— Não quero obrigar você a fazer isso — disse eu. — E se eu simplesmente... me recusar?

— Você não pode.

— Por que não?

— Porque, então, fico com um problema a mais com Cole — disse Hutch. — E já tenho problemas suficientes com ele.

Eu me senti indignada. Nada do que estava acontecendo aqui era da conta de Cole, que estava se intrometendo onde não tinha absolutamente nenhum direito. Porém, evidentemente, também *era* da conta de Cole. Tratava-se do *seu* irmão,

da *sua* tia, da *sua* tarefa delegada. Eu só estava aqui — e só conhecera Hutch — por causa de Cole e de todas as suas complicadas motivações. Fossem elas quais fossem.

— Não tem como escapar dessa? — perguntei.

Hutch apenas franziu a testa olhando nos meus olhos pelo que pareceu uma eternidade. Então, como se nossos destinos já tivessem sido selados, disse:

— Vou enviar meu endereço pra você por mensagem de texto.

Quinze

EU NÃO FARIA um documentário para minha série "Um dia na vida" sobre Hutch, é claro.

Não para colocar no YouTube, para todo mundo ver.

Não poderia fazer isso. E não o faria. Não depois de saber tudo o que eu sabia agora. Eis o meu plano: eu faria o vídeo (e o tornaria *incrível*) e o mostraria a Sullivan e à sua equipe executiva para provar meu valor e salvar meu emprego. Faria o documentário nos moldes do meu projeto, mas nunca faria o *upload*.

Isso poderia funcionar, certo?

Se Hutch não quisesse ser famoso, eu não o tornaria mais famoso.

Apenas usaria seus encantos infinitos para fazer um vídeo tão incrível que Sullivan não teria escolha a não ser manter meu emprego. Qual era aquela citação de Steve Martin? "Seja tão bom a ponto de impedir que o ignorem"? Eu seria tão *incrível* que não poderiam *me cortar do quadro* de cinegrafistas.

Não tão cativante, mas o espírito é o mesmo.

E se eu tivesse que objetificar Hutch um pouquinho para deliciar minha chefe loba e fazer essa proeza?

Havia penitências piores a pagar.

Essa era uma maneira de todos ganharem, não?

Normalmente, eu começava as sessões para "Um dia na vida" por volta das dez da manhã. Isso me dava um bom tempo de obter boas imagens antes do pôr do sol, uma noite para dormir com essas imagens na cabeça e, por fim, um pouco de tempo na manhã seguinte para capturar qualquer coisa que pudesse ter perdido.

Na manhã seguinte, às dez em ponto, cheguei à casa de Hutch. Só que não era bem uma casa.

Era uma casa flutuante. Quem imaginaria.

Caso isso precise ser dito, é muito estranha a sensação de arrumar todo seu equipamento fotográfico favorito, pegar emprestado o Mini Cooper de sua senhoria e dirigir para pernoitar na casa de um homem que não quer ver você lá.

Vinte e quatro horas podem ser tempo demais.

E quando seu GPS o leva a um lugar chamado Sunshine Marina? E a casa é uma casa flutuante? Mais estranho ainda.

A princípio, pensei que o endereço estivesse errado.

Até que vi as letras à mão no casco que diziam *Rue the Day*. Talvez em homenagem à única pessoa chamada Rue que conheci. Então, acima dele, no deque mais alto, estava George Bailey abanando o rabo por me ver.

Acho que deve ser aqui.

Mas os militares não viviam em... sei lá, *quartéis* ou algo assim?

Durante todo o tempo que passei com Hutch, nunca me ocorreu que ele ia para casa todas as noites e *dormia sobre a água*.

Isso o tornava ainda mais atraente, se é que isso era possível.

Hesitei um minuto antes de caminhar até o píer para começar as coisas. Eu não sabia o que fazer com sua alternância entre quente e frio. Sem dúvida, ele estava irritado por ter que fazer esse vídeo. Mas será que estava mesmo tão irritado a ponto de acabar anulando por completo todas as coisas que havia dito — e feito — apenas duas noites antes?

Parecia radical. Mas ele não estava disposto a explicar nada, e eu não sabia como fazê-lo explicar.

Eu não via saída. Então, imaginei que apenas teria que pagar para ver.

A boa notícia é que, quando fui bater à porta de Hutch, a primeira carga de tralhas que levei comigo era minha maleta de pernoite, em vez da bolsa com todos os equipamentos da minha câmera.

Assim que passei do píer para o deque de trás do barco, aconteceram duas coisas. Primeira: Hutch abriu a porta que dava para o deque. Segunda: George Bailey desceu destrambelhado pelas escadas em espiral do deque superior, diretamente em minha direção, no intuito de se catapultar em meus braços. Pensando novamente, ao contrário de todas as leis da física, que eu o pegaria.

O que, evidentemente, não fiz.

Só que, dessa vez, George Bailey não apenas me derrubou.

Ele me derrubou *na água*.

Ele derrubou a mim, a si próprio e, de quebra, minha maleta de pernoite. Nós dois voamos para trás e mergulhamos na água muito fria, muito úmida e muito aquosa da marina.

Sim, eu tinha feito aulas de natação com Hutch. E, sim, tinha passado no treinamento SWET. Mas nesses casos as condições eram controladas. Agora eu estava imersa num corpo d'água natural muito mais profundo e *de verdade*. E

estava vestida com todas as minhas roupas (e tênis) de sempre. E estava emaranhada na alça transversal da minha maleta. Com um dogue alemão que mergulhou por cima de mim e depois usou meu corpo como estrutura de escalada para voltar à superfície.

Tendo em vista o choque que foi tudo isso, fiz um bom trabalho em me controlar e manter a calma. Segui o conselho de Hutch e disse a mim mesma: *Você já esteve debaixo d'água antes*. E isso bastou para me ajudar a não entrar em pânico.

Eu me desvencilhei da alça e me lembrei de que minha gordura corporal queria flutuar. Todo ar que estivesse em meus pulmões também queria o mesmo, embora eu não soubesse se o impacto de George Bailey havia eliminado tudo isso. *Transforme as mãos em barbatanas*, eu me ordenei. *Chute firme com os pés.*

Surpreendentemente, eu me obedeci.

Ainda mais surpreendentemente, a ordem funcionou.

Consegui ver a luz do sol se infiltrando na água de cima para baixo e fui em direção a ela, chutando como louca. E, antes de dar por mim, já havia chegado à tona.

Eu estava no meio de uma inspiração triunfal quando Hutch surgiu bem ao meu lado. Sem dizer nada, ele me puxou com força, me virou e me levou em direção ao barco, exatamente como havia feito com a alma que resgatara ontem.

Apesar do fato de que eu tinha acabado de lidar com a situação com muita competência, confesso que foi mais reconfortante do que eu imaginava ser levada nos braços de Hutch. Era uma sensação física e inegável de segurança que não aparece com muita frequência no dia a dia.

Ainda assim, por princípio, resolvi discutir.

— O que está fazendo? — perguntei, enquanto ele nadava por nós dois em direção à escada do barco.

— Resgatando você.

— Mas já me resgatei!

Quando agarrou a escada, ele me soltou.

Eu me virei, agarrei a escada também e o encarei na água.

Ele olhou para mim, percebendo que era verdade.

— Parece que você se resgatou mesmo.

— Não é isso que você tem me ensinado a fazer?

— Essas condições são apenas muito diferentes.

Com essas palavras, George Bailey nadou para cima de nós e, em seguida, entre nós, em direção à escada. Então, como se tivéssemos combinado, nós dois

empurramos seu traseiro enquanto ele escorregava pela escada para voltar ao deque principal e depois sacudia a água do pelo.

Hutch olhou do cachorro para mim.

— Por que ele continua tentando pular em seus braços?

— Ele é *seu* cachorro, amigo.

— Sinto muito — disse Hutch.

— Está tudo bem — disse eu, e foi aí que notei minha maleta flutuando atrás dele.

Hutch se virou e, ao vê-la, saiu como um golfinho para pegá-la para mim.

— Vamos entrar — disse ele quando voltou.

— Você não precisa empurrar minha bunda como fizemos com George Bailey — disse eu, apontando para ele, antes de começar a subir a escada.

Hutch ergueu as duas mãos e disse:

— Eu não ousaria.

Acabei tomando banho e vestindo uma camiseta e uma calça de moletom de Hutch, enquanto ele colocava lotes de coisas minhas encharcadas de água da marina na menor máquina de lavar do mundo. Mesmo com o barulho da água do chuveiro, eu podia ouvi-lo cantarolar "Heart and Soul".

No chuveiro, o sabonete ardeu quando ensaboei meu esterno e encontrei arranhões grossos como fios de lã das unhas de George Bailey. Depois, eu os mostrei a Hutch, puxando a gola da camiseta para baixo e inclinando o pescoço para trás.

Hutch franziu a testa ao vê-los e me fez sentar em um banquinho da cozinha enquanto passava pomada nos arranhões com cotonete, sem parar de pedir desculpas.

Sim, provavelmente eu poderia ter feito a mesma coisa sozinha enquanto estava no banheiro. Mas Hutch era profissional. Além disso, na realidade, era muito bom ser cuidada assim.

O que posso dizer? Apenas fui em frente e deixei acontecer.

— Continuo pensando muito sobre isso — disse Hutch, parado perto de mim e passando a pomada ao longo da linha do arranhão. — O que será que você tem?

Não vou mentir: isso é uma coisa e tanto para se ouvir de um homem tão lindo de morrer quanto Hutch, quando ele está a quinze centímetros de distância, prestando cuidados médicos ao seu peito.

— Você continua pensando muito — repeti, observando a mão dele enquanto trabalhava. — Como assim o que eu tenho?

— Você e esse cachorro — disse Hutch.

Ah, sim. O cachorro. Parei e pensei antes de prosseguir.

— Talvez ele me associe a alguém? — sugeri. — Ou talvez sinta que sou muito boa em abraços?

— Ah, é mesmo? — perguntou Hutch, sem olhar para cima.

— Claro — disse eu. — Estou sem prática, mas sou boa nisso.

SER DERRUBADA DE cabeça para baixo da lateral de uma casa flutuante era a maneira ideal de começar uma sessão de filmagem?

Em geral, não.

Mas começar assim teve grande vantagem desta vez: Hutch se sentiu tão culpado e responsável que foi muito mais legal comigo depois.

Eu estava antecipando o silêncio de um vitimizado (e talvez fosse isso mesmo que obtivesse) se seu cachorro não tivesse quase me afogado. Mas, na esteira daquele resgate improvisado na água, recebi desculpas, chá quente e uma camiseta macia com GCEUA em letras grandes. Tive contato visual, bate-papo e gentileza. Estava preparada para um dia inteiro de infelicidade e, em vez disso, foi... um dia silenciosamente divertido. O que gerou na minha imaginação uma teoria da conspiração que não mencionei a Hutch. Talvez George Bailey estivesse me ajudando. Talvez esse fosse meu negócio com esse cachorro. Talvez ele fosse uma espécie de cupido canino.

Impossível, é claro. Mas os fatos não mentem.

Tudo que tínhamos que fazer nas vinte e quatro horas seguintes ficaria muito mais divertido se Hutch não estivesse tão bravo comigo. E *tudo que tínhamos que fazer* incluía a necessidade de segui-lo e filmar o que quer que fizesse em seu dia de folga. Coisas do dia a dia: dobrar roupa, fazer sanduíches, correr, limpar o barco. Tenho todos os tipos de belos *close-ups* do sanduíche, da roupa caindo na secadora, de seus tênis, do balde cheio de bolhas de sabão.

Perguntei se ele realmente fazia duzentas flexões de braços todos os dias, e ele disse que sim, mas só de manhã. Perguntei-lhe se poderia fazer alguns truques pulando corda, e ele obedeceu. Por acaso, apareci na casa dele em um dia de lavagem dos deques, então fui obrigada a filmar Hutch sem camisa, em seu calção de banho, esfregando o deque com sabão, mangueiras e tudo.

As coisas que fazemos pela arte.

Eu pediria desculpas por objetificá-lo, mas não tive escolha. Meu público, nesse momento, se resumia a apenas uma pessoa: Sullivan. Dos seis minutos com os quais tinha para trabalhar, pular corda sem camisa poderia ter quantos esse

público quisesse. A parte mais louca do dia foi levar George Bailey para passear. Fui com eles e fiz tomadas amplas dos dois brincando na grama de um parque próximo, o cachorro da altura do quadril do homem que estava ao seu lado. Além disso: *close-ups* das orelhas aveludadas de George Bailey, seus olhos tristes e suas enormes patas caminhando silenciosamente ao longo da madeira desgastada dos píeres. Ah, e uma fantástica tomada ampla do momento em que Hutch deu um tapinha nos próprios ombros e George Bailey se levantou sobre as patas traseiras para descansar as dianteiras ali... e, assim, mostrou que era *mais alto que Hutch*.

Esse momento calhou de acontecer diante de um pôr de sol roxo e laranja.

Tantas imagens excelentes.

No caminho de volta, depois de filmar e fotografar tudo de que precisava, corri para alcançá-los.

— Não consigo acreditar que você mora em uma casa flutuante — disse eu. — Quem vive numa casa flutuante?

— Não é minha — disse Hutch. — É de Rue. Na verdade, era de Robert, o marido dela. Ele mesmo a construiu. Era engenheiro. De qualquer forma, como não se decidia a vendê-la, Rue a manteve guardada todos esses anos. Quando me mudei para cá, ela a ofereceu a mim, e, em um fim de semana, atracamos na marina.

— É de Rue? Não posso acreditar que ela não a tenha decorado para você.

— Ela quer, sim. Muito. Mas estou sendo firme. Mantê-la limpa é o suficiente para mim.

— Parece bastante limpa. Quase nova.

A voz de Hutch ficou um pouco mais baixa.

— Bem, Robert tinha acabado de terminá-la, quando... aconteceu o acidente. Eles iam se aposentar e passar os verões nela, mas nunca tiveram essa chance.

Nesse momento, George Bailey parou e baixou a cabeça.

— Merda! — disse Hutch, ajoelhando-se ao lado dele. E, em questão de segundos, Hutch tirou do bolso uma luva amarela de lavar louça, enfiou a mão nela e segurou o focinho de George Bailey. — Não, não, não. Isso é um não.

— O que está acontecendo? — perguntei.

Hutch colocou os dedos na boca de George Bailey, tentando abrir suas mandíbulas.

— Sapo — respondeu ele.

— *Sapo?*

Hutch assentiu, ainda trabalhando.

— Ele gosta de abocanhá-los.

Olhei, horrorizada.

— Ele come sapos vivos?

— Ele não come os sapos. Só os segura. Na boca.

— Ele só...?

— O que é bom. Cada um na sua, sabe? Se os sapos forem nativos, tudo bem. São inofensivos, não causam danos. Mas há uma espécie invasora, chamada sapo-cururu, que esguicha um veneno letal em quinze minutos, se você não fizer nada. Por isso, ele não pode ficar brincando com sapos. Continuo explicando isso a ele — disse Hutch, ainda trabalhando na mandíbula de George Bailey —, mas ele nunca ouve.

Nesse momento, os dedos de Hutch devem ter disparado um reflexo de vômito, pois George Bailey emitiu um ruído abafado, abaixou a cabeça e abriu a mandíbula.

Um sapo de tamanho médio se jogou para fora dela.

Hutch puxou sua lanterna e o observou, enquanto o sapo levou um segundo para entender o que estava acontecendo e, depois, pulou na grama, ileso.

— Esse era venenoso? — perguntei.

Hutch balançou a cabeça.

— Não há protuberância na cabeça. Demos sorte.

— Nossa! — disse eu, em tom de *Essa foi por pouco*.

— É — disse Hutch. — Normalmente, ando com ele mais cedo. E o observo com mais atenção. Mas hoje eu estou... — e deu uma olhadela em minha direção — ... distraído.

Quando voltamos, o sol já estava se pondo. O plano era filmar Hutch fazendo o jantar, depois comermos juntos e, por fim, nos sentarmos para uma entrevista oficial, na qual eu perguntaria a ele sobre o resgate do Puppy Love. Eu sempre filmava as entrevistas. Mas, como usava apenas o áudio, o visual não importava, então geralmente fazia isso à noite.

Tínhamos tempo. Sem pressa.

Hutch fez macarrão com molho de tomate fresco e manjericão, e comemos no deque superior, com o vasto céu estrelado acima e a água cintilante abaixo.

Então, após cuidadosa inspeção de ruídos em todos os locais do barco, determinei que o quarto de Hutch era o local mais silencioso para gravação de som. Eu me instalei lá enquanto Hutch estava na cozinha, fazendo o jantar de George Bailey.

Aí aconteceu uma coisa engraçada. Percebi que tinha esquecido meu cabo de extensão.

— Você tem um cabo de extensão? — gritei para Hutch na outra sala.

— No armário! Na parte inferior! Em uma bacia de plástico! —gritou ele em resposta.

Assim, lá estava eu abrindo o armário de Hutch, tendo algum tipo de reação visceral aos feromônios que emanavam de todas as suas roupas penduradas juntas, e depois puxando a bacia de plástico... só para encontrar outra coisa atrás dela.

No fundo do canto do armário, pelo visto ali jogado e esquecido, estava meu pequeno grampo de cabelo de hibisco rosa-choque. Aquele que Rue tinha dado a mim. Aquele que perdi durante a Grande Remoção das Farpas.

Olhei para ele por um segundo.

O que meu grampo de cabelo poderia estar fazendo no armário de Hutch?

Ele estaria lá de propósito? Por acaso? Seria uma recordação? Uma lembrança? Ele o tinha encontrado e guardado para mim... mas depois se esqueceu de devolvê-lo?

Eu me perguntei se deveria apenas pegá-lo de volta. Ou perguntar a ele sobre o grampo. Porém, tive a sensação de que a presença desse grampo lá poderia significar alguma coisa, o que poderia ser embaraçoso para Hutch. Ou poderia não significar nada, o que seria embaraçoso para mim. Então, quando coloquei a bacia de volta, pus a flor no mesmo lugar onde a encontrei.

Melhor deixar as coisas rolarem por conta própria.

A ENTREVISTA CORREU muito bem. Talvez Hutch só precisasse praticar um pouco. Talvez fosse pelo conforto de estar no próprio quarto, em vez de no trabalho. Ou talvez tivesse sido um longo dia, e ele estivesse pronto para baixar a guarda. Mas ele contou a história de resgatar o cachorro de Jennifer Aniston de maneira simples e clara, de um jeito nada menos que fascinante. Sentei-me com meus fones de ouvido ao lado dele na cama, segurando o microfone e deixando aquela voz grave dele inundar todos os cantos e recantos dos meus ouvidos e depois descer pelo restante do meu corpo.

E isso foi antes de eu adicionar recursos visuais.

Este "Um dia na vida" seria épico, deslumbrante e inesquecível.

Pena que ninguém jamais o veria. Além de mim e de Sullivan.

DEPOIS, QUANDO CHEGOU a hora de dormir, Hutch tentou insistir em me ceder seu quarto.

— Troquei os lençóis e tudo mais — disse ele.

— Estou bem no sofá.

— Isso não parece educado. Fazer uma convidada dormir no sofá.

— Não sou convidada. Sou cinegrafista.

— Mesmo assim...

— Olha — disse eu —, isso não é uma dessas coisas corporativas que geralmente faço em meu trabalho normal. Não tem nada a ver com um executivo rígido que tem que ler cartões de sugestão. Isso é jornalismo. É cinema de verdade. Estou tentando fazer algo importante aqui. Estou tentando capturar algo verdadeiro, algo que importa sobre o espírito humano. Tenho que filmar o que é real. Estou tentando captar sua vida real. Eu estaria na sua cama na vida real? — Hutch piscou os olhos em dúvida. — Não me expressei bem — disse eu. — Você sabe o que quero dizer.

Ele concordou.

— OK, então. Mas não se surpreenda se for lambida. — Agora era minha vez de piscar em dúvida. Mas aí segui o olhar de Hutch até George Bailey, cochilando em um tapete perto de nós. Ah. — Essa sala é uma espécie de território dele.

— Tudo bem. Sem problemas.

Hutch inclinou um pouco a cabeça, como se tivesse certeza de que não seria bem assim.

Enquanto se afastava, eu o chamei:

— Mas preciso lhe pedir um favor.

Ele se virou.

— Manda.

Mas esta era uma pergunta terrível de fazer. Para não ver sua reação, esfreguei meus olhos fechados.

— Posso filmar você vestindo seu pijama?

Uma nova franzida de testa de Hutch para a coleção: *Você está louca?*

— Como é que é?

Como explicar? Cole definitivamente disse a ele que meu trabalho estava em jogo. Mas quanto chegou a dizer a ele?

— Cole lhe contou sobre Sullivan? — perguntei.

Hutch fez que não com a cabeça.

Respirei fundo.

— Nossa chefe é uma senhora chamada Karen Sullivan. Ela é basicamente quem decidirá se vou continuar em meu emprego ou não. Ela vai ver esse vídeo. E acho que ela vai, de fato... apreciar seus atributos visuais.

— Apreciar meus atributos visuais?

Fiz que sim com a cabeça.

— Tanto que talvez não me demita.

Hutch ficou curioso.

— Você está tentando excitar sua chefe?

— Só um pouquinho — disse eu. — Por uma boa causa.

Com isso, Hutch sorriu e balançou a cabeça. E, de repente, percebi que o tinha visto sorrir mais vezes hoje que em todas as semanas em que o seguira.

Eu odiava enfatizar isso, mas sentia necessidade de me justificar.

— Só estou dizendo — disse eu, apontando para o torso dele — que isso aí pode salvar meu emprego.

Com essa, Hutch agora parecia quase constrangido.

— Só tem um problema. Não durmo de pijama — disse ele.

Ai, meu Deus.

— Por favor, me diga que não dorme nu.

— Isso tornaria difícil seu cinema de verdade, não é? — Minhas narinas se dilataram, tipo *basta me dizer*. — Não durmo nu — disse Hutch. Soltei um suspiro encharcado de alívio. — Durmo de cueca boxer. — Então, tentei sugar de volta. Ao ver isso, Hutch deu um sorriso. — Posso vestir um pijama, se você quiser — sugeriu ele.

Com a maioria dos homens, eu teria aceitado essa oferta. É claro. *Claro* que ele não deveria aparecer dormindo de cueca.

Mas simplesmente havia alguma coisa em Hutch.

Pensei em uma história que Rue me contou uma noite dessas, sobre uma vez em que ela e Hutch estavam viajando juntos e o voo atrasou. Eles tiveram que desembarcar e esperar para trocar de avião no terminal. Passaram-se horas, gente aos montes perdendo conexões, e todo mundo que estava esperando foi ficando cada vez mais irritado. Até que as pessoas começaram a ir até o balcão de reservas e a gritar com os agentes do portão de embarque, que, naturalmente, não tinham controle sobre nada.

Depois de assistir a isso por um tempo, Hutch se levantou e saiu. Quando voltou, trouxe uma bandeja cheia de cafés, foi até o balcão de reservas, colocou os cafés sobre ele e disse ao agentes:

— Sei que foi um dia difícil e todos vocês estão trabalhando muito. Obrigado por tudo que estão fazendo.

E deixou os cafés lá para eles.

Rue disse que toda a área ficou em silêncio total. Todos testemunharam aquele ato de gentileza e tiveram que confrontar a humanidade daqueles agentes de maneira totalmente nova. O homem que estava na metade do discurso de reclamação baixou os braços, fechou a boca e voltou calado para sua cadeira. A própria Rue, que também estava frustrada, reavaliou a situação por completo. Balançando a cabeça, ela me disse que aquele ato simplesmente neutralizou a todos e relembrou-lhes o que era a decência humana. E deixou que os agentes voltassem ao trabalho.

Acho que o que estou dizendo é... se um cara assim quisesse dormir de cueca, poderia dormir de cueca.

Aprender a diferenciar quem é um cara legal de quem não é um cara legal é uma habilidade vital. Às vezes, é difícil dizer; outras, é impossível. Mas tive que admitir naquele momento que tinha certeza absoluta de que Hutch era, sem dúvida, um cara legal. Desde vê-lo tirar um carrapicho espinhento da pata de George Bailey em nossa caminhada esta noite até a maneira como pegou minha tigela de macarrão de volta, para que pudesse adicionar um raminho de manjericão... Eu sabia. Eu simplesmente sabia. Ele era uma pessoa que inspirava segurança a qualquer um com quem estivesse.

— Basta dormir como você dormiria normalmente — disse eu. — Não vou me sentir constrangida (e era verdade). Mas — acrescentei então, para voltar a Sullivan — se você não vai *vestir* nada para dormir, posso filmá-lo *tirando* algumas coisas?

Dezesseis

DE FATO, ACABEI mesmo sendo lambida no meio da noite.

E não só lambida. Também *transformada em poltrona*.

Porque, naquela noite, caiu uma tempestade. E Hutch não estava mentindo quando disse que George Bailey tinha fobia de trovoada. Ou o que quer que fosse o nome desse tipo de medo.

Acordei com George Bailey, que havia adormecido no tapete ao lado do sofá, arranhando seu lugar em cima de mim, ofegando, babando e tremendo sem parar.

Olhei para cima, e George Bailey, para baixo. Então percebi que não conseguia exatamente respirar. Agarrei a estrutura do sofá e me ergui o suficiente para sair de baixo dele. O que deveria ter sido bom. Mas George Bailey, oscilando acima de mim, perdeu o equilíbrio enquanto eu me reposicionava e depois caiu do sofá e colidiu com a mesa de centro... que terminou virando de lado.

Eram duas da madrugada.

O barulho foi tão alto que chacoalhou o barco inteiro.

Enquanto George Bailey e eu nos recuperávamos e nos encarávamos, Hutch saiu correndo do quarto.

Você se perguntou se Hutch estaria apenas brincando com a história da cueca boxer? Que, quando chegasse a hora, vestiria um pijama de algodão recatado, digno de um cavalheiro?

Ah, tá. Engano seu.

Ao som da colisão, Hutch apareceu, pronto para a ação, com, sinceramente, quase nada.

Respirações profundas: aquela cueca boxer não era tão chocante. Se estivéssemos no Tour de France, argumentei veementemente comigo mesma, ela quase poderia ser uma bermuda de ciclista.

Tudo bem: bermuda de ciclista que encolheu na lavagem, mas bermuda de ciclista, mesmo assim.

— O que aconteceu? — interpelou Hutch, olhando em volta, com os braços estendidos para a frente, como se estivesse pronto para esmurrar, descalço, um possível intruso.

Levantei-me do sofá e comecei a tentar arrumar a mesa, e ele me ajudou. Pegamos todos os livros recém-caídos e as peças do jogo de gamão.

— Hum — disse eu, sem nem sequer saber como explicar direito —, acho que estava trovejando. George Bailey pulou em cima de mim. Mas eu não conseguia respirar e tentei sair de baixo dele. Aí ele meio que caiu com todo peso e bateu em cheio na mesa de centro.

Era uma história tão estranha quando você juntava todas as peças.

Mas Hutch apenas perguntou:

— Está trovejando?

Naquele exato instante, como se o universo quisesse confirmar, trovejou.

George Bailey reagiu tentando mergulhar entre as pernas de Hutch, a ponto de praticamente parecer que Hutch o estava montando como se fosse *cowboy*. Um *cowboy* em sua cueca do Tour de France.

Pisquei os olhos com força. *Controle-se, Katie!*

Hutch se desvencilhou da parte traseira de George Bailey e começou a tentar levá-lo pela coleira de volta ao quarto.

— É isso que fazemos — explicou Hutch conforme o puxava. — Vamos para o quarto, fecho todas as cortinas e ligo uma máquina de ruído branco. Depois, eu o seguro com força, até que a tempestade passe, como se ele fosse uma vaca em um brete de contenção.

George Bailey resistia ao puxão.

— Funciona? — perguntei.

— De jeito nenhum — disse Hutch, ainda puxando o cão. — Mas é o melhor que posso fazer. — Hutch foi até a porta do quarto e tentou chamá-lo. — Vem cá, amigo. Vem cá!

Mas George Bailey nem se mexeu.

Hutch pegou um esquilo barulhento de borracha e o jogou no quarto para George Bailey buscar, e nada. Então, pegou um osso de couro cru e o estendeu como isca. Novamente, nada. Por fim, deu a volta pelo outro lado e tentou empurrar George Bailey por trás.

Tudo em vão.

— OK — disse Hutch —, vou brincar de me fingir de morto. — E foi para o quarto.

— Aonde você está indo? — gritei quando ele se afastou.

— Vou fingir que desisti. Talvez ele me siga por conta própria.

De fato, George Bailey pareceu se interessar em saber por que Hutch estava saindo da sala. Após alguns segundos, caminhou até a metade do quarto e inclinou a cabeça. Então, olhou para mim. Depois, virou-se e caminhou em minha direção, como uma espécie de grande felino em um zoológico, e parou quando chegou perto.

— Vá lá — disse eu. — Hutch está esperando por você. — Mas, em resposta, quase como se tivesse entendido minhas palavras, George Bailey se aproximou de mim e agarrou o tecido folgado de uma das pernas da minha calça de yoga com os dentes. — Ei — disse eu, tentando puxar o tecido de volta.

No entanto, como os sapos não venenosos da vizinhança podiam atestar, essas mandíbulas tinham as próprias regras.

Quando George Bailey começou a me puxar para o quarto, o que eu poderia fazer?

Eu o segui.

Essa era minha calça de yoga favorita.

Quando chegamos ao quarto, lá estava Hutch — juro por Deus — reclinado em uma cama de casal, com sua cueca boxer, braços atrás da cabeça, cantarolando "Heart and Soul".

Quando me viu, ele se sentou, como se nunca esperasse que George Bailey me trouxesse com ele.

Enquanto isso, George Bailey soltou a perna da minha calça e começou a me empurrar delicadamente para a cama com o focinho.

Parei quando cheguei e olhei para ele.

Ele bloqueou a porta e olhou para mim.

— Acho que ele quer que eu fique aqui — disse eu.

— Talvez ele esteja reunindo o bando...

— Ele costuma fazer isso?

— Não costumo ter — Hutch olhou para mim — um bando.

Por que me deu um pouquinho de alegria ouvir isso?

— O que devo fazer? — perguntei.

— Por que não se senta na cama e vê se ele vem?

Eu me sentei. E dei um tapinha na cama. George Bailey então se aproximou, subiu e deitou-se no meio de nós.

— Bom menino — disse eu, levantando-me para sair.

Mas, quando me levantei, George Bailey também ficou de pé (bem ali, no colchão). Sua linguagem corporal dizia: *Não se atreva.*

— Não tenho permissão para sair? — perguntei a Hutch.

— Não tenho certeza — disse Hutch. Então, disse: — Que tal dar a ele alguns minutos para se acalmar?

— OK — disse eu, reclinando-me na cabeceira da cama.

Na trovoada seguinte, George Bailey levantou a cabeça e olhou para a frente e para trás entre nós, como se perguntasse *Como vocês permitem que isso aconteça?*

— Ele realmente está tremendo — disse eu. A cama estava tremendo.

— Eu sei — disse Hutch, estendendo a mão para apertar um braço contra ele.

— Deve ter sido muito difícil para ele antes — não consegui dizer *no canil clandestino* —, quando trovejava.

— O ruído deve ter sido bem alto. Eles ficavam em uma estrutura de metal sem janelas.

Acariciei a cabeça macia de George Bailey.

— Monstros.

Hutch assentiu e disse:

— Talvez você tenha que esperar aqui até que ele caia no sono.

Eu estava sentindo isso também.

— O problema é que estou bem acordada agora.

— Eu também.

— Posso perguntar uma coisa, então? Já que não temos mais nada para fazer?

— O quê? — perguntou Hutch.

— O que aconteceu entre você e Cole? Sobre o que é mesmo essa briga?

Hutch mudou de posição para me olhar nos olhos.

— Ele não contou a você?

— Não.

Hutch franziu a testa.

— Hum.

— Talvez saber possa me ajudar — disse eu, tentando aparentar que não estava apenas curiosa.

Hutch concordou, mas a cara de preocupação voltou. Então, quando ele tomou uma decisão, disse:

— OK, mas você não ouviu isso de mim. Se Cole descobrir que você conhece essa história, você terá que jogar a culpa em Rue, não em mim.

Eu poderia dizer, pela inclinação da sua sobrancelha, que ele estava brincando.

— Combinado — disse eu.

— Bem, isso foi... um ano atrás. Cole ia se casar. — *Cole ia se casar?* Tentei não deixar a surpresa transparecer em meu rosto. Hutch prosseguiu: — A noiva dele,

não sei quanto ele lhe contou sobre Scarlett, era mesmo agressivamente paqueradora, sabe? — Por que Cole teria me contado sobre Scarlett? Hutch continuou falando. — Ela era assim com todo mundo. Vivia postando fotos de biquíni o tempo todo. Apenas tinha aquela *vibe* de quem quer que o mundo inteiro a perceba. Isso assustou um pouco a Rue e a mim, mas Cole adorava isso nela. — Eu me perguntei como seria *querer* aparecer. — Seja como for — disse Hutch —, foi por isso que não percebi o que poderia acontecer, creio eu.

— Como assim perceber o que poderia acontecer?

— Eles namoravam já fazia alguns anos, então eu a encontrei algumas vezes, principalmente de passagem. Estava sediado em Kodiak havia quatro anos, o que significava que não vinha tantas vezes aos estados mais ao sul.

— OK — disse eu, sentindo que esse foi um começo lento.

— Na noite do jantar de ensaio, ela bebeu todas, pegou o microfone do karaokê e fez um anúncio para todos lá que... em vez de Cole, ela queria a mim.

— Perdão. *Como é*?

Hutch suspirou.

— Ela disse que se apaixonou à primeira vista. Por mim. Na primeira vez em que nos encontramos. Quando me viu de novo na festa de casamento, achou que não poderia mais se casar com Cole. Disse que não poderia passar a vida inteira com a *próxima melhor coisa*, então chamou Cole de *Hutch dos pobres*.

— Nossa! — disse eu.

— Pois é.

— Isso é duro.

— Concordo.

— Cole a ouviu dizer tudo isso?

— Ele estava bem ali. Ao lado dela. No palco. — Outro trovão. George Bailey começou a ofegar. Hutch prosseguiu. — Então, ela disse que queria trocar.

— Trocar o quê? Trocar *de homem*?

Hutch assentiu, balançando a cabeça.

— Aí ela me pediu em casamento. Bem ali. No palco. Na frente de todo mundo.

— O que você está dizendo é que a noiva de Cole o largou no jantar de ensaio e pediu você em casamento, tudo na mesma frase?

— Efetivamente, sim. Mas ela nunca o largou. Só queria renovar.

— O que aconteceu depois?

— Ela correu em minha direção. Mas um monte de padrinhos a agarrou e a levou para fora da sala, ela se contorcendo como um atum fisgado e gritando:

“Hutch! Venha me encontrar mais tarde!”. Em seguida, acrescentou que não estava usando calcinha.

— Imagino que você não foi encontrá-la mais tarde.

— Não fui, não.

— Então eles acabaram não se casando?

— Não, na realidade... eles *se casaram*.

Olhei para cima, para entender o que tinha acontecido.

— Eles *se casaram*?

Hutch assentiu.

— Eles conversaram naquela noite depois que ela ficou sóbria e decidiram ir em frente com tudo.

— Deve ter sido uma conversa e tanto.

— Ela disse a ele que eu a havia *prendido numa armadilha*. Foram esses os termos que ela usou. E, não sei como, depois disso, o karaokê sem calcinha dela acabou se tornando culpa minha.

— Mas *não foi* culpa sua!

— Meu irmão discorda.

— Mas isso é loucura!

— Sim. Ele me dispensou da função de padrinho e foi em frente com o casamento, conforme planejado. — Hum. Não sabia que Cole era casado. Ele não emitia nenhuma *vibe* de casado. Mas aí Hutch disse: — Claro, não durou. Antes de um mês, eles se separaram. Só que Cole não fala comigo desde então.

— Nossa.

Hutch olhou para mim.

— A propósito, não a *prendi*. — Soltei uma boa risada. — O que significa isso?

Franzi a testa.

— Acho que isso significa, *é claro*, que você não a prendeu. Aposto que você nunca prendeu uma mulher numa armadilha.

Hutch franziu o cenho ainda mais.

— O que significa *isso*?

Fiz um gesto amplo com a mão em sua direção.

— É só a mera ideia de você precisar ter tanto trabalho. É risível. Quero dizer, basta *olhar* para você. Não consigo imaginar que você precise fazer qualquer coisa que seja. Aposto que as mulheres apenas pulam em seus braços como peixes voadores.

Contudo, a cara de Hutch ficou ainda mais séria.

— Parece que você tem uma opinião descomunal a respeito do meu poder de atração sobre as mulheres.

— Acho que estou qualificada a julgar.

Mas Hutch balançou a cabeça em negação.

— As mulheres não *pulam* em meus braços.

— Se você acha que é assim, tudo bem. — Eu não brigaria por causa disso. — Só estou dizendo que concordo com você. Em primeiro lugar, você nunca prenderia uma mulher em uma armadilha. Mas, por outro lado, nunca precisaria. — Hutch parecia genuinamente intrigado. — Não estou dizendo que a culpa é sua. *Ela* ficou bêbada e pegou aquele microfone de karaokê. Só estou dizendo que entendo. — Hutch desviou o olhar. — Não o culpo. Você não tem como evitar. Mas sabe quanto é bonito, não sabe? Isso não pode ser uma novidade. — Hutch não disse nada. Apenas olhou para mim com aqueles olhos grandes e escuros. — Hutch? — perguntei. Eu precisava de uma resposta. — Você sabe que é bonito?

— Acho que sou... normal.

— *Normal?* — repeti, como se agora ele estivesse sendo insultante. — Sua beleza é tanta que chega a *doer*.

Hutch balançou a cabeça como se eu estivesse brincando.

Eu precisava defender meu ponto de vista.

— Acho que são os olhos. Esses olhos grandes, sérios e tristes tão sinceros. A maneira como você olha para as pessoas quando está ouvindo. O modo como presta atenção. Ou talvez o nariz? Você tem uma coisa chamada nariz romano, sabia? É, tipo, o que todo mundo que faz rinoplastia pede. Então — fui contando nos dedos — há a altura, a barriga de tanquinho e o pomo de adão dignos do *Livro dos Recordes*. Além disso, existe algum feromônio para empatia e bom coração? — Com as mãos, abanei o ar como se estivesse sentindo o aroma de alguma coisa fervendo no fogão. — Porque há algo acontecendo aí. É muito, Hutch. É só o que estou dizendo. É muito para as mulheres do mundo, ora essa. Somos apenas humanas.

Hutch olhou para George Bailey dormindo de exaustão. Em seguida, como se não conseguisse conter a curiosidade, fez a pergunta:

— É muito para você?

— Sem dúvida! — Queria que soasse declarativo, como se fosse apenas a declaração de um fato científico, mas saiu um pouco mais suave. Melancólico, até.

Hutch parou por um tempo, para assimilar minhas palavras, porém não as retirei. Então, ele olhou para mim com uma expressão muito parecida com desejo. Quanto mais me olhava, maior era minha sensação de que ele poderia me beijar.

Ele *poderia* me beijar. Não estávamos tão distantes assim. Um empurrão para cima com um de seus ombros fortes e uma inclinação rápida em minha direção, e estaríamos cara a cara. Isso poderia acontecer. Realmente poderia.

Eu esperava que acontecesse.

Por um instante, pensei que deveria mandar na minha própria vida e apenas fazer acontecer eu mesma.

Mas, então, me acovardei.

Sobretudo porque ainda não tinha certeza de onde, exatamente, estávamos. Ele tinha se comportado tão estranho ontem, não tinha? Ou será que eu apenas havia feito uma leitura errada dele? De qualquer forma, eu ainda estava procurando pistas sobre seus sentimentos. E, se ele me beijasse por vontade própria, estaria me dando uma das grandes.

Então, começou a parecer que ele faria isso. Comecei a achar que ele estava se inclinando bem devagar em minha direção.

Prendi a respiração.

Mas aí, em vez disso, ele desviou o olhar. E disse, curto e grosso:

— Acho melhor você voltar para o sofá.

Ele estava aborrecido?

— Você acha isso mesmo?

— Você não pode dizer coisas assim para mim, Katie.

— Não posso?

Ele me olhou com aqueles olhos escuros e balançou a cabeça.

— Foi você quem fez a pergunta. Eu apenas lhe dei a resposta.

Ele assentiu, concordando.

— Não deveria ter perguntado. É por isso que preciso que você saia.

Não vou fingir que não doeu. Basicamente, eu tinha — da maneira mais brincalhona possível — dito a ele que, pessoalmente, o achava irresistível. E tinha disfarçado isso como algum tipo de declaração antropológica, mas acho que nós dois vimos o que estava por trás.

Como eu poderia esperar esconder algo assim? Tinha que ser óbvio, certo?

Quero dizer, estávamos em sua cama, e ele estava de cueca. Se você ignorasse o dogue alemão entre nós, não sei quanto mais sugestiva poderia ter sido.

Mas, pelo jeito, a resposta a essa sugestão foi um *Saia* bem inequívoco.

— Claro — disse eu, tentando recuperar a dignidade. — Eu entendo. Sem problemas.

Senti uma fisgada na garganta como se pudesse mesmo chorar.

Isso é normal, diria Beanie. *Isso é normal para uma rejeição.*

Mas não parecia normal.

Deslizei para o lado, evitando puxar a colcha e fazer qualquer outra coisa que pudesse acordar George Bailey. Levantei-me da cama e depois girei para sair na ponta dos pés.

No entanto, antes que chegasse à porta, George Bailey já estava lá, bloqueando meu caminho.

Derrotada, caminhei ao lado dele de volta para a cama.

— Acho que vou ficar — disse eu.

— Acho que vai — disse Hutch para o teto.

Dessa vez, enquanto eu deitava a cabeça no travesseiro, Hutch apagou as luzes. E adormecemos lá, na escuridão, tão sozinhos quanto podem ser duas pessoas na mesma cama.

DE MANHÃ, GEORGE Bailey estava de novo em cima de mim.

Antes de vê-lo, eu o *senti* — esparramado em cima da minha barriga, como se dormíssemos assim todas as noites. Então, levei um minuto planejando antes de tentar me levantar, já que minha primeira tentativa, ontem à noite, tinha dado errado.

Foi quando abri os olhos. E não era George Bailey. Era Hutch.

George Bailey, por sua vez, nem estava mais no quarto.

Meu despertar agitado acordou Hutch, e, assim que me viu, ele deu um pulo para o outro lado da cama, como um dublê em um cabo.

— Que diabo é isso? — disse Hutch.

Como se *fosse eu* quem estivesse em cima *dele*.

Talvez eu ainda estivesse um pouco irritada com sua tentativa de me chutar para fora da cama ontem à noite, mas me ressenti da implicação de que *eu* era o problema ali.

Então, fiz a única coisa digna em que pude pensar. Levantei-me e saí do quarto.

George Bailey estava na sala de estar, cochilando amigavelmente de barriga para cima no sofá, como se o conceito de trovão nem existisse.

Comecei por enfiar equipamentos e mais equipamentos na minha bolsa, dobrar meu tripé e fechar os estojos das lentes. Não mudei de roupa nem mesmo escovei os dentes. Apenas peguei minhas coisas para fugir.

Estava fechando o último estojo quando notei Hutch me observando da porta do quarto, agora de *jeans* e camiseta, com aquele semblante tristonho novamente.

— Desculpe por estar tão... *em cima de você* agora há pouco — disse ele. — Devo ter achado que você era o cachorro.

Ele não poderia ter dito nada que pudesse ter piorado ainda mais a situação.

— É, acho mesmo que deve ter pensado isso.

— Espero que você não esteja... chateada por causa disso.

— Como assim? Você quer saber se estou preocupada por você ter tentado passar a mão em mim ou algo do gênero? — Hutch deu de ombros. — Não, meu caro. Sem dúvida, você estava dormindo a sono solto. E, além disso, já tinha deixado bem claro seu total desinteresse desde ontem.

— Isso é uma boa coisa, não é?

Por que mesmo isso seria uma boa coisa?

— Se você acha — disse eu.

— Só estou tentando fazer a coisa certa aqui.

— Você acha que me confundir com um cachorro é fazer a coisa certa?

O maxilar de Hutch se contraiu.

— Olha. Não pedi que você viesse até aqui.

— Tecnicamente, você fez isso.

— Só porque Cole me pediu.

— Você tem que fazer tudo o que Cole lhe pede?

Hutch piscou.

— Sim. Tenho, sim.

Será mesmo que ele não estava se permitindo namorar ninguém porque Cole não estava namorando ninguém? Ele tinha apenas aceitado toda aquela culpa equívoca sem questionar nada?

— Bem, acho que você está se penitenciando por algo que não é culpa sua.

— Não, não é assim.

Dei de ombros, como se dissesse *Isso é coisa entre você e Cole, creio eu*.

— Tudo bem. Mas você me pôs para fora. Então estou saindo.

Odiei como minha voz deixava transparecer minha mágoa. Hutch teria conseguido detectá-la?

Ele verificou as horas.

— Pensei que ficaria até as dez.

Eram 9h27. Já bastava.

— Tenho tudo de que preciso.

Exceto pelas duzentas flexões. Mas nem por isso valeria a pena ficar.

Agora que estava indo embora, Hutch me pareceu estranhamente consternado com isso.

— Deixe-me ajudá-la com suas coisas.

— Não precisa — disse eu.

Mas não havia como pará-lo. Ele pegou minhas sacolas restantes e me seguiu pelo píer de volta ao carro de Rue. Mesmo depois que tudo já estava no automóvel, ele continuou lá, parado.

— Obrigado — disse ele, apertando os olhos por causa do sol. Então, como se nunca mais fôssemos nos ver, disse: — Ontem, estranhamente, me diverti muito.

Eu não estava pronta para sentir nostalgia por *nosso tempo juntos antes da rejeição dele*.

— Sim, está bem.

— Então, vejo você no trabalho — disse ele em seguida, recuando.

Mas eu não queria ir trabalhar. E, de repente, ocorreu-me que eu não precisava. Eu bem poderia tirar um dia de folga pelo bem da minha saúde mental. Afinal, *eu* não estava nas Forças Armadas. Ninguém saberia — nem se importaria — se eu passasse um dia na cama comendo besteiras e assistindo a bobagens na TV.

— Tenho certeza de que vou faltar ao trabalho hoje — disse eu.

Dezessete

– VOU TIRAR UM dia só para mim — disse eu a Beanie, quando fiz uma videochamada para ela, mais tarde.

— Ótimo — disse Beanie, quando lhe contei o motivo. — Retome seu poder.

Eu não sabia ao certo se comer chocolates no café da manhã e assistir à HGTV eram exatamente retomar meu poder. Mas serviria, por enquanto.

Beanie, para constar, ficou chocada ao saber que Hutch tinha me chutado para fora de sua cama.

— Ele te dá *sim* depois de *sim*, depois de *sim*, então, de repente, é *não*?

— Exatamente.

— Assim são os heróis — disse Beanie.

— Quer dizer — disse eu, sentindo vontade de defendê-lo —, ele fez as vinte e quatro horas. Mesmo contra a vontade.

— Mas ele fez isso pelo irmão, não por você.

— E mergulhou e me salvou quando seu cachorro me derrubou na água.

— Grande coisa. É o trabalho dele.

— E me passou barrinhas de cereais no helicóptero para que eu não vomitasse.

Com isso, Beanie aproximou o telefone do rosto para me encarar.

— Katie — disse ela —, eleve seu padrão.

Antes de desligarmos, ela me fez adicionar algo à lista de beleza.

— Hoje, não quero — disse eu.

— É exatamente por isso que você tem que fazer.

— Não posso nem tirar um dia de folga?

— Não — disse Beanie. — É mais importante que nunca. — Franzi a testa para procurar outra desculpa. Mas, aí, Beanie disse: — Esse cara rejeitou você. Então, você tem que se "desrejeitar".

— Tudo bem.

— E não escolha nada estranho desta vez. Nada de axilas, molares ou qualquer coisa assim. Escolha algo normal.

Algo normal.

Eu me analisei na imagem do telefone. Por fim, declarei:

— Boca.

— Boca! — gritou Beanie, levantando os braços em vitória. — Sim! Eu já *esperava* por *boca*!

Eu já conhecia o exercício. Agora teria que dizer a ela por quê.

— É carnuda e tem um formato bonito de coração. A cor é ótima: bom tom de rosa, mesmo sem batom. — Então, desafiando o que quer que Hutch pudesse pensar, acrescentei: — É beijável.

— É mil por cento beijável! — disse Beanie aos gritos. — Caramba! Isso é crescimento pessoal digno do *hall* da fama!

— *Existe* algum *hall* da fama do crescimento pessoal? — perguntei enquanto caminhava até o espelho do banheiro, para verificar todas as avaliações que acabara de fazer sobre minha boca.

Sim. Correto. Esses lábios eram objetivamente beijáveis.

Infinitamente beijáveis, caramba!

Foi mesmo a constatação mais incrível, e eu a senti do cérebro ao coração. Não precisava que um *nadador de resgate* pensasse que eu era bonita.

Eu mesma poderia fazer isso por mim.

Esse pensamento poderia mudar minha vida.

Aquele desejo de ser olhada *amorosamente*? Aquele desejo de ser amável... que também tem muita relação com o desejo de ser valorizada, vista, conectada, segura, e profunda e fundamentalmente *estar bem*?

Talvez não precisássemos terceirizar nada disso.

Talvez pudéssemos preencher esse desejo por nós mesmos.

E não estou dizendo que não precisamos de outras pessoas nem que devemos passar a vida sozinhos.

De repente, entendi, de maneira totalmente nova, como um raio de sol irrompendo entre as nuvens, que, mesmo que precisemos e desejemos ser vistos eternamente... talvez os olhos mais importantes sejam os nossos próprios.

— Beanie — disse eu —, acho que toda minha compreensão de como a vida humana funciona mudou.

— Já era hora — disse Beanie. Enquanto eu explicava minha epifania, Beanie assentia com a cabeça para mim, como se estivesse epicamente impressionada. — Isso é mil vezes melhor que cotovelos ou qualquer bobagem que achei que você fosse dizer.

— Acho que precisava de um avanço hoje.

— Com certeza, você avançou — disse Beanie.

Essa coisa de cultura da apreciação estava funcionando.

— Tenho a impressão de que o casal Gottman ficaria orgulhoso — disse eu.

— Não é mesmo?

Agora minha mente estava correndo às soltas.

— Então foi por isso que fiquei com Lucas durante tanto tempo? Porque achava que precisava que ele fizesse isso por mim? Porque não sabia que poderia fazer isso por mim mesma?

— Você está cem por cento certa.

— Beanie, você é um gênio!

— Sou totalmente — disse Beanie. — E você é muito menos tolinha do que já foi antes.

EU AINDA ESTAVA radiante com todas as revelações, quando Rue bateu à minha porta pouco antes do jantar.

— Oi, querida — disse ela quando a abri. — Hutch acabou de me dizer que você estava doente?

— Não estou doente. Estou apenas tirando um dia só para mim.

— Maravilhoso — disse Rue. Em seguida, estendeu outra sacola de compras da Vitamin Sea. — Trouxe uma coisa para você. — Peguei a sacola. — É um vestidinho de verão — disse ela —, mas há uma escolha: vermelho romântico ou negro funeral. — Eu os tirei da sacola, segurei os dois e avaliei o caimento do tecido. — Escolha um e use-o para o jantar — disse Rue. — Hoje é o aniversário de Ginger.

Então, em homenagem à minha nova epifania, escolhi o vermelho. Como se nunca tivesse havido dúvida. Talvez eu não chegue a viver um romance com Hutch. Mas ninguém poderia me impedir de viver um romance comigo mesma.

— Estou tão contente por você ter dito isso — disse Rue, beijando os próprios dedos e depois tocando minha bochecha.

Para dizer a verdade, eu não pretendia ir jantar hoje à noite. Tinha planejado me dar o presente de não ter que ver Hutch.

Mas agora eu havia descoberto um poço oculto de força interior.

— Hutch estará lá — acrescentou Rue, pensando que seria um incentivo. — Fiquei calada. Então Rue disse: — Ou, pelo menos, presumo que estará. Ele só costumava vir jantar uma vez por semana antes de você aparecer, mas agora vem praticamente todas as noites.

— Ele só vinha jantar uma vez por semana?

— Parecia frequente na época — disse Rue.

— Mas por que tantas vezes agora?

Rue olhou para mim através dos óculos vermelhos.

— Acho que recentemente as coisas ficaram mais divertidas para ele. Por motivos que ninguém na face da terra sonharia em adivinhar. — E me deu uma piscadela.

Minha presença havia tornado as coisas mais divertidas para Hutch?

Eu não tinha certeza.

Mas isso não importava.

Com ou sem Hutch... Rue estava dando uma festa de aniversário para a amiga. E meu novo vestido vermelho, minha visão de mundo recalibrada e minha boca beijável estariam presentes.

HUTCH ACABOU APARECENDO, afinal.

E o vestido vermelho de verão ficou ainda melhor depois que o vesti.

Se estendesse os braços para os lados e levantasse a bainha, ele fazia um semicírculo completo a partir da cintura. Combine roupas que tenham esse volume com a brisa saudável da ilha, adicione algumas luzinhas de LED, uma festa ao ar livre e um pouco de *yacht rock* no sistema de alto-falantes... e você tem um pouco de magia esvoaçante. Saí do meu bangalô e fui em direção à festa, fazendo algo que nunca tinha feito na vida: me admirar.

Todos os aspectos de mim eram perfeitos no Photoshop? Irrelevante.

O acréscimo dos meus lábios beijáveis à minha crescente coleção de visuais adoráveis me concedia uma vantagem.

Não sou cientista. Não sei por que funcionou.

Mas eu sabia disso: bastaria.

Olhei para cima e vi Hutch entrando pelo portão da cerca vestindo uma camisa de colarinho em homenagem a Ginger e trazendo um buquê de aniversário para ela.

Não sei o que ele viu nem o que sentiu naquele momento.

Mas posso dizer que nós dois ficamos imóveis enquanto nossos olhos se prenderam — seu buquê esquecido na mão, e meu vestido vermelho ondulando ao vento — por muito mais tempo do que pessoas que não se notam jamais fariam.

Antes de desviarmos o olhar, a bateria de "Copacabana" começou a soar no sistema de alto-falantes, e Rue levantou os braços para As Meninas, num gesto de *arrebanhamento*, e disse:

— OK, meninas! Vocês sabem o que fazer.

Aparentemente, elas sabiam o que fazer. Todo o grupo começou a se reunir em um trenzinho de conga, e Nadine e Benita vieram nos puxar.

— O que está acontecendo? — perguntei a Hutch enquanto ele se posicionava atrás de mim.

— É uma regra aqui — disse ele. — Sempre que toca "Copacabana", você tem que parar o que está fazendo e dançar conga.

— Mas não sei dançar conga — protestei, mesmo tendo colocado as mãos na cintura de Benita, à minha frente.

— É fácil — disse Hutch, enquanto colocava as mãos em meus quadris.

— Todos vocês simplesmente... *fazem* isso? — perguntei.

— Resistir é inútil — respondeu Hutch.

Acho que, de fato, era.

Hutch e eu ainda estávamos brigando neste momento?

Se é que se pode realmente brigar quando Barry Manilow está cantando.

Senti o calor das mãos de Hutch pelo tecido do vestido de verão, dançando no ritmo do grupo, enquanto as luzes das lâmpadas brilhavam no alto e a brisa nos acariciava a todos... e me vi apenas cedendo a tudo isso, deixando rolar.

O que aquela manchete dizia sobre a ex-noiva de Lucas Banks?

Ela realmente se deixou levar.

Talvez isso estivesse certo.

E talvez fazer isso tenha sido uma boa coisa.

Os quatro minutos daquela canção voaram em uma mistura de tecido, toque e pressão quente das palmas das mãos de Hutch, e quando a música terminou e o trenzinho se dispersou, Hutch fez a mão deslizar para cima, agarrou a minha e depois me fez rodopiar por um minuto. As ondas de vento, o tecido ondulante, a firmeza de sua pegada... tudo isso parecia surreal e vivo, e me induzia a me sentir parte de algo maior que eu mesma.

Mesmo depois que parei de girar, ainda estava girando, sabe?

Então As Meninas começaram a importunar Hutch, para que ele me inclinasse para trás, e, como nunca se arriscaria a decepcioná-las, ele o fez... justamente quando eu estava pensando que esta noite não poderia ser mais surpreendente, no ponto mais baixo da inclinação, com Hutch acima de mim enquanto eu me curvava para trás para esticar o pescoço, bem nos segundos de silêncio entre o

fim daquela canção e o início da seguinte, uma voz gritou do outro lado do quintal:

— Ei! Tire as mãos da minha namorada!

Com o som, Hutch e eu nos viramos, ainda na metade da inclinação, para ver quem era.

E era Cole.

Dezoito

HUTCH NÃO ME soltou, naquele momento, ao ouvir o som da voz de Cole.

Alegro-me por informar isso.

Mas rapidamente me pôs de pé e depois deu um passo para trás, tipo batata quente. Então olhou para o irmão, como se nunca o tivesse visto antes, enquanto Rue se aproximava para dar um abraço em Cole.

— Que surpresa mais fantástica! — disse Rue, sem um pingo de surpresa. Cole a abraçou com força suficiente para tirar os pés dela do chão.

As Meninas também foram abraçá-lo, mas Hutch e eu ficamos parados, recuperando o fôlego. Tentei classificar a expressão de preocupação que agora tomava o rosto de Hutch, mas essa era nova.

Em seguida, as senhoras se afastaram, e Cole veio em direção a Hutch, estendendo a mão.

— Hutch — disse ele, tornando a própria voz mais grave que o normal.

— Cole — disse Hutch por sua vez, apertando-lhe a mão como se fossem colegas na ONU.

— Vejo que conheceu minha namorada — disse Cole. Olhei em volta. Cole tinha namorada?

— Você fez questão disso, não foi? — disse Hutch, parecendo saber a quem ele se referia.

Levei muito mais tempo do que deveria para perceber que Cole, assim como todos os demais, estava olhando para mim.

Fiquei totalmente imóvel para conter meu pânico crescente enquanto Cole caminhava até onde eu estava e punha o braço, *de maneira que ultrapassava a compreensão*, em torno da minha cintura.

O que estava acontecendo?

— Katie é sua namorada? — perguntou Ginger a Cole, parecendo encantada. — Todas nós estamos tentando bancar o cupido para ela e Hutch!

Congelei em descrença enquanto Cole confirmava com a cabeça, me dava um tapinha no quadril, como se tudo estivesse em uma câmera lenta distorcida, e dizia:

— Com certeza ela é.

OK. Hora de acabar com isso.

— Cole — comecei, tentando voltar à realidade.

Mas ele me interrompeu, apontou para Hutch e disse, em tom de repreensão fingida:

— Portanto, tire as mãos da moça, cara.

Todo o grupo deu a Cole uma generosa risada de cortesia. Todo o grupo, exceto Hutch.

Então Cole se virou para mim.

— Ei, querida — disse ele, puxando-me para um abraço apertado, de corpo inteiro, excessivamente longo.

Deixei que isso acontecesse para poder manter um sorriso tenso no rosto, ficar perto de sua orelha e sussurrar entre dentes:

— Que merda é essa que está fazendo?

Presumo que seu sorriso era semelhante quando ele me sussurrou como réplica:

— Temos uma emergência agora, então apenas vá improvisando.

— Não tenho emergência nenhuma. E não vou improvisar nada.

— Apenas confie em mim, OK? — disse Cole. — Sério.

— Não confio em você. E *não* sou sua namorada.

— Sei disso. Vou explicar tudo mais tarde.

— Explique agora — exigi.

Mas, em seguida, antes de qualquer resposta, ouvi a voz de uma mulher atrás de mim.

— É ela? — Depois a voz disse: — Vocês formam um casal adorável!

Afastei-me de Cole e me virei para ver... Sullivan.

Nossa chefe, Sullivan. A loba.

Não a do Texas, no escritório, em roupas sociais. Mas aqui, nas ilhas, vestindo um sarongue tão vibrante e floral que ela poderia tê-lo roubado diretamente da Vitamin Sea.

Tudo que conseguia fazer era olhar para trás e para a frente entre Cole e... Sullivan.

A Sullivan que queria me demitir.

Sullivan. De pé, aqui, na Starlite.

Cole aproveitou meu momento de confusão para retomar a narrativa. Pegou um copo aleatório de sangria numa mesa próxima e o segurou.

— É tão bom estar de volta — anunciou Cole num tom de voz estranhamente alto, como se estivesse desempenhando um papel num palco. Com o anúncio, os convidados da festa foram se calando para lhe dar atenção. — Estou tão feliz — disse Cole, em seguida — por ver minha linda tia Rue e meu heroico irmão mais velho, Hutch.

OK, esse *heroico* soou sarcástico, mas o grupo levantou as taças e os copos em apoio.

Ele estava sequestrando a festa de aniversário de Ginger, a propósito! Que falta de delicadeza! Mas Ginger não parecia se importar.

Ela batia palmas e gritava junto com o grupo.

Cole continuou se exibindo.

— E feliz aniversário para Ginger! E para qualquer outra pessoa que tenha feito aniversário recentemente.

O grupo continuou aplaudindo, como se o mundo não tivesse saído dos trilhos por completo.

Aproveitei a chance para me afastar de Cole e voltar a me misturar aos outros.

Nada como a segurança dos números, certo?

Olhei para Hutch, a única outra pessoa que observava Cole como eu.

Em seguida, Cole apenas se virou para Sullivan e ergueu o copo.

— Todos vocês devem saber que a empresa para a qual trabalho está fazendo um vídeo promocional para a Guarda Costeira dos Estados Unidos, estrelado pelo primeiro e único Hutch Hutcheson, e estou ansioso para apresentá-los à mulher que tornou tudo isso possível: nossa chefe, Karen Sullivan.

Sullivan aproximou-se de Cole, e o grupo foi em frente e bateu palmas para ela também.

Olhei em volta e tornei a me perguntar: *Afinal, o que estava acontecendo?*

— Então, antes que nosso tempo juntos se prolongue... — prosseguiu Cole, virando-se para o lugar ao lado dele onde eu estava, só para perceber que eu não estava mais lá. Em seguida, ele perscrutou os rostos, até ver o meu. — Katie, poderia vir até aqui?

Ai, que merda. O que quer que fosse, era ruim.

Balancei negativamente a cabeça, dando um passo para trás.

— Vamos — disse Cole, fazendo um gesto de *venha até aqui* com o braço.

Tremi novamente.

— Estou muito bem aqui.

Então Cole ficou excessivamente brincalhão para disfarçar o que deve ter pensado ser uma ordem de comando.

— Katie — disse ele, todo fofo —, venha até aqui.

Eu não tinha certeza do que ele estava planejando fazer. Mas *tinha* certeza de que não queria descobrir.

Seguir suas ordens era algo que eu já tinha parado de fazer.

Qualquer que fosse esse jogo, eu não iria jogá-lo.

Todo o grupo estava esperando que eu cedesse, como se eu estivesse encabulada, e fosse me juntar a eles.

Mas, em vez disso, fiz um último aceno negativo. E me afastei do grupo e voltei direto para o meu bangalô.

Ouvi a voz de Cole atrás de mim: "Katie! Katie!", enquanto ouvia um murmúrio perplexo dos outros às minhas costas. Em seguida, eu o ouvi improvisar: "Não fique brava, querida!", como se estivéssemos tendo algum tipo de briga de namorados.

Depois, passos que só poderiam ser de Cole soavam atrás de mim, e, então, lá estava ele, entrando no meu ritmo e tentando colocar o braço sobre meu ombro.

— Saia de cima de mim — disse eu, desviando-me.

Estávamos longe o suficiente para que ninguém pudesse nos ouvir por causa da música, mas Cole baixou a voz de qualquer modo.

— O que está fazendo? Eu lhe disse para confiar em mim!

— Sim, mas isso não vai acontecer — disse eu, ainda caminhando em direção ao meu bangalô.

Cole deu um puxão no meu vestido.

— Fale comigo. Só me deixe explicar.

Então, parei e me virei.

— OK. Explique.

Mas, então, em vez de explicar, Cole olhou para trás, em direção à festa.

— Você acha que ele sabe fazer leitura labial?

Eu me virei para olhar. *Ele* claramente era Hutch. Cole estava olhando para ele, e Hutch também estava olhando para Cole.

Ao lado de Hutch, a propósito, estava Sullivan. Conversando com ele do jeito que se pode importunar um soldado de rosto impassível na frente de um palácio.

— Cole! — disse eu em tom de *Desembucha*! — O que está acontecendo?

— Tudo bem — disse Cole, dando as costas a Hutch. — Outro dia, ao telefone, eu disse a ele que estávamos namorando.

— O quê?!

— Eu precisava.

— Você disse a ele que estávamos... *Por quê?!*

— Funcionou, não foi?

Eu estava tão perdida.

— O que funcionou? — perguntei.

— Isso o fez concordar em fazer "Um dia na vida" com você.

— Mas eu já tinha dito que isso não ia rolar. Mandei uma mensagem a você!

— Ele disse não para você — disse Cole —, mas sabia que poderia fazê-lo dizer "sim" para mim.

— Mas já estava resolvido!

— Ele me deve — disse Cole. — Ele sabe disso.

— Ele sabe que *você pensa isso* — corrigi.

Cole fez um muxoxo.

— Eu tinha uma carta na manga e a usei. Você deveria me agradecer.

— Você quer dizer por causa do que aconteceu no seu casamento?

— Ele contou isso pra você?

— Então você achou que, se dissesse a Hutch que eu era especial para você, ele faria qualquer coisa por mim, porque fará qualquer coisa por você?

Cole deu de ombros.

— Praticamente. E eu estava certo.

Agora tudo começava a se encaixar. A mudança de opinião de Hutch sobre o vídeo — e sobre mim. Como passou de me beijar como um louco uma noite para mal me tolerar no dia seguinte. Como se tornou estranhamente distante. Como me chutou para fora da cama.

— Mas você *mentiu para ele*. Isso é uma grande mentira, Cole!

— Olhe, você contou a ele sobre Sullivan, e, mesmo assim, ele disse não. Precisávamos de uma grande mentira.

— Nunca contei a ele sobre Sullivan.

— Você nunca contou a ele sobre Sullivan? — Balancei a cabeça. — Por que não?

— Porque ele me disse por que não quer ser famoso.

Cole não esperava por isso.

— Foi mesmo?

— Sim. E eu estava respeitando os desejos dele.

— Por que ele não quer ser famoso?

— Você não sabe?

Cole claramente não sabia.

— Só quero ver se sua resposta e minha resposta são as mesmas.

Dei um suspiro. Quanto dizer a Cole?

— Bem — disse eu, por fim —, ele tem suas razões.

— Não vai me dizer?

— Vá perguntar a ele você mesmo.

— Não vou perguntar *merda nenhuma* a esse cara.

— Olhe... Hutch é... — Então, tentei: — Hutch não é...

— O quê? — exigiu Cole.

— Ele não é alguém para quem você possa simplesmente mentir sem motivo.

— Ah, eu tinha um motivo.

— Qual? Vingança?

— Por que não?

— Ele é uma pessoa, Cole! É seu irmão! E ama você!

— Você está aqui há três semanas. Não aja como se soubesse de tudo.

Mas eu estava balançando a cabeça em negação.

— Não vou fazer isso. Você precisa contar a verdade a ele.

— Do que está falando? Você mal conhece o cara! — Mas, então, o rosto de Cole se alterou. — Espere! Você tem uma queda pelo meu irmão? Veio para cá e se apaixonou por ele?

Quer dizer... Sim, vim para cá e me apaixonei por ele.

Mas não diria isso a Cole.

Tentei disfarçar com outra pergunta:

— Que tipo de pergunta é essa?

No entanto, acho que não disfarcei muito bem.

— Ai, meu Deus! — disse Cole, inclinando a cabeça para trás em direção ao céu. — Você se apaixonou. Agora ele já roubou de mim duas garotas.

— Ninguém pode me roubar de você porque não sou sua.

— Ele não sabe disso.

A coisa toda era tão espantosa. Como chegamos aqui?

— Isso está uma bagunça, Cole — disse eu. — Em que merda você estava pensando?

— Estava tentando ajudá-la!

— Você estava tentando ajudar a si mesmo.

— OK, isso é verdade. Começou assim. Não queria ter que passar meses fazendo um vídeo sobre o herói que meu irmão é. Mas também tenho tentado sinceramente ajudá-la a não ser demitida.

— Por quê?

— Hutch não é a única pessoa da família que pode resgatar pessoas.

— Ó *Deus*. Você está competindo com ele?

— Quem se importa? Você se beneficia, não importa o que aconteça.

— Não tenho certeza de que isso é *beneficiar*.

— Está dizendo que quer ser demitida?

— Não! Só quero fazer o que as pessoas que não mentem fazem quando as coisas não saem do jeito que elas querem.

— Então terá que se despedir desse "Um dia na vida".

— Eu não ia colocá-lo no ar mesmo.

Isso chamou a atenção de Cole.

— Não quer manter seu emprego?

— Não se for vendendo Hutch.

Cole pensou a respeito.

— Bem, agora é tarde demais, de qualquer forma.

— O que significa esse *é tarde demais*?

— Não posso dizer a verdade agora, de qualquer maneira. Mesmo que quisesse.

— Por que não?

Cole olhou para trás, em direção à festa.

— Porque também contei a Sullivan que estávamos namorando.

Não é possível que eu tenha ouvido isso direito.

— Você contou...?! A Sullivan?!

— É por isso que ela está aqui.

Coloquei a mão na testa.

— Foi um acidente. Entrei em pânico. Vi seu nome na lista de rescisões no escritório dela, e, você sabe, eu já tinha dito isso a Hutch, então tudo estava bem fresco e disponível na minha cabeça.

— Você está fora de controle.

— Em geral, não minto. A coisa simplesmente acabou virando uma bola de neve.

— Você disse a *Sullivan* que estávamos namorando? A Sullivan? — Não fazia sentido. — Por quê?

— Foi a única coisa em que consegui pensar.

— Mas como isso ajudaria?

Cole balançou a cabeça, como se soubesse que já havia perdido, então arriscou:

— Porque eu não namoraria você se fizesse mal seu trabalho? —Suspirei. — Mas depois a coisa piorou — disse Cole. — Porque ela não acreditou em mim.

Então tive que turbinar tudo.

— Não — disse eu, tentando reescrever a história —, você não precisava turbinar nada.

— E acabei dizendo a ela que viria a Key West neste fim de semana para pedir você em casamento.

Fechei os olhos com força.

— Não, não, não.

— O que, a propósito, era verdade. De fato, tinha resolvido vir para cá neste fim de semana. Não para fazer um pedido de casamento, mas...

Agora eu só balançava a cabeça, como se não acreditasse *no que estava acontecendo*.

— Mas sabe o que aconteceu? — perguntou Cole. — Sullivan disse: "Ótimo. Vou com você". Ela me disse que poderia chamar essa viagem de "viagem a trabalho" e deduzir do imposto. Sullivan conhece um cara que tem um jato particular. Ela me trouxe aqui de graça. É por isso que estou um pouco alto — acrescentou com indiferença. — Sabe como é, *open bar*... — Minha mente procurou uma pergunta que pudesse dar sentido às coisas. Contudo, estava começando a parecer que nenhuma pergunta como essa existia. Cole prosseguiu: — Sullivan também tomou alguns drinques no voo e me disse que queria conhecer Hutch.

Sacudi a cabeça, recusando-me a entender o que ele queria dizer.

— Você sabe. *Conhecer* Hutch.

Olhei ao redor novamente. Sullivan estava tentando mostrar seu colar a Hutch. Ela o segurava na direção dele e inclinava-se para a frente. Mas os olhos de Hutch ainda estavam em Cole e em mim.

Fechei os olhos.

— Você trouxe Sullivan aqui para uma rapidinha?

Porém, Cole levantou as mãos, como se fosse inocente.

— Ela se trouxe. — Fechei os olhos mais uma vez com força. — Onde está sua sororidade? — perguntou Cole em seguida, tentando encontrar um ponto de vista positivo, apesar da dificuldade. — Ela teve um ano difícil. Talvez mereça uma terapia sexual ao estilo "Sexual healing", do Marvin Gaye. Essa pode ser a resposta para tudo. *Isso* pode ser a salvação do seu emprego. Não precisa de vídeo nenhum!

No entanto, apenas olhei para ele e balancei a cabeça.

— Como é possível que você tenha conseguido piorar *tudo*?

Cole deu de ombros, com cara de quem também não sabia.

— Depois que comecei a mentir, já não sei mais como parar.

— Apenas pare!

— Mas aí tudo vai desmoronar.

— Que desmorone. Isso tem que ser melhor do que seja lá o que isso for.

— Você quer que eu seja honesto? Em relação a tudo?

— Quero — disse eu, em tom de quem está dizendo o óbvio.

— Não posso.

— Por que não?

— Por muitas razões. Por razões que se empilham sobre outras razões.

— Diga-me as razões — exigi.

— Se eu disser a verdade agora, primeiro: você será demitida. E não quero que seja demitida. Segundo: serei demitido. E também não quero ser demitido.

— Talvez ela não demita você. Talvez resolva...

— O quê? Deixar para lá? Algum gerente desprezível da empresa mentiu na cara dela várias vezes, em conluio com uma subordinada, e ela simplesmente não se importará nadinha?

— Nunca estivemos em conluio.

— Ela não vai só me demitir, a propósito. Vai me demitir com uma ordem cifrada de assassinato. E depois vai fazer minha caveira para todos os futuros empregadores potenciais. Não terei apenas que mudar de emprego. Vou precisar mudar de *área*.

— Isso parece exagero.

— E fará exatamente a mesma coisa com você.

— *Comigo*? Mas não fiz nada!

— E isso não é o pior.

— Como isso não é o pior?

— O pior de tudo não tem nada a ver com Sullivan. E não tem nada a ver com nossos empregos. O pior de tudo é a verdadeira razão pela qual estou aqui.

Suspirei como se perguntasse *Sério?* Depois, exigi:

— Que é...?

— Com certeza, não é porque queira estar. É porque *Rue me pediu que estivesse*.

Rue lhe pediu que estivesse?

— O que está acontecendo, Cole?

Mas, agora, o tom de Cole mudou. Ele desviou o olhar por um segundo.

— Então... — disse ele, em voz baixa — ... ninguém sabe disso ainda, a não ser eu, e agora você... então não fale sobre isso com mais ninguém, OK?

Isso era suspense demais.

— OK — disse eu.

— Rue... — disse Cole, então, olhando para a grama e esfregando a nuca enquanto hesitava em dizer as palavras — ... está doente.

Minha primeira reação foi exigir-lhe que *retirasse o que tinha dito*. Como ele se atrevia a dizer isso sobre Rue?

— De todas as mentiras que contou... — comecei.

— Acha que estou *mentindo*? A respeito de Rue?

— Você mentiu a noite inteira, então, isso é bem a sua cara.

— Eu nunca mentiria sobre isso.

OK, isso parecia suficientemente verdadeiro.

Dei uma olhada na festa do outro lado. Rue estava relaxando em uma cadeira perto da piscina, com um drinque de frutas na mão, sorrindo daquele jeito decidido típico dela, sempre determinada a aproveitar cada minuto. Ela não parecia doente. Mas Rue também era o tipo de pessoa que não pareceria doente.

Virei-me para perguntar:

— Que doença ela tem? — E vi que Cole também a estava observando.

— Algo que não tem cura.

— Por favor, diga logo, Cole — pedi.

Cole disse:

— É algo chamado doença terminal de longo prazo.

— O que significa isso?

Cole olhou para baixo e disse:

— Isso significa que ela tem insuficiência cardíaca.

Eu queria discutir com ele. Mas algo em sua expressão me fez mudar de ideia.

— Ela estava sentindo dores no peito e falta de ar — prosseguiu Cole. —E estava receosa de que fosse câncer de pulmão, porque fumava na década de 1970, por isso ela acha que a insuficiência cardíaca comum é uma melhora. Rue disse que essa será *a coisa que a levará*, mas não de imediato. Está convencida de que pode sobreviver por mais dez anos.

— O que dizem os médicos?

— Eles adoram o otimismo dela.

Refleti sobre essa ideia por um momento, dando-lhe o benefício da dúvida. Então disse:

— OK. Se não está mentindo (*se*), por que o fato de Rue estar doente significa que tenho que concordar com tudo isso?

Cole assentiu com a cabeça enquanto respondia.

— Porque sexta-feira é o aniversário.
— Aniversário de quê?
— O aniversário — explicou Cole — do acidente.

DO ACIDENTE DE CARRO.

Cole me observou para ver se eu estava entendendo a referência. Depois, prosseguiu:

— É um grande dia em nossa família. E todos os anos, não importa o lugar nem o que estivermos fazendo, nós três encontramos uma maneira de passá-lo juntos. Distribuímos flores para estranhos em homenagem à nossa mãe, depois vamos jantar comida italiana em homenagem ao marido de Rue e, no final, damos ao garçom uma gorjeta de cem dólares em homenagem ao nosso pai. E durante todo o jantar contamos histórias sobre eles, lembramo-nos deles e nos permitimos sentir saudades.

— Na realidade, isso é maravilhoso.

Cole balançou a cabeça em concordância.

— Exceto depois que Hutch roubou minha noiva...

— Ele *não* roubou sua noiva...

— Decidi ficar longe. No ano passado, não vim. E não estava planejando vir este ano. Até que Rue me ligou para me contar sobre seu diagnóstico. Além disso, ela me disse que não ia tolerar nenhuma bobagem este ano. *É hora de parar de perder tempo*, disse ela. — Cole deu de ombros, como se não tivesse opção. — Portanto, aqui estou.

— Você está aqui porque Rue queria que viesse.

Cole concordou com a cabeça.

— Ela só quer passar um bom momento com a gente. E quer que estejamos juntos no aniversário, como deveríamos estar. E quer que eu, como ela mesma disse, *pare de ser idiota e supere o problema* da minha noiva. Quer que Hutch e eu façamos as pazes. Afirmou que era seu último desejo.

Isso era bem a cara de Rue.

Eu disse:

— Parece um bom plano.

— Não discordo — disse Cole. — Mas, se formos honestos sobre nós agora...

— Não existe *nós*! — protestei.

— Se dissermos a verdade...

— Se *você* disser a verdade — corrigi. — *Não* faço parte disso.

— A questão é... — disse Cole — se eu disser a Hutch que menti para ele sobre você, ele vai me dar uma surra. É verdade. Ele realmente poderia me mandar para o hospital. — Observei atentamente o rosto de Cole. — Rue só quer — disse Cole — que a gente se trate bem por uma noite. Que possamos nos divertir juntos em um dia muito ruim. Mas garanto: se Hutch descobrir que o enganei, ela não vai conseguir realizar esse desejo.

— Ora, Hutch não vai mandá-lo para o hospital — disse eu, em tom de *Qual é, cara?*

— Você acha que o conhece melhor que eu?

— Tudo que sei é que você é o maior mentiroso que já vi na vida. Agora mesmo, quando estava mentindo para todo o grupo sobre um namoro — gesticulei entre nós dois — que não existe *de maneira nenhuma*, você parecia estar se divertindo. Muito.

Cole assentiu solenemente.

— Essa situação tem algumas vantagens pessoais para mim.

— Tipo...?

— Tipo não ter que aparecer hoje à noite divorciado e tristonho, sem nada de bom na vida. Você entendeu, não? Já foi rejeitada. Fui rejeitado por minha noiva *por causa do meu irmão*. — Eu não tinha certeza do que dizer a respeito disso. — Você quer a verdade? Aqui está ela: aproveitei aquele momento mais cedo. Adorei levá-la para longe de Hutch daquele jeito. E desfrutei de certo gostinho de vingança. Queria vencer, para variar. Mesmo que fosse uma falsa vitória. Mesmo que fosse temporário. E mesmo que ele, sem dúvida, acabe me esmurrando por isso. Por um instante, ali, aquilo me fez bem. Isso não é mentira.

Olhei para trás em direção à festa.

A música ainda tocava, e Hutch ainda estava nos observando como se fosse um atirador de elite. Sullivan estava puxando os braços dele, como se tentasse fazê-lo dançar, enquanto Rue e As Meninas assistiam àquele fracasso.

Não havia saída: nada disso acabaria bem.

Cole, também olhando naquela direção, suspirou.

— Você não tem ideia de como é difícil ser parente de Hutch.

— Como é difícil? — perguntei. — Ele é perfeito.

— Exatamente. Ele é perfeito.

Pensei em Rue e em como já gostava dela em tão pouco tempo; como era cheia de vida e de sabedoria prática. Sua maneira de me assumir como projeto. Essa doce comunidade à beira-mar que ela criou. Sua presença calorosa e colorida no mundo.

— Ela quer que eu faça as pazes com Hutch — disse Cole —, e o farei de qualquer maneira. Mas isso *não* vai acontecer se você disser a verdade a ele agora. Quer tirar dela a única coisa que uma velhinha doente deseja?

Suspirei. E, em seguida, disse:

— Então, está me dizendo que, pelo bem de Rue, *que eu amo,* tenho que concordar com essa mentira ridícula, absurda e insultuosa, *que eu odeio*?

— Só até sexta-feira — disse Cole, como se isso não fosse *para sempre*. — Três dias. Então, voarei para casa e direi a Sullivan que terminamos. E você poderá dizer a Hutch todas as verdades que quiser. Espere até sexta-feira, e todos nós poderemos escapar ilesos.

Suspirei e dei ao meu cérebro um minuto para procurar alguma outra ideia, qualquer uma.

E se eu fosse demitida, e segregada na minha área, por algo com o qual não tive nada a ver? Usaria isso para dizer a verdade a Hutch agora mesmo. E se Cole fosse demitido e segregado (e, depois, espancado pelo irmão?). Tudo bem. Droga, ele merecia, de qualquer modo.

Onde tudo isso colapsava: Rue. Adorável Rue, e tudo que ela havia perdido, e tudo que havia feito por todos, e tudo que estava enfrentando agora. Nunca tive que tomar uma decisão como essa. Não sabia como começar a pensar nisso. Apenas uma coisa parecia clara nessa bagunça familiar agitada e implacável: proteger Rue a todo custo.

Eu poderia adiar a verdade por três dias, para evitar dar a ela um desgosto?

Por Rue, poderia.

Então, soltei um suspiro longo e cheio de incertezas.

— Só até sexta-feira — disse eu, apontando para Cole. — Não vou contradizê-lo *até sexta-feira*. Mas isso é tudo que estou disposta a fazer. Não vou participar disso; não vou endossar nem amplificar nada. Vou deixar isso quieto, mas só temporariamente. Não somos parceiros nem estamos brincando de casinha. Não me toque, não me devore com os olhos nem — Deus me livre — *me peça em casamento*. Se por acaso o vir dobrar um dos joelhos por qualquer motivo, vou matá-lo enquanto estiver dormindo.

Dezenove

ENTÃO, PARA RESUMIR: em um esforço duplo para salvar meu emprego e se vingar do irmão mais velho, e objetivamente mais legal, meu colega de trabalho tinha mentido para todos e me forçado a um relacionamento de faz de conta com ele, sem meu conhecimento ou consentimento.

E então ele apareceu aqui — e trouxe nossa chefe com ele.

Nossa chefe solitária e abandonada, com muita coisa com que trabalhar e algumas intenções bem claras em relação a Hutch.

Vou ser honesta e dizer que estava pensando que Hutch gostava de mim — pelo menos até o irmão dele estragar tudo. Obviamente, o beijo, em falta de outra coisa, parecia uma revelação clara. Sem mencionar como ele ficou bravo quando a internet foi cruel comigo. E o fato de ter sido a primeira pessoa na história, o que inclui a mim, a notar a verdadeira cor dos meus olhos.

Não sofro de excesso de confiança, mas minha melhor interpretação da situação foi a de que gostávamos um do outro. Reciprocamente. Em uma situação normal, se Cole não tivesse interferido como um lunático total, poderíamos ter saído para alguns encontros. Em vez disso, de algum modo, me vi numa posição que me obrigava a assistir a Hutch me detestar, enquanto minha chefe (minha chefe!) tentava seduzi-lo.

E digo mais: Sullivan poderia ser dez anos mais velha que nós dois, mas era uma mulher com muito estilo, sempre impecável e bastante elegante.

E fogosa.

A questão é: *Sullivan* não tinha medo de maiôs.

Rue havia alugado um quarto para ela na Starlite, é claro, e Sullivan começou a desfrutar da viagem de trabalho/férias como se não houvesse amanhã, saltando à beira da piscina com um biquíni cavadíssimo e chapéu de palha, como se fosse uma modelo da Bain de Soleil, e bebendo um coquetel tropical atrás do outro.

Ela queria me demitir e seduzir Hutch, então éramos tecnicamente inimigas, com certeza.

Mas eu tinha que admitir: ela estava fabulosa.

E, por mais estranha que a situação tenha se tornado de repente, realmente não pensei que um cara como Hutch iria, do nada, mudar de tipo: nesse caso, de alguém como eu para alguém como Sullivan.

Mas a verdade é que não havia dúvida alguma de que Hutch estava fervendo de raiva. Em relação a tudo. E um pouco de sexo por vingança podia não estar totalmente fora de questão também para ele.

Acho que As Meninas perceberam a situação da mesma maneira. Não tenho certeza se alguma delas acreditou de todo na história de Cole. E assim — que Deus as abençoe — nos três dias seguintes, em vez de dar a Sullivan rédea solta para perseguir Hutch como bem quisesse, As Meninas fizeram amizade com ela.

Agressivamente.

E funcionou. A união faz a força. As quatro a cercaram e a nocautearam com presentes da Vitamin Sea, a matricularam em aulas de mergulho com *Mario*, um *amigo sexy*, a levaram à Big Pine Key para almoçar e fazer compras e a encheram de drinques com frutas. Enfim, basicamente, fizeram tudo que podiam para manter Sullivan longe de qualquer besteira que estivesse acontecendo entre mim, Cole e Hutch.

Nenhuma delas jamais admitiu isso até hoje, mas estou convencida de que estavam interferindo em meu favor. E funcionou quase bem demais. Sullivan ficou tão queimada de sol enquanto mergulhava com *snorkel* que não saiu do bangalô por vinte e quatro horas seguidas. As Meninas lhe levaram sanduíches e sorvete e depois foram ficando por lá, no bangalô dela, para lhe fazer companhia.

Que Deus abençoe As Meninas: Sullivan até perdeu o jantar à beira da piscina nas duas primeiras das três noites em que esteve na cidade.

Não que a *ausência da minha chefe* tenha melhorado minha situação. Apenas, talvez, tenha impedido que ficasse pior.

COLE NÃO SE LEMBROU de *nunca me tocar*, a propósito.

Na verdade, ele foi na direção oposta, encontrando todos os tipos de maneiras de quebrar minhas regras, desde tocar meu braço, apertar meus ombros, até dar tapinhas no meu joelho.

Quando eu o fuzilava com os olhos, Cole dava de ombros, como se estivesse no personagem.

O que causou especial agonia quando Hutch voltou na noite seguinte para o jantar. E na outra noite também, depois que Rue lhe implorou que voltasse.

Nesses jantares, Hutch sentava-se rígido e tenso, desviando os olhos de tudo, mesmo enquanto As Meninas farfalhavam em seus cafetãs e provocavam a mim e a Cole por sermos o que Ginger não parava de chamar de *um casal improvável*.

O que, evidentemente, significa que não tínhamos nenhuma química um com o outro.

Meus cumprimentos a Ginger. Perfeito.

— Mas, às vezes, os casais improváveis são os melhores — disse Benita.

Nadine concordou:

— E, às vezes, os casais que parecem mais felizes são secretamente infelizes.

Hutch parecia conhecer um pouco sobre ser secretamente infeliz.

— O que você acha, Hutch? — perguntou Ginger.

Hutch mastigava a comida que estava em seu prato rangendo a mandíbula com a expressão de alguém que estivesse comendo grama.

— O que acho sobre o quê? — perguntou ele.

— Sobre Cole e Katie, em termos de casal?

Pela primeira vez durante toda a noite, Hutch ergueu os olhos e olhou para mim. Em seguida, dirigiu o olhar para Cole.

— Espero que ele seja bom para ela — disse ele, por fim.

Queria tanto corrigi-lo. Mas o que poderia dizer? Claro que ele não suportava me ver agora. Achava — e agora isso, de fato, me atingiu — que todo esse tempo eu estava namorando seu irmão e me jogando em cima dele também.

E eu apenas tinha que deixá-lo pensar que isso era verdade.

Até sexta-feira. Só até sexta-feira. Mais um dia.

— Não precisamos falar sobre isso — disse eu.

Mas as senhoras *queriam* falar sobre isso. Na realidade, praticamente só queriam falar disso. Éramos como seu próprio *reality show* pessoal, bem aqui na Starlite. Uma vida inteira de experiências, amor e dificuldades tinha aguçado tanto a intuição delas que percebiam que algo não batia. Eram leitoras de mistérios, que viravam páginas até tarde da noite, loucas para descobrir a resposta. Esse foi o tema da conversa durante todo o jantar, e continuou sendo, até bem depois dele.

— No passado, por exemplo — disse Ginger —, Cole sempre namorou garotas do tipo boneca Kewpie.

Franzi a testa para Cole, como se perguntasse: *Sério*?

Cole deu de ombros.

— Mas não tenho certeza de qual é o tipo de Hutch — prosseguiu Ginger. — Qual é seu tipo, Hutch? — perguntou ela, virando-se e descansando o queixo na

mão.

Hutch olhou em torno da mesa.

— Não sei — disse ele, então. — Simplesmente... qualquer um.

— *Qualquer um?* — perguntou Benita. — Esse é seu tipo?

Hutch olhou para o prato vazio.

— Vou conhecê-la quando a encontrar, eu acho.

Cole sugeriu:

— Tenho certeza de que seu tipo é a Barbarella, da máquina de *fliperama* do Rum Shack.

Hutch não parecia ter achado isso divertido.

— Ela é seu tipo também.

— Não acredito que esse bar ainda não foi fechado — disse Cole, muito satisfeito por ter conseguido se lembrar dele. — Deveríamos ir lá jogar *fliperama*. Como nos velhos tempos.

— A ideia é maravilhosa — disse Rue, com os olhos brilhando, adorando a ideia de ver os dois irmãos saírem juntos.

Hutch negou com a cabeça.

— Vamos — disse Cole. Ele se levantou e estendeu a mão em minha direção. — Vamos lá.

Hesitei. Meu interesse em ir a um bar decadente jogar *o fliperama da* Barbarella, ou fazer qualquer coisa desnecessária com Cole, era *zero*.

Mas o que faria uma namorada? Ela iria. Ela *gostaria* de ir.

Então, me levantei.

— Aquele lugar é imundo e desagradável — disse Hutch, fazendo para mim um aceno de cabeça quase imperceptível.

Mas Rue queria que isso acontecesse.

— Ela vai ficar bem! Cole vai cuidar dela.

Pela expressão de Hutch, deu para ver que ele tinha engolido uma resposta. Provavelmente, algo como: *Mas Cole mal consegue cuidar de si mesmo*.

Em vez de falar, Hutch se levantou.

— Você também vem? — perguntou Cole.

Hutch pousou os olhos escuros e tristonhos em mim por menos de um segundo antes de desviar o olhar. Então disse:

— Acho que vou.

NO BAR, QUE era, de fato, uma espelunca, ficou bem claro que Cole e Rue haviam jogado a isca para Hutch sair conosco. E ficou claro, ainda, que eu era a isca.

Cole tentou nos guiar em direção a Barbarella, mas ela tinha sido substituída por Dolly Parton, vestida com sua roupa de *cowgirl* em *Como eliminar seu chefe*.

— OK, Hutch — disse Cole. — Vamos fazer uma competição de fliperama.

— Não, obrigado — respondeu Hutch.

— É com *Dolly Parton* — disse Cole para persuadi-lo.

— Para mim, aqui está bom.

— Vamos, cara. O perdedor compra todas as bebidas.

— Eu não bebo — disse Hutch.

Cole já sabia disso. Mas disse:

— Ainda?

Hutch olhou para mim.

— Ainda — disse ele.

— Acho que você precisa dar uma pausa nisso — disse Cole. Hutch desviou o olhar. — Você não é alcoólatra — prosseguiu Cole. — Não é porque *não possa* beber. Você simplesmente não bebe.

— Isso mesmo — disse Hutch.

— Mas você é tão sério. O tempo todo — protestou Cole. — Não quer se soltar de vez em quando?

Hutch olhou para a frente e para trás entre nós dois e depois se sentou à mesa.

— Não esta noite. Não quero.

Também me sentei, tentando expressar solidariedade. Mas então Cole puxou sua cadeira para o lado da minha e se inclinou para cima de mim, colocando um braço sobre meu ombro.

Assim que aconteceu, Hutch se levantou.

— Vamos jogar fliperama — disse ele.

— Ótimo — disse Cole. — Dolly Parton, beleza!

Depois disso, Cole perdeu partida após partida em todos os jogos de fliperama disponíveis e jogava cada vez pior à medida que bebia cada vez mais cerveja. Além disso, começou a falar cada vez mais alto e a ficar cada vez mais grosseiro.

— O que está fazendo? — perguntei a Cole após certo tempo. — Ninguém mais está bebendo, só você.

— Só quero me divertir um pouco esta noite. — Cole olhou para Hutch. — Você se lembra do que é *diversão*?

Nada disso me parecia divertido. Nem a Hutch, pelo visto.

— Deixe-o em paz, Cole — disse eu.

— Com medo de dizer coisas das quais vai se arrepender? — Cole desafiou Hutch.

Hutch olhou para mim.

— Sempre.

Quando finalmente voltamos a nos sentar à nossa mesa, Cole, já meio chapado, disse:

— Vamos fazer uma competição para ver quem bebe mais. — Hutch só fez balançar negativamente a cabeça. — Acabei de perder seis partidas consecutivas de fliperama — disse Cole. — Preciso de uma vitória.

— Por que quer fazer uma competição de bebida com um cara que não bebe? — perguntei.

— Porque assim posso vencê-lo — disse Cole, arrotando em seguida.

— Não vou competir com você, Cole — disse Hutch.

— Com medo de que eu ganhe?

— Sem dúvida, você vai ganhar — disse Hutch. — Vamos fingir que isso já aconteceu.

Mas Cole balançou a cabeça.

— Vamos — disse ele.

Na tentativa de encerrar isso, Hutch sugeriu:

— Por que não bebe por nós dois?

Mas isso não deu em nada. Em vez disso, Cole se levantou e dirigiu-se às outras mesas do bar:

— Quem quer competir comigo para ver quem bebe mais? — Os outros clientes (todos homens) se voltaram para Cole. Ele havia conseguido chamar a atenção deles. — Meu irmão não quer beber comigo — prosseguiu Cole. — Será que alguém se apresenta? — Ninguém se apresentou. Foi quando Cole decidiu aumentar a aposta: — O vencedor — declarou, apontando para mim, como se dissesse *Vejam!* — ganhará um beijo da minha namorada.

O quê?!

Eu me levantei, e Hutch fez o mesmo.

— Cole! — sibilei em tom baixo e raivoso.

Mas aí ele começou a receber algumas manifestações de interesse.

Acenei com a mão para a meia dúzia de caras que se levantavam de suas cadeiras.

— Ele está só brincando! — gritei. Queria acrescentar que *nem era a namorada dele*, mas, é claro, não poderia.

— Não estou brincando — disse Cole. — Quem a quer?

Os caras começaram a se aproximar de nós com uma energia notável de apocalipse zumbi.

Em resposta, Hutch se interpôs entre mim e eles e, acho eu, tensionou todos os músculos do ombro.

— Cole! — disse eu. — Isso não tem nada de engraçado!

— É um pouco engraçado — disse Cole.

— Pare com isso! — disse eu. — Você não pode me oferecer a um bar cheio de bêbados!

— Não estou oferecendo você. Eles vão tentar conquistá-la de maneira justa. Toda disputa precisa de um prêmio.

— Não sou um prêmio — disse eu, encarando-o.

— Acho que, na verdade, você é — disse Cole, olhando para Hutch.

E foi aí que entendi. Tudo isso era para motivar Hutch. Ele estava usando a bondade do irmão contra ele. Outra vez.

— Você não pode decidir quem me beija e quem não me beija — disse eu, por princípio, mesmo que, para ser totalmente honesta, tenha sentido uma pequena centelha se acender no peito com a ideia de Hutch intervir. Hutch estava me protegendo. Esse tipo de coisa não acontece exatamente todo dia.

— Então? — Cole disse para a sala, mas observando Hutch. — Quem vai ser?

Hutch virou-se para Cole, como se soubesse exatamente o que ele estava tramando.

Era tão estranho para mim estar do lado de Cole agora. Mas você pode me culpar?

Vamos lá, Hutch.

Hutch voltou-se para a sala.

— Por favor, voltem aos seus lugares, cavalheiros. Ninguém além de mim vai beber contra meu irmão.

Prendi a respiração. Hutch ia fazer isso? *E se ganhasse?* E se esmagasse a competição e, *droga*, eu fosse obrigada a beijá-lo, porque essas eram as únicas regras? Seria a pior tragédia do mundo?

Cole parecia um pouco surpreso ao ver que seu estratagema tinha funcionado.

— Sério?

Hutch suspirou.

— Você realmente parece querer isso.

— Quero — disse Cole. — Quero mesmo.

Hutch girou a cadeira para trás e sentou-se nela com decisão. Inclinou-se para a frente e disse:

— Então, seu desejo é uma ordem.

Eu nunca tinha visto uma competição de bebida antes. Nem sabia que aconteciam na vida real. *Jogos* de bebida? Claro. Mas competições? Qual era o objetivo? Como se determinava quem vencia?

— Como funciona isso? — perguntei. — Alguém tem que desmaiar? Ou vomitar?

— Não, não — disse Cole. — É só ver quem desaba primeiro.

— E como se mede isso?

Cole deu de ombros para mim, como se repetisse *Como se mede isso?*

— Testes de sobriedade de campo.

— Como é feito na polícia?

— Sim.

Cole explicou as regras, como se talvez tivesse feito isso uma ou duas vezes antes. Cada um deve tomar uma dose de bebida e depois caminhar dez passos, em linha reta, sobre o rejunte do piso de azulejos — do calcanhar aos dedos dos pés —, da nossa mesa até a máquina de fliperama, e vice-versa.

— O primeiro a desistir, a não seguir a linha, a parar de andar ou a afastar os braços do corpo para se equilibrar... — disse Cole — é o perdedor.

— Quem vai *administrar* esse teste? — perguntei, no intuito de mostrar a ele como era estupidez duas pessoas bêbadas se testarem.

— Você. — Ah... — Portanto, preste atenção. Porque você vai beijar quem ganhar.

Fuzilei Cole com os olhos.

— Isso nunca vai acontecer.

— Nunca diga nunca.

Com isso, o *barman* apareceu com uma bandeja de doses de uísque. E, assim, começou. Uma para Cole, outra para Hutch. E depois os dois tiveram que andar sobre a linha.

Demorou mais do que eu esperava, para dizer a verdade. Ficaram se levantando e sentando, indo e voltando. Eles beberam sentados, de frente um para o outro, então se levantaram várias vezes para andar sobre a linha.

Cole estava querendo se *divertir*? Porque nenhum deles parecia estar se divertindo. Hutch estava sério como nunca, enquanto Cole estava prematuramente triunfante, tão certo de que Hutch não poderia ter tolerância ao álcool suficiente para vencê-lo.

Estava psicologicamente claro o quanto Cole queria vencer o irmão mais velho perfeito em qualquer coisa. Eu estava torcendo por Hutch por muitas razões, mas

Cole achar que já havia vencido, sem dúvida, era uma delas.

Aqui está o que Cole não levou em consideração: ele já havia bebido várias cervejas na máquina de fliperama e estava meio bêbado antes mesmo de ter essa ideia. Portanto, não foi surpresa quando Cole acabou reprovado no teste: começou andando ao longo da linha, depois usou os braços para se equilibrar, parou por um segundo e depois tropeçou, saiu da linha e caiu no chão.

Ele não perdeu apenas. Perdeu feio.

Não pude deixar de sentir alívio quando isso aconteceu. Hutch, por sua vez, ainda parecia totalmente sóbrio.

— A competição acabou — declarei a Cole. — Você perdeu.

— Perdi? — perguntou Cole, semicerrando os olhos para mim do chão, como se eu estivesse tentando enganá-lo.

— Perdeu, sim — confirmei, permitindo-me saborear, enquanto Hutch estendia uma mão para ajudá-lo a se levantar.

Cole se levantou quando Hutch o puxou, mas, então, em vez de soltar a mão de Hutch, Cole começou a apertá-la como se o estivesse cumprimentando com um caloroso aperto de mão.

— Muito obrigado, cara — disse Cole. — Sei que você não queria fazer isso. E realmente lhe agradeço por isso. Foi divertido para mim. Você tem um ótimo espírito esportivo. — Hutch e eu nos olhamos. Isso era inesperado. — Vá em frente — disse Cole, soltando-o e recuando. — Você ganhou, de maneira justa.

— Vá em frente? — perguntou Hutch.

— Vá em frente e pegue seu prêmio — disse Cole, apontando para mim. Hutch franziu a testa e me olhou como se Cole não pudesse estar falando sério. Mas Cole prosseguiu. — De verdade, cara. Faça acontecer. Sem perguntas. Ela é sua.

O que ele era? Um senhor feudal?

— Cole — disse eu, balançando a cabeça. — Essa permissão não pode ser dada por você.

— Não? Por que não? Ele venceu, de maneira justa.

— O que é isso? A Idade Média? — perguntei.

Mas agora Cole já estava se dirigindo a Hutch:

— Apenas aja — disse ele. — Você sabe que quer.

— Não quero — disse Hutch.

— Você quer e muito — disse Cole.

Mas Hutch balançou a cabeça.

— Realmente, não quero. Você não tem ideia do quanto.

OK, isso foi um pouco enfático. Mas claro, né? A compreensão de Hutch de quem eu era nessa situação estava completamente errada. Eu também não ia querer me beijar.

— Você não me engana — disse Cole.

— Eu não estava interessado em sua última namorada. E também não estou interessado nessa.

— Continue dizendo isso a si mesmo, amigo.

— Vamos para casa — disse Hutch.

— Com certeza — disse Cole. — Assim que você beijar minha mulher.

— Cale a boca. Vamos embora.

— Estou falando sério. Estou te dando esse prêmio. E você deveria aceitá-lo.

— Não quero.

— Sim, você quer, sim.

— Você poderia me implorar a noite inteira, e eu não a beijaria. Poderia me dar um soco na cara, e eu não a beijaria. Poderia me pagar mil dólares, e eu ainda não a beijaria.

Ai!

Aquilo era só para resolver as coisas, creio eu.

Mas acabou piorando. Porque, com isso, um dos velhos nojentos que estava em uma mesa próxima disse:

— Vou beijá-la por mil dólares.

Todos nós nos voltamos em sua direção. Ele levantou-se da mesa, já bem alterado. De pé, era muito maior.

Silenciosamente, Hutch se posicionou para me proteger.

— Você, não — disse Cole, aproximando-se do velho. E apontou para Hutch. — Só *ele*.

— Falei que vou fazer isso — disse o velho repulsivo. — Você quer pagar alguém para beijar aquela garota? Vou fazer isso. — Então, ele me olhou de cima a baixo. — Caramba, e vou fazer isso até de graça.

— Impossível — disse Cole. — De jeito nenhum.

— Por que não?

— Olhe para ela! — disse Cole. — Ela é jovem e bonita! E você é um cara velho, triste e bêbado num bar!

Com isso, sem nem hesitar, o velho triste e bêbado ergueu o punho para a frente e deu um soco no rosto de Cole.

Cole caiu no chão. E, assim que viu isso, o velho começou a chutá-lo.

Foi quando Hutch se virou para mim.

— Fique para trás — disse ele.

Hum, aí não tem nem argumentação.

Hutch foi em direção a eles. Cole agora se dobrava e tossia no chão do bar. Tudo que eu já tinha visto em qualquer filme me preparou para esperar que Hutch estivesse prestes a dar uma surra naquele velho. Mas, em vez disso, para meu espanto, Hutch se aproximou e o agarrou por trás, prendendo-o em posição que se parecia muito com o transporte cruzado que usava na água.

Tão versátil.

A única diferença é que ele usou seu braço treinado de nadador para imobilizar o braço do velho, dobrando-o para trás.

Então, no ouvido do velho, Hutch disse, com naturalidade:

— Não vamos fazer isso, senhor.

O homem parecia perplexo por ter sido imobilizado tão repentinamente.

— Não vamos?

— Todo mundo está bebendo e todo mundo está procurando briga. Mas não será briga que teremos esta noite. — O *barman* tinha vindo investigar a confusão, e Hutch olhou para ele como se lhe desse instruções, enquanto continuava. — Vamos *chamar um táxi*. — Ao ouvir isso, o *barman* assentiu com a cabeça. — E vamos para casa em paz.

— Mas quem vai beijar a garota? — protestou o velho.

— *Ninguém* vai beijar a garota — disse Hutch, com força surpreendente.

— Alguém deveria beijá-la.

Com isso, Hutch apertou o braço do homem um pouco mais.

— Essa decisão é dela, e só dela — disse Hutch.

Então, talvez pela dor de alguma artrite psoriática, o velho jogou a toalha:

— Assim como é, em geral, com todas as mulheres em nossa vida.

Hutch esperou um segundo e disse:

— E esse é o fim do problema.

DEPOIS QUE HUTCH colocou o homem no táxi, o *barman* e eu arrastamos Cole, completamente bêbado e agora ferido, para fora do bar.

Hutch e eu pusemos os braços de Cole sobre nossos ombros para levá-lo de volta à Starlite. Hutch parou um minuto, depois que posicionamos Cole, para fechar os olhos e firmar-se, e eu me perguntei se ele poderia *parecer* mais sóbrio do que realmente estava.

— O que estava pensando ao entrar em uma competição de quem bebe mais? — perguntei a Hutch enquanto caminhávamos.

— Estava resgatando você — disse Hutch. — Você queria beijar um velho qualquer em um bar de quinta?

— Isso jamais aconteceria.

— Além disso, Cole realmente queria que eu entrasse nessa competição.

Essa era uma razão melhor.

— Você é um bom irmão.

Hutch balançou a cabeça.

— Estou tentando.

— Ele não torna isso fácil.

Um aceno de cabeça irônico de Hutch.

— Não mesmo.

— Como foi que *ganhou*? — perguntei.

Nem o próprio Hutch parecia seguro.

— Pura força de vontade?

— Você não precisava fazer isso. Eu estava bem.

— Você não estava tão bem quanto pensa. Aqueles caras ficaram de olho grande em cima de você o tempo todo.

— Não sou o tipo de mulher que é olhada por esse motivo.

— Sou obrigado a discordar.

— Acho que eu saberia.

— Não tenho tanta certeza de que você saberia.

— As mulheres percebem essas coisas.

— Nem todas, aparentemente.

— Por que estamos discutindo sobre isso?

— Porque você está errada sobre si mesma, e isso me incomoda.

— Talvez você seja o único que esteja errado — disse eu, só para contrariar.

— Você acha que é uma coisa esquecível, que passa despercebida. Só que não é assim.

— Tudo bem — disse eu. — Não sou esquecível.

— Você não é apenas *não esquecível* — disse Hutch, como se eu estivesse sendo obtusa. — Você é *inesquecível*.

Ao ouvir isso, prendi a respiração.

Hutch prosseguiu:

— Você é como um jingle da TV que a gente nunca quer aprender, mas não consegue apagar da mente. É como um quebra-cabeça que não pode ser

resolvido, uma pergunta que não pode ser respondida ou um sonho do qual você acorda e parece que realmente aconteceu. Mas isso não aconteceu. E não pode acontecer. Porque não é assim que funcionam os sonhos.

Com isso, Cole despertou o suficiente para dizer:

— Sabia que você gostava dela.

— *Não* gosto dela — disse Hutch.

— Você ainda tem aquela carta branca cara — disse Cole.

— Pare de dizer isso — disse Hutch — ou farei todos nós nos arrependermos.

QUANDO CHEGAMOS À Starlite, Rue e As Meninas ainda estavam conversando sentadas em torno das mesas e levantaram-se ao ver Cole.

— O que aconteceu? — perguntou Rue, correndo até nós.

— Competição de quem bebe mais — disse Hutch.

Rue viu a mandíbula inchada e arroxeada de Cole e sua aparência bêbada e deplorável.

— Não foi você, foi? — perguntou a Hutch.

— Quando, alguma vez, mesmo uma só vez, fui eu? — respondeu ele. Rue assentiu com a cabeça. — Você pode cuidar dele? — perguntou Hutch a ela. Então, inclinou a cabeça em minha direção. — Vou precisar de alguém para me levar para casa.

— A competição foi com *você*? — perguntou Rue.

Hutch balançou a cabeça afirmativamente.

— Quem ganhou? — perguntou ela.

Hutch semicerrou os olhos para ela.

— Quem você acha?

Rue olhou algumas vezes para os dois rapazes. Então, concordou.

— Pegue meu carro — disse ela.

Vinte

FOI PRECISO DOBRAR Hutch como um origami para colocá-lo no Mini Cooper de Rue.

Então, enquanto ele lutava para colocar o cinto de segurança, inclinei-me para ajudá-lo e me vi cara a cara com ele, que estava me observando.

— O que está fazendo? — perguntou Hutch.

Fiz uma pausa para encará-lo. Meu rosto estava a cinco centímetros do dele.

— Estou ajudando você com o cinto de segurança.

— Não preciso de ajuda — disse Hutch, mantendo-se imóvel.

Ele parecia estar me observando mais que me ouvindo, bem ali, tão próximo, percorrendo todo meu rosto de perto, demorando-se na minha boca.

— Precisa, sim — disse eu. — Vi você se atrapalhar com essa coisa durante dois minutos inteirinhos. — Encaixei a fivela e disse: — De nada.

Com isso, Hutch fechou os olhos, e senti seu braço subir por trás dos meus ombros e me apertar contra ele num abraço.

Deixei acontecer. Então, permiti-me ficar lá por uns segundos, com a cabeça pressionada contra seu peito, ouvindo sua respiração e o bater de seu coração, até ouvi-lo dizer:

— Você está segura agora.

Levantei a cabeça.

— Como assim? Segura de quê?

— De mim, sua bobinha — disse ele, virando-se para a janela. — Acabei de salvar nós dois daquela carta branca.

NO CAMINHO, ELE inclinou a cabeça para trás contra o encosto, exibindo aquele pomo de adão tão luxurioso que quase bati no meio-fio duas vezes, só de tentar não olhar.

Hutch manteve os olhos fechados.

— Acho que o álcool está fazendo efeito — disse ele, por fim.

— Só agora? — perguntei.

— Talvez a adrenalina tenha retardado os efeitos — sugeriu ele, adicionando um *f* extra a *efeitos*.

Talvez, sim.

Fosse o que fosse, ao chegarmos à marina, tive que puxá-lo para fora do carro como um cabo de guerra. Depois, tive que colocar meu braço em volta da sua cintura, para guiá-lo.

— Estou bem — disse ele. — Acho que está passando.

— Não está passando. Na realidade, mal começou.

Chegamos à metade do caminho até a *Rue the Day*, e Hutch tentou se livrar da minha ajuda.

— Consigo continuar daqui — disse ele.

— Não consegue, não.

— Você deveria me deixar ir.

— E deixá-lo cair do píer?

— Estou dizendo que é melhor você voltar para o carro.

— Assim que entrarmos, volto para o carro.

— Você *não* vai entrar.

— Tudo bem. Até a porta, então. Não vou passar a noite toda preocupada que você tenha caído na água e se afogado.

— Sabe o que faço para viver, não sabe?

— Mas você faz isso bêbado?

Hutch considerou minha pergunta como se fosse um bom argumento.

— Nunca.

Na porta, Hutch se atrapalhou um pouco com as chaves. A porta era trancada com um ferrolho simples e um cadeado, porém Hutch mexeu naquilo por um tempo, sem abrir o cadeado. Finalmente, perguntei:

— Que tal se eu fizer isso?

— Eu consigo — disse Hutch.

— Não tenho certeza de que consegue.

— Isso não é tão difícil assim — rebateu ele.

— Você não está acostumado a beber tanto.

— Isso é verdade.

Eu me aproximei para abrir o ferrolho da porta, mas Hutch não saiu da frente. Precisei cutucá-lo, e ele resistiu um minuto antes de finalmente se afastar e se

virar para se apoiar no batente da porta. Podia senti-lo me observando.

— Cole, hein? — perguntou ele.

— O quê? — perguntei, como se não tivesse ouvido a pergunta.

— Nunca, nem em dez mil anos, eu teria imaginado você e Cole juntos.

Eu queria — tanto, tanto, tanto — dizer que *não estávamos juntos*. Contudo, se algo havia ficado claro esta noite, era que eu não podia piorar a animosidade entre eles. *Sexta-feira*, disse a mim mesma. Só mais um dia. Por fim, disse:

— Nem eu. — Com isso, girei a chave, e o cadeado se abriu. — Pronto — disse eu. Mas os olhos de Hutch agora estavam fechados, e ele inclinou a cabeça para trás. — Hutch? Você está bem? — perguntei.

— Estou bem — disse ele, sem abrir os olhos.

— A porta já está destrancada.

Ele concordou.

— Tudo bem. Entendi. Você pode ir.

— Gostaria de vê-lo entrar — disse eu, colocando a mão em seu ombro.

Mas Hutch a afastou.

— Estou bem — disse ele.

— Então, entre — disse eu, dando um passo para trás.

Ele abriu os olhos e olhou diretamente para mim.

— Vou entrar. Depois que você sair — disse Hutch.

— Não quero simplesmente deixá-lo aqui fora.

— Não quero abrir essa porta com você tão perto dela.

— O quê? Por que não?

— Porque não — disse Hutch, desviando o olhar.

— Ei — disse eu, agarrando seu ombro de novo. — Vamos parar de enrolação.

Mas Hutch me interrompeu outra vez.

— Não estou enrolando.

— Não entendo o que está acontecendo agora — disse eu. Estávamos aqui. A porta estava destrancada. Hutch só precisava entrar em segurança. Mas, apesar disso, ele se recusava. — Por que está sendo difícil? — perguntei.

Foi quando Hutch respirou fundo e soltou o ar.

— Estou tentando muito, muito mesmo... não beijar você — disse ele, por fim.

Uma alegriazinha deliciosa se espalhou pelo meu corpo. Eu me aproximei.

— Você está tentando muito não me beijar?

Hutch estendeu um dos braços com a mão levantada para cima, num gesto inequívoco de *Pare*.

— Estou.

Então, eu disse:

— Mas você *pode* me beijar. Ganhou a competição de quem bebe mais.

— Isso não significa que ganhei o prêmio.

— Mas você tem a permissão de Cole — disse eu.

— Na verdade, não.

— Você tem carta branca. Pode me beijar sem problemas e sem culpa. Cole nunca saberá nem se importará.

— Isso não é verdade.

— Claro que é — disse eu. — Cole até insistiu.

Por fim, Hutch abriu os olhos.

— Cole não insistiu. Ele me desafiou.

Foi muito frustrante para mim, nesse momento, que Hutch se recusasse a chegar perto de mim por um motivo que nem era real. Claro, *sim*, para ele era razoável se recusar, em qualquer que fosse a circunstância, a beijar a namorada do irmão.

Só que eu simplesmente *não era a namorada do irmão dele*.

— Você tem *minha* permissão — disse eu, então.

— Não diga isso.

— Você já me beijou antes.

— Isso foi antes de eu saber sobre você e Cole. E, a propósito, você nunca deveria ter deixado que isso acontecesse. Você é uma pessoa ruim?

— Não.

Hutch fechou os olhos novamente.

— Então por que cargas d'água beijou o irmão do seu namorado?

— Você me beijou primeiro.

— Mas você correspondeu ao meu beijo.

— É estranhamente complicado.

Hutch abriu os olhos.

— O que você estava pensando? — perguntou ele.

— Olha, eu tinha uma razão para pensar que estava tudo bem, mas apenas não posso falar sobre isso agora.

Ele fechou os olhos outra vez.

— Retiro o que disse. Não quero saber.

Foi aí que não me segurei e disse:

— Ainda está tudo bem, na realidade.

— Como? Como poderia estar tudo bem?

— Não posso dizer a você.

Aqui estava o problema: éramos dois adultos solteiros e condescendentes. Mas Hutch não sabia disso. E eu não tinha certeza de que ele ainda sentiria o mesmo por mim depois que soubesse a verdade. Eu havia participado da mentira de Cole. Por mais que achasse que poderia justificar minhas escolhas logicamente... lógica e sentimentos quase nunca são a mesma coisa. Quem sabe que tipo de magia faz uma pessoa gostar de outra? Não havia nenhuma garantia de que essa situação ruim apenas não piorasse.

O que estou dizendo é: talvez eu nunca mais consiga outro beijo.

Hutch nunca me beijaria *antes* de saber a verdade. No entanto, depois que soubesse a verdade, ele poderia não querer me beijar mais.

Hutch me viu lutar comigo mesma. Então, balançou a cabeça.

— Acho melhor você ir agora. — Concordei. Só que a indecisão me deixou congelada. Talvez eu nunca tivesse outra chance. Hutch me encarou. — Estou falando sério — disse ele.

— Eu sei — disse. Mas não me mexi.

— Katie, será que vou ter que tirá-la daqui?

Sinalizei *não* com a cabeça, mas continuei parada.

Aquela expressão clássica e preocupada estava desenhada no rosto dele, embora não estivesse claro quem era o objeto dessa preocupação. Ele respirava fundo, e eu também. O tempo parecia desacelerar.

Ele queria me beijar. Tinha dito isso.

Ele queria, mas não faria. Mesmo bêbado, ele não me beijaria. Isso era contra tudo o que ele defendia. Era contra sua honra. Os mocinhos não beijavam as namoradas do irmão. Mesmo que tivessem permissão.

E Hutch era acima de tudo um cara bom. Minha mente procurou desesperadamente por uma brecha. Então, ocorreu-me que *eu* poderia *beijá-lo*.

Se eu o beijasse agora — bastaria me aproximar e puxá-lo contra mim —, poderia pegá-lo de surpresa. Será que funcionaria? Se Hutch fosse apenas a infeliz vítima de um beijo que ele nunca esperaria? Certamente, não poderia ser responsabilizado, não é mesmo?

O passado se foi e o futuro era incerto, mas o presente estava absolutamente claro: talvez eu nunca tivesse outra chance.

Nunca se sabe ao certo o que os outros estão pensando. Porém, pela maneira como nossos olhares estavam fixos um no outro, eu não conseguia imaginar que Hutch sentisse outra coisa senão o mesmo que eu.

Ninguém o culparia...

Respirei fundo. Talvez essa fosse a resposta perfeita.

... Mas ele se culparia.

Soltei um suspiro.

Em algum lugar do multiverso havia uma versão dessa história na qual puxei Hutch com as duas mãos e o beijei perdidamente até tropeçarmos cambaleando para dentro de sua casa, para o quarto e para sua cama, e tudo que fizéssemos durante a noite inteira faria todo o resto melhorar, não piorar.

Mas esse não era aquele universo. Não havia brecha.

Se o Hutch Bêbado me beijasse achando que eu era a namorada do irmão, mesmo que isso não fosse verdade, ele seria uma pessoa má. E, se eu o beijasse sabendo tudo que eu sabia, então eu seria a pessoa má.

Ele estava se segurando por um motivo.

E, para algo que não era real, esse motivo era real o suficiente.

Eu estava pensando demais nisso. Talvez *devesse* ter me oferecido para aquela competição de quem bebia mais.

Mas era o que era. Não haveria beijos, nem tropeços, nem *coisíssima nenhuma* esta noite.

Acho que George Bailey deve ter concordado com minha linha de raciocínio, porque, assim que rompi o contato visual com Hutch, ele começou a latir para nós pela janela.

Nós dois nos viramos, e Hutch soltou um longo suspiro.

— Preciso entrar — disse ele.

E tudo que pude fazer foi concordar.

Vinte e um

O DIA SEGUINTE seria sexta-feira. Até que enfim.

Meu último dia de fingimento.

Também conhecido como o aniversário do acidente.

A queimadura de sol de Sullivan melhorou na sexta-feira, e ela se aventurou naquela tarde a se sentar à sombra e desfrutar da brisa. As Meninas a cercaram e perguntaram tudo sobre como ela estava se sentindo. Quando soube que Hutch, Cole e Rue iam sair para jantar naquela noite, ela tentou se convidar, mas As Meninas a dissuadiram dizendo que era apenas para a família.

Foi por isso que ela fez cara de desagrado, quando Rue, bem na sua frente, *me* convidou para participar.

Rue mandou Cole buscar flores e, depois que ele voltou, ela se sentou a uma mesa ao lado da piscina para dividi-las em buquês.

— Para quem é o quarto buquê? — perguntei.

Rue olhou para mim por cima dos óculos.

— Para *você*, querida.

— Ah, não — disse eu, olhando para Sullivan. — Este é um dia em família.

Rue voltou às flores.

— Você é íntima o suficiente.

Olhei para Cole assim que Hutch se aproximou. Estava vestido à altura da ocasião: calça social cinza-grafite que lhe caía tão bem que ele parecia ter acabado de sair das páginas da revista *GQ*. Se estava de ressaca por causa da competição da noite anterior, estava escondendo isso como um guerreiro. Um guerreiro recém-barbeado com camisa social *slim-fit*.

Embora, para ser justa, ele também estivesse usando o semblante-padrão de preocupação.

— De quem ela é íntima o suficiente? — perguntou Hutch, em resposta a Rue.

— Da família — disseram Rue e Cole em uníssono.

Hutch olhou para baixo, para contar os buquês de Rue.

— Ela não vai conosco, não é?

— Claro que vai — disse Rue, como se ele fosse louco por perguntar isso.

— Mas esta é a primeira vez que voltamos a ficar juntos — disse Hutch.

— Ele está certo — disse eu, tentando me juntar ao Time do Hutch.

Mas Rue não estava disposta a tolerar nenhum tipo de bobagem.

— Se ela é importante para Cole, então é importante para nós. Se algum dia você conseguir uma namorada, ela também poderá vir.

A olhada que Hutch deu a Rue equivalia a um *Muito obrigado.*

Ele não estava errado. Eu era uma intrusa total.

Mas não consegui pensar em uma saída. Se fingisse um mal-estar, Rue poderia ficar preocupada comigo. Se de repente tivesse uma "reunião importante", ela poderia achar que minha iminente nova família não tinha importância. Se esquecesse alguma coisa na Starlite, ela ficaria esperando que eu voltasse. Eu só tinha uma opção: ir e aproveitar o melhor que poderia.

A Starlite ficava bem na Duval Street, uma das principais ruas de Key West, então deixamos Sullivan e As Meninas para trás, juntamos nossos buquês e caminhamos pela calçada movimentada distribuindo flor após flor para turistas, pessoas que haviam saído para fazer compras e transeuntes.

Apesar de tudo, foi divertido.

Rue e eu andamos lado a lado, deixando os caras fazerem o mesmo. Eles pareciam sociáveis — pelo menos, de longe. Rue e eu carregamos nossos buquês nos braços como se fôssemos bailarinas prestes a fazer nossas reverências. Antes de começarmos de verdade, Rue quebrou dois dos caules das flores e enfiou um atrás de sua orelha e outro atrás da minha.

— O que aconteceu com o grampo de cabelo de flores que te dei? — perguntou ela.

— Perdi. Nem sei como.

Estava no fundo do armário de Hutch.

Então, ela disse:

— Vamos pegar outro para você.

Mas balancei a cabeça.

— Talvez tenha sido melhor. Não sei se flores são para mim.

Mas Rue me olhou espantada:

— Flores — declarou ela — são para todos.

Mal havíamos começado quando vimos Cole, do outro lado da rua, levantar os braços em vitória, após entregar sua última flor.

— Isso não é uma corrida, Cole — gritou Rue.

— O que faço agora? — perguntou Cole, já respondendo: — Estou totalmente exausto!

— Pegue mais algumas! — gritou Rue, mais uma vez. — Não terminaremos enquanto não terminarmos!

Se fosse uma corrida, Rue e eu teríamos chegado em último lugar.

As flores eram tão inesperadas e tão delicadas. Todos os presenteados, sem exceção, reagiram com ar de surpresa, seguido de aceitação perplexa, e, por fim, sorrisos tímidos. Recomendo encarecidamente a quem quiser passar uma tarde levantando o astral das pessoas.

Enquanto Hutch e Cole tentavam maximizar a eficiência, Rue e eu queríamos maximizar a alegria.

"Esta é uma dália", disse Rue a uma mãe com um bebê. "Originalmente, foram classificadas como vegetais." Ou: "Este é um lilás. Os lilases são da mesma família das oliveiras". Ou: "Esta é uma peônia. As plantas podem viver cem anos e sobreviver aos jardineiros que as plantaram".

— Esta data é meu melhor dia do ano agora — disse Rue enquanto caminhávamos. — Isso não é incrível? Quando começamos, era meu pior dia do ano. Eu caminhava distribuindo flores e enxugando as lágrimas para que os meninos não as vissem. As pessoas devem ter pensado que eu era louca. Mas, agora, depois de todo esse tempo... tornou-se uma alegria. — Rue estendeu um lilás para uma garota que passava de *skate*, que o pegou sem diminuir a velocidade, gritando "Obrigada!" atrás dela. — Antigamente, eu detestava esse dia — prosseguiu Rue —, mas agora fico ansiosa para vê-lo chegar. As flores, a comida, a grande e surpreendente gorjeta para o garçom ao final. Sempre bebo um ou dois copos do *cabernet* favorito de Robert. Espero por isso o ano inteiro, em algum lugar do meu coração, pensando em como será bom fazer todas essas coisas novamente. É bom antes, é bom durante e é bom depois.

— Rue — disse eu, então —, Cole me disse algo a seu respeito logo depois que apareceu aqui. — Sondei seu rosto para ver se ela conseguia intuir o que eu queria dizer. — E não sei se acredito no que ele disse. Mas talvez seja só porque não quero acreditar. — E decidi não insistir em abordar esse tema.

— Não é grande coisa — disse ela. — É só uma leve insuficiência cardíaca.

— É possível ter *uma leve* insuficiência cardíaca?

— É só o primeiro estágio — disse Rue. — Se me cuidar bem, posso durar muito tempo. Anos até! Mas, tecnicamente, não é *curável*. Será isso que me levará; para mim, está bem claro. — Rue me deu um sorriso irônico. — A menos que apareça um ônibus desgovernado.

— Então você contou a Cole, mas não a Hutch? — perguntei.

Rue concordou.

— Bem, Cole precisava de um chute na bunda. Ele sempre foi um pouco egocêntrico demais, para o próprio bem.

— E Hutch? — perguntei.

— Hutch não tem esse problema. É o oposto, na realidade. Não é tão invencível quanto parece. — Rue suspirou. — Passou por um período difícil depois que perdeu a mãe. E realmente lutou muito. — Ela olhou para mim. — É por isso que ele cantarola o tempo todo.

— Ah, é?

— Você notou que ele faz isso?

— É claro. É uma coisa que parece ser mais profunda.

— Eu tinha um amigo terapeuta que me disse que cantarolar era uma espécie de calmante para o nervo vago.

Sacudi a cabeça em negação, como se dissesse *Não sei bem o que isso significa*.

— É um nervo — explicou Rue — que acalma e regula o organismo. As vibrações do cantarolar o estimulam. O mesmo acontece com o riso. E com inspirações profundas. E com o gargarejo, imagine. Então, quando Hutch estava passando por um momento difícil quando era pequeno, eu ensinei a ele sobre todas essas coisas, mas cantarolar foi o que acabou pegando.

— É por isso que ele cantarola? Para se sentir melhor?

— Agora é um hábito; não tenho certeza de que ele perceba que está fazendo isso. Mas foi assim que isso começou. — Rue deu um tapinha na minha mão.

— E "Heart and Soul"? — perguntei.

— Era a canção favorita do meu marido — respondeu Rue, encolhendo os ombros. Ficamos um momento em silêncio, em homenagem a isso. — De qualquer maneira — continuou Rue, por fim —, vou contar a Hutch sobre mim, é claro. Mas esta é sempre uma época difícil do ano para ele. Posso esperar um pouco. — Tínhamos ficado sem flores, então nos sentamos em um banco do parque, para esperar pelos meninos. Em seguida, Rue disse: — Eu estava lendo que os idosos são mais felizes que os jovens. Quer saber por quê?

Balancei a cabeça.

— Porque os idosos — disse ela — não têm tanto tempo. E sabem disso. Isso é chamado horizonte de tempo: a sensação de quanto tempo nos resta. Para os adolescentes, esse tempo é vasto. É *infinito*. Mas, à medida que envelhecemos, ele encurta cada vez mais, e não podemos deixar de sentir isso. À medida que encolhe, o tempo torna tudo mais precioso. Apreciamos mais os dias porque há

menos dias por vir. E realmente é verdade. Hoje senti muito isso. Como tudo passa rápido. Quanto temos a agradecer. Que milagre é cada vez que respiramos. — Sem querer, encostei a cabeça no ombro de Rue. — Não duramos para sempre, querida. Nem deveríamos. Está tudo bem. Faz parte de tudo. Por enquanto, estou bem, e isso basta.

Do outro lado da rua, os meninos estavam vindo em nossa direção, esperando que o semáforo na faixa de pedestres mudasse de cor.

Enquanto os observávamos vir, Rue perguntou:

— Você sabe qual é a minha flor favorita? — Balancei negativamente a cabeça contra o ombro dela. — Margarida — disse ela. — As margaridas mais baratas que você conseguir encontrar. Assim, poderá distribuir muitas, muitas delas. Sempre que quiser.

Vinte e dois

O JANTAR CORREU BEM. Foi ótimo.

Só *depois* foi que as coisas começaram a degringolar feio.

Fomos a um restaurante italiano antigo, com toalhas de mesa brancas, a poucos quarteirões da Starlite. Comemos pão, e quase todos nós bebemos vinho tinto com notas amanteigadas. Hutch, Cole e Rue fizeram o que sempre faziam no dia do aniversário: contavam histórias.

Todos à mesa se revezaram. A época em que Robert estava na faculdade e foi perseguido por um *dobermann* quando roubou uma placa de rua. O pai de Cole e Hutch ensinando-os a girar uma bola de basquete nos dedos, e a mãe fazendo panquecas no formato das iniciais dos filhos. Havia histórias de praia e de acampamento; sobre aniversários e sobre dentes de leite soltos; sobre animais de estimação perdidos e encontrados. Sobre calças rasgadas e chaves esquecidas. Algumas dessas histórias pareciam bem antigas e bem contadas, mas outras foram desenterradas nas reviravoltas da conversa. De qualquer modo, saí sentindo que conhecia todo mundo — toda a família, do passado e do presente — um pouco melhor.

Era disso que Rue estava sentindo falta: dessa linda maneira de relembrar juntos, de trazer o passado para o presente e mantê-lo vivo, mesmo que só por um tempo.

E, no fim, eles deram mesmo uma gorjeta de cem dólares ao garçom, que gritou de alegria e abraçou a todos.

Mas, então, o jantar terminou.

Na curta caminhada de volta à Starlite, os meninos começaram a discutir.

A culpa foi cem por cento de Cole. Era como se *quisesse* deixar Hutch irritado. Só reclamava, provocando-o e tentando fazê-lo perder as estribeiras. Cole insistiu em listar, por exemplo, todas as maneiras pelas quais a vida sempre era injusta com ele, mas não com Hutch.

Após um tempo, Hutch começou a reagir.

— Por que você leva tudo nesses termos? Parece até que *quer* ficar com raiva — disse Hutch. — Como se estivesse procurando motivos.

— Não estou procurando motivos — disse Cole. — Mas você não para de oferecê-los.

— Como assim? Só estou vivendo minha vida.

— Como tudo — respondeu Cole. — Você tem o dobro de dinheiro na poupança. Tem um emprego mais legal. É mais alto.

— Você está zangado comigo por eu ser *mais alto*? — perguntou Hutch.

— Você também tem o melhor apelido — prosseguiu Cole, implacável. — Você tem Hutch, e eu não tenho nada.

— Não roubei esse apelido de você. Apenas aconteceu!

— Esse é exatamente meu ponto. *Não* ganho um apelido legal porque *você* já tem o apelido legal.

— Há mais de um apelido legal por aí!

— Aparentemente, não!

— Então, pegue — disse Hutch.

— O quê?

— Pegue o apelido. Não me importo. Seja Hutch.

— Não posso ser Hutch — disse Cole. — É tarde demais. *Você é* Hutch.

— Então escolha outra coisa! O mundo está cheio de apelidos.

— O que devo escolher? — exigiu Cole.

— Sei lá! — disse Hutch, atirando em todas as direções como um franco-atirador. — Bagre! Relâmpago! Botas e Selas!

— *Nunca* me chame de Botas e Selas.

— Não sei, cara! Faça uma pesquisa na internet! Escolha alguma coisa. Vou chamá-lo do que você quiser.

— Não dá para escolher um apelido para si mesmo na internet. Não é assim que funciona.

Rue e eu nos olhamos. O tema dessa conversa não poderia ser realmente apelidos, não é?

Hutch estava olhando Cole de cima a baixo agora, com ar de *Tá bom*.

— Às — declarou Hutch, então.

— O quê?

— Às. Esse é seu novo apelido.

— Não.

— Sim.

— Não sou ás em nada!

— Melhor se esmerar nisso, Às.

— Agora você está tentando me irritar.

— Não, Às. Isso é o que *você* faz de melhor.

Voltamos para a Starlite, e As Meninas e Sullivan estavam à beira da piscina segurando pequenos drinques com guarda-sóis. Elas começaram a nos cumprimentar, mas sentiram a discussão se formando e ficaram caladas. Rue e eu pegamos cadeiras perto o suficiente das Meninas, para parecer que havíamos nos juntado a elas, mas perto o suficiente dos meninos, para escutar o que diziam.

— Sim. Tudo bem — dizia Cole. — Talvez eu devesse tê-lo perdoado antes. Mas você nunca deveria ter tentado me trazer até aqui para filmar um vídeo todinho sobre o herói que você é.

— Eu só estava tentando *ver* você — disse Hutch.

— Há muitas maneiras de me ver.

— Na verdade, não. Mas sabe de uma coisa? Você poderia apenas ter dito "não". Em vez disso, me fez pensar que viria. E Rue também, a propósito. Então, enviou uma subalterna no seu lugar.

Para constar, me ressenti de ser chamada de subalterna.

— Katie não é uma subalterna — disse Cole. — É uma colega.

Eu era do Time do Hutch, mas... *ponto para Cole*.

— Uma colega — rebateu Hutch — é a última coisa que ela é.

— Nossa chefe, Sullivan, já começou a demitir metade da equipe. Eu estava tentando fazer algo bom para alguém. Não é isso que você sempre está fazendo?

Mas Hutch balançou a cabeça.

— Você simplesmente não quis que eu conseguisse o que queria.

— O que você queria?

— Ver você!

— Mas, em vez de vir, enviei a Katie.

Hutch olhou em minha direção.

— Pois é.

Cole agora balançava a cabeça afirmativamente.

— E aí você se apaixonou por ela.

Esperei pela negação, mas ela não veio.

Em vez disso, Hutch disse:

— Você nunca me disse que ela era sua namorada. Eu não sabia nada a respeito disso. Você não pode simplesmente mandar para cá uma mulher assim, fazê-la passar cada segundo atrás de mim, me dizer que a deixe *dormir uma noite*

em minha casa, durante uma tempestade, e achar que não vou reagir a isso. A culpa é toda sua. Você deveria ter dito desde o início que era o namorado dela! Mas não fez isso. E, antes que eu percebesse... — Hutch esfregou a nuca. — Antes que eu percebesse, era tarde demais.

Todas As Meninas se viraram para verificar os olhos arregalados umas das outras.

Ninguém, é claro, tinha arregalado os olhos mais do que eu.

Mas foi aí que Cole disse:

— Não é tarde demais.

Hutch sacudiu a cabeça em negação.

— O que significa isso?

Hutch olhou em volta. Viu que todas nós estávamos à beira da piscina. As Meninas ergueram os copos como se dissessem *Saúde*.

Cole olhou para mim.

— Devo contar a ele o que significa?

Mas eu não estava preparada.

— Como assim... bem aqui?

— Três dias atrás, você queria contar a ele bem aqui.

— Foram longos três dias — disse eu.

— Acho que já faz tempo suficiente — disse Cole.

— Mas... e quanto a Rue? — perguntei, após uma olhada rápida e furtiva.

— Não se preocupe com a Rue! — gritou Rue.

Então, sem mais discussão, Cole se virou para Hutch e disse:

— Na realidade, Katie não é minha namorada.

Ai, meu Deus.

Hutch ficou imóvel como uma estátua.

— Ela não é... o quê?

— Nem mesmo minha amiga, para ser honesto. Nós mal nos conhecemos. Eu só precisava de alguém que aceitasse vir até aqui para fazer esse trabalho.

Hutch olhou para Cole, numa tentativa de ler seu rosto.

— Vocês não estão juntos? — Cole deu de ombros. — Você mentiu para mim? Sobre Katie? — perguntou Hutch.

Talvez Cole estivesse tentando mudar de marcha rápido demais.

— Mas isso é uma boa notícia, concorda? — E, apontando em minha direção, disse: — Ela está disponível! — Como se eu fosse um carro novo.

Se Hutch achava que isso era uma boa notícia, ele não se importava.

— Seu idiota! — gritou ele, já derrubando Cole, e, antes mesmo que as palavras fossem ditas, os meninos estavam no chão.

Pulei da cadeira em um segundo, pensando que deveria detê-los.

Mas Rue estendeu a mão para me segurar.

— Não deveríamos fazer alguma coisa? — perguntei a Rue.

— Vamos dar um minuto a eles.

— Sinto muito — disse. — Nós nos esforçamos tanto para dar a você um bom dia de aniversário.

— Isso aqui é mais importante — disse Rue.

Nós os observamos na grama. Não era uma luta coreografada, como as que vemos em filmes. Era uma bagunça total, que se espalhava por todos os lados, cheia de grunhidos, cotoveladas e chutes. E também não tinha efeitos sonoros satisfatórios de bofetadas. Apenas respirações ofegantes e xingamentos combinados com baques, socos e resfôlegos, repetidamente nessa ordem.

— Devemos chamar a polícia? — perguntei a Rue.

Ela fez que não com a cabeça.

— Eles vão se cansar em breve.

— Olha, acho que Hutch realmente poderia matar Cole.

— Ele poderia, mas não vai.

Acho que nunca tinha visto homens adultos lutarem assim na vida real. Como é que alguém vence? Bastava eles se debaterem na grama até ficarem cansados?

Qualquer que saísse vitorioso, parecia uma conclusão inevitável, isso com base apenas na massa corporal. Quer dizer, Cole não era fracote. Mas malhar *integrava a descrição do trabalho de Hutch*.

Eles estavam lutando de verdade. Eu apostava meu dinheiro em Hutch, é claro, mas todas nós vimos como Cole acertava um soco após o outro em seu torso, que não parecia sofrer nenhum impacto.

— Isso é bom para eles — disse Rue. — Os dois vêm se ignorando há muito tempo. Precisam gritar, lutar e esclarecer as coisas.

— Você não vai detê-los?

— Não, a menos que alguém estoure uma artéria.

— Mas... — Parecia tão estranho não intervir. — Não devemos todos resolver nossos problemas usando as palavras?

Rue assentiu, observando os meninos.

— Às vezes, apenas palavras não bastam.

POR FIM, ELES se cansaram.

Quando terminaram de lutar, sem fôlego, sangrando, rasgados e sujos de grama, Cole e Hutch estavam tão exaustos que acabaram deitados de costas, com os membros abertos, olhando para o céu estrelado.

E todas nós — Rue, As Meninas, Sullivan e eu — ficamos em silêncio para escutar o que diriam.

— Mas por que, Cole? Por que você mentiria para mim a respeito de Katie? — perguntou Hutch.

— Eu me arrependi assim que o fiz, caso isso te sirva de consolo — disse Cole.

— Não, não serve.

— Você se recusou o tempo todo a fazer o vídeo de "Um dia na vida". Eu queria convencê-lo a aceitar. E sabia que você se sentia tão culpado pelo que aconteceu no casamento que faria qualquer coisa que eu te pedisse.

— Duas coisas — disse Hutch, então. — Nunca me senti culpado pelo que aconteceu no seu casamento, porque *não fiz nada errado*. E sempre me dispus a fazer qualquer coisa que você me pedisse, de qualquer maneira.

Cole concordou, balançando a cabeça.

— Talvez houvesse também um elemento de vingança.

— Porque você sabia que eu havia gostado dela? Mas como sabia? Nós nem estávamos nos falando!

— Rue sabia — disse Cole. — Rue poderia dizer.

Hutch passou a palma da mão no cabelo e virou-se para Cole.

— Então... Rue lhe disse que achava que eu gostava da colega de trabalho que você mandou para cá para fazer um serviço que era seu e você decidiu mentir para mim dizendo que ela era sua namorada?

Cole assentiu com a cabeça.

— Quando você coloca dessa forma, pareço um babaca — disse Cole.

— Você tem que parar de competir comigo, cara — disse Hutch.

— É fácil dizer isso quando você é o atual campeão.

— Não sou campeão de nada.

— Falou como se fosse um campeão.

— Você deve pensar que sou totalmente intocável — disse Hutch. — É assim que me vê?

Mas Cole estava pronto para assumir o que havia dito.

— Claro. Sim. É isso que você é. Você é Hutch. É perfeito. E consegue tudo o que quer. Se quiser tirar notas máximas, basta tirá-las. Se decidir correr uma maratona, basta correr uma. Se quiser ser nadador de resgate, é um dos cinco

caras, ao todo, que passam pela escola de Técnicos de Sobrevivência em Aviação. Você é uma máquina. É imparável. Vou passar a vida inteira competindo com você e nunca o vencerei.

Uau. Isso foi muita autorrevelação.

— Mas nada disso sobre mim — disse Hutch — tem alguma coisa a ver com você.

— Tem tudo a ver comigo — disse Cole. — Porque você simplesmente tinha que ser o herói e me salvar.

Por um segundo, tudo ficou em silêncio.

Então Hutch se sentou na grama.

— Você está se referindo — perguntou ele, sem olhar para Cole — à noite do acidente?

Cole também se sentou. Em seguida, após longa pausa, com voz quase inaudível, disse:

— Você deveria ter salvado a mamãe em vez de mim.

Hutch olhou para Cole como se o visse pela primeira vez.

— Isso é... O que é isso? — Cole manteve os olhos na grama. Hutch sacudiu negativamente a cabeça com a revelação. — É por isso que está tão zangado? É por isso que sempre quer provar algo a si mesmo? —Cole não respondeu. Hutch continuava sacudindo a cabeça em negação, ainda juntando as peças. — Não é de admirar. Como você conseguiria se colocar à altura disso?

— De quê? — perguntou Cole.

— Do que perdemos. — Cole desviou o olhar. Hutch agora o observava. — É isso? É isso que tem sido esse tempo todo? Você pensou que era a razão de ela não estar aqui? Você pensou que salvei você em vez dela? Que se eu tivesse feito outra escolha, mamãe ainda estaria viva? — Cole mostrou-se surpreso, como se nunca tivesse esperado essa pergunta. — Porque, Cole... — continuou Hutch. — Não fui eu quem fez essa escolha.

— O quê?

Hutch engoliu em seco.

— Mamãe me mandou pegar você.

— Ela...

— Mesmo enquanto eu estava saindo, ela já tinha começado a me chamar: "Hutch, pegue Cole! Hutch, vá buscar Cole!". Eu estava atordoado naquele momento, mas a voz da mamãe foi tão alta e clara que cortou todos os obstáculos e a ouvi diretamente. Quando hesitei, ela disse: "Leve Cole primeiro e depois volte para me pegar". E, então, simplesmente... foi isso que fiz. Voltei para o

carro e desafivelei seu cinto. Você também estava atordoado. Eu gritei: "Vamos! Vamos!". Você pegou minha mão e me seguiu, e eu o levei para onde estava a multidão. Para um lugar seguro.

— Você me levou embora porque a mamãe mandou?

Hutch concordou.

— Cole, eu me lembro do rosto dela. Penso nisso o tempo todo. Ela sabia que não daria tempo para que eu voltasse.

Então Hutch enxugou os olhos com as palmas das mãos mais próximas ao punho. Quando voltou a falar, sua voz estava rouca.

— Eu não salvei você, Cole. Quem fez isso foi nossa mãe.

Agora também havia lágrimas no rosto de Cole. Mas Hutch prosseguiu.

— Você não foi *a razão da morte dela*. Foi o último desejo dela.

Vinte e três

NÃO TIVE nenhuma chance de falar com Hutch naquela noite.

Em vez disso, justo no auge de tudo, Sullivan, que ficara de mau humor a noite toda por não ter sido incluída no jantar em família e por se automedicar com *prosecco*, começou a vomitar.

Ela vomitou no gramado bem ao meu lado, mas, quando As Meninas se levantaram para ajudar a levá-la de volta ao seu bangalô, Sullivan as interrompeu.

— Não — disse ela, com voz arrastada. — Quero Tracy.

Todas nós olhamos em volta, tentando descobrir quem poderia ser Tracy, até que Sullivan apontou para mim.

Coloquei a mão no peito.

— Sou *Katie* — disse eu.

— Tanto faz — disse Sullivan. — Cada uma das Meninas se ofereceu para assumir o controle naquele momento, mas Sullivan não quis aceitar. — Só Tracy — declarou ela.

O que eu poderia fazer? Ela era minha chefe.

Enquanto a ajudava a atravessar o gramado em direção ao seu bangalô, eu disse:

— Você deveria estar bebendo assim? Mal se recuperou das queimaduras de sol.

— Meu plano era beber todas as noites — disse Sullivan. — Portanto, estou correndo atrás do prejuízo.

Pouco e tarde demais, de qualquer modo.

Eu esperava deixá-la, prepará-la com um copo d'água e um pouco de analgésico e voltar ao espetáculo muito mais interessante dos irmãos finalmente brigando e resolvendo seus ressentimentos de longa data. Porém, assim que entramos, Sullivan começou a chorar — aquele choro profundo, estrondoso, de

desespero total que só vem quando o excesso de prosecco já derrubou todas suas defesas.

— Odeio minha vida — soluçou Sullivan, enquanto eu a ajudava a lavar o rosto e a escovar os dentes. — Como foi que acabou assim?

— As coisas vão melhorar — disse eu, enquanto pegava seu *baby doll* na mala e a ajudava a vesti-lo. — A vida não é uma linha reta. É sempre com altos e baixos. É assim que funciona.

— Não quero os baixos! — protestou Sullivan, parecendo muito mais sóbria. — Só quero os altos!

— Ninguém quer os baixos — disse eu. — Mas eles nos fazem bem.

Sullivan virou-se e apertou os olhos para mim, toda cética, enquanto eu me enfiava por baixo do ombro dela e a levava em direção à cama.

— Para você, é fácil dizer isso. Tá aí se dando bem.

— Você está brincando? — perguntei, entregando-lhe um copo de água e dois analgésicos. — Só estou me dando o *oposto* de bem. — Ela olhou para mim como se esperasse provas do que estava dizendo. Então, eu disse: — Meu noivo me traiu com uma estrela *pop*, posso estar prestes a perder meu emprego, fui ridicularizada na internet por ser desleixada, sou péssima nadadora, estou apaixonada por alguém que me odeia e fiquei presa em uma teia de mentiras, nenhuma das quais contadas por mim. Não ultimamente, de qualquer modo. Mas pelas quais serei punida!

— Nossa! — disse ela, começando a parecer cansada. — Sua vida é pior que a minha.

— Provavelmente.

— Vamos ser melhores amigas, então — disse ela, enquanto eu a ajudava a se inclinar no travesseiro e depois puxava as cobertas.

— Serei sua melhor amiga se você não me demitir.

— Combinado — disse ela.

Em seguida, levantando a mão por cima das cobertas, ela a estendeu para selar o combinado com um aperto.

Que eu — ah, que se dane — fui em frente e apertei.

Ela nunca se lembraria mesmo.

QUANDO CONSEGUI VOLTAR, Hutch havia sumido.

Só quem estava lá era Cole, sozinho. Em uma cadeira de piscina. Cercado das Meninas, enquanto cuidavam de seu olho inchado e de seu lábio arrebentado.

— Onde está Hutch? — perguntei.

— Ele foi embora — disse Cole, no momento em que Ginger abria o *kit* de primeiros socorros.

— Ele foi embora? Para onde?

Mas Cole levantou os ombros.

— Não disse. Simplesmente foi embora.

Hutch tinha ido embora?

Quer dizer, é verdade, já haviam se passado algumas horas, mas foi esta noite que Hutch soube que eu estava solteira. Eu entendia que sua mais alta prioridade na ordem do dia (no meio da luta e tudo) poderia ser travar aquela briga de longa data com o irmão. Mas, na realidade, eu imaginei o tempo todo que sua segunda prioridade na ordem do dia seria...

Me jogar por cima do ombro e me levar para a cama.

Ou algo parecido.

Agora que eu estava oficialmente... disponível.

Em um milhão de possibilidades, jamais teria previsto que *Hutch voltaria para casa sem nem sequer se despedir*.

Eu esperaria, ao menos, um momento de resolução ou conclusão, do ponto de vista emocional.

No entanto, aí imaginei que talvez Hutch tivesse fingido ir para casa, mas, na realidade, estivesse esperando por mim no meu bangalô. Havia mais de uma maneira de criar um momento de resolução ou conclusão.

Apontei para Cole, que tinha dormido no piso do meu bangalô nas duas últimas noites.

— Você — disse eu —, procure outro lugar para dormir esta noite.

Certo? Por via das dúvidas.

— O quê? — protestou Cole. — Onde?

— Tenho certeza de que tia Rue vai acolhê-lo — respondi. — Ou uma das Meninas.

— Mas todas as minhas coisas estão lá!

— Vou colocá-las na varanda.

NO MEU BANGALÔ, infelizmente, nem sombra de Hutch.

Nenhuma mensagem ou chamada perdida.

De qualquer modo, coloquei as coisas de Cole do lado de fora.

Tentei ligar para Hutch, mas não tive resposta. Enviei uma mensagem de texto e depois várias outras. Deixei uma tonelada de mensagens de áudio. Por fim, acabei pegando o carro de Rue para ir até a marina, onde não havia sinal dele. E quando fiquei sem ideias...

Liguei para Beanie.

— Pare de tentar entrar em contato — disse Beanie. — Está ficando constrangedor. Estou constrangida só de ouvir você contar isso, e olha que nem sou você.

— Mas ele nem se despediu!

— Entendo que é decepcionante...

— Preciso de uma conclusão! — lamentei-me, em tom que me lembrou o de Sullivan.

— ... Mas você vai ter que esperar.

— Mas tudo foi revelado, e, então, ele simplesmente foi embora!

— Talvez esteja numa emergência de trabalho — disse Beanie, como a voz calma da razão. — Talvez tenha se ferido na luta. Talvez precise de algum tempo para assimilar tudo. — OK. Eu não tinha pensado numa emergência de trabalho. Isso poderia ter acontecido. — Seja o que for — disse Beanie —, mais dez mensagens de áudio não vão mudar isso.

— Beanieeeee — disse eu, choramingando. — Onde está seu espírito de luta?

— Foi para a cama há duas horas. E aí você o acordou.

— Desculpe.

— Eu entendo. Há muito o que processar. Dê ao coitado um minuto, e pegue um para você também. Lave o rosto, coloque seu pijama mais macio e vá para a cama. Tudo é sempre melhor de manhã.

MAS NADA MELHOROU de manhã.

Hutch ainda estava totalmente indisponível.

E, de repente, todo mundo também ficou indisponível.

Cole e Sullivan não estavam em lugar nenhum, e, mesmo quando bati à porta de Sullivan para verificar sua ressaca, não obtive resposta. Rue e As Meninas saíram cedo para comprar antiguidades em Sugarloaf Key, uma das ilhas do arquipélago, e Beanie teve uma reunião com clientes às oito da manhã. Isso para falar que, em decorrência de a internet ter sido malvada comigo, decidi fazer uma pausa tecnológica e apaguei todas as minhas redes sociais.

Então, éramos só eu, a brisa e a piscina da Starlite sozinhas e juntas o dia inteiro.

Me agarrei a uma esperança impossível de que Hutch pudesse aparecer normalmente para nossa aula de natação naquele dia, mas ele não apareceu. Esperei trinta minutos e enviei uma mensagem esperançosa em que lhe perguntava: ainda topa nadar?

Em seguida, entrei sozinha na piscina.

Sozinha e desinformada.

Ao que tudo indicava, nos últimos dias, havia algum tipo de tempestade se formando no Atlântico que eu desconhecia totalmente.

A Starlite parecia uma cidade fantasma naquele dia, e essa era outra razão para isso. Embora a tempestade devesse atingir a costa muito mais ao norte, mais perto de Orlando, a maioria dos hóspedes de Rue na Vrbo havia cancelado as viagens.

Então, as coisas estavam mais que paradas.

Para a posteridade, aqui estão as coisas em que eu estava pensando naquele dia, enquanto o furacão Rafael ganhava força no Atlântico, sem meu conhecimento:

Hutch tinha todo o direito de se sentir como quisesse. Eu tinha me envolvido em uma rivalidade desagradável entre irmãos. E fingi — sob coação, mas, mesmo assim — durante três dias seguidos que estava namorando o irmão dele... de quem eu mal gostava. É possível dizer que eu simplesmente não tinha mencionado a verdade por livre e espontânea vontade, porém não havia dúvida de que eu o havia enganado — e ajudado o irmão de Hutch a bagunçar sua cabeça.

Eu tinha meus motivos, é claro, mas ainda assim...

Ele tinha todo o direito de não me dizer adeus. E de não me ligar. E de me detestar a partir de agora, com toda razão.

Mas isso não mudava o fato de que eu estava apaixonada por ele.

A maneira como estava sentindo a falta dele. Como não conseguia parar de sentir saudade. A forma como meus pensamentos, meu coração e todo meu corpo estavam completamente destruídos por tudo que acabara de acontecer... não havia outra explicação. Com base apenas no sofrimento, tinha que ser amor.

EU SABIA QUE não tinha muito tempo. Mas tinha muito menos tempo do que pensava.

Quando apareci na base aérea no dia seguinte, com um desconhecimento absolutamente impróprio da crise climática iminente, o lugar transpirava seriedade, determinação, eficiência e compromisso. Não havia tempo a perder.

Em algum momento, da noite para o dia, o furacão Rafael havia se transformado em um de categoria quatro e mudou de curso (agora ia em direção a Miami, não a Orlando) mais cedo, mais rápido e mais furioso do que o previsto. Esperava-se agora que o *landfall* ocorresse em vinte e quatro horas, não em trinta e seis, e as equipes da base aérea estavam fazendo todos os preparativos possíveis para estarem prontas para auxiliar depois que o pior tivesse passado.

Tudo isso graças à minha folga da tecnologia.

Pontos para Beanie por ter adivinhado. Hutch *estava* em uma emergência de trabalho.

Apaixonada e arrependida, eu estava boiando à toa em uma piscina deserta, enquanto Hutch se preparava para resgatar uma enorme cidade estadunidense de um furacão fortíssimo.

Os furacões de categoria quatro, conforme define a escala Saffir-Simpson, têm ventos que podem atingir mais de duzentos e cinquenta quilômetros por hora, caso você esteja se perguntando.

Pesquisei no Google, obviamente.

Portanto, sim: talvez eu não estivesse tão presente nos pensamentos de Hutch quanto ele estava nos meus.

Quando cheguei à base aérea, ele estava lá, mas mal o vi. E, quando o avistei, ele não me viu nem falou comigo; na realidade, talvez não tenha sequer registrado minha presença.

Como se eu já estivesse esquecida havia muito tempo.

Entendi.

Claro que fui esquecida. Hutch tinha que se preparar para feitos verdadeiramente heroicos em seu desafio à morte. Eu já tinha feito pesquisas suficientes para saber como a Guarda Costeira trabalhava após furacões. Eram os primeiros a reagir assim que a tempestade passava.

Dependendo dos estragos, Hutch poderia estar salvando vidas, retirando pessoas de telhados, transportando pacientes pelas cidades, resgatando velejadores, ajudando nas evacuações, levando água e comida, salvando famílias e animais de estimação — e qualquer outra coisa que precisasse ser feita —, por *semanas a fio*, excetuando as horas necessárias entre os turnos para dormir e, em seguida, tornar a sair, dia após dia.

O que me levou à pergunta que não queria calar: ele me odiava? Ou estava apenas... *ocupado*?

Talvez eu nunca saiba.

Essa era uma emergência concreta.

Uma emergência na qual eu, de fato, não poderia ajudar. De jeito nenhum. Por muitas razões. Igualmente importante — descobri na base, já em nossa primeira reunião matinal — foi saber que iam evacuar as ilhas do arquipélago de Florida Keys.

— Por que as ilhas? — sussurrei para Omar, que estava atrás de mim. — Essa coisa está indo para Miami.

— Mudou de curso outra vez — respondeu ele, também num sussurro.

Com certeza tinha mudado. Agora estava indo para Key Largo. Que, caso você precise de uma ajudinha em geografia, fica diretamente entre nós e o continente.

Entrei em pânico silenciosamente enquanto a reunião continuava, conforme os superiores expunham todos os procedimentos e todos recebiam suas ordens. Eles estavam levando todos os helicópteros para Miami, para esperar o fim da tempestade, o que, a princípio, parecia estranho. Mas fazia sentido quando pensei a respeito: se o equipamento deles fosse danificado, não poderiam ajudar nos esforços de resgate e recuperação.

ASSIM QUE A reunião terminou, caminhei até o hangar à procura de Hutch.

Quando não o encontrei, fiquei perto das portas abertas e liguei para Rue.

— Precisamos deixar as ilhas — disse eu a ela, sentindo-me portadora de informações privilegiadas.

— Ah, querida, já estamos na estrada — disse ela. — As Meninas e eu decidimos ir para os subúrbios de Benita em Phoenix. Nada de furacões por lá.

— Perfeito — disse eu.

— Você provavelmente deveria mudar seu voo para casa. Tudo que estiver fora de Miami está sendo cancelado.

— Bem lembrado — disse eu.

— Experimente Tampa. Ou Orlando. Pegue meu carro. Bom, se tudo já estiver uma loucura, dirija até sua casa, no Texas.

— Pegar seu carro? — perguntei.

— Você o traz de volta depois. Confio em você — disse Rue com carinho.

— Então… é isso? Apenas ir embora? Isso parece muito abrupto.

— Bem, é assim que podem ser os desastres naturais.

— Nem cheguei a me despedir de você.

— Nós nos veremos de novo — disse Rue. E acrescentou: — Mas você deve ir. A Estrada do Mar já está ficando engarrafada.

— OK. — Então eu disse: — Rue?

— Sim?

— Obrigada por tudo. — E ouvi minha voz vacilar. — Adorei morar na Starlite.

— Volte quando quiser, querida.

Desliguei, virei-me e avistei Hutch, assim como ele também me avistou. Estava com seu traje de voo, uma mochila no ombro e os óculos de aviador, prestes a sair para o campo de aviação.

— O que ainda está fazendo aqui? — perguntou Hutch. — Já deveria estar na estrada.

— Você está indo embora? — perguntei.

Hutch olhou para o helicóptero que o esperava na pista.

— Sim.

— E George Bailey? — quis saber.

— O tenente Alonso está conduzindo todos os animais. Eles vão ficar conosco.

— Tudo bem levar animais de estimação? — outra pergunta. Com certeza, ele estava concentradíssimo.

— Tecnicamente, não. Mas o OE de lá é positivo para pets.

— OE?

— Oficial executivo.

— Ah.

Isso foi o melhor que pudemos fazer em termos de conversa? Não tínhamos alguns outros tópicos para cobrir? Por que estávamos definindo abreviações militares agora?

Hutch presumiu que eu estava preocupada com a tempestade.

— Não entre em pânico — disse ele —, mas você deve sair agora. Volte para a Starlite, ponha as coisas no carro e depois dirija até o continente. Primeiro, encha o tanque. Vá o mais longe que puder da costa antes de parar para passar a noite.

— Mas... — disse eu, como uma idiota. — Eu não esperava ir embora daqui antes de uma semana.

— Bem — disse Hutch —, todo mundo está indo embora agora.

— Tá.

Do outro lado da pista, a tripulação do helicóptero estava esperando, observando Hutch com ar de *Vamos!* Hutch olhou para eles.

— Quero dizer que sinto muito — deixei escapar, então. — Pelo modo como tudo aconteceu.

Hutch apenas concordou.

— Eu também.

Nós dois lamentávamos da mesma maneira o ocorrido? Eu realmente não conseguia ler seu rosto com aqueles óculos. Pensei em tirá-los.

Todos ainda estavam esperando por ele. Ele deu outra olhada para o helicóptero e disse:

— Sinto muito por isso também. Mas, de fato, tenho que ir.

Ele sustentou meu olhar por mais um segundo. Então, em câmera lenta, virou-se e se afastou.

Eu o vi partir.

Isso era o fim? Era tudo? Sem adeus? Sem nenhum tipo de conclusão? Ele só ia me dizer que fosse embora dali e depois voaria para Miami?

Nunca escolhi, conscientemente, correr atrás dele. No instante em que percebi o que estava acontecendo, larguei todas as minhas coisas e comecei a galopar ao estilo George Bailey.

— Hutch! — gritei, mas ele não me ouviu por causa do barulho do helicóptero. Corri ainda mais rápido para alcançá-lo. — Hutch! — tornei a gritar e, dessa vez, peguei seu pulso. Ele se virou e olhou para mim. Ao vê-lo ali, em meio ao vento e vestido para o dever, meu coração quase parou. — Hutch! — gritei ainda mais alto que o zumbido das hélices. — Você pode me fazer um favor? — Ele estava me ouvindo. Mesmo ao contar isso agora, não consigo acreditar no que estava prestes a fazer. Tudo que posso imaginar é que as circunstâncias correram à minha frente, e meu pensamento racional não as alcançou. Essa é a única forma de explicar que eu tenha dito o que disse: — Antes de ir... pode me dar um beijo de despedida?

— O quê?

Mais uma vez, mais alto.

— Pode me dar um beijo de despedida? — gritei novamente.

Omar agora acenava com os braços para que Hutch se apressasse.

Hutch olhou na direção dele e depois para mim. Ainda tinha a mochila sobre um ombro e o capacete debaixo do braço. Todo mundo estava esperando. Um furacão estava chegando. Em que diabos eu estava pensando para perseguir Hutch assim pela pista?

Era tolice. Não tínhamos conversado sobre nada nem esclarecido nada. Estávamos cercados pelo caos de meias-verdades e explicações aleatórias. Eu não

fazia a mínima ideia de como ele se sentia em relação a mim. Mas parecia provável que eu saísse imediatamente de onde estava, voltasse para minha casa no Texas e nunca mais visse Hutch. E se era assim que as coisas aconteceriam... Eu queria um último beijo.

Aquele que eu não tinha conseguido lhe pedir antes que ele soubesse a verdade.

Eu me preparei para ver Hutch me negar esse beijo.

Claro que ele o negaria.

Mas, então, em vez disso, ele deu um passo à frente e me puxou pela cintura com o braço livre, me prendendo a ele com tanta força que precisei me inclinar para trás. Em seguida, me deu o único tipo de beijo para o qual havia tempo, espaço ou razão. Um tipo de beijo sem tempo para conversa mole. Um beijo do tipo "Você pediu, então se prepare". Um beijo turbulento, repleto de coisas não ditas. Intenso. Em ponto de fusão. Apenas seu braço me segurando com força, sua boca eclipsando todos os meus pensamentos acelerados, e a tempestade, e o futuro... todo nosso tempo já empenhado. Quanto tempo durou? Três segundos, no máximo? Mas foi como um relâmpago emocional: como se tivéssemos entrado na corrente de algo maior que nós dois. Algo vasto e inspirador, algo que eu sabia, mesmo enquanto acontecia, que nunca esqueceria.

E, então, acabou.

Ele me soltou e deu um passo para trás.

Pisquei os olhos por um segundo: sem ar, com os joelhos fracos, o coração falhando e ofegante contra minhas costelas.

— Aí está seu beijo — disse Hutch com um aceno de cabeça, dando mais um passo para trás. — Agora, dê o fora daqui. Já.

Vinte e quatro

DITO E FEITO.

Fiz as malas, peguei o carro de Rue e segui pela Estrada do Mar. Mas ainda não tinha chegado ao continente, nem parado de pensar naquele beijo por sequer um segundo, quando Rue ligou.

— Você já saiu? — Rue perguntou.

Eu estava em Islamorada.

— Estou na estrada — respondi. — O que está acontecendo? — Rue hesitou, como se não tivesse certeza de que deveria me contar. — Rue? O que foi?

Rue soltou um suspiro.

— Acabei de receber um telefonema do tenente Alonso.

Meu primeiro pensamento foi Hutch.

— Está tudo bem?

— Parece que ele teve uns problemas com George Bailey.

George Bailey. Não Hutch. OK.

— Que tipo de *problemas*?

— Quando passou pela casa de Hutch, não conseguiu levar George Bailey com ele.

— Você quer dizer...

— Aparentemente, já havia começado a chover, e os trovões...

— Ah, meu Deus!

— E o tenente Alonso tinha outros seis animais de estimação na minivan, além da esposa dele e dos filhos.

— Então, ele simplesmente *o deixou* lá?

— Não tenho certeza de que eles tinham muita escolha. Esse cachorro pesa mais de setenta quilos. Ninguém consegue forçá-lo a ir aonde ele não queira.

— Então está dizendo que... George Bailey está sozinho na *Rue the Day* agora?

— Você conhece alguém que ainda está na cidade?

Eu não conhecia ninguém. Minha mente estava agitada.

— Hutch tem uma chave escondida em algum lugar?

— O tenente deixou a porta destrancada. — Então, ela pareceu intuir o que eu estava pensando. — Mas você não vai — disse Rue. — Não pode ir lá sozinha. Não há tempo para voltar atrás. O trânsito só vai piorar, e o último lugar em que você deve estar quando vem um furacão é numa ponte de onze quilômetros sobre o oceano. Basta chegar ao continente. Vou encontrar alguém.

— OK — disse eu. — Vou fazer como você sugeriu. Tenho certeza de que encontraremos alguém.

Só que isso não aconteceria, certo? Não encontraríamos ninguém. Todo mundo já tinha ido embora ou estava indo embora. E, se um cara durão como o tenente Alonso, que tem até uma tatuagem de Poseidon no ombro, não conseguiu tirar George Bailey do barco, que chance teria um mero mortal?

Aquele cachorro não poderia ser forçado. Só poderia ser *persuadido*. E a única pessoa que eu conhecia, além de Hutch, que poderia persuadir George Bailey... era eu.

Pensei em George Bailey em um barco, durante um furacão, tremendo sem parar e completamente só... então fiz o que foi, sem dúvida, inquestionavelmente, a coisa mais estúpida que já fiz na vida: dei meia-volta sem frear do lado norte lotado para o lado sul totalmente deserto da rodovia. Com uma freada brusca.

E aí voltei, a toda velocidade, para Key West.

Será que um dogue alemão caberia num Mini Cooper?

Isso é o que estávamos prestes a descobrir.

CONSEGUI VOLTAR PARA Key West em uma hora e quinze minutos, meia hora mais rápido que o Google pensava ser possível. Essa é a vantagem de ir contra uma evacuação em massa, creio eu. Meu lado da estrada estava totalmente vazio, e os policiais tinham outras coisas para fazer.

Acelerei e ultrapassei o sinal vermelho, e, para ser honesta, liguei para Cole.

— Ás Hutcheson — disse ele, quando respondeu.

— Você está brincando, certo?

— Sabia que era você. Mas estou experimentando.

— Acho que você deveria experimentar Botas e Selas.

— Você estava escutando!

— Claro que estava. Todas nós estávamos.

— Eu disse que Hutch ia me bater.

— Você queria que ele batesse em você.

Cole pensou a respeito.

— Talvez seja verdade.

— Espero que você tenha colocado isso para fora.

— Para dizer a verdade, acho que isso talvez tenha acontecido.

Eu estava chegando perto da marina. E precisava ir direto ao ponto.

— Escute. Você disse algo estranho a Hutch naquela noite? — perguntei.

— Defina *estranho*.

— Você falou com ele sobre mim?

— Pensei que você tivesse dito que estava escutando nossa conversa.

— Perdi o final, porque estava ajudando Sullivan a vomitar.

Cole fez uma pausa.

— Sim. No fim, ele me perguntou sobre você. Queria saber o que você poderia estar pensando para concordar com todas as minhas mentiras.

Senti meu âmago se contrair.

— O que você disse a ele?

— Bem, eu não podia dizer a ele que era por causa de Rue, porque ele ainda não sabe sobre Rue.

— Repito: o que você disse a ele?

— Eu disse a ele que tudo foi para salvar seu emprego.

— Meu *emprego*?

— Sim. Então você poderia fazer "Um dia na vida" para impressionar Sullivan e não ser demitida.

— Mas, naquele momento, nós já tínhamos feito as filmagens!

— Eu disse que você tinha medo de que ele revogasse a permissão que havia lhe dado.

— Você... o quê?

— Foi o melhor que consegui fazer. Eu estava pensando rápido, tá?

— Mas eu nem ia fazer o *upload*, de qualquer maneira.

— Ele não sabe disso.

— Então Hutch acha que você e eu, maliciosamente, *enganosamente*, planejamos tudo isso, desde o início, por nada mais importante que não sermos demitidos?

Eu podia jurar que Cole estava dando de ombros do outro lado da linha.

— Talvez?

Todo aquele tormento que eu tinha sofrido imaginando por que Hutch não estava atendendo às minhas ligações? Acho que esclarecemos isso.

— Cole! Você mentiu para ele! Ele agora *me detesta*. Ele nem olha para mim. Você não pode simplesmente deixá-lo pensar isso!

— Não posso expor Rue. Ela nem contou a ele que está doente.

— Rue deveria dizer a verdade a ele agora! Vocês dois deveriam! A respeito de tudo!

— Concordo. Há apenas um problema: ele não está atendendo ao telefone. E, provavelmente, está um pouco ocupado agora. Mas vou continuar tentando, tá bom? Vou encontrá-lo, e Rue também, e vamos esclarecer tudo, OK?

O que mais havia a dizer?

— OK.

— A propósito — disse Cole —, estamos todos bem com Sullivan agora.

— O que quer dizer com *todos bem*?

— Quero dizer que ela sabe que você e eu não estamos namorando, e está de boa com isso.

— Por que ela ficaria de boa com isso? Achei que ela ia dar péssimas referências a seu respeito e destruir sua carreira.

— Isso foi antes de passarmos a noite juntos.

— O quê?!

— Lembra quando você me expulsou?

— Sim.

— Pois ela me acolheu. Com muito entusiasmo.

— Por favor, me diga que você não se aproveitou da nossa chefe naquela noite! Ela estava tão bêbada! Vomitou duas garrafas de *prosecco*!

— Não me aproveitei de Sullivan naquela noite — disse Cole.

— Obrigada.

— Foi na manhã seguinte.

— Ai, meu Deus, Cole! Por que você sempre tem que piorar tudo?

— Tenho certeza de que tornei as coisas muito melhores.

— Você *dormiu* com *Sullivan*?

— Sim. Só que agora eu a chamo de Sully.

— Agora é que ela vai demiti-lo mesmo.

— Não.

— Não?

— Não. Porque nos apaixonamos.

— Bem, isso foi rápido.

— Quando é pra ser, é pra ser.

— Você está namorando Sullivan agora? Isso está acontecendo?

— Sim — disse Cole. — E adivinhe só de quem ela gosta menos que de mim?

— Hutch? — perguntei, enquanto Cole respondia exatamente a mesma coisa, ao mesmo tempo:

— Hutch.

— Isso deve ser uma verdadeira cura para você — disse eu.

— É muito terapêutico para nós dois.

— Parabéns. Agora vá ligar para seu irmão e confesse tudo.

CHOVIA MUITO quando estacionei na marina. O céu estava sombrio e soturno, embora fossem quatro horas da tarde. Todas as lâmpadas do estacionamento estavam apagadas, assim como todas as luzes de todos os barcos da marina, e eu me perguntei se o fornecimento de energia havia cessado.

Deixei tudo no carro de Rue, exceto meu telefone, pensando que poderia precisar dele como lanterna. Então, corri pelo píer em direção ao barco, com meus tênis batendo na madeira encharcada. Contudo, quando entrei tropeçando pela porta do barco, esperando, acho eu, que George Bailey me derrubasse como de costume... ele não estava em lugar nenhum.

— George Bailey? — gritei. Nada. O barco estava escuro e silencioso. Carlos voltara para buscá-lo? Ou Rue havia recrutado outra pessoa, afinal? — George Bailey! — gritei novamente, acendendo a lanterna do telefone.

Quando cheguei a um quadro de disjuntores de energia, inverti todas as chaves, e nada.

O barco estava silencioso como uma tumba, subindo e descendo na água e batendo contra o cais. *Ele certamente não está aqui*, pensei enquanto olhava em volta, de qualquer maneira. Para onde poderia ter ido?

Então, assim que cheguei perto do armário ao lado da cama de Hutch, ouvi um gemido.

— George Bailey? — perguntei, olhando para o armário. Lá, abaixo das camisas e das calças penduradas, vi dois olhos brilhantes. — Ei, amigo! — disse eu, agachando-me e tentando nos convencer, com minha voz,#de que estávamos apenas tendo uma reunião agradável. — Encontrei você!

Eu podia ouvir George Bailey ofegar. Sem saber quão assustado ele estaria, coloquei a mão no piso do armário perto dele. Será que ele era como um desses animais que mordem qualquer coisa que se aproxime deles quando entram em pânico?

Não, não fui mordida. Ele era um gigante gentil até a medula.

Porém, assim que pus a mão perto dele, fui *lambida* do pulso ao cotovelo.

Isso parecia um bom sinal.

— Olá, meu amiguinho — disse eu, estendendo a mão para acariciar suas costas, sentindo todo seu corpo tremer de tal forma que fiquei muito feliz por ter voltado para buscá-lo. Comecei um bate-papo agradável, parecido com o de um locutor de notícias. — Sei que você não é grande fã de trovões. Você não gosta de trovões, e eu não gosto de quedas de energia, barcos sem luzes acesas nem furacões. Então... o que acha de sairmos daqui? — Em seguida, como a pessoa mais confiável que já viveu sobre a face da terra, abri bem a porta do armário, dei um tapinha nas coxas e disse: — Vamos. Vamos, amigo. Vamos pular no Mini Cooper de Rue e vazar daqui.

Ao ouvir o nome de Rue, George Bailey, aos poucos, aventurou-se a avançar. Foi quando me lembrei de que ele não podia ouvir a palavra passear.

— Ei, George Bailey — prossegui. — *Hutch* me disse que você talvez quisesse *passear*. — Com a palavra *passear,* suas orelhas se deslocaram para a frente, e sua cauda começou a bater na parte interna do armário. — Você quer *passear*? — perguntei novamente, levantando-me. Quando me levantei, George Bailey se levantou. — Um *passeio*! — disse eu. — Onde está sua *guia*? — Ao ouvir a palavra *guia*, ele saiu e me seguiu. Andamos a esmo, usando a lanterna do telefone e procurando. — Onde Hutch guarda sua *guia*? — perguntei várias vezes, só para manter a conversa rolando.

Então, eu a vi pendurada em um gancho perto da porta. E me perguntei: *será que isso vai ser fácil?*

Mas eu já deveria saber que era melhor evitar ter pensamentos como esse. George Bailey estava totalmente comigo quando coloquei sua guia... até eu abrir a porta para a chuva. Foi quando percebi como o céu havia ficado mais escuro e como a água estava agitada na marina.

E foi aí que o trovão decidiu fazer aquilo que ele faz de melhor.

Ao ouvir o estrondo, George Bailey firmou as quatro patas no chão e sentou-se.

Ele tinha razão.

— Vamos, meu amigo — disse eu, caminhando com confiança em direção à porta.

Mas, ao chegar ao limiar, cheguei também ao fim da guia.

George Bailey nem se mexia.

Apontei para a chuva torrencial como se fosse algo divertido.

— Você não quer dar um *passeio*?

Nem tanto, aparentemente.

— Ei, amigo — disse eu, esperando, talvez, conseguir explicar a ele de maneira lógica. — Tem um furacão vindo. Dos grandes. Precisamos sair daqui.

George Bailey manteve-se impassível, em sentido bem literal.

Em seguida, tentei um monte de outras táticas, entre elas atraí-lo com petiscos, jogar seu barulhento esquilo de brinquedo pela porta, explicar que Hutch estava esperando por ele em uma grande festa de cachorros em Miami e até tentar usar *força bruta de verdade*, e nenhuma delas o fez se mover nem um centímetro.

Só consegui escorregar duas vezes no piso molhado da entrada... batendo com o cóccix nas duas vezes.

À medida que o tempo ia passando, comecei a recorrer cada vez mais a tentativas de *explicar as coisas*. Sem fôlego e molhada, mantive um monólogo contínuo que George Bailey ignorou por completo, enquanto me movia em torno dele, empurrava-o por trás, depois puxava-o pela frente, tentando desesperadamente colocá-lo em movimento:

— Olha, sei que você está preocupado com todo esse clima lá fora, e entendo. Sei também que agora parece mais assustador lá fora que aqui dentro... Mas há uma tempestade que pode pôr nossa vida em risco. Não sei se alguém já lhe disse isso, mas uma casa flutuante é, literalmente, o último lugar no mundo em que você deve estar durante um furacão. Aliás, um *furacão de categoria quatro*, de acordo com a escala Saffir-Simpson! Esse cara, Saffir-Simpson, não está brincando. Poderíamos morrer mesmo. Todas as pessoas (*e os cachorros!*) que vivem nas ilhas estão saindo agora. A Estrada do Mar inteira parece um longo cordão de lanternas traseiras. Vamos lá, amigo! Vamos dar o fora daqui.

Durante todo o tempo, George Bailey me observou como uma espécie de professor de direito entediado, que tinha certeza de que eu seria reprovada em sua disciplina — esperando apenas que eu dissesse alguma coisa, qualquer coisa, persuasiva.

A coisa toda era, na prática, a descrição de uma má ideia.

À medida que o trovão ficava mais forte, que a chuva engrossava mais e a casa flutuante balançava cada vez com mais urgência sobre as ondas, batendo contra o frágil píer, pesquisei no Google *como fazer um cachorro grande se mover* e vi resultados de pesquisa como: *como motivar um garanhão teimoso*, *rituais de persuasão para camelos* e *como mover um piano de cauda*.

Acontece que, nessa situação específica, é difícil recorrer à colaboração coletiva.

Tentei ligar para Hutch para pedir dicas, mas, enquanto tocava, ouvi um som fraco vindo do quarto.

Um telefone tocando.

Segui o som, George Bailey igualmente curioso atrás de mim, até encontrar o telefone de Hutch, que havia caído atrás do colchão e pelas ripas do lastro da cama.

Que merda. Foi por isso que ele não me mandou nenhuma mensagem?

Tentei pegá-lo, mas a cama estava em uma estrutura presa ao piso, e as ripas eram estreitas demais para deixar passar meu braço.

Ah, que ótimo. Isso era algo que ficaria para resolvermos mais tarde.

De volta à porta, eu estava explicando a George Bailey como funcionava a coragem, insistindo em que enfrentar os próprios demônios agora acabaria ajudando-o a alcançar seu melhor potencial, quando senti um pulso de eletricidade estranho e amedrontador oscilar no ar.

Então, ouvi atrás de mim um som sibilante e, em seguida, um estalo mais alto que qualquer coisa que já tinha ouvido na vida, no momento em que a sala se iluminou em um *flash* e depois tornou a ficar no escuro. O som ultrapassava o volume máximo: era tão alto que parecia rasgar o ar, como se fosse um tecido. Tão alto que meu inabalável amigo George Bailey desapareceu num piscar de olhos e voltou para o armário de Hutch com guia e tudo. A luz era tão forte que deixou nos meus olhos uma imagem residual verde. Uma das janelas estilhaçou-se. Então, o som abrasador recuou, em seguida se ouviram crepitações e estrondos, depois todo o céu se iluminou e, por último, vieram os trovões.

Um raio caiu.

Não no barco em si, porém não muito longe.

Tipo, *a poucos metros* de distância.

Será que tinha atingido o mastro de um veleiro? Uma torre de celular? Uma antena?

O que quer que tenha sido, depois que o estrondo cessou, observei, horrorizada, pelo buraco onde estava a janela estilhaçada, o píer de madeira *em que estávamos atracados* reagir à queda do raio, desmoronando em câmera lenta na água.

Era quase como se todo o píer simplesmente... *desmaiasse*.

E depois morresse.

E não estávamos mais atracados em nada.

— Ah, merda — disse eu em voz alta, sentindo uma urgência como se agora *realmente* tivéssemos que sair daqui.

Mas, é claro, agora não havia para onde irmos.

Em seguida, senti vontade de ligar para Hutch novamente. Mas também não havia como fazer isso.

Pelo visto, estávamos completamente ferrados.

Olhei bem pela janela, tentando extrair dela algum sentido.

O píer para onde eu estava tentando persuadir George Bailey a sair... já era.

— George Bailey — disse eu em voz alta, caso isso ainda não estivesse muito claro —, temos um problema.

OLHA, NÃO sou uma pessoa familiarizada com barcos. Não cresci velejando. Sou de *Dallas, Texas*! Mais cercados por terra que nós, texanos, impossível. Eu era a última pessoa neste planeta que você escolheria para *comandar uma casa flutuante desatracada durante um furacão*. Eu não sabia como trabalhar com um rádio marítimo, não sabia nada sobre segurança de barcos e, até três semanas atrás, nem nadar eu sabia.

Provavelmente, haveria alguma maneira de pedir ajuda pelo rádio numa situação como essa. Mas eu não conseguiria usar um rádio de barco nem mesmo em um dia ensolarado.

Eu me obriguei a *pensar*. Então, apenas pensei em como *pensar em pensar* não ajudaria.

Não sou mesmo rápida em resolver as coisas. Para qualquer grande decisão, prefiro ter quarenta e oito horas ou mais para hesitar, procrastinar, fazer listas de prós e contras, ligar para Beanie e discutir. Como tinha feito, na realidade, apenas algumas horas antes, em uma vida diferente.

Eu havia dirigido em terra firme um Mini Cooper com assentos aquecidos, considerando todo meu conforto e segurança como garantidos, enquanto tagarelava, sem parar, para Beanie sobre como aquele beijo de despedida que Hutch me dera tinha sido, ao mesmo tempo, apaixonado e desdenhoso. Tão viril e, no entanto, vulnerável; tão raivoso e, no entanto, terno; tão perdido e, no entanto, encontrado. A sensação espantosa que ele havia provocado parecia exatamente um começo e um fim ao mesmo tempo.

Ou seja, assim foi toda minha jornada de evacuação de hoje cedo: eu buscando pares de palavras opostas para tentar capturar a energia daquele beijo devastador conforme fugia de um furacão na Estrada do Mar, enquanto Beanie, por sua vez, dobrava roupas a mil e seiscentos quilômetros de distância e validava todas as minhas interpretações com a*hã-ahãs* cada vez mais enfáticos.

Talvez eu devesse ter ouvido o rádio.

Um pouco de informação meteorológica poderia ter sido útil.

E, agora, aqui estava eu. Sozinha com George Bailey, em uma casa flutuante artesanal presa a absolutamente nada, à deriva no oceano, durante um furacão.

Puuuuuuta merda.

Devo ligar para Beanie?

Mas ela era pior que eu em emergências. Entraria em pânico, choraria, e eu acabaria tentando consolá-la. O que tudo aquilo traria seria só perda de tempo.

Em vez disso, peguei o celular e liguei para 911, o número nacional para emergências.

Uma atendente respondeu de imediato:

— 911. Qual é a sua emergência?

— Olá! — disse eu. — Sinto muito, mas estou em uma casa flutuante chamada *Rue the Day*, na Sunshine Marina, em Key West, e o píer em que estávamos atracados foi atingido por um raio e desabou na água.

Sim, repentinamente, o nome do barco ganhou nova ironia.

— Sua localização é a Sunshine Marina?

— Sim, mas não por muito tempo. Estamos à deriva.

— Estou anotando seu pedido de socorro e sua localização — disse, então, a atendente.

Espere... O quê? Por que ela não estava mandando alguém para vir ajudar?

— Hum. Vocês podem vir me resgatar? — perguntei em seguida.

Então, acrescentei, como se isso pudesse ajudar no meu caso:

— Tenho um cachorro grande comigo que tem medo de trovões.

Uma pausa que pode ter sido sarcástica. Em seguida:

— Sinto muito, senhora. Estamos no meio de um furacão ativo.

— Sim! Eu sei! Estou à deriva nele!

— Nenhum resgate está acontecendo neste momento. Todo o pessoal está se abrigando em locais designados.

Sua voz soou um pouco irritada?

— Você está dizendo — perguntei, então — que vai me deixar aqui? No oceano? Durante um furacão de categoria quatro?

— O furacão foi rebaixado para a categoria dois.

— Qual é a diferença?

— A velocidade do vento dos furacões da categoria dois chega a cento e cinquenta quilômetros por hora.

— Por que isso não é reconfortante?

— Peço desculpas, senhora. Mas qualquer um que tiver ignorado a ordem de evacuação terá que enfrentar a situação para sobreviver.

Espere aí. Ela achou que eu tinha *desconsiderado* de propósito a ordem de evacuação?

Claro que sim. Ela provavelmente lidava com pessoas assim o tempo todo.

— Eu não ignorei! — disse eu. — Quem fez isso foi meu cachorro! E ele nem é meu cachorro! Eu estava apenas tentando ajudá-lo porque foi resgatado de um canil clandestino e tem fobia de trovões, ou como quer que seja chamada essa fobia, e a vida dele já foi difícil o bastante. — Então, para ressaltar que eu era uma pessoa legal que *não merecia morrer no oceano*, acrescentei: — Eu *estava* saindo! Já tinha chegado à Islamorada! Mas voltei! Para salvar um cachorro muito assustado! Contudo, não consegui tirá-lo do barco! Ele pesa mais do que eu! — Silêncio do outro lado. Ela estava verificando seu Instagram? — Alô? — E prossegui: — Eu *não desrespeitei* nenhuma *ordem de evacuação*! Mas o *cachorro,* sim! — disse eu, com a voz mudando para uma oitava diferente.

A voz dela continuou impassível.

— Sinto muito, senhora. Todo o pessoal está indisponível.

— Olha — disse eu, esperando que talvez pudesse acessar algum senso geral de camaradagem entre socorristas —, essa casa flutuante pertence a um nadador de resgate da Guarda Costeira dos Estados Unidos, e o cachorro também! Ele foi enviado para Miami, para esperar a tempestade passar.

— Então tenho certeza de que ele será o primeiro a voltar ao local para resgatá-la assim que for seguro voar — disse a atendente.

— Mas... — protestei, com a voz cada vez mais aguda por puro pânico, enquanto expulsava da minha mente frases como *Poderemos já estar mortos há horas quando isso acontecer*. Em vez disso, pedi: — Diga-me o que fazer! Como faço para sobreviver à noite?

A atendente suspirou.

— Se o barco em que está realmente pertence a um nadador de resgate, você provavelmente vai encontrar equipamentos de segurança. Procure um colete salva-vidas e vista-o. Desligue o telefone para economizar bateria, coloque-o em um saco plástico e mantenha-o com você. Encontre um lugar seguro para se abrigar. E se for uma escolha entre você e o cachorro? Desta vez, salve-se primeiro.

A RUE THE DAY *estava* bem preparada com equipamentos de segurança?

Vou deixar a caixa de armazenamento cheia de lanternas responder a essa pergunta. Pelo visto, Hutch tinha vários *kits* de primeiros socorros, água potável, inúmeros extintores de incêndio e um rádio a bateria mais velho que ele. Sem mencionar um *snorkel*, nadadeiras e uma máscara. E uma pistola de sinalização.

Espere! *Não diga nadadeiras.*

Um *snorkel*, *pés de pato* e uma máscara.

Acrescente a isso um armário inteiro cheio de coletes salva-vidas, incluindo um próprio para cachorros, para George Bailey. Deus abençoe Hutch por isso.

Dócil e agora talvez um pouco catatônico de medo, George Bailey deixou que eu o pusesse nele. Depois, fiz o mesmo comigo. Em seguida, encontrei na cozinha um saco hermético e o usei para impermeabilizar meu telefone. Depois, acendi uma lanterna movida a bateria. Então, comecei a colocar a pistola sinalizadora no cós da calça *jeans*, antes de decidir que seria mais provável que acabasse atirando em mim mesma com ela do que fazendo algum bem. Por isso, tornei a colocá-la no estojo.

O que vinha em seguida?

Tentar descobrir como usar o rádio? Tentar ligar o motor e dirigi-lo de alguma maneira? Ligar para o 911 novamente? Chorar?

Sim. Sim para todas essas coisas. Ao mesmo tempo.

Tenho vergonha de admitir o pânico em que estava. Mas eu não era uma pessoa que lida bem com emergências. Não era uma mulher de ação. Não era o herói impetuoso da história. Eu era funcionária de nível pleno de uma produtora de vídeo comercial!

Não queria ter aventuras: queria ser a pessoa em segundo plano *que filma a pessoa que tem aventuras*. Ou, melhor ainda, *uma pessoa que pede a um entrevistado que relembre aventuras passadas*.

A quem poderia apelar para poder fazer isso mais uma vez?

Ficar à deriva em uma casa flutuante com um cachorro que tinha medo de trovão durante um furacão poderia ser uma má opção para qualquer um. Mas, para mim, foi a pior de todas.

Enquanto isso, George Bailey me encarava como se eu estivesse no comando.

Liguei alguns interruptores no rádio até conseguir escutar transmissões e intercâmbios, mas, na realidade, o que se ouvia era, sobretudo, jargão. Pessoas conversando sobre *nós, latitude* e *longitude* e dizendo números aleatórios. Servia principalmente como ruído de fundo. Tentei deixá-lo ligado por causa das vozes, mas então, quando pedidos frenéticos de socorro começaram a chegar, eu o desliguei.

A costa estava recuando, e eu só podia dizer isso porque parte da marina estava pegando fogo. Seria um barco? A casa de barcos? Eu não conseguia ver bem o suficiente para saber. Mas as chamas eram um ponto de referência, mesmo quando recuavam a distância — ou nós recuávamos.

De repente, senti mais frio.

E as ondas pareciam mais altas e mais cortantes.

Senti um primeiro aumento de náusea, mas não tive certeza de que seria enjoo ou medo.

É possível, nesse momento, que George Bailey estivesse começando a se arrepender de suas escolhas. Enquanto eu me movia pela cabine, tentando freneticamente *fazer alguma coisa*, ele colou em mim como velcro.

Agora, a extremidade do barco cuja janela se quebrara tinha, além de cacos de vidro, um alagamento no piso: ao menos dois centímetros de água que deslizava de um lado para o outro com as ondas.

Ficamos na extremidade oposta.

Talvez eu não devesse ter feito isto, mas repreendi George Bailey um pouco.

— Odeio dizer que tudo isso é culpa sua — disse-lhe. — Totalmente sua. Se tivesse ido com o tenente Alonso, já estaria em Miami, todo seco, quentinho e pronto para dormir. E eu também! Mas agora nós dois vamos morrer em um túmulo aquático. Portanto, obrigada por isso. — Então, como se George Bailey tivesse respondido dizendo: *Foi você quem decidiu voltar para me buscar*, prossegui: — Mas que escolha eu tinha? Sinceramente. Eu não deixaria você aqui sozinho. Não depois de tudo pelo qual já passou. Só queria que você tivesse confiado em mim um pouco mais, sabe? Nunca escolha o medo, OK? Escolha o amor. Escolha a confiança! Quando uma pessoa boa aparecer para resgatá-lo, escolha essa pessoa!

Mas o que eu estava dizendo agora?

A essa altura, eu nem estava mais me ouvindo.

Enquanto isso, meu cérebro tentou gentilmente, freneticamente, gerar um pouco de esperança.

Talvez ficássemos bem. Talvez os ventos nos afastassem do pior da tempestade. Ou talvez houvesse uma praia de areia macia, que ainda não tínhamos avistado, na qual pudéssemos encalhar. Ou talvez a casa flutuante *vintage* e artesanal de Robert nos surpreendesse flutuando agradavelmente sobre as ondas a noite toda, como se fosse um patinho de borracha.

Era possível, de qualquer maneira.

O mundo estava cheio de azar. Mas também de sorte.

Talvez já tivéssemos usado todo o azar que nos cabia no dia.

Ou no ano.

O que Hutch teria feito se estivesse nessa situação? Teria pulado ao mar com George Bailey logo após a queda do raio e tentado nadar até a terra? Eu deveria ter feito isso? Apesar de que, se esse cão já se recusara a sair de casa pisando em um píer íntegro, teria sido impossível fazê-lo saltar num oceano negro e frio. Talvez tenha sido melhor termos ficado no barco. Talvez aquela água após o relâmpago estivesse carregada de eletricidade. Como isso funcionava na física?

Droga.

Todos aqueles anos de estudo, e eu não sabia de nada que pudesse salvar minha vida.

Ninguém estava vindo atrás de nós. Pelo menos, disso, eu sabia.

Hutch não *roubaria um helicóptero* para vir nos buscar em meio a um furacão.

Estávamos sozinhos. Sem mais nada a fazer, a não ser sobreviver à tempestade.

Vinte e cinco

SOBREVIVER À TEMPESTADE, no entanto, não retrata muito bem a situação.

O que se costuma dizer sobre o enjoo no mar? Primeiro, você tem medo de morrer, depois *espera* que a morte o leve e, por fim, após ter sobrevivido, parece que está morto.

Essa descrição quase captura toda situação.

Presumo que, à medida que a tempestade piorava, flutuávamos para mais longe da costa, embora, de fato, não saiba ao certo. Entre a chuva e a escuridão, eu não tinha noção do rumo. Tudo que conseguia ver eram *flashes* brilhantes quando um raio cortava o céu. Então o mar aparecia ao nosso redor em ondas como desfiladeiros, tão assustadoras que eu não queria nem olhar. Logo as janelas ficaram tão cobertas de gotículas de espuma do mar que, de qualquer maneira, era difícil ver o que estava do lado de fora. A não ser pela janela cujo vidro havia quebrado. Que permitia a entrada de mais água a cada onda que batia.

O chão estava todo molhado. Tudo estava molhado.

E frio.

A princípio, fiquei alerta, prestando atenção às imagens, aos sons e aos trovões em todas as direções. Até encontrei uma folha de papel e pensei que poderia, de alguma forma, tentar registrar informações. Número de relâmpagos? Intervalos entre os trovões? Sessões de vômito?

Ou talvez pudesse escrever outra coisa. Um testamento, talvez? Alguns pensamentos finais profundos? Uma carta de despedida que ninguém jamais veria?

Tantas opções.

Mas não consegui decidir nada. Não demorou muito para eu ficar nauseada demais para escrever o que quer que fosse.

O movimento constante era tão exaustivo. A agitação da água, a mudança de ângulos. Alternávamos sem parar entre inclinar numa direção e inclinar

totalmente em outra em segundos. Subíamos em ondas que pareciam quase verticais e depois desabávamos novamente na depressão entre elas. As cadeiras e o sofá da sala deslizavam para a frente e para trás, batendo nas paredes e empilhando-se uns sobre os outros. A trava da geladeira quebrou, e toda a comida caiu no piso.

O movimento era para cima e para baixo e de um lado para o outro — aleatório, sem ordem nem ritmo. A parte mais estranha era ficar sem peso por um minuto, enquanto as ondas jogavam o barco para cima, até sentir a gravidade dobrar quando ele tornava a bater na queda. Às vezes, as ondas se acalmavam. Porém, outras vezes, várias batiam de uma só vez. O barco estremecia, tinia e rangia. Fomos surpreendidos várias vezes pelas ondas. E cada golpe da água queria partir o barco ao meio, batendo em nós com a força da freada repentina de um carro.

Eu, ao menos, tinha uma noção do que estava acontecendo. Mas George Bailey não conseguia se preparar para o que vinha em seguida e continuava deslizando e arranhando o chão loucamente com as patas tentando se firmar. Durante uma inclinação acentuada, ele deslizou até a extremidade mais distante do barco e, com isso, quebrou uma luminária de cerâmica e cortou a pata.

Ele gritou e ganiu, e, enquanto mancava na minha direção, recusando-se a tocar a pata ferida no chão, deixou atrás de si um rastro de sangue.

A visão do sangue me fez perder a esperança.

Ou talvez tenha sido o ganido dele.

— Sinto muito, meu amigo — disse eu a George Bailey, tirando a capa de uma almofada para amarrá-la em volta da pata como um curativo muito malfeito.

Durante outra trégua, procurei um lugar melhor para abrigar George Bailey. O armário de Hutch parecia um bom lugar. Eu poderia preenchê-lo com travesseiros e cobertores para acolchoamento. E, claro, observar se havia água embaixo da porta.

Peguei todas as roupas que Hutch havia pendurado, juntei-as nos braços e senti uma grande lufada do perfume dele (que, infelizmente, a náusea me impediu de desfrutar) antes de jogá-las no banheiro em uma pilha e fechar a porta. Então, ao fazer o mesmo com as caixas da parte inferior, lembrei-me do meu grampo de cabelo de hibisco. E me perguntei se ainda estaria lá (escondido no canto, atrás da pilha organizada de caixas de armazenamento de Hutch). Por um segundo antes de olhar, tive um lampejo supersticioso: *se a flor estiver lá, ficaremos bem.*

Mas ela não estava lá.

O canto de trás estava vazio.

Por um segundo, me senti tão irracionalmente decepcionada com Hutch. Será que custaria tanto assim me dar apenas *uma pequena centelha de esperança*? Não era pedir muito.

E, no entanto, aqui estávamos.

Aquele momento deu lugar ao seguinte, e me peguei pensando seriamente onde a flor teria ido parar. Hutch a jogara fora em um ataque de raiva e decepção depois que me tornei uma pessoa terrível? Ou talvez a tenha jogado ao mar? Ou a queimara e vira as cinzas flutuarem ao vento sobre a água?

Ou talvez tenha sido pior que isso. Talvez ele tivesse simplesmente varrido com todo o lixo comum, e jogado fora sem nem perceber.

Diante das questões mais importantes que dominam minha vida... perguntas como: *É possível morrer de desidratação por enjoo?*, *Baleias comem pessoas?* e *Qual é exatamente o grau de letalidade do veneno das águas-vivas?* No meio de tudo isso, você poderia argumentar que *O que aconteceu com meu grampo de cabelo de hibisco?* talvez fosse a questão menos urgente.

Mas essa foi a questão de que mais gostei.

Ela me deu algo relacionado a Hutch para divagar na mente enquanto eu forrava o chão do armário com almofadas e gesticulava para que George Bailey entrasse ali.

George Bailey, como um anjinho que nunca nos deixou presos em uma casa flutuante durante um furacão, entrou com facilidade no armário. Então se acomodou nas almofadas com pose de leão e cuidadosamente baixou a pata enfaixada para esperar o que viria depois.

O que viria depois?

Afogamento? Desmembramento? Dilaceramento por mordidas de tubarão?

Pensei em Hutch dizendo que tubarões sempre estavam em toda parte. Então, fiz um pedido fervoroso ao universo. De todas as maneiras pelas quais eu poderia estar prestes a morrer... Será que *tubarões* poderiam, por favor, não ser uma delas?

Claro, o universo não se importava com meus pedidos.

Eu teria que me preocupar com eles sozinha.

Fechei a porta do armário com George Bailey lá dentro, encostei-me nela para mantê-la fechada e me apoiei na estrutura da cama embutida de Hutch. Se o barco começasse a afundar, evidentemente eu deixaria George Bailey sair. Mas, por enquanto, ele estaria mais seguro lá.

A propósito, o que *mais seguro* ainda significava?

Todos os meus sentidos estavam fora de controle. O balanço era o pior, mas os uivos e os assovios do vento, os rangidos furiosos do barco e os estrondos dos trovões… eram um caos auditivo incessante. Tinidos, gemidos, uivos, estrondos — tudo isso tão alto que eu não conseguia ouvir nem meus próprios pensamentos. E, ainda por cima, George Bailey gania de dentro do armário, como se eu estivesse sendo malvada.

Não demorou muito para que eu vomitasse tudo que já havia comido na vida e, em seguida, continuasse com uma ânsia seca por puro reflexo. Perdi todo senso de equilíbrio. O quarto girava na minha cabeça mais que o mar revolto. Durante as tréguas, eu ficava deitada no chão, ofegante, desejando morrer.

Mas não morri.

Nem George Bailey.

Nós sobrevivemos.

Não sei quantas horas durou a tempestade. Perdi toda noção do tempo e de tudo mais que houvesse. Mas, em algum momento, quando ainda estava escuro, quase sem que eu percebesse que estava acontecendo, a agitação das águas abrandou. E ficou em silêncio. E até o mar (se é que não foi o movimento dentro da minha cabeça) ficou mais calmo.

George Bailey ainda gania.

Abri a porta, e ele saiu cautelosamente, com a pata ainda enrolada na capa da almofada, agora manchada e ensanguentada onde o corte havia reaberto.

— Como você está? — perguntei. — Você está bem?

Em resposta, ele mancou sobre três patas, acomodou-se ao meu lado e lambeu meu rosto por um tempo. Foi surpreendentemente reconfortante, e nos fez nos sentirmos melhor.

E foi assim que adormecemos, ali mesmo, no chão.

QUANDO ACORDAMOS NOVAMENTE, já era dia. O sol estava brilhando, o céu, sem nuvens, e o mar, tão calmo quanto um lago.

Quase como se o mar também estivesse exausto.

Ou talvez envergonhado de sua birra.

George Bailey acordou quando acordei. Verifiquei como estava sua pata, então ele retribuiu observando minhas tentativas de me limpar um pouco; em parte, na esperança de me sentir mais normal e, em parte, para estar apresentável para qualquer resgate que pudesse acontecer. Lavei o rosto e escovei os dentes com água engarrafada. Penteei o cabelo. Minha calça *jeans* estava molhada, assim

como meus sapatos, mas ali eu não tinha opções melhores. Porém, vesti uma camiseta laranja bem chamativa de Hutch, para ficar mais visível.

Olhei pela janela quebrada. Exceto pelos destroços flutuando à nossa volta — um *cooler* para cerveja, um frigobar, uma garrafa de refrigerante meio cheia —, tudo estava estranhamente normal.

Saí em direção à sala de estar para investigar, sentindo como se tivesse a pior ressaca da minha vida. Tinha vomitado tantas vezes nas últimas vinte e quatro horas que já havia perdido a conta. Todo o lugar parecia como eu me sentia por dentro: comida por toda parte, móveis quebrados, cacos de vidro da janela. Senti uma estranha vontade de fazer uma faxina.

Precisava varrer o vidro por causa das patas de George Bailey. Abri um dos armários da cozinha para procurar uma vassoura e adivinhe o que encontrei? O pote em que Hutch guardava os centavos. Intacto, com a tampa fechada e todos os centavos de sua mãe. Estava meio cheio. Talvez quarenta ou cinquenta centavos? Peguei o pote e tirei do armário junto com a vassoura.

George Bailey estava me observando da porta do quarto.

— O que foi? — perguntei. — Eles virão conosco quando formos resgatados.

Enquanto varria, apesar de me sentir como se tivesse sido pisoteada por alguma manada de animais em pânico, também não pude negar um fato muito alegre.

Sobrevivemos.

E tudo tinha acabado!

Mas... talvez não tudo.

O piso parecia estar em um ângulo estranho, agora que eu o tinha varrido.

Olhei em volta. Sem dúvida, um lado do barco estava mais baixo que o outro.

Fui até o deque traseiro, onde me vi confrontada por dois fatos em rápida sucessão. Primeiro: estávamos longe, muito longe da costa. Segundo: um dos flutuadores fora parcialmente arrancado, o que provocara um buraco que certamente estava deixando entrar água.

Estávamos... afundando?

Olhei o horizonte em busca de terra.

Quase nada de terra lá fora.

Não sei por que meu primeiro pensamento foi a *pistola de sinalização*. Eu nunca tinha atirado com uma pistola de sinalização na vida. Mas fui até o armário de primeiros socorros, peguei-a e apontei-a para o céu, antes que me ocorresse tentar usar meu telefone celular.

Ainda estava seco, dentro do saquinho plástico. Um ponto para a atendente.

Mas será que receberia o sinal? Poderíamos estar a meio caminho da Antártida agora.

Eu o liguei... e SIM.

Liguei novamente para a emergência.

Uma atendente respondeu.

— 911. Qual é a sua emergência?

Juro que fiquei tão comovida, tão feliz e tão confusa ao ouvir uma voz humana que comecei a chorar. E depois me desculpei.

— Sinto muito — disse eu, sem nem mesmo saber exatamente o que havia feito para estar me desculpando. Por ter tido um problema? Por interromper o dia da atendente? Por não ter conseguido tirar George Bailey do barco? Por abandonar as boas maneiras e ligar duas vezes seguidas? Tudo era possível. — Liguei ontem — disse eu, morrendo de vergonha por ter soado tão ridícula por terminar falando assim —, enquanto estava sendo arrastada para o mar em uma casa flutuante perto de Key West.

Minha voz soou estranhamente esperançosa. Como se a atendente pudesse se lembrar de mim.

Mas ela não se lembrava. Nem era a mesma pessoa.

— Qual é a sua localização? — perguntou ela.

— Aí está o problema — disse eu. — Realmente fui arrastada para o mar. E isso não é nenhuma metáfora nem nada. *Literalmente* varrida para o mar. Fiquei aqui a noite toda, no furacão, em uma casa flutuante... mas sobrevivi. O cachorro do meu amigo e eu sobrevivemos, na verdade, apesar de ele ter cortado a pata em uma luminária quebrada. E agora estamos... à deriva? E não vejo muita terra por perto? E o outro probleminha aqui — continuei, nunca fã de dar más notícias — é que a casa flutuante em que estamos agora parece estar afundando?

Minha voz continuou subindo no final do que eu ia dizendo, como se toda minha vida não passasse de perguntas.

Uma pausa substancial da atendente.

Isso não podia ser bom.

Apressei-me a dar-lhe mais algumas informações, para evitar que ela achasse que minha situação era um caso perdido.

— Essa casa flutuante pertence a Tom Hutcheson, nadador de resgate da Guarda Costeira dos Estados Unidos. Mas ele atende pelo apelido de Hutch. Não é esse o nome mais *sexy* que você já ouviu na vida? — Isso não estava ajudando. Meu cérebro estava confuso. *Foco!* — Ele não está conosco aqui no barco. Estava atracado na Sunshine Marina, no lado oeste, quando um raio destruiu o píer

onde estávamos, e o barco acabou se afastando. E nos levou com ele. Eu e o cachorro; não eu e Hutch. — Olhei em volta. — Mas não sei dizer quanto tempo se passou. Nem até onde nos afastamos. — Olhei em volta mais uma vez. — E realmente não estou vendo muita coisa à nossa volta além de água e lixo flutuante, sabe?

Outra pausa. Seria impossível?

Ah, qual é! Pudemos mandar o homem à lua, mas não conseguimos encontrar uma mulher ensopada e suja e um dogue alemão muito teimoso perto da costa da Flórida?

— Alô? — perguntei.

— Estou iniciando uma busca e resgate.

— Oh, graças a Deus, eu te amo! — disse eu.

— Qual é o seu peso? — perguntou ela, em seguida.

É *sério*?

Inventei um número e, num gesto de autocuidado, subtraí cinco quilos. Depois, adicionei um quilo para todos os centavos que levaria comigo.

— E você tem um animal com você?

— Sim — confirmei. — Um dogue alemão. Com uma pata ferida.

— Qual é o peso do animal?

— Setenta e sete quilos — disse eu, atribuindo a George Bailey meus cinco quilos subtraídos.

— Poderia descrever sua embarcação?

— Minha embarcação? Você quer dizer o barco?

— Sim, senhora.

— É uma casa flutuante chamada *Rue the Day*. Pequena, mas aconchegante. Tinha lâmpadas penduradas e cadeiras de madeira rústica no deque traseiro, mas elas se foram há muito tempo.

A atendente interrompeu:

— Senhora? Quis dizer algo fácil de ser identificado. Para a busca. Cor?

— Ah. Entendi. Uma espécie de cinza-gelo?

— E você disse que a embarcação está afundando?

— Ah. Sim. Acho que sim. É um barco que tem dois cascos, e acho que um dos flutuadores foi danificado pela tempestade. Parece que está entrando água. Não tenho dúvida de que estamos... inclinando para um dos lados.

Vou dizer uma coisa. Essa moça não ganharia nenhum prêmio de personalidade do ano.

Mas eu a *amava*.

Nunca me senti tão grata por uma conversa telefônica. Sim, ela era toda profissional, e meio que o oposto de tagarela, e em nenhum momento ofereceu uma risada de cortesia. Mas ela existia! E sabia que *eu* existia! Podia não ter ideia de onde eu estava, além de ter todo um monte de outras emergências com as quais precisava lidar, mas podia me ouvir. Eu ainda estava totalmente sozinha no mar em um barco que estava afundando, mas pelo menos tinha uma amiga. De certa forma.

Até que ela teve que desligar.

Na estranha calmaria que se seguiu, bebi toda água engarrafada que pude colocar no estômago, e George Bailey fez o mesmo. Peguei um pouco de pão para mim e um pouco de ração com sabor de carne para ele. E passei protetor solar, o que parecia obrigatório em um naufrágio.

Então George Bailey e eu subimos até o deque superior. Trouxe comigo o pote de moedas, a pistola sinalizadora e meu celular.

E esperamos a chegada do resgate.

Mas... adivinhe? Esperar até o resgate chegar é difícil. É uma mistura angustiante de tédio e terror.

Após cerca de três minutos, eu já estava lutando contra a coceira de ligar para Beanie, embora soubesse que deveria economizar a bateria do celular. Não seria ela quem poderia me salvar.

Mas ela poderia me fazer companhia. Isso não era pouca coisa.

Quero dizer, se eles nunca me encontrassem... esse poderia ser *o fim*. O *grand finale* da minha vida.

Será que eu realmente queria passar esse tempo sem ligar para *Beanie*?

Ela era a pessoa com quem eu desabafava sobre tudo, de cores de esmalte a pesadelos. Pela primeira vez, eu tinha algo interessante! *Náufraga?* Sem essa! Como poderia *não* ligar para ela?

Eu estava prestes a ceder à tentação quando vi algo espantoso ao nosso lado no telhado.

Um sapo.

De algum modo, um sapo caiu de paraquedas no telhado da nossa casa flutuante durante a tempestade, agarrou-se à vida com, por assim dizer, unhas e dentes e, desafiando todas as probabilidades, sobreviveu.

Eu o vi pular em nossa direção e depois parar entre mim e George Bailey, como se quisesse fazer amizade, numa espécie de cenário de aproximação entre espécies por meio da adversidade.

Mas... espere! Que tipo de sapo? Se esse fosse do tipo venenoso, eu teria que chutá-lo ao mar. Lembrei-me de Hutch verificando o último com a lanterna e me inclinei para mais perto: sem protuberâncias nem sulcos na cabeça. Então esse era do tipo não venenoso, certo?

Eu tinha noventa e nove por cento de certeza, mas ainda estava decidindo, quando vi George Bailey abocanhar o sapo.

— Ah, é? É assim que vai ser? — perguntei. George Bailey lançou-me um olhar de soslaio, como se estivesse me dizendo: *Cuide da sua vida*. — Tudo bem — disse eu. — Vamos dar a ele o benefício da dúvida. Mas, se qualquer um dos dois morrer, vou ficar irada. — George Bailey desviou o olhar para o horizonte. — E vamos chamá-lo de Sortudo. Quanto a você — disse eu a George Bailey —, é responsabilidade sua garantir que ele continue assim.

Contrariando todas as possibilidades, meu telefone tocou.

Beanie.

Verifiquei quanto ainda tinha de bateria: sessenta por cento. Mas eu teria atendido mesmo que fossem seis por cento.

Era *Beanie*.

— Ei — disse ela, enquanto eu atendia.

— Ei — respondi.

— E aí?

Desviei.

— E aí com *você*?

— Nada demais — disse Beanie, e não estava brincando. Enquanto ela preparava e descrevia a torrada com abacate que tinha acabado de fazer para o café da manhã, me falava da mancha de molho marinara que não conseguia tirar da camisa favorita e do sonho louco que teve com seu namorado do ensino médio, eu a ouvia com uma centelha quase dolorosa de gratidão no peito.

— Você tem que parar de sonhar com esse cara — disse eu.

— Eu sei, tá?

Que amiga/prima/quase irmã incrível eu tinha. A vida não havia me presenteado exatamente com a melhor mãe do planeta, e também não diria que ganhei na loteria da madrasta... mas tudo fora redimido, percebi naquele momento, porque tinha Beanie.

Beanie que sempre estava lá. Beanie que sempre arranjava tempo para conversar. Beanie que conhecia todos os meus segredos.

Então me lembrei de que não conhecia nenhum grande segredo dela.

— Quero que me diga qual é a sua lista de beleza — pedi-lhe em seguida.

— O quê? Por que isso?

Hum, porque estava curiosa? Porque odiava não saber coisas sobre Beanie? Porque posso estar prestes a morrer?

— Acho que já esperei o suficiente — disse eu.

— Provavelmente, está certa.

— E então? — exigi.

— Bem — disse Beanie. — OK. É apenas... *tudo*.

— Tudo? — perguntei para desafiá-la.

— Você sabe — disse Beanie. — Apenas... tudo isso.

Isso agora era só para distração.

— Você gosta de tudo no seu corpo? *Tudo?* Você se acha... o quê? Perfeita?

— Não acho que sou *perfeita* — disse Beanie, como se essa ideia fosse absurda. — Simplesmente não me olho do mesmo jeito que você se olha.

— Como olho para mim mesma?

— Como se já tivesse na cabeça um modelo de como as coisas deveriam parecer, até nos *mínimos* detalhes. E como o que sente diante de cada parte de si mesma fosse classificado numa escala baseada em até que ponto essa parte varia em relação ao modelo.

Havia alguma outra maneira de pensar sobre isso?

— Não é assim que todo mundo faz?

— Acho que não.

— Como você pensa em relação a isso?

— É só que... você sabe, aceito tudo porque é meu.

— Aceita tudo?

— Sim. É tipo, sei o que é uma supermodelo... e sei que não sou assim. Mas apenas amo todos os meus... tudo... porque é meu. — *Ela amava todo seu tudo porque era dela.* Era uma ideia tão surpreendente que eu não sabia o que dizer. — Alô? — disse Beanie.

— Foi por isso que você não me falou da sua lista de beleza? Porque é tão ofensivamente legal consigo mesma? Tenho que passar o resto da vida me ressentindo de você por causa disso?

— Quer dizer, você poderia, eu acho — disse Beanie. — Ou poderia simplesmente fazer a mesma coisa.

Eu faria a mesma coisa? Improvável.

Mas ela poderia estar falando sobre tinta para pintura de tetos naquele momento, e eu não teria me importado. Foi tão gloriosamente bom que as coisas parecessem normais, ainda que só por um minuto. Eu sabia que deveria lhe

contar que estava prestes a naufragar. Sabia que deveria lhe contar sobre minha terrível situação. Mas continuei adiando, segundo a segundo.

E isso era exatamente o que eu ainda estava fazendo quando a *Rue the Day* soltou um gemido que soou esquisito. E, depois, se inclinou ainda mais, de *um pouquinho* para um ângulo de quarenta e cinco graus completo.

Um lado do teto ficou virado para cima. O outro, virado para baixo. E meu celular, que estava apoiado no deque do telhado ao meu lado, deslizou, atravessou o guarda-corpo e caiu na água.

George Bailey e eu também escorregamos, mas ficamos presos no guarda-corpo.

Por um segundo, passado o susto desse péssimo evento, perguntei-me se Beanie intuiria o que tinha acabado de acontecer. Mas é claro que ela presumiria apenas que minha bateria havia descarregado. Então, fui tomada pela solidão mais vazia e escancarada, para não falar do pânico, enquanto me conscientizava de ter perdido minha última conexão com a civilização.

George Bailey e eu ofegamos um para o outro.

Mas foi aí que olhei para baixo e vi, enfiado entre as patas de George Bailey, o pote de moedas de um centavo de Hutch. Ainda inteiro.

— Boa — disse eu.

Estendi a mão, peguei o frasco, abri a tampa e transferi todos os centavos, cada um deles, para os bolsos da minha calça *jeans*.

DEPOIS DA morte prematura do meu celular, entrei, digamos assim, em um período sombrio da minha vida.

Parecia inegável que eu morreria. Mais cedo do que tarde.

Apoiada no guarda-corpo do telhado, a um ângulo de quarenta e cinco graus, em uma casa flutuante que começara a afundar, sem nenhuma conexão remanescente com a civilização, com apenas um cachorro ferido e ensanguentado e seu sapo de estimação como companhia, senti, talvez pela primeira vez na vida, o verdadeiro desespero.

Era pelo silêncio, eu acho.

Ou, talvez, por causa do céu vazio.

Ou pelo modo como ia ficando cada vez mais difícil imaginar uma versão desse momento em que o cachorro, o sapo e eu acabássemos sobrevivendo.

O tempo se comprimiu e se esticou ao mesmo tempo.

O que acontece quando você se afoga? Qual é a sensação? É pacífica? Ou uma luta desesperada? Dói quando a água enche seus pulmões? Lembrei-me, anos atrás, quando era criança, de não querer que minha avó fosse cremada, porque simplesmente não conseguia aceitar que não doesse. Mas, agora, ser cremado parecia uma massagem sueca em comparação ao que me esperava no fundo do oceano. Um cardume de piranhas, talvez, banqueteando-se comigo, como se eu fosse uma tábua de frios?

Uma imagem que não conseguia afastar tomou conta da minha mente: peixinhos mordiscando cada coisa em mim que me tornava *eu*. Os lóbulos das orelhas? Comidos. Os olhos? Consumidos. A boca beijável? Devorada.

Como diz aquela velha canção: "Você não sabe o que tem até perder".

A perspectiva muito real e imediata do meu corpo, aquele que tanto critiquei, do qual desdenhei e que recusei tanto durante todos esses anos, de repente apenas... *não existir mais...*

Isso me saturou de uma tristeza tão profunda, tão *celular*, que jamais tinha sentido algo parecido antes.

Luto.

Luto por um corpo que, no fim das contas, eu tinha amado o tempo todo.

Durante todos esses anos, eu havia contado como garantida minha versão desse eu tolerante, terno e sem grandes expectativas. Eu a criticava, ignorava, rejeitava e negava. E ela simplesmente suportava tudo isso. Tinha ficado comigo e depois aceitado tudo, pois não tinha escolha.

E agora era uma história de amor, só que trágica. Porque agora era tarde demais.

Lágrimas escorriam dos cantos dos meus olhos enquanto eu observava o céu. Eu me arrependi da minha mesquinhez. Lamentei como havia me recusado a demonstrar qualquer gentileza por mim mesma. Senti a proteção mais condenada e inútil. Desejei, acima de qualquer coisa, poder salvá-la.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Nada, exceto pedir perdão.

As pessoas que nos machucam na vida quase nunca pedem perdão. Mas ela merecia. E, no mínimo, antes que desaparecesse, eu queria lhe dizer isso.

Deveria ter amado tudo em mim. Porque era meu.

À medida que a superfície do telhado se inclinava mais alguns graus, acariciei a barriga que sempre desejei que fosse mais lisa e disse em voz alta:

— Você é tolerante, acolhedora e adorável. Não conseguia ver isso antes. Desculpe. — E prossegui, descendo para minhas coxas, acariciando-as do jeito que você faria com uma criança que precisava ser reconfortada. — Vocês são

aveludadas e macias — disse eu, outra vez, em voz alta —, e eu nunca deveria ter proibido que se tocassem. — Fiz o caminho de volta, passando por meus quadris. — Vocês passaram uma manhã inteira com Hutch — disse eu —, e eu nem as deixei aproveitar.

E assim por diante. Pedi desculpas aos meus seios, por todos os sutiãs desconfortáveis em que os havia espremido. Às minhas panturrilhas, por insistir, todos esses anos, em dizer que tinham a forma errada. À minha bunda, por minhas avaliações diárias ao longo da vida de que ela era *redonda demais*, veja só (quando ela sempre tinha sido *perfeitamente redonda*). À minha fatia de torta e às minhas íris, por ter olhado para elas tantas vezes sem nunca as ter enxergado de verdade.

Toquei cada centímetro do meu corpo, do peito dos pés às clavículas, pedindo-lhe desculpas sinceras.

— Essa é a última chance que tenho de lhe dizer isso — disse eu —, e sei que não é suficiente. Mas eu o intimidei. Como a garota mais malvada do mundo, resolvi escolhê-lo como vítima. Eu o fiz se odiar. Tirei a alegria que havia em tudo: caminhar pela rua, comer um sanduíche de bacon, alface e tomate ou apenas se sentar ao sol. Deveria tê-lo levado para nadar e deixá-lo flutuar na água. Deveria tê-lo deixado relaxar. Deveria tê-lo defendido. Deveria tê-lo admirado, gostado de você, celebrado você e ter-lhe feito companhia. Sei que é tarde demais. Mas sinto muito.

EU JÁ HAVIA chorado tudo que tinha para chorar quando finalmente ouvi.

Distante e fraco, mas inconfundível. O som do ar sendo cortado.

E, de repente, me lembrei de como era a esperança.

Minha cabeça se ergueu com o som, e então eu estava me esticando para cima, perscrutando o céu. Iluminado pelo sol, o helicóptero parecia preto, a princípio, o que me deu uma pontada de preocupação ao pensar que, afinal, talvez não fosse da Guarda Costeira. Talvez fosse apenas um helicóptero qualquer que estivesse passando. Algum bilionário irritante em busca de um passeio prazeroso para apreciar a catástrofe.

Mas, então, o helicóptero se aproximou, e a luz mudou: laranja. Laranja!

Cromofobia *curada*.

Minha nova cor favorita a partir de agora até para sempre. Eu não compraria mais almofadas que não fossem cor de laranja durante o resto da minha vida.

— São eles! — disse eu a George Bailey, sentando-me um pouco mais ereta. — Sem dúvida são eles. São absolutamente eles, cem por cento eles! *Puta merda! Estamos resgatados!*

Então, assim que acabei de dizer isso, como se para confirmar... o único flutuador, aquele que tinha um buraco pelo qual lentamente se enchia de água, desistiu da luta para se manter à tona. Um lado inteiro da *Rue the Day* afundou, e o barco se moveu, até ficar totalmente de lado.

George Bailey e eu deslizamos para fora do deque e caímos na água.

A pistola sinalizadora também escorregou, para nunca mais ser vista.

Senti um *flash* de pânico antes de lembrar que esses caras não precisavam de sinalizador. Sabiam o que procurar. E, mesmo que a maior parte do barco estivesse submersa, de lá de cima, eles podiam ver a água. Hutch me dissera isso. Nas águas límpidas das ilhotas, às vezes, eles podiam ver o assoalho oceânico.

Eles nos encontrariam. Sem dúvida.

Depois que a casa flutuante terminou de inclinar, a única coisa que nos servia de apoio era o segundo (e último) flutuador. Que, de fato, não fora construído para fazer todo o trabalho sozinho. Era questão de tempo até que o peso da água puxasse todo o barco para baixo, mas, por enquanto, um lado dele permaneceu fora da água como um iceberg. Encontrei um pedaço de guarda-corpo para me segurar e apoiei uma perna contra o casco submerso para prender George Bailey ao meu lado.

Ele se sentou educadamente em minha coxa, como se fosse um banco, mas a queda reabriu o corte em sua pata, e agora ele sangrava outra vez.

Quando o helicóptero se aproximou, comecei a acenar e a gritar mais por reflexo do que por qualquer bom motivo. Então, quando eles vieram até onde estávamos para pairar acima de nós, tive um monte de pensamentos malucos de uma só vez: e se o nadador de resgate fosse Hutch? Quer dizer, não seria ele. Não *poderia* ser, é claro.

Mas e se fosse?

Mesmo que ele ainda me odiasse por (você sabe) meu envolvimento em uma *trágica teia de mentiras*, ainda teria que me resgatar, não é mesmo? A Guarda Costeira não poderia simplesmente selecionar apenas as pessoas de quem gostasse para resgatar. E esse era Hutch, afinal. Não importa o quanto estivesse zangado, ele não permitiria que eu me afogasse assim. Ele não era um herói por conveniência.

Além disso, eu estava com o cachorro dele. Éramos uma espécie de pacote, nesse momento.

Percebi, mesmo naquele instante, como meu monólogo interior soava maluco.

Seria a desidratação?

Não seria Hutch. Todos os nadadores, do Texas ao Maine, provavelmente tinham sido enviados para ajudar nos resgates. Eu estava cansada demais para matemática nesse momento, mas acho que todos podemos concordar que minhas chances de ser resgatada pelo homem que, por acaso, me deu o *melhor pior beijo da minha vida* ontem (foi ontem?) fossem, por *definição*, baixas.

Impossíveis, até.

A questão era: quem se importava?! Era alguém. Qualquer um. Uma pessoa com um helicóptero e a capacidade de içar a mim, meu cachorro favorito e seu sapo de estimação e nos colocar dentro dele.

Eu não precisava do amor da minha vida, lembrei-me.

Não sejamos gananciosos.

Qualquer nadador de resgate faria isso.

Foi aí que o helicóptero se aproximou, e, quando se posicionou mais baixo, o vento das hélices começou a agitar a água, formando um *spray* por toda superfície. Tive que apertar os olhos por causa disso, mas vi pernas e pés de pato pendurados no lado aberto, antes de um nadador se lançar em queda livre no oceano que o esperava abaixo.

Ele não estava longe, mas não é preciso muito para perder de vista alguém no mesmo nível da água. Uma onda nos levantava (a mim e a George Bailey) alguns centímetros, e víamos o resgatista vindo em nado livre, disparado em nossa direção, então a onda se arrebentava, e o perdíamos de vista outra vez.

Observei que o nadador estava usando o capacete-padrão, e eu mal o vislumbrava entre as ondas. Mas, juro por Deus, no instante em que o vi cair do céu, senti um estremecimento de êxtase que desrespeitou firmemente a realidade.

É Hutch, pensei.

Não poderia ser. Era impossível.

Porém, com base no quanto George Bailey estava batendo a cauda contra o casco do barco, ele também deve ter pensado o mesmo.

Nós dois tínhamos que estar alucinando, disse eu a mim mesma. Eu, por exemplo, estava desidratada e traumatizada e tinha acabado de aceitar minha própria mortalidade. Qualquer um poderia sonhar acordado com seu resgatista favorito da Guarda Costeira em condições assim.

À medida que o nadador se aproximava cada vez mais, eu esperava que seu rosto entrasse em foco e estava determinada a não me decepcionar quando isso acontecesse. Mas o problema era que ele continuava parecido com Hutch.

Por fim, ele nos alcançou, e minha expectativa tinha sido tão intensa por tantos minutos que, antes que pudesse recitar seu discurso habitual sobre ser um nadador da Guarda Costeira que viera até aqui para me resgatar, eu me antecipei e gritei:

— Desculpe, mas estou alucinando — e dei dois tapas na lateral da minha cabeça, como se para sacudi-la — que você é outro nadador de resgate por quem estou perdidamente apaixonada. Então, se eu continuar a chamá-lo de Hutch, não esquenta. Sou assim mesmo. É a desidratação falando. Você é apenas uma miragem no meu deserto mental. Não estou conseguindo pensar racionalmente.

— Você não está alucinando — disse o nadador de resgate.

— Estou lhe dizendo que estou.

— Não está.

— Temos tempo para discutir isso agora?

— Katie — disse o nadador. — Você não está alucinando. Sou eu, Hutch.

Então, para confirmar, George Bailey ganiu e dobrou a aceleração da batida da cauda no casco. E a empolgação dele foi a verdadeira confirmação: não era alucinação. Só podia ser ele mesmo, o homem dos meus sonhos em pessoa.

E assim foi.

De todos os naufrágios em todas as águas de todas as ilhas, Hutch nadou até o meu.

HUTCH ESTAVA focado apenas no trabalho.

Eu não estava esperando, exatamente, brincadeiras espirituosas. Mas este foi o *olá* que recebi:

— Qual de vocês está espalhando sangue na água?

Olhei em volta e vi que a água estava rosada.

— É George Bailey — disse eu. — Ele cortou a pata em uma luminária que se quebrou.

George Bailey olhava fixamente para Hutch, mas não latia. Em vez disso, continuava abanando o rabo.

— Não posso deixá-lo fazer isso — disse Hutch, afastando George Bailey do barco e posicionando-o, de modo que eu pudesse segurá-lo mais longe.

— Fazer o quê?

— Bater a cauda assim contra o casco. — Olhei para Hutch, com cara de *E isso importa?* Então, ele prosseguiu: — Sons repetitivos de batidas subaquáticas podem atrair predadores. — *Que merda.* Olhei em volta. Hutch acenou, levantou

o braço para sinalizar pedindo uma cesta e disse: — Vou levar George Bailey primeiro.

Espere... o quê? Ele ia levar o cachorro primeiro?

Se estivesse mais calma, tenho certeza de que poderia pensar em muitas razões pelas quais fazia todo sentido do mundo me fazer esperar. George Bailey estava ferido, sangrando e, possivelmente, convocando predadores. Além disso, era um cachorro. Você não poderia exatamente lhe dar instruções. Não poderia lançar uma jangada para ele e esperar que subisse nela. Eu, tecnicamente, era uma adulta humana funcional.

Em teoria, eu poderia manter a calma e fazer o que fosse preciso.

Mas foi aí que o olhar sério de Hutch encontrou o meu.

— Acertamos no bingo — disse ele.

— Acertamos no bingo? — perguntei, na esperança de me lembrar do que isso significava de errado. — *Acertar no bingo*, acertar no bingo... Acertar no bingo não é *ficar sem combustível*?

— Isso mesmo — disse Hutch, mantendo os olhos na cesta que estava sendo baixada. — Já deveríamos ter ido embora. Eles vão querer descer um bote para você e voltar.

— Voltar? — perguntei, engasgando. — Querem me deixar aqui? Sozinha?

— Sozinha *com um bote*.

Que tipo de resgate meia-boca era esse?

— Eles não podem fazer isso!

— Quando você está sem combustível, está sem combustível.

— Mas eu... — protestei. — Mal sei nadar!

Ele agora estava observando a cesta tocar a água.

— Já apresentei esse argumento a eles.

— Por favor, não me deixe aqui! — gritei para ele, enquanto ele agarrava a coleira de George Bailey e o empurrava em direção à cesta.

— Vou tentar de tudo para voltar — disse Hutch. — Mas a decisão é dos pilotos. — Ele se posicionou na cesta com George Bailey. — Você vai ficar bem — gritou Hutch quando a cesta começou a subir. — Basta ficar aqui no barco! E cantarolar alguma coisa!

— Cantarolar alguma coisa?! — Que conselho terrível. — Mas cantarolar o quê?!

— Qualquer coisa. É só escolher a música e cantarolar!

Isso pode parecer estranho, mas, naquele momento, enquanto observava Hutch e George Bailey, meus dois únicos amigos neste oceano inteiro, serem

içados para longe em direção ao helicóptero de resgate...

De fato, me senti pessoalmente rejeitada.

Entendo que as circunstâncias eram extremas. Entendo que, após um desastre natural, Hutch estava de plantão cumprindo as obrigações exigidas por sua profissão. Entendo que estava de plantão havia muitas horas, seu cachorro estava sangrando, e o combustível do helicóptero, acabando.

Mas é que, de fato, ele não parecia lá muito animado em me ver, sabe como é?

Isso me deixou ainda pior do que me sentia antes do resgate. E, enquanto observava o içamento de baixo, perguntei-me como conseguiria manter a calma e me preparar para o pior se realmente tomassem a decisão de voar para longe.

Poderia culpá-los por isso?

Haveria algum modo razoável de pedir a toda uma tripulação de voo da Guarda Costeira que pusesse sua vida em risco por uma mulher que, para começar, nunca deveria ter vindo para a Flórida?

Sério. O que eu estava fazendo aqui, agarrada a um barco meio afundado no oceano?

Cantarolar alguma coisa, foi o que disse Hutch.

Tudo bem. Mas a única canção em que eu conseguia pensar era a que Hutch sempre cantarolava: "Heart and Soul". Ainda bem que ele não havia me mandado cantar, porque eu não saberia a letra.

Lembra quando eu disse que era questão de tempo até que o barco cheio d'água afundasse, arrastando com ele o último flutuador que funcionava?

Em seguida, a *Rue the Day* sibilou como o *Titanic* e, depois, gemeu alto o suficiente para me assustar e soltá-la.

Essa belezinha estava afundando mesmo.

Por instinto, comecei a nadar para longe.

Então, a alguns metros de distância, virei-me para assistir, horrorizada, enquanto *Rue the Day* suspirava... e depois afundava sob as ondas.

Tipo, afundou, *mas afundou mesmo*.

Tipo, afundou *e sumiu sob a superfície*.

E, então, agora, eu realmente estava sozinha.

Pensei em Sortudo, nosso valente amiguinho não venenoso, naufragado com o barco. Observei as bolhas que agitaram a superfície por alguns minutos, esperando que ele aparecesse cuspindo água e eu pudesse nadar para resgatá-lo.

Mas não havia sapo nenhum à vista.

Pobrezinho. Ele sobrevivera a tudo que acontecera só para se afogar no final.

Fiz uma pequena oração por ele antes do que aconteceu em seguida: o flutuador que estava intacto se desprendeu do corpo do barco lá embaixo e lançou-se ao ar, como se fosse uma baleia saltando, antes de cair de volta na superfície do oceano a distância.

Portanto, tudo que eu poderia fazer era esperar, boiando na água com meu colete salva-vidas.

Não há palavras para descrever a solidão absoluta de quem é deixado sozinho dessa maneira no vasto oceano. Eu poderia muito bem estar em Marte. Antes era ruim, mas, pelo menos, eu tinha um barco e um cachorro em que me apoiar. Agora não havia nada nem ninguém.

Nada além da lembrança do comentário de Hutch sobre espalhar sangue na água. E do comentário que fizera sobre sons de batidas *atraírem predadores*.

Essa foi, de fato, minha preocupação seguinte? *Ser comida por tubarões?* Hutch havia dito que tubarões não nos viam como presas — só que isso foi antes de haver sangue de verdade na água. Então, me lembrei da hipotermia e de como pode acontecer mesmo em climas quentes. Quanto tempo seria preciso para isso, exatamente? Passei algum tempo pensando no que era pior: *virar comida de tubarões* ou *despir-me paradoxalmente.* Você morreria de qualquer maneira, é claro. Mas a agonia de ser dilacerada membro a membro era melhor que a humilhação de ser encontrada nua?

Decisão difícil...

Sempre achei que havia um limite máximo para a quantidade de coisas ruins que o universo tinha permissão legal para lhe enviar... mas talvez não houvesse.

Olhei para o helicóptero. Eles ainda não tinham voado para longe, mas também ainda não tinham voltado.

George Bailey estava bem? Hutch estava bem?

A Guarda Costeira realmente não me deixaria aqui, não é?

Então, em resposta, o helicóptero começou a retornar — mais baixo e mais perto da água.

O *espuma* do oceano se agitou mais uma vez.

Vi as pernas se balançarem de novo, agora sabendo, com certeza, que eram de Hutch, a menos que tivesse perdido mesmo toda noção da realidade, e as nadadeiras — caramba, os *pés de pato* — e a queda livre.

Comecei a nadar em direção a Hutch, enquanto ele se apressava em minha direção. Quando ele me abordou, sinalizou ao pessoal do helicóptero pedindo um *sling*.

— Sem cesta? — perguntei.

— Sem tempo — disse Hutch. — Temos um RTB.

Eu conhecia esse termo: retorno à base.

O *sling* foi baixado, mas o vento o soprou, e Hutch levou um minuto para pegá-lo.

— Vamos — disse ele, posicionando-me dentro do *sling* e puxando-o para esticá-lo. Ele usava um arnês e o prendeu ao cabo, para que ficássemos cara a cara, e, em seguida, fez sinal de positivo para o mecânico de voo.

Com isso, saímos da água —#o helicóptero acima já se movia para a frente — e começamos a balançar, pendurados atrás dele, arrastados pelo ar.

Esse não era, digamos, o içamento gentil e amoroso que George Bailey recebera. E digo mais: os arneses ficam apertados demais sob os braços.

— Que troço é esse? — perguntei a Hutch.

— Já falei — disse ele, com aquele meio-sorriso. — Temos que ir.

E, assim, o helicóptero subiu ao céu, enquanto o cabo de içamento nos rebocava pelo ar, atrás e abaixo do helicóptero, nós dois, peito a peito, com o vento nos açoitando.

A coisa mais próxima com que posso comparar são as cadeiras daquele brinquedo de parque de diversões chamado Chapéu Mexicano, onde você se senta e gira solto no ar com apenas um frágil cinto de colo para prendê-lo.

Em outras circunstâncias, poderia ter sido emocionante.

Mas eu já tinha tido emoção suficiente para um dia.

Não olhei em volta, não apreciei a paisagem nem guardei uma recordação que me maravilhasse mais tarde. Em vez disso, inclinei-me para a frente e encostei a cabeça no peito de Hutch.

Ele pegou meu queixo e inclinou meu rosto para cima.

— Você está bem — disse ele, por cima do vento, quando encontrei seus olhos. — Está tudo bem agora.

E eis a graça: apesar de tudo, acreditei nele.

— Sinto muito por *Rue the Day* — disse eu. Hutch olhou para a água abaixo. Prossegui: — Sinto muito por *tudo*. Nunca foi minha intenção mentir para você. Mas tenho que lhe dizer uma coisa. Não sabia que Cole tinha mentido para você até ele aparecer aqui na noite do trenzinho da conga. E depois não pude lhe dizer a verdade porque tinha que proteger Rue. Sei que isso não faz sentido, e não posso explicar o porquê, mas...

— Eu sei — disse Hutch.

— Você sabe?

— Cole ligou para a base aérea de Miami. Rue também. E ambos explicaram tudo. Duas vezes.

OK, isso foi melhor.

— Então, sim, menti para você. Mas juro que nunca quis fazer isso.

— Você não mentiu para mim — disse Hutch.

— Como não?

— Você ficou presa na mentira de Cole. Isso é diferente.

— Mas não corrigi essa mentira.

— Por causa de Rue.

— Isso quer dizer que você não está bravo comigo?

Então Hutch deu aquela icônica franzida de testa.

— É isso mesmo que está me perguntando?

— Claro!

Mas agora ele estava abrindo o zíper de um bolso na manga e enfiou os dedos para pegar alguma coisa. Daí a puxou para fora... e era meu grampo de cabelo de hibisco.

Olhei para o grampo. Então, olhei para Hutch.

— Essa é minha flor — disse eu.

— É minha flor agora — disse Hutch.

— Você a pegou?

— Eu a roubei.

— Naquele dia? Na piscina? — Hutch balançou a cabeça, concordando. — Mas... por quê?

— Porque — disse Hutch, olhando diretamente nos meus olhos — eu a queria.

O que quer que ele estivesse dizendo parecia dizer mais do que estava dizendo.

— Você a queria... no primeiro dia em que nadamos juntos?

— Ahã.

— Mas Cole disse...

— Cole diz muitas coisas.

— Cole disse que você odiava o amor.

Hutch apertou os olhos e pensou sobre isso.

— Acho que isso é verdade mesmo.

Talvez fosse o vento, o oceano abaixo ou o *voo pelo ar*. Mas senti que não conseguia entender.

— É?

Hutch confirmou com a cabeça.

— O amor é a pior coisa. — Mas ele estava sorrindo para mim. — Ele o deixa com ciúme. E possessivo. E desesperado. Perturba sua vida organizada. Ele o persegue, o preocupa e o faz ficar bêbado com seu irmão. Ele o tenta. Faz você dizer "sim" quando deveria dizer "não" e o impede de dizer "sim" quando essa é a única coisa que você quer fazer. Ele o mantém acordado a noite inteira de tanta preocupação e depois o faz ficar sem combustível porque não consegue parar de procurar uma mulher em uma casa flutuante que está afundando.

Agora eu estava sorrindo.

— Uma mulher e um cachorro — corrigi.

— Uma mulher e um cachorro — concordou Hutch.

— Então, você odeia mesmo o amor — disse eu, sorrindo mais.

Hutch confirmou com a cabeça.

— Muito. Muito mesmo.

Olhei em seus olhos escuros.

— Eu também odeio.

— Boa escolha — disse Hutch. — Vamos odiá-lo juntos.

— Obrigada por me salvar — disse eu, por fim.

Ele manteve os olhos nos meus.

— Obrigado por salvar meu cachorro.

— Adivinha o que mais salvei?

— Meu celular?

Franzi o nariz.

— Não, desculpe. Ele afundou com o navio. — Lado positivo dessa perda: todos os textos malucos que eu tinha enviado a ele afundaram também.

— Mas eu salvei — prossegui, dando tapinhas no bolso da calça *jeans* — os centavos da sua mãe.

Hutch olhou a protuberância no meu bolso, depois se virou para ver o local onde a casa flutuante havia afundado e, por fim, olhou de novo para o meu bolso.

— Todos eles?

Dei de ombros.

— Achei que, se realmente começasse a me afogar, poderia esvaziar os bolsos. Mas os guardaria para você até o momento em que isso acontecesse.

— Por que faria isso?

— Queria me desculpar.

— Se desculpar?

— E para agradecer por ter me beijado antes de entrar no helicóptero para Miami, mesmo sem querer fazer isso.

— Você acha que eu não queria?

— Pensei que você poderia me odiar. Sério.

Agora Hutch balançou a cabeça.

— Você achou que aquele beijo de ontem foi um beijo de *ódio*?

— Não tenho certeza, sabe? — disse eu. — Nem agora tenho cem por cento de certeza de que você não é uma alucinação.

— Não foi um beijo de ódio — disse Hutch.

— Não? — perguntei.

— Não — disse Hutch. — Quer saber que tipo de beijo foi?

— Que tipo?

— Esse tipo — disse ele. Então, bem ali, nós dois amarrados juntos e sozinhos a um cabo no meio do céu, durante o milagre pacífico de um interlúdio entre tudo que acabara de acontecer e tudo que ainda estava por vir, diante de uma tripulação inteira de guardas costeiros *que certamente o provocaria pelo resto da vida*, ele me puxou para perto de si e me beijou.

De modo que não dava margem a dúvidas sobre o que queria. Ou sobre quem tínhamos nos tornado um para o outro. Ou sobre como ele realmente se sentia em relação ao amor. Então, parou para dizer:

— Não foi um beijo de ódio. Foi um beijo de *amor*. Caso você tenha ficado em dúvida.

Em seguida, ele mergulhou mais uma vez para me dar outro beijo.

Epílogo

COMO FICOU O vídeo promocional?

Melhor do que eu poderia esperar, sinceramente. *Irado.*

Todas aquelas coisas que Cole queria que eu capturasse? Eu as capturei, e muito mais. A emoção. A adrenalina. A beleza. As apostas. A coragem e a abnegação.

Está tudo lá, e mais um pouco.

Fazendo uma leitura das cenas, você também dirá que a cinegrafista estava se apaixonando perdidamente pelo protagonista. Mas, como em todo restante, todo esse amor só o torna melhor.

E o que dizer de "Um dia na vida"?

Terminei esse também. E, se você achar que consegue ver o amor no vídeo oficial, espere só até ver as fotos de Hutch andando à beira-mar com George Bailey ao pôr do sol. E pulando corda sem camisa como um boxeador. E acertando a cinegrafista com uma toalha quando deveria estar lavando o deque.

É uma pequena cápsula do tempo, sem dúvida: da *Rue the Day* de antes do naufrágio, de mim e Hutch antes de sabermos quem nos tornaríamos um para o outro, das alegrias de começar.

Quando ele ficou pronto, eu o postei por três dias no meu canal do YouTube definido como público. Isso foi para que Sullivan pudesse assistir a ele e mostrá-lo a quem precisasse, e decidir se deveria ou não me dar o cartão vermelho.

Meu plano era colocá-lo como privado assim que Sullivan tomasse sua decisão, mas, então, Hutch me pediu para vê-lo.

Expliquei a ele claramente que quase não tinha assinantes e, por isso, praticamente ninguém o veria, exceto Sullivan e seus íntimos. Que, depois que ela tomasse uma decisão, eu o excluiria para sempre. Mas Cole tinha contado a Hutch todos os detalhes de seu plano original, ou seja, que, se o vídeo viralizasse, poderia me tornar grande demais para uma demissão. Do meu emprego atual e

dos futuros. Então, adivinhe a quem Hutch enviou o *link* por e-mail enquanto o vídeo estava *on-line*?

Jennifer Aniston.

Acontece que ela lhe enviava atualizações ocasionais sobre como ia seu cachorro. E, assim, eles mantinham, como disse Hutch, *uma correspondência agradável e ocasional*.

Em uma iniciativa que deve ter doído em todas as células reticentes de seu corpo, ele lhe enviou o vídeo e perguntou se ela estaria disposta a compartilhá-lo. Então, ela postou um *clipe* em seu Instagram e estimulou seus quarenta e cinco milhões de seguidores a assistir a ele. Tenho certeza de que a legenda dela dizia: *Vá assistir ao meu Puppy Love pular corda sem camisa!*

E assim eles fizeram.

Isso salvou meu emprego?

Tanto que nem dá para acreditar.

SÓ QUE MEU emprego não durou muito tempo.

Após a viagem a Key West, Sullivan mudou de ideia sobre me demitir. Talvez tenha sido porque cuidei dela quando estava bêbada. Ou por causa do seu romance repentino com Cole — e de como uma paixão pode deixar qualquer um muito menos mal-humorado.

Ou talvez tudo tenha sido obra de Jennifer Aniston.

Mas ela não só não me demitiu; ofereceu-me uma promoção.

Só que não a aceitei.

Preferi, em vez disso, seguir em outra direção.

Mudei-me para Key West.

Não *por um homem*, é claro. Deus me livre.

Por Rue.

Rue — que tinha decidido se aposentar parcialmente após o diagnóstico — tinha um emprego para mim. Precisava de uma gerente para a Starlite, que incluía residência sem aluguel no bangalô de minha escolha, todos os jantares à beira da piscina que eu conseguisse comer e oportunidades ilimitadas de trenzinhos de conga.

O que posso dizer?

Não apenas o aceitei: eu o agarrei com as duas mãos e depois o apertei contra o peito.

Por que eu voltaria para o meu apartamento cinzento e triste em Dallas quando poderia morar em um dos bangalôs fabulosos e coloridos que Rue possui nas ilhas? Por que moraria sozinha quando poderia morar com As Meninas? E o melhor: por que moraria a mais de mil e seiscentos quilômetros de distância de Hutch quando poderia viver... muitíssimo mais perto?

Vendi todos os meus móveis cinza antes de ir.

Mas adivinhe o que levei comigo?

As almofadas laranja da Guarda Costeira que Beanie comprara para mim.

Talvez elas fossem algum tipo de prenúncio, e talvez não fossem. Mas, de qualquer maneira, Beanie leva todo o crédito.

NO QUE DIZ respeito aos empregos que procuramos para pagar as contas, melhor que trabalhar para Rue é impossível. Por achar que tenho *cabeça boa para os negócios*, ela está me mostrando o caminho das pedras de seu império imobiliário. Isso quando não estamos relaxando na piscina.

Mas não desisti de fazer vídeos.

Acho que há muitas pessoas do ramo entre os infinitos seguidores de Jennifer Aniston, porque, após a postagem dela, recebi tantas ofertas para colaborar e fazer projetos que precisei de um empresário, imagine.

Agora mesmo, estou trabalhando para a HBO em um documentário sobre naufrágios.

Quando não estou fazendo minhas aulas de mergulho, é claro.

RUE ACABOU SE REVELANDO o sonho de uma equipe médica. Fez tudo o que lhe foi sugerido, multiplicado por dez.

Eles a proibiram de fazer qualquer exercício que envolvesse prender a respiração; então, em vez de nadar, ela começou a dar voltas na piscina. Comprou uma daquelas garrafas de água com frases motivacionais, como *Hora de se hidratar!, Na metade do caminho!* e *Satisfaça à sua sede!* Cortou todo o álcool e passou a beber sangrias zero. Além disso, começou um grupo de caminhada matinal com As Meninas, reduziu o sódio, comprou um livro de receitas chamado *Cem saladas* e começou a ir para a cama antes das dez.

E tudo parece estar funcionando.

Para resumir: ela realmente está indo muito bem. Extraiu o máximo desse diagnóstico e se sente agradecida pelo lembrete para ser grata.

Todos nós precisamos desses lembretes de vez em quando, eu acho.

Porém, tanto quanto eu saiba, Rue e suas amigas sabem apreciar a vida melhor que qualquer pessoa que já conheci. Seus dias podem ficar ocupados, como os de todo mundo, mas elas se reúnem ao pôr do sol para jantar quase todas as noites: grelham a comida ao ar livre e depois comem e conversam sentindo a brisa, até a hora de voltar para seus bangalôs. Cuidam umas das outras, fazem companhia umas às outras e riem sem parar umas com as outras. Elevaram minha compreensão da amizade a um patamar totalmente novo.

SÓ PARA CONSTAR, Cole também está indo bem.

Ele e Sully começaram a namorar mesmo. Ela é dez anos mais velha e pelo menos vinte anos mais sábia, mas, por algum motivo louco, está dando certo. E jamais saberemos se foi apenas uma coincidência; porém, certamente, pareceu que a intensidade e o ritmo de sua reestruturação corporativa tinham diminuído após a viagem de Sullivan às ilhas. Talvez esse fosse o plano o tempo todo. Ou talvez Sully e Cole tenham encontrado um no outro algo que vinham procurando.

Brigar com Hutch resolveu tudo para Cole?

De jeito nenhum.

Ele era autocentrado e competitivo antes, e isso ainda é verdade depois da briga.

Entretanto, sem dúvida, algo mudou naquela noite. Ele não fala mais sobre o irmão como *todo exterior, não interior*, e não briga mais com ele nem procura motivos para sentir raiva dele. Talvez Cole agora pegue mais leve consigo mesmo. Todos nós temos partes do nosso passado com as quais continuamos lutando sempre.

Não sei qual é a forma do tempo em si, mas sei que nossa mente se movem por ele em espirais, sempre retornando aos mistérios que nos prendem, às perguntas às quais nunca fomos capazes de responder, às partes que insistem em não se encaixar. São as mesmas perguntas continuamente — e a única coisa diferente somos nós.

Cole aprendeu algo novo sobre a própria vida naquela noite. A velha pergunta ganhou uma nova resposta. Ela não mudou sua personalidade, mas mudou a história que contava da própria vida.

Ele é mais legal agora. Isso é verdade.

E ser legal tem muitas vantagens.

Agora, quando vem visitar Key West, Cole traz Sully, então As Meninas convergem em torno dela como um bando de aves-do-paraíso, enquanto os meninos saem para pescar. Ou jogar fliperama. Às vezes, Cole se junta a Hutch para acompanhá-lo no treino da manhã, até desistir na metade do caminho e desabar, espalhando-se na grama para se recuperar.

Na maioria das vezes, Cole e Hutch brincam na piscina da Starlite como se fossem crianças. Montam uma rede de polo aquático e convencem As Meninas a formar equipes. Além disso, estão trabalhando em um compêndio inteiro de formas malucas de pular na água. Antigos padrões, como bala de canhão, canivete e salto mortal para a frente, fazem parte da lista, é claro, mas também movimentos inventados, como navalha de mola, hora da ação, saca-rolhas, Air Jordan, esquilo voador, dançarino de *break* e aleluia.

Cole ainda reclama que Hutch é perfeito demais, mas agora é de brincadeira.

Na maioria das vezes.

Antes, ele só conseguia ver o irmão por fora, como um antagonista bidimensional. Mas uma conversa difícil, uma espiada na perspectiva de Hutch, foi o suficiente para ligar um interruptor de empatia que nunca voltou a desligar.

Então, sim, Hutch ainda é perfeito. Mas de maneira empática. De maneira humana. De maneira que *busca apenas passar pela vida da melhor forma possível*. Cole não pode mais simplificá-lo. E alguma coisa relacionada a isso fez sua raiva se esvaziar toda como o ar de um balão.

Acho que também acabou a mania de mentir — pelo menos, até onde eu saiba.

Antes da grande conversa, Cole realmente tinha contado um número alarmante de mentiras para uma pessoa adulta. Isso me deixou cautelosa em relação a ele por um bom tempo — tipo, esse cara seria *apenas um mentiroso*? Era assim que ele vivia a vida?

Mas talvez o problema fosse situacional.

Talvez, quando revisou a história de sua vida, Cole tenha revisado também sua história sobre Hutch. Para mim, quando você acha que seu irmão mais velho se ressente de você, e você sente que precisa justificar a própria existência o tempo todo, mas seu irmão continua a ser imbativelmente perfeito, você pode tomar isso como provocação da parte dele. Porém, depois que você entende que ele está tentando ser perfeito *para* você... Isso meio que muda tudo.

E você não precisa mais competir.

Em vez disso, os dois podem apenas relaxar e, digamos, se aproximar furtivamente das respectivas namoradas ao mesmo tempo, para jogá-las na piscina.

GEORGE BAILEY LEVOU oito pontos por causa do corte na pata, mas sua recuperação foi muito boa.

E aqui está algo verdadeiro sobre as consequências do nosso vínculo traumático: George Bailey nunca mais me derrubou depois disso. Ainda galopa na minha direção, com os lábios batendo e as orelhas ondulando, mas, assim que vai chegando mais perto, começa a frear até parar e apenas se encosta em mim.

Muito melhor.

Após o naufrágio da *Rue the Day*, Hutch e George Bailey, é claro, precisavam de um novo lugar para morar. Vieram morar com Rue também, no bangalô ao lado do meu. Sempre amável, George Bailey dividia o tempo entre duas residências. Ficava comigo enquanto Hutch estava trabalhando e sentia-se tão à vontade que dormia atravessado na minha cama, com tanta confiança, que eu acabava dormindo encolhida como uma bolinha no espaço que sobrava.

Em teoria, era bom sermos vizinhos de porta, mas Hutch não ficava muito em seu bangalô.

Todas as pessoas divertidas, dizia ele, estavam na porta ao lado.

EIS MAIS uma atualização do resgate. Talvez o maior choque de toda essa história chocante: Sortudo, o sapo, sobreviveu.

No fim, ele não afundou com a casa flutuante.

George Bailey o manteve na boca *o tempo todo* e, mal tinha acabado de entrar no helicóptero, a abriu, soltou o sapo entre as patas cruzadas e sentou-se para proteger o novo amiguinho pelo restante do voo.

Provando, mais uma vez, que, às vezes, vale a pena se arriscar no amor.

SER BEIJADA ENQUANTO se está pendurada em um helicóptero de resgate ao estilo Tom Cruise, sobre o oceano Atlântico, responde a todas as perguntas da sua vida?

Estranhamente, não.

Após o resgate, Hutch teve que voltar ao trabalho, e tive que voltar para o Texas.

Na realidade, não havia tempo para conversa fiada.

Eu tinha um voo a fazer. E um celular para comprar no caminho para o aeroporto.

E Beanie para me desculpar.

Evidentemente, Beanie era como minha principal guia para tudo na vida. Portanto, assim que desembarquei no Texas e recebi sinal verde para desligar o modo avião, liguei para ela enquanto caminhava até a esteira de bagagens.

Primeiro, tivemos que lidar com sua raiva por *não ter sido informada* de que eu estava em um barco prestes a afundar enquanto ela estava ao telefone comigo.

— Você não achou que fosse um detalhe importante? — ela quis saber. — Que não valia a pena mencionar isso?

— Eu estava chegando lá — disse eu.

— Como? — exigiu ela. — Em sentido contrário?

— Eu sabia que, depois que eu falasse, você entraria em pânico...

— Com toda a razão!

— Então, você sabe, essa menção mudaria toda a *vibe* da conversa.

— Sim! — disse Beanie. — Por um bom motivo!

— Mas, se aquela tivesse que ser minha última conversa com você, eu só queria que fosse boa.

— Mas não precisaria ser nossa última conversa! Se você tivesse me ajudado a resgatá-la!

— Eu estava prestes a te contar — disse eu. — Mas aí meu celular caiu na água.

— É por isso que você deveria ter me contado antes!

— O que você iria fazer? — perguntei. — Chamar a Guarda Costeira?

— Sim! Para começar!

— Eu já tinha ligado para lá. E estavam todos ocupados, a propósito.

— Eu teria descoberto alguma coisa!

— Sim, com certeza. Mas aqui está a ótima notícia: fui resgatada, de qualquer maneira.

— Por pouco.

— Isso conta.

— A questão é que, se você tem grandes notícias na sua vida, tem que me contar. E estar à deriva no mar, em uma casa flutuante prestes a afundar, é uma grande notícia!

— Tudo bem. Da próxima vez que eu estiver em uma casa flutuante prestes a afundar, vou avisar você antes que meu telefone caia na água.

— Muito bem.

Ela estava numa mistura engraçada entre irritada comigo e feliz por eu estar viva. Tudo isso era justo.

— Próxima pergunta — disse eu, então. — Se eu tiver agora outras grandes novidades que não estou te contando porque você está com raiva de mim, devo ir em frente e contá-las ou esperar até que a raiva passe?

— Que outras novidades você poderia ter? — perguntou Beanie, como se a vida tivesse estoque limitado.

— Relacionadas ao nadador de resgate.

Beanie engasgou-se.

— Fale já.

— Você acreditaria em mim se eu te dissesse que, de todos os nadadores de resgate de toda a Guarda Costeira dos Estados Unidos, o que apareceu para me içar da água, das garras da morte, ao soar do último gongo, acabou sendo Hutch? — perguntei.

— Não — disse Beanie.

— Porque tenho certeza de que foi o que aconteceu.

— Foi *Hutch* quem fez seu resgate?

— Há uma pequena chance de que eu tenha alucinado, mas, sim. Foi Hutch quem me resgatou. E depois me beijou no ar entre o oceano e o helicóptero.

— Agora você tem que se casar com ele — disse Beanie —, para poder contar essa história no casamento.

ENTÃO, AGORA moro na Starlite. Comprei uma bicicleta holandesa para passear pela cidade. E fico com As Meninas à noite, ajudo a preparar o jantar e me encanto com a liberdade da minha recém-superada fobia de maiô.

E digo mais: me rendi totalmente à alegria de um guarda-roupa colorido baseado na Vitamin Sea. O horror que senti ao ver, pela primeira vez, todas aquelas cores, estampas e tecidos ondulantes? Mal me lembro dele agora. Como ganho desconto para amigos e familiares, ando por aí todos os dias em saias e vestidos de verão coloridos que esvoaçam com a brisa.

A cromofobia também foi vencida.

Agora sou como um peixe tropical, apenas flutuando pelo meu recife. Um peixe tropical com todos os *jeans* e as camisetas pretos dobrados

organizadamente na gaveta de baixo, caso precise deles, apesar de tudo.

De vez em quando, uma canção que fala de uma versão mais jovem de mim toca no rádio, e paro por um segundo para avaliar o contraste entre aquela época e agora.

No final, todas aquelas coisas difíceis acabaram sendo boas para mim.

Elas me quebraram por dentro. E você sabe o que acontece quando há rachaduras nas janelas: é assim que a brisa do mar pode entrar na casa.

LEMBRA QUANDO BEANIE me provocou perguntando: *Você tem medo de maiô?*

Ela sabia o que estava fazendo.

Estava tentando me lembrar de que eu tinha muito mais poder do que pensava.

Estava tentando me fazer ver a mim mesma de outra maneira.

Natação não envolvia apenas nadar. E não se tratava tão somente de me permitir amar as cores, recuperar meu direito de me mexer ruidosamente na água, nem de aprender a estar viva no mundo sem nenhum remorso.

Envolvia o conforto profundo e duradouro que vem de olhar para sua vida exatamente pelo que ela é e exatamente pelo que ela se revelou — e vê-la de verdade. O passado não pode machucar você agora, como já fez antes. A história da sua vida é sempre cheia de mistério. Você pode desdobrá-la em uma mesa como um mapa, estudá-la e entendê-la de novas maneiras.

A história da sua vida não mudou; mas você, sim.

Ainda posso ouvir Beanie dizendo: *Você tem que fazer aquilo de que tem medo.*

Abençoado seja seu coração amante de autoajuda. Ela estava certa nisso também.

Isso é o que ninguém nunca lhe diz. Você pode olhar em torno de si com os próprios olhos. Pode encontrar os próprios detalhes. Perceber por si mesma o que importa — e decidir o que significa para você.

Além de verdadeiro, isso é capaz de mudar sua vida.

Mas a única maneira de fazer isso é dispor-se a fazê-lo.

E agora eu me dispus.

Estamos aqui para viver. Para continuar perseverando. Para encontrar todos os meios de prosperar, de qualquer maneira. Estamos aqui para sentir tudo isso. Para amar e chorar, e amar um pouco mais.

Estamos aqui para resgatar a nós mesmos — e a todo mundo — de todas as maneiras que pudermos.

O que disse Rue a respeito da coragem? Que ninguém nasce destemido?

É verdade.

EX-NOIVA DE LUCAS BANKS REALMENTE SE DEIXOU LEVAR, disseram eles.

Eles estavam tão infinitamente errados, mas tão acidentalmente certos.

Essa é a verdade, e eu a aceitarei onde conseguir obtê-la.

Ela realmente *se deixou* levar.

E como diria Rue: Que glorioso!

Nota da Autora

As histórias têm um tipo singular de magia.

Não são a vida real, mas são a segunda melhor coisa.

Em especial, as boas histórias. Quando uma história está realmente funcionando, quando o escritor está, de fato, *arrasando*, você não entra nela para observar os personagens de longe.

Nas melhores histórias, você está *nelas*. Faz parte delas. Tudo está acontecendo ao seu redor e *para* você. Você não é apenas testemunha dos personagens; você é os personagens. Você se mescla a eles de maneira absolutamente profunda, entra em sua pele e a vivencia como se fosse real: vendo o que eles veem e ouvindo o que ouvem, mas também sentindo suas emoções com eles e igual a eles, esperando o que eles esperam, amando o que eles amam e querendo o que eles querem.

Como se fosse sua vida. Como se fosse você.

É um feito tão espantoso da imaginação humana. É tanta magia.

Pesquisadores fizeram todos os tipos de estudos sobre o que acontece com nosso cérebro quando nos perdemos em histórias. Nossos neurônios-espelho piscam. Nosso cérebro se ilumina como se o que estamos lendo estivesse realmente acontecendo.

Sabemos que é ficção. Sabemos que não é real. Porém, mesmo assim, acreditamos nela.

E, assim, as histórias têm esse poder de ressoar para nós como nenhuma outra coisa na vida humana. Elas nos ensinam coisas que precisamos aprender, nos mostram novas maneiras de entender e respondem a perguntas que nem sabíamos que precisávamos fazer.

As histórias calam fundo. Não estão brincando. Não se importam com nossas atitudes, com nossos preconceitos, nem com o que achamos que devemos pensar.

Elas ignoram a cabeça e vão direto ao coração.

Passei toda minha vida obcecada por histórias. Como funcionam. Por que são importantes. De onde vem seu poder.

Queria entender como aproveitá-las para o bem. Como contar histórias atraentes e irresistíveis, mas também úteis e sábias. Como exaltar a todos nós — inclusive a mim — e nos ajudar a fazer simplesmente o melhor de cada minuto que temos.

Os personagens sobre os quais escrevo muitas vezes lutam com as mesmas coisas com as quais eu luto. Porque, à medida que passo por essas histórias com eles — e *igual a* eles —, eles vão ficando melhores em lidar com o perdão, com a vulnerabilidade ou com a resiliência... e, por tabela, também acabo melhorando.

É terapêutico ler histórias sobre curas. É nutritivo ler histórias sobre pessoas que encontram alimento. É uma mudança de vida ler histórias sobre pessoas que mudam a própria vida.

Haters do Amor tem, espero, uma história de amor romântica muito deliciosa acontecendo entre Katie e Hutch — além de todos os tipos de histórias de amor extras entre amigos, irmãos e figuras parentais. Mas também tem outro tipo de história de amor.

Uma entre Katie e ela mesma.

Especificamente: Katie e seu corpo — em uma espécie de tropo de inimigos a amantes.

Dizem que você tem que amar a si mesmo antes de poder amar os outros. Mas não acho que seja assim tão linear. Aprender a amar a si mesmo é um processo — um processo que, aliás, é circular.

Isso sem mencionar um grande projeto.

Todos nós lutamos com aquilo que significa ser visto no mundo. E, embora não tenhamos muito controle sobre como o mundo prefere nos ver, podemos — e isso pode ser a coisa mais inteligente que já descobri em todos os meus anos na terra...

Podemos nos ver por nós mesmos.

O que estou dizendo é que podemos treinar nossos próprios olhos para ver com gentileza, prestar atenção ao que é belo e focar no que é certo, não no que é errado.

É assim que você se apaixona — e continua apaixonado — por qualquer pessoa, incluindo a si mesmo: veja o que essa pessoa tem de melhor e aproveite-o o máximo que puder, com a máxima frequência que puder.

Então, bem-vindo a outro fascículo da minha série infinita sobre por que as histórias de amor podem salvar o mundo.

Nora Ephron disse, certa vez, algo em que penso o tempo todo: “Ler é fuga e o oposto de fuga”.

Ela está mais que certa.

As histórias nos levam para fora de nós e mais fundo em nós exatamente ao mesmo tempo. São específicas e universais. Grandes e pequenas. Uma coisa e todas as coisas.

As melhores histórias de amor nunca são apenas sobre amor romântico. Sempre são muito mais que isso: bondade, alegria, pertencimento e segurança — para não mencionar crescimento, mudança e cura do passado. Sempre são *aulas magistrais* sobre como encontramos o melhor uns nos outros — e, por extensão, em nós mesmos.

Certa vez, uma amiga me disse, muito convicta, que qualquer pessoa que aparece nos seus sonhos é, na verdade, *você*. Que todos os personagens em seus sonhos são partes de você mesmo. Que, se morrer em um sonho, é parte de você que está morrendo. Se perder alguém em um sonho, é parte de você que se perdeu. É tudo metáfora, disse ela.

Quem sabe se isso é verdade? Mas acabou ficando comigo.

Não sou cientista, mas li muitas histórias de amor. E acho que essa ideia se aplica a elas também. Acho que talvez, à medida que os personagens estão se apaixonando um pelo outro, estamos nos apaixonando por partes de nós mesmos.

Adoraria poder escrever uma dissertação de doutorado sobre isso, mas não preciso de um doutorado para saber que há algo profundamente nutritivo acontecendo dentro de sua alma quando você se entrega assim.

Ao longo da jornada de um romance, nós nos tornamos esses personagens e, então, fazemos todos os tipos de coisas que curam. Repensamos suposições, superamos preconceitos e aprendemos a ver com mais clareza. Abrandamos, empatizamos e nutrimos. Entramos fundo em nós mesmos e rompemos o tecido cicatricial emocional que todos trazemos de nossa vida de mágoas, perdas e decepções.

Não é a vida real, mas acreditamos nisso de qualquer maneira. E nos cura e nos nutre de formas que nunca poderíamos encontrar em nenhum outro lugar.

Essa é a minha teoria, e estou me atendo a ela.

Ler histórias de amor não é frívolo. É profundo. Não é fuga, é o oposto.

Confie em mim e confie em si mesmo: histórias de amor são o melhor tipo de terapia. Não são superficiais, são profundas. Comece a procurar, e você também verá isso.

As histórias de amor nos tornam melhores no amor. Em todas as direções. E, claro, melhorar no amor implica melhorar na vida.

Agradecimentos

Atenção! Não há nenhuma base aérea da Guarda Costeira dos Estados Unidos em Stock Island, em Florida Keys! Eu não queria fazer coisas fictícias acontecerem em uma base real!

Haters do Amor nunca poderia ter surgido sem a generosa ajuda da Guarda Costeira dos Estados Unidos.

Fiz a maior parte da minha pesquisa para este livro por meio do Escritório de Ligação de Cinema e Televisão da Guarda Costeira dos Estados Unidos, com a ajuda do comandante Matthew Kroll, que gentilmente concordou em me dar uma entrevista e me conectou com as boas pessoas da base aérea de Houston, em Ellington Field. Passei vários dias nessa base e conversei com técnicos de sobrevivência em aviação, pilotos, mecânicos de voo e outros funcionários. Sou muito grata a todos que conheci por sua calorosa recepção e sua paciência com todas as minhas perguntas de nível iniciante. Muito obrigada ao técnico-chefe de sobrevivência em aviação, Matthew O'Dell, e aos TSA Omar Alba, Vincent Neiman, Ashworth Reed-Kraus, Benjamin Sobels e James Housely, e ao aviador Luke Eidem, por compartilharem todos os tipos de grandes histórias e percepções sobre a vida do nadador de resgate, além de me guiarem pacientemente pelo básico, mostrando-me equipamentos, demonstrando sinais manuais e explorando rigorosamente os detalhes de vários cenários. Os pilotos Jordyn Tolefree, Miranda Fay, Ryan Vandehei, Conner Marek e Sophia Quick me mostraram os meandros do hangar e dos helicópteros, me ciceronearam em passeios pela base aérea e gentilmente responderam a muitas perguntas. Miranda, Conner e a tripulação básica Nacole Nader me levaram em meu primeiro voo num helicóptero, e foi uma honra vê-los todos trabalhando. Também sou grata pela conversa com o yeoman [01] Gabriel Castro Santiago. Agradecimentos especiais a Sophia, por ser tão acolhedora e prestativa como minha principal pessoa de contato na base aérea, e a Omar, por me ajudar a pensar no final dessa história: foi ele quem disse que os tubarões estão em toda

parte, me explicou passo a passo como seria o resgate e declarou que Hutch realmente içaria o cachorro primeiro. Não consigo nem começar a descrever o quanto amei meus dias na base, como sou grata pelo tempo que todos dedicaram para me ajudar, nem como fiquei impressionada ao testemunhar de perto pessoas tão corajosas fazerem um trabalho tão bom na vida real.

Também gostaria de agradecer ao amigo de nossa família, o ex-mergulhador de descarte de armas e munições explosivas da Marinha dos Estados Unidos, Chris Seger, por ter sido um recurso desde o início. Sou igualmente grata ao filho dele (e meu amigo de infância), o produtor de conteúdo Hunter Seger, por conversar comigo sobre a arte e a estratégia de fazer vídeos realmente incríveis. Muita gratidão também ao documentarista vencedor do Emmy, Anthony Penta, por me deixar entrevistá-lo longamente sobre os detalhes de sua vocação. A cineasta Vicky Wight (que fez as adaptações para o cinema de meus romances *The Lost Husband* e *Happiness for Beginners*) também me permitiu lhe perguntar tudo sobre seu trabalho documental.

Agradeço à minha irmã mais velha, Shelley Stein, por me deixar usar nessa história sua fatia de torta de heterocromia e a cor cinza-azulada (que todos nós, erroneamente, chamamos de avelã todo esse tempo) de sua íris. Muita gratidão também à minha querida amiga de infância Julie Alonso, por me deixar nomear um personagem em homenagem ao seu irmão, Carlos, o melhor irmão mais velho de todos os tempos. Ele se foi cedo demais, e sempre o tenho — assim como à linda mãe de Julie, Amalia — em meu coração.

Muitas das curiosidades de Hutch sobre a natureza vêm do livro *An Immense World: How Animal Senses Reveal the Hidden Realms Around Us*, de Ed Yong. A citação do filme favorito à qual Katie faz referência vem do clássico *Lembranças de Hollywood*, de Carrie Fisher. E a ideia de uma cultura de apreciação vem da pesquisa real dos psicólogos John e Julie Gottman, embora eu não tenha cem por cento de certeza de que eles recomendariam aplicá-la de todas as maneiras renegadas que a tenho aplicado ao longo dos anos. (Apesar disso, sem dúvida, funciona!) Aprendi sobre cromofobia com a brilhante Ingrid Fetell Lee e sobre horizontes de tempo em uma entrevista com a psicóloga Laura L. Carstensen. Além disso, muita gratidão a Christina Coward, da Livraria Blue Willow, por me emprestar o nome de seu filho para Hutch.

Além das pessoas que me ajudaram a criar este livro especificamente, também preciso agradecer àquelas que me apoiam a escrever livros em geral e ajudam esses livros a encontrarem o maior número possível de leitores que os amam. Sinceros agradecimentos à minha agente de muitos anos, Helen Breitwieser, que

acreditou obstinadamente em mim esse tempo todo, e às boas pessoas da St. Martin's Press/Macmillan/Macmillan Audio, que torceram por mim e apoiaram meus livros de tantas grandes e belas maneiras. Agradecimentos infinitos à minha brilhante editora, Jen Enderlin, e a toda a fantástica equipe da SMP: Katie Bassel, Erica Martirano, Brant Janeway, Kejana Ayala, Lisa Senz, Olga Grlic, Christina Lopez, Anne Marie Tallberg, Ginny Perrin, Lena Shekhter, Lizz Blaise, Erik Platt, Katy Robitzki, Emily Dyer, Matt DeMazza, Devan Norman, Alexis Neuville, Tom Thompson e muitos mais. Obrigada também a Patti Murin e Ellie Kemper, por suas fantásticas versões recentes de audiolivros.

Agradeço, ainda, à minha família, que sempre torce muito por meus livros: meu pai, minhas irmãs, Lizzie Fletcher e Shelley Stein, meus filhos quase crescidos, Anna e Thomas, minha mãe fantástica, Deborah Detering, que adoro de todas as maneiras possíveis e fez comigo uma viagem de pesquisa a Key West que foi pura alegria, e meu marido, Gordon — possivelmente, o jogador mais solidário e entusiasmado do time. O melhor absoluto.

E, antes de ir, é claro... Obrigada. Se você está lendo isso, saiba que você e leitores como você são a razão pela qual continuo escrevendo livros. Cada pessoa que lê, ama e recomenda meus livros está garantindo que haja outros por vir. Tenho-lhe enorme gratidão e aprecio muito você. E digo isso com toda sinceridade.

[01] Yeoman é um posto militar na Marinha dos Estados Unidos (US Navy) e na Guarda Costeira (Coast Guard). É uma categoria de praças especializada em trabalhos administrativos e de escritório. (N. do Revisor)

Sobre a Autora

Katherine Center é a autora de doze romances na lista dos mais vendidos do *New York Times*, entre os quais se incluem *A Guarda-Costas*, *Things You Save in a Fire* e *Roteiristas do Amor*. Seu livro de 2025 é *Haters do Amor*. Katherine escreve comédias românticas profundas — livros para rir e chorar sobre as rasteiras que a vida nos dá e o que fazemos para nos levantar. A adaptação cinematográfica de seu romance *Happiness for Beginners* tornou-se filme da Netflix em 2023 e atingiu o Top 10 global em oitenta e um países, e a adaptação cinematográfica de seu romance *The Lost Husband* atingiu o nº 1 na Netflix em 2020. Katherine mora em sua cidade natal, Houston, Texas, com o marido, dois filhos quase adultos e seu cachorro fofo, mas feroz. Junte-se à sua lista de e-mails em KatherineCenter.com!